VOLUME 13.º N.os 3-4 1910

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

SUMMARIO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1910

I

V

lh
a
p
to
p
d
li
q
m
vi

sa
n
ci
lh
o
e

re

ai
sc

REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XIII — 1910 — N.os 3-4

MESTRE GIRALDO

E OS SEUS

TRATADOS DE ALVEITARIA E CETRARIA

PARTE I — ESTUDO LITERÁRIO

Duas obras em prosa arcaica, relativas à passatempos cavalheirescos, tão importantes e tanto do agrado da aristocracia como a falcoaria [1] e o hipismo, recheadas naturalmente de noções muito positivas e de termos técnicos curiosos, merecem a atenção de todos quantos se ocupam da língua, da literatura e da civilização pátria. Merecem-na, mesmo no caso de elas revelarem pouquíssimo do espírito português, por não serem mais do que nacionalizações livres de outras obras, originàriamente redigidas por estrangeiros, quer no latim medieval, quer no romance de qualquer dos países mediterrâneos mais adeantados: meros elos portanto nas correntes vivas de doutrina comum, internacional, que partindo do Oriente — *ex Oriente lux* — onde ela se havia assimilado elementos do saber greco-romano, arraigara sobretudo em centros meridionaes de cultura, primeiro no império de Frederico II, da Sicília, em seguida no Limosim, e pouco depois na côrte castelhana, irradiando de lá para o Occidente e para o Norte, de onde tornara a reflectir-se no Sul, impregnada de ideias novas e materiaes novos [2].

---

[1] Num artigo de Paz y Melia (*Zeitschrift*, I, 222) ha pormenores valiosos, relativos á paixão dispendiosa dos Magnates pela criação de falcões.

[2] As opiniões sobre as origens da falcoaria e a sua evolução divergem ainda bastante. O caminho esboçado no texto tem todavia probabilidades de ser o verdadeiro.

Compostas por ordem ou instigação del Rei D. Denis por um seu médico, as obras de *alveitaria* e *altanaria* de que vou ocupar-me confirmam o alto conceito em que tradicionalmente o fundador da Universidade era tido, e tornam cada vez melhor documentado o haver este príncipe (1261–1325), que foi o mais distinto e fecundo trovador da península, desempenhado propositadamente no seu reino a elevada missão civilizadora que em Castela acabava de realizar com rara magnificência seu avô Afonso X, e em Catalunha e Aragão seu sogro-avô D. Jaime, o Conquistador [1]. Ás versões da *Crónica* do Mouro Rasis, dos tratados teológicos de Gastão de Fox, das *Sete Partidas* e da *Crónica Geral* de Afonso, o Sábio, ás *Flores de Direito* de Mestre Jacobo das Leis, juntam-se agora opúsculos cirúrgicos de Frei Theuderique de Valencia e Jordão de Calábria.

Procurar e estudar os modelos directos de que derivam as compilações de que se trata; descobrir as raízes d'esses, assim como paralelos coevos e adaptações posteriores; restabelecer pelo confronto passos deturpados; fixar o sentido e coleccionar exemplos elucidativos de vocábulos ignotos ou pouco usados; determinar o lugar que cronològicamente compete aos tratados portugueses, e aos autores catalães e sicilianos que lhes serviram de fonte, na evolução das respectivas sciências e artes; eruir, se for possível, os pormenores com que a doutrina foi modificada na península por médicos, agricultores, filósofos de origem judaica ou moura [2]; indagar, se os Catalães compuseram (em latim vulgar) livros de medicina, e congéneres, apenas como participantes da cultura provençal e siciliana, ou se porventura tomaram a deanteira neste ramo, como verdadeiros Hispanos, directamente influídos pelos sabedores semitas; definir afinal os progressos realizados pelo compendiador português: eis o melhor modo de provarmos o nosso reconhecimento a quem nos patenteou novas fontes de saber, até hoje inéditas; o melhor meio também para incitarmos outros investigadores, lusitanófilos, á publicação de manuscritos correspon-

---

1 Todos sabem que Afonso X de Castela, filho de Beatriz da Suábia (*Hohenstaufen*), casara com Violante (1237–1300), filha de Jaime I (1213–1276), e que Santa Isabel (1271–1336), esposa de D. Denis, era filha do herdeiro do mesmo Jaime (Pedro III), que descendia de Constança de Sicília.

2 Aclimatados no solo hispánico, estiveram em contacto directo com os seus produtos, mas também com os da Africa, e posteriormente com os do Ultramar, que exploraram com método.

dentes, que estejam ao seu alcance, em París, em Londres, em Madrid, no Escorial, ou alhures.

Claro que não pretendo, de modo algum, realizar todos esses *desideranda*. Muitos ficarão inexequiveis, emquanto não forem impressos (ou reimpressos) os escritos de Frei Theuderique, Jordão de Calábria, Pero Menino, João da Costa, e os mais a que aludo neste ensaio. Nas *Notas Soltas*, que apurei durante a leitura, desejo patentear apenas quanto está por fazer.

*

Os tratados sobre enfermidades, cura e medicamentação de cavalos e de aves de caça, que foram *tresladados e ordenados*, segundo o preceito *do muy nobre Senhor Rey D. Donis*, por Mestre Giraldo, seu físico, no ano de 1318 e em Lisboa [1], conservam-se num só códice da livraria pública da capital. Infelizmente o códice, cartáceo [2] (marca 2294), não é original. Apógrafo, do século XV, é mesmo assaz imperfeito e incompleto. No fim faltam uns cinco capítulos, como se vê pela *Táboa*, e pelo confronto com outros livros de caça, de que tratarei. Além d'isso, muitos vocábulos e bastantes trechos estão deturpados. Nem o nome de um dos dois autores, a que Mestre Giraldo principalmente recorreu, ficou intacto. Que eu saiba, embora pertencentes ao núcleo antigo da *Biblioteca Nacional*, os tratados nunca foram descritos ou explorados modernamente [3], até que, ha pouco, o seu inspector os tirou á luz, imprimindo primeiro o opúsculo relativo ás *Aves Caçadores* [4], em edição independente [5]; e logo depois o *Livro de Alveitaria*, nesta *Revista Lusitana* [6].

---

1 Aparentemente, comquanto essas datas fôssem exaradas por Mestre Giraldo apenas com respeito ao *Livro de Alveitaria*, que precede o da *Caça*. Este segue-se sem Introdução ou rubricas explicativas. O primeiro ocupa as fls. 1 a 44 *v*; o segundo, fls. 45 a 59. Cada página in-fol. tem 30 linhas, termo médio.

2 De papel *ceuti?* (= de Ceuta).

3 Demonstrarei que pelo menos dois escritores os exploraram, antigamente.

4 Assim está na *Taboada* primitiva. E assim está muito bem (apesar do *sic* do editor), visto que os adjectivos verbaes em *-or* eram de género comum, ao modo latino, nos primeiros dois períodos da linguagem literária.

5 Gabriel Pereira, *Mestre Giraldo: Tratado das Enfermidades das Aves de Caça*. Segundo um manuscrito do século XV. Lisboa, Officina Typographica da Calçada do Cabra, 7. — 1909 (26 pp.).

6 Vol. XII, p. 1–60 (1909).

As suas edições são diplomáticas. Em alguns passos deteriorados Gabriel Pereira pôs, porém, ora sinaes de interrogação, ora tentativas de restituição; juntou várias notas; precedeu o *Livro de Caça* de um breve Vocabulário; e ambas as publicações de *Explicação prévia*. Nessas ha, além da descrição do códice, notícias bibliográficas relativas a Mestre Giraldo e Frei Theuderique [1] (ou Thierry, como prefere chamá-lo, á francesa), assim como conjecturas vagas sobre uma fonte arábica. Para espicaçar a nossa curiosidade foi todavia tão parcimonioso, que julgo adeantar-me aos desejos dos estudiosos, sendo mais explícita [2].

Um dos beneméritos que principiaram, no século XVII, a reùnir materiaes para a História da Literatura Portuguesa, teve presentes os tratados de Mestre Giraldo, quer no próprio traslado que subsiste, quer em outro semelhante; ou no autógrafo. Em todo o caso, os parcos apontamentos bibliográficos que extraíu do manuscrito condizem com os que agora constam. Os seus apontamentos foram ministrados ao arquitecto da *Bibliotheca Hispana*, na qual entraram, como o leitor sabe, representantes da península inteira. D'essa obra monumental passaram, após meio século, á *Bibliotheca Lusitana* (1747). E ahi, e na reimpressão aumentada do trabalho de Nicolas António (1788), dormitaram durante século e meio. Apenas um investigador alemão os acordou, outro dia, por um momento, inserindo-os num cuidadoso estudo geral sobre obras de falcoaria e montaria nas literaturas occidentaes [3]. Sem os comentar proficientemente, bem se vê [4].

O Português seiscentista que coligiu, com diligéncia notável, materiaes para uma *Bibliotheca Lusitana*, em papeletas soltas (*schedae*), é *Jorge Cardoso* (1606-1669), erudito autor d'aquela magna obra (incompleta e indigesta, mas cheia de materiaes de

---

[1] Cita Nicolas António e A. Morel-Fatio. E aproveitou também a *Bibliotheca Hispana* de Rodríguez de Castro. Mas parece desconhecer a parte que Jorge Cardoso teve nos artigos dos dois Peninsulares.

[2] Um leitor, Epiphanio Dias, já publicou umas breves notas etimológicas (*Rev. Lusitana*, XII, 142).

[3] H. Werth, «Altfranzösische Jagd-lehrbücher, nebst Handschriften-bibliographie der abendländischen Jagd-litteratur überhaupt», em *Zeitschrift*, XII, 146 e 381; e XIII, 1-34.

[4] Vid. *Zeitschrift*, XII, 410 e XIII, 29. As *Cédulas* de Jorge Cardoso ficaram incógnitas, não só para ele, mas também para os escritores nacionaes.

valor) que se chama *Agiológio Lusitano* [1]. Em correspondéncia com Nicolas António (1617–1684) enviava a esse activíssimo trabalhador, residente em Roma, preciosas notas como contribuição para a *Bibliotheca Hispana,* sobre manuscritos antigos e modernos, em geral exactas e criteriosas, como tive ensejo de verificar [2]. O Sevilhano, pela sua vez, confessa, gratíssimo, quantos favores deve a Jorge Cardoso: dedicou-lhe o artigo obrigatório (I, 411), o qual alargou no *Apéndice,* após o falecimento prematuro do ilustre Português [3] (II, 295); refere-se á laboriosidade d'ele no Prefácio (fl. G, 1–2); louva-se nele em numerosos artigos, relativos a Portugueses [4]; e mais de uma vez menciona as taes papeletas que viu: *in schedis ad Bibliothecam quas nos vidimus — in schedis laudatis.*

Os artigos que importam aqui, por serem dedicados a D. Denis e Mestre Giraldo, dizem o seguinte:

Dionysius Galvão [5], Lusitanus, Bracarensis Ecclesiae archidiaconus, jussu *Dionysii* Portugalliae Regis (qui XXV anno hujus saeculi ad superos abiit) partem aliquam Gastonis Fuxii operum in vernaculam hujus regni vertisse linguam dicitur, *Georgio Cardoso* si credimus in schedis ad *Bibl. Lus.*, quas nos vidimus testimonium ferenti. [Gastonis tamen] Fuxii unicum laudatum opus novimus *De Canibus & accipitribus,* Gallicum ut fas [par] est credere [6].

No parágrafo imediato (202) continua:

Ejusdem Regis praecepto obsequutus *Giraldus* quidam scripsit librum *De Albeyteria y volateria* hoc est *veterinariae artis et accipitrariae* quam vidit MS. in-folio idem *Georgius Cardosus* inque schedis laudatis annotatum reliquit.

---

[1] Nos tres volumes publicados, que vão de 1 de janeiro a 30 de junho, e constituem portanto metade da obra, Jorge Cardoso refere-se diversas vezes á sua *Bibl. Lusitana*; por ex.: no vol. I, pp. 24 e 214, e no III, p. 74. Uma vez diz com relação a certos escritos «dos quaes, Deos querendo, daremos razão na nossa *Bibl. Lusitana*». A morte inhibiu-o de realizar os seus planos. — Cfr. Barbosa Machado, II, p. 801.

[2] Num livro meu, inédito, sobre o *Palmeirim de Inglaterra,* trato mais por extenso das relações literárias entre os dois bibliógrafos.

[3] Em 1669, pouco antes do seu fim, Jorge Cardoso fôra a Madrid. Ignoro, se na mesma ocasião Nicolas António veio de Roma, a fim de se encontrar com ele.

[4] P. ex. no vol. II, 237, s. v. «Summa de Confessores», e 274 «Ditos da Freyra».

[5] Incorrecção, salvo êrro, por *Petrus* Galvão. Vid. *Apéndice III:* GASTÃO DE FOX.

[6] *Bibl. Vetus* (1696), liv. IX, cap. IV, § 201 (= vol. II, p. 98 *b*, ou vol. II, p. 144, da ed. Bayer. O que está entre [ ] é variante do texto de Bayer.

D'este verbo *reliquit* (= deixou), que se repete em outros artigos, concluo que o patriarca da historiografia literária da Península adquiriu as papeletas de Cardoso, quer fôsse na entrevista de 1669, quer depois [1]. Desiludido por se sentir doente, ou desgostoso pela concorrência de *João Soárez de Brito* e *João Franco Barreto*, esse talvez se resolvesse a entregar ao *Mestre* todo o pecúlio que juntara, opinando que em Portugal já não mais era preciso [2].

Barbosa Machado (1682–1772), ao tratar de Mestre Giraldo, dá informações muito mais completas, que seguramente foram hauridas no próprio texto. Mas não por ele, pessoalmente, visto que deturpa o nome, e não indica o paradeiro do manuscrito, como é seu costume. Eis o que escreve:

«Mestre Giraldes (*sic*), cujo nome proprio se ignora, quando he constante fôra medico del Rey D. Dinis e insigne na Arte de Alveitaria, compondo por ordem deste Principe um *Livro de Alveitaria*, dividido em duas partes. Na primeira trata das cousas que convem ao cavallo desde que nace até que lhe poem a sella e o freyo. A segunda trata de todas as infermidades dos cavallos e suas curas. Consta de 77 capitulos [3] e foy escrito em Lisboa no anno de 1318.

Do author e da obra se lembra Nicolas Antonio (*Bib. Hisp. Vet.*, lib. 9, cap. IV, § 202) onde escreve por assim o ter lido nas Memorias M. S. para a *Bibl. Lusitana*, de Jorge Cardoso, e que mais compuzera *Arte de Volateria*, M. S.»

Repito que o título, alargado, do tratado de hipiátrica foi evidentemente extraído do Prólogo, em que Mestre Giraldo narra o conteúdo do modo seguinte:

«E este livro he partido em duas partes. A primeira he das cousas que conuẽ ao cauallo do tempo em que naçe ataa o tempo que lhe deytam freo e

---

1 Nicolas António refere-se no artigo sôbre Jorge Cardoso a ambos e á sua planeada *Bibliotheca Lusitana*: «in quo tamen argumento praeventum se fuisse a Joanne Soares de Brito & Joanne Franco Barreto, qui exactissime id tractaturi sunt, eodem die VI Maji [êrro por IV Maji] lit. I annotatum voluit». Nos Comentários a esse dia lê-se de facto essa referência: «Aproveitemos agora da nossa *Bibliotheca Lusitana*, em ordem a suas letras (sc. de Bento Gil), já que o Doctor João Soares de Brito e o Licenciado João Franco Barreto nos desobrigárão deste glorioso assumpto, trattando ambos delle ex-professo com grande exacção».

2 Note-se que não consta que em Portugal alguém visse as papeletas. O *Theatrum Lusitaniae Litteratum*, de Soares de Brito (1611–1664), conserva-se, pelo contrário, e a *Bibliotheca Portuguesa* de Franco Barreto (1600–1674, ou depois) só pereceu no terremoto de 1755.

3 É êrro. Dezasete no livro I, e sessenta e um no livro II, dão setenta e oito. «*Segundo Adam Riese*», como dizemos na Alemanha, tributando homenagem ao grande calculista germánico (1492–1559). *Rechenmeister*, ou *Rechenkünstler*.

sella. A segunda he de todallas enfermidades que podem acaeçer aos cauallos da cabeça ataa os pees tambem de doenças naturaaes como doutras acidentaaes que lhes podem aqueeçer. E este liuro contem per todo esto sateenta e sete capitollos»[1].

O nome do autor, e a sua condição social, tão pouco mencionada por Nicolas António, constavam do parágrafo final do mesmo tratado.

«Aqui se acaba hũ liuro de aluejtarja que treladou e hordenou mestre Giraldo fisico do nobre senhor rrey dom denjs per seu mandado na çidade de Lixboa na era da encarnaçõ de Jhesu Christo mjll iiic. xviijº (1318 anos)[2].

Quem lhe ministraria estas notas? Provàvelmente encontrou-as nos manuscritos dos dois rivaes de Jorge Cardoso[3], que como este teriam examinado os textos arcaicos. Mas onde? Nalguma livraria de convento, depois encorporada na Biblioteca Nacional? No Museu da Casa de Bragança, reinante desde 1640? Na de algum magnate apaixonado por cavalos e aves de caça[4]? Ou antes na de algum dos muitos profissionaes tardios, que pela sua vez escreveram Livros de Cetraria, e de Alveitaria, ou Artes de Cavalaria? —Por ventura na dos herdeiros de Diogo Fernández Ferreira?

Indirectamente vou testemunhar a favor da última hipótese, provando que a doutrina de Mestre Giraldo e a sua terminologia era familiar a esse afamado especialista de falcoaria. E também a um Castelhano de justo renome. Quanto aos mais que compuseram obras relativas á mesma matéria, e sobre alveitaria, tratados por ora ocultos, pôde ser, é mesmo provável, que também se aproveitassem dos trabalhos preexistentes. É um lugar-comum, que não vale a pena repisar, que não são apenas superstições, costumeiras, crenças, doutrinas religiosas e políticas que se transmitem de geração em geração, e de século em século, mas também teorias e praxes relativas a artes e sciéncias, letras e indústrias, quer por tradição oral, quer em textos manuscritos e impressos.

---

1 Ibid.

2 Como suplemento, talvez de mão alheia (de algum possuidor do manuscrito) seguem-se a essa rubrica final, no que subsiste, cinco receitas (§§ 62-66).

3 Seria bom que alguém examinasse na Biblioteca Nacional de Lisboa, no *Theatrum Lusitaniae Litteratum*, os artigos relativos a Mestre Giraldo, D. Denis, e Gastão de Fox.

4 No *Catálogo* importante da livraria dos Condes de Vimieiro, publicado pela Academia de História, na qual tinham dado entrada as colecções de Severim de Faria, não encontrei vestígios de Mestre Giraldo.

I. — O Livro de Alveitaria

Começo com o Livro de Alveitaria.

Da personalidade de Mestre Giraldo não se sabe senão o que revelam os dois opúsculos de que trato. Não me lembro, pelo menos, de haver encontrado o seu nome em documentos históricos; [1] nem tão pouco na galeria de *Médicos Portugueses* desenhados com tanta dedicação por Sousa Viterbo [2]. Que o douto físico *tresladasse e ordenasse* tambem alguma obra geral de *Física* e *Cirurgia* [3], e que a prosa antiquada d'essas primeiras nacionalizações fôsse retocada, em fins do século ou princípios do XV, sob a égide igualmente bemfazeja de D. João I ou de algum de seus filhos — *Inclyta geração, altos Infantes,* como não me farto de repetir — é por ora mera suspeita minha, fundada nas afirmações contidas no Prólogo do *Livro de Monteria,* composto ou compilado por esse rei. Vendo que «homens sabedores» já haviam redigido livros de *física,* de *celorgia,* de *alveytaria* e de *falcoaria* [4] (mas nenhum de *monteria,* entendo eu), — é que o monarca se resolveu a preencher essa lacuna [5], olhando para o país vizinho, onde um reinante,

---

[1] *Mestre Giraldo phisico* figura como testemunha num auto lavrado em 1336 a respeito de um Milagre da Rainha D. Isabel. — Vid. *Boletim da 2.ª Classe da Academia Real das Sciencias,* vol. III, p. 302.

[2] *Noticia sobre alguns Medicos Portuguezes ou que exerceram a sua profissão em Portugal,* Lisboa, 1893. — 2.ª serie, 1895. — 3.ª serie, 1895.

[3] Servindo-se da de Frei Theuderique? Claro que a *Cirurgia* do Dominicano catalão também não é absolutamente original. Deriva, segundo a sua própria confissão, de outra de Hugo de Lucca (que desconheço).

[4] Entenda-se *em linguagem (portuguesa).* Assim é lei e costume interpretar com relação a livrarias medievaes, sempre que não haja declaração em contrário. Bem sei que era uso dar o título de *Livros* de física e cirurgia não só a tratados independentes, mas tambem a *Partes* de Obras de Montaria e Cetraria em que se discursava da cura de feridas e doenças naturaes e accidentaes de cavalos, cães e aves de caça. Mas D. João I refere-se claramente á primeira categoria. — Note-se que no mesmo *Prólogo,* notável, posto que não se distinga por clareza e elegância, o monarca menciona também livros de *gramática* e de *retórica,* e livros de *cantigas.*

[5] A respeito do importante, comquanto prolixo *Livro de Monteria* de D. João I — 267 pág. — que se conserva inédito na Biblioteca Nac. de Lisboa, num traslado do século XVII, ha referências e extractos nas obras seguintes: Fernão López, *Crónica de D. João I,* prólogo da parte II; Rei D. Duarte, *Leal Conselheiro,* cap. XXVII; Id., *Enssynança de bem cavalgar toda sellá,* parte III, cap. XI; Th. Braga, *Universidade,* I, pp. 206, 218, 225 e 226; Gabriel Pereira,

o vencedor do Salado (1340), havia escrito um, muito belo [1], por julgar a montaria a lobos, ursos, javalis e sobretudo a veados, arte muito mais alta e mais nobre, cavalheirosa e profícua do que o passatempo da falcoaria [2], conforme explica com muita graça e ingenuidade.

Eis como Mestre Giraldo expõe as razões porque e o modo como redigiu o seu *Livro de Alveitaria*:

«Quando as sciências e as artes ssom escriptas e ensignadas segundo hordenamento quall devem, podennas os homẽes achar mais asinha; e ho entendimento er podellas ha mais ligeiramente filhar e entender. Hende: porque hy ha hũu *liuro de alveitarja que fez Theuderique,* e achãno escripto desuairadamente segundo desuairados liuros, e ha hy outro *liuro que fez Jurdam de Calauero* que foy tirado deste de *Theuderique,* segundo como pareçe, pero que pos em ell mays e menos segundo como lhe semelhou, e outrossy este achãno escripto em desuairadas guisas e sem hordenamento dereyto, — porende o muy nobre Senhor rrey *dom Donjs* mandou a mỹ *meestre Giraldo* que conposesse e hordenasse hũu liuro ho mjlhor que e (l. a) my semelhasse, em que conpillasse hordenadamente todallas cousas que ssom contheudas em cada hũu destes liuros de suso dictos. E eu com ajuda de deos assy trelladey e hordeney todo per linguagem portugues o mjlhor que pude e entendy».

Sabedor de que sciências e artes se tornam tanto mais acessíveis aos «aprendizes», quanto mais clara e metòdicamente são descritas *em vulgar,* o monarca português convidara aquelle seu

---

Estudos Eborenses: Caçadas, passim; Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal,* vol. I, pp. 427 sgs.; Carolina Michäelis, em *Grundriss,* II^{b}, 242; Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Textos Archaicos,* 2.ª ed., p. 54. Um exemplar — ou dois — andavam na livraria del Rei D. Duarte (n.º 68 e 72, *Livro de Monteria por castelão*) onde também se guardava *o que compilou o virtuoso Rei D. João* (n.º 32). Nem faltavam os de cetraria, a que o pae se refere: um, *por castelão* (n.º 37) que deve ser o de D. Juan Manuel, ou com mais probabilidades, o de Pero López de Ayala; e outro *que foi del Rei D. João,* que suspeito ser o do falcoeiro de D. Fernando, chamado Pero Menino. Vid. *Grundriss,* II^{b}, 251, e mais abaixo, p. 196. — No precioso *Catálogo* dos livros de uso de D. Duarte, de 1438, não se regista livro algum de *Física* nem de *Cirurgia.* Talvez por andarem na mão dos especialistas práticos da côrte? ou porque formavam apenas partes dos livros de *Agricultura* (n.ºs 16 e 60, *que foy del Rey D. João*), se este título designava, como presumo, adaptações do admirável livro enciclopédico de Pedro Crescentino, a que aludo no texto.

[1] O *Livro de Monteria* de Alfonso XI, impresso em 1582, por Argote de Molina, é accessível na reimpressão da *Biblioteca Venatória* de Gutiérrez de la Vega, vol. I (Madrid, 1877).

[2] *Debates* sobre o valor superior da Montaria ou da Cetraria eram freqùentes na idade-média, e ocuparam poetas e prosadores. Vid. p. 214.

físico a inspirar-se em alguns livros estrangeiros, dos que até então haviam servido de manuaes nas coudelarias nacionaes, e de fazer outro novo, bem coordenado, aproveitando as melhores variantes dos exemplares que vieram a Portugal. E ele obedeceu, compendiando o que lhe parecia prestimoso para a criação e cura de cavalos. Em seguida fez o mesmo com respeito a aves de caça.

Os dois autores que escolheu, ou aceitou, para base do primeiro tratado, torna a citá-los no corpo do livro [1]. Mas não diz, de que língua os verteu; nem explica, se o *Livro das Aves Caçadores* deriva das mesmas autoridades, se sòmente da primeira, ou de outras totalmente diversas.

Pelo contexto reconhece-se que, além de Frei Theuderique e Jordão de Calábria, o erudito Português ia consultando outros autores, recorrendo também, em casos duvidosos, verbalmente, a entendedores coevos. O *mestre que fez este livro* (*Alveitaria*, I, cap. XX), julgo ser o Dominicano catalão. Igualmente *o que este livro fez* (*Caça*, cap. VIII), embora não esteja provado que Frei Theuderique usasse do título *Mestre*. Uma vez refere-se a *outros livros* (*Alveitaria*, I, cap. XX); ora a certo *Eogeryo* (ibid., cap. V); ora a um *freire*, provàvelmente português (ibid., II, cap. LIII); ora a peritos nacionaes em globo [2]; ora a alguns *Proençaes* (II, cap. XX) [3].

Quanto aos idiomas dos modelos, não ha no texto indício de que fôssem *vulgares:* catalanesco, provençal, siciliano, castelhano, e francês. Os numerosos termos medicinaes *latinos*, de que Mestre Giraldo se serve [4], falam, pelo contrário, a favor da hipótese *latina*, com relação ao livro de alveitaria. E essa língua internacional dos eruditos seria a originária, tanto de Frei Theuderique como de

---

[1] Na parte II do *Livro de Alveitaria*, cap. II (pp. 19, liv. XXV sgs.) ha a expressão «segundo o que diz Theuderiqui ... e non he achada [certa receita] no lyuro que se chama de Jurdam de Calaura».

[2] Cap. XXI.

[3] Nada sei de Tratados de veterinária provençaes. Quanto a Livros de Caça, consulte-se H. Werth, que admite um de Cetraria (do typo *Darcus*) perdido, como ponto de partida de todos os posteriores, e trata em especial do poema *Dels auzels cassadors*, de Daude de Pradas (*Zeitschrift*, XII, 155, 156).

[4] *Anticora — arrigiatura (arrugatura?) — attinctio nervi — axstrum — barbulos — chimorrea — cornu — crabunculos — crepacia — curba — equoinfasticon — espallatia — estrictorio — ficus — filoncellos — furina — galla — gedra — grapa — impetradura — inclavatura — larda — latumadura — lesiofalcis — maleferuga — malum linguae — morus — morbus pulsivus — pulmo — scortiliadura — sparvanus — spinella jarrety — strepe — turta — stallo — superpositura pedis — vermis — vinulas.*

Jordão de Calábria. Quanto ao *Livro de Caça* note-se que não contém termo algum latino, e que nem mesmo sabemos, ao certo, se houve um original redigido no idioma do Lácio.

Seja como fôr, quer latinos, quer provençaes, quer catalães, é muito possível que os livros recomendados por D. Denis, quanto á essência, mas não quanto á forma, fôssem introduzidos pouco antes em Portugal, como novidade, por algum físico de Dona Isabel de Aragão (1282), ou por seu meio-irmão D. Pedro (1297), ou por outro letrado aragonês, do tempo de D. Afonso III e seu filho, dos que citei no *Cancioneiro da Ajuda* [1].

Pouco se sabe de Jordão, cujo apelido está deturpado, conforme deixei dito, no apógrafo que comento. Tanto ele como Frei Theuderique são estrelas de tão pequena grandeza, que nem mesmo um recantinho ocupam num dos capítulos de somenos importáncia da *História da Literatura Latina da Idade-Média* [2]. Na das Sciéncias e Artes talvez refulgiriam com mais algum brilho entre os tratadistas do século XIII, se fôsse escrita minuciosa e imparcialmente?

Jurdam Cálabro, isto é, *Calabrês*, ou *da Calábria*, (e não de *Calavero*, nem de *Calavera;* nem de *Calahorra*, como se podia supôr), chamava-se, mais completamente, *Jordanus Rufus Cala ber* [3], e foi, de facto, autor de um livro sobre a medicamentação dos cavalos: *De medicaminibus equorum* ou *De morbis equorum* [4]. D'esse livro nunca impresso apenas sei que o dedicou ao grande Emperador Frederico II (1194–1250), magnánimo fundador da Universidade de Nápoles, e tão adicto á cultura do Oriente, que lhe deram o sobrenome de *Sultão baptizado da Sicília*. Já aludi mais acima numa nota ás relações de parentesco entre os Hohenstaufen e as casas reinantes em Aragão, Castela e Portugal.

---

[1] Vol. II, p. 609.

[2] Faltando no excelente Manual concentrado, que Gröber deu a lume no *Grundriss*, II (pp. 97–432), não admira que Gabriel Pereira ficasse ás escuras a seu respeito. Nos capítulos VII, *Naturkunde und Physik*, e VIII, *Medizin*, ele menciona apenas a pp. 256 e 258 o afamado Arnaldo de Vilanova, 1312, Catalão como está provado. E Gui de Chauliac (p. 260), que considera oriundo da França Meridional, ao passo que Morel-Fatio (*Grundriss*, IIc, p. 112) o conta entre os Catalães. Diogo Fernández Ferreira, que utilizou o seu *Collectorium*, servia-se provàvelmente da impressão de 1490 (Veneza).

[3] Ha vários latinistas do mesmo apelido, por serem da mesma província. Por ex.: o continuador de Homero, *Quintus Calaber*, celebrado em fins do século XV por um humanista português. Vid. *Apéndice III*, p. 218.

[4] Du Cange dá-lhe ora este, ora aquele título.

Se Mestre Giraldo não se enganou em aplicar ao Calabrês o título de *imitador de Frei Theuderique* [1], este último deve ter escrito a sua *Cirurgia* (dedicada a um Bispo de Valéncia que governou a diocese de 1248 a 1276) entre 1248 e 1250, dando ainda lugar a que o Calabrês a imitasse nesses mesmos dois últimos anos da vida do Emperador. Quanto aos restantes quatro opúsculos que se lhe atribuem [2], é muito provável que, como no assunto, assim também se lhe seguissem muito de perto, quanto ao tempo de elaboração.

Comtudo pode ser que o tradutor português confundisse o papel dos dois ou explicasse mal a analogia que ha entre eles, derivando um do outro, em lugar de a considerar como resultante de ambos haverem haurido simultánea mas independentemente numa mesma fonte comum, anterior [3].

Exactamente o que sucedeu com Mestre Giraldo e Pedro Crescentino (ou De Crescentiis). Este sábio Bolonhês condensou o saber do seu tempo antes de 1316, na obra *Ruralium Commodorum Libri XII*, sobre agricultura, sciéncias naturaes e congéneres [4]. Num dos doze (X) ocupa-se de cetraria. Em outro (IX) ha noções de alveitaria. Para este último utilizou, salvo êrro, largamente os trabalhos de Jordão de Calábria; e para ambos os de Frei Theuderique [5], de sorte que muitos capítulos de *De avibus rapacibus* concordam com outros de Mestre Giraldo, conforme já foi indicado por Gabriel Pereira [6]. Antes d'esse Português — séculos antes — o eruditíssimo autor do *Glossarium Mediae et infimae latinitatis*,

---

1 No prólogo que transcrevi mais acima ele diz do livro de Jordão que foi *tirado* do de Theuderique. Talvez porque assim estava exarado nos próprios textos que utilizava.

2 *Arsénico — Cavalos — Aves de Caça — Aguardente* ou espírito de vinho. Pelo menos os traduzidos por Galieno de Maiorca parecem ter formado um conjunto com a obra principal.

3 Hugo de Lucca? o que já citei mais atrás (p. 158). Cfr. p. 162.

4 Vid. *Grundriss*, IIa, p. 257; *Zeitschrift*, XII, 157; e sobretudo Fabricius, *Bibliotheca Latina mediae et infimae aetatis* (Florença 1858, vol. V, 224). Traduzida em francês em 1373, impressa em 1471, e d'ahi em deante repetidas vezes, a *Agricultura* figurava em todas as bibliotecas medievaes de renome, e ainda nas do século XVI. Por ex.: no Escorial (Serojas, n.º 73), segundo Beer, *Handschriften-schenkung Philipp II*, pp. XXXI, XXXIX e CII. Em 1564 ainda entrou numa *Recopilación* castelhana de Alonso Suárez. Mesmo no século passado teve novas edições na Itália. Gabriel Pereira serviu-se da de Milão, 1805.

5 Quanto ás aves de caça utilizou também escritos de Alberto Magno.

6 *Livro de Caça*, p. 4; *Livro de Alveitaria*, p. 1. Sem prova documental.

Carlos Du Fresne du Cange [1], já havia afirmado a dependência de Pero Crescentino de Jordão Rufo Cálabro. Foi em artigos d'ele, relativos a termos de alveitaria [2], por mim consultados para melhor compreensão de Mestre Giraldo, que colhi essas indicações, positivas mas parcas [3].

Oxalá eu possa ampliá-las no futuro, se não houver quem caridosamente se me antecipe.

*

Frei Theuderique (Thederic—Thierry = Theoderico) ou *Lo Thederic,* como parece o chamavam familiarmente no século XIII, era Dominicano. Por isso teve quem se ocupasse d'ele, embora com mais carinho que critério. Na *História da Ordem dos Predicadores,* começada pelo P.^e^ Jacobo Quetif (1618–1698) e continuada pelo P.^e^ Echard [4], ha pormenores acêrca da sua carreira eclesiástica e scientífica, que não posso verificar. Eis como Rodríguez de Castro (1739–1799) traduz o respectivo artigo na sua *Biblioteca Española* [5], que serviu de fonte a todos quantos falaram posteriormente do Thederic:

Fr. Theoderico Catalan floreció en el siglo XIII (por los años de Christo 1276) en tiempo del Rey D. Jayme I de Aragon, el Conquistador, siendo Obispo de Valencia Fr. Andres de Albalate del Orden de Predicadores, que ocupó la Silla Episcopal desde el año 1248 al de 1276 [6]. Que fue varon de piedad no vulgar, de una consumada erudicion á que llaman πολυμάθεια y de todas las dotes mas esclarecidas, lo prueban los cargos que obtuvo de Capellan del Romano Pontífice y de Penitenciário Apostólico, su grande intimidad que siem-

---

[1] 1610–1688. A 1.ª edição é de 1678. Eu sirvo-me da de 1840-1850 (Paris).

[2] Por ex.: *Ficus — Spallatia — Stranguillo.*

[3] Por engano ha ás vezes *Risus,* em lugar de *Rufus,*—êrro de impressão, ou de copista.

[4] *Scriptores ordinis praedicatorum recensiti* (París, 1719–1721). O trecho relativo ao sábio Catalão está a p. 354 sgs.

[5] Impressa em 1781–1786. Vid. vol. II, 691. Acompanho a transcrição de algumas notas.

[6] As datas são seguras. Veja-se o autor mais moderno dos que se ocuparam do Conquistador de Valença: F. Darwin Swift, *The Life and Times of James the First,* Oxford 1894, p. 285; e também Gams, *Kirchengeschichte von Spanien,* Regensburg, 1876.

Pérez Bayer introduziu na reedição da obra de Nicolas António um artiguito relativo a André de Albalat, bispo de Valéncia. (*Bibl. Hisp. Vetus,* p. 47, n.º 3531).

pre tuvo con dicho Obispo de Valencia, su pariente y condiscípulo [1], nombradíssimo entre los ilustres de su tiempo, y las Obras que dió á luz, de las quales se conservan aun estas, escritas en lengua catalana [2].

La 1ª empieza así: *Le comensament del libre lo qual compila Frare Thederich de l'orde delz Preicadors explanat per Galien Correger de Mayoche* [3] (sic) *et content* (sic) *al comansement quina cosa es cirugia:* «Al honorable [4] pare e amich molt car an Andreu per la gracia de De bisbe de Valencia Frare Thederic», etc.

Dividese la Obra en 3 ó 4 libros [5] que tratan de *Cirugia* exponiendo el libro de Hugon de Luca peritisimo en esta facultad. Al fin añade el Autor un Tratado en su misma lengua materna *del sublimament del Arsenich o de la preparacion del Arsenico ó Sal Armoniaco* [6].

Otra empieza así: *Asa* (sic) *comença la cirugia delz cavalz per so que sien curats he nudrits he engendrats secons la sua valor que li porteym* (sic). Esto es *De la curacion de los caballos como se tengan, nutran y engendren como conviene segun la nobleza de su genero.* Tiene esta obra CIX capítulos 7.

La 3ª empieza así: *Assi comensa lo libre del nudriment he de la cura dells ocels los quales* (sic) *se portayen* (sic) *ha casa.* Id est *de cura accipitrum aviumque aucupum liber unus* in librum Isaaci filii rege Almassore scriptum ex Arabico translatum a Gallieno de Cremona [8].

Las quales obras estan MSS. en Paris en la Bib. Real escritas en perg. en folio n. 7149 (*sic*), de letra del s. XIII [9], dedicadas por el Autor á Fr. Andres de Albalate, Obispo de Valencia, como que las habia escrito á persuasion suya.

Tambien se hace mencion en el *Cat. de los Codices MSS. de Inglaterra*, T. 1, P. 1, n. 7802, de una Obra entitulada *Cirugia*, id. est *chirurgia F. Theoderici Ordinis Praedicatorum* en un Tomo en 4.º escrito en pergamino [10].

Del mismo parece ser el otro Tratado que hay en la misma Biblioteca intitulado *Tractatus de virtutibus aquæ vitæ* per Fr. Theoricum (*sic*) Ordinis Praedicatorum... [11].

---

1 Na dedicatória Frei Theuderique chama-o *amigo* (*amich molt car*), mas não *padre* ou *parente*.

2 É facto que se conservam em língua catalana. Mas não foi o autor que as redigiu em vulgar, como logo se dirá no texto.

3 *Mayo[r]cha*, segundo Morel-Fatio.

4 *Honrad*, segundo Morel-Fatio.

5 Quatro, salvo êrro.

6 Este opúsculo, ou apéndice, não se regista na descrição moderna.

7 Se o algarismo estiver correcto, ha diferença, quer na matéria, quer apenas na sua repartição. O leitor já sabe que o tratado de Mestre Giraldo está dividido em apenas 78 capítulos. O texto catalão principia: *Com lo caval sia prous e noble entre totes besties que son deputades als huses dels homens.* Não corresponde, portanto, literalmente ao português.

8 Aos erros contidos neste parágrafo dedico o *Apéndice IV*.

9 Sec. XIV e XV, segundo os entendidos modernos.

10 Não me é possível verificar se Pascual de Gayangos se ocupou d'esses manuscritos, porque nenhum exemplar do seu *Catálogo* chegou a Portugal!

11 Suprimo comunicações de Simler e Benghem, por serem sem valor.

De Frei Theuderico hace esta mencion Fr. Luis de Valdeolivo en su Tabla n. 60 : *Fr. Theodericus scripsit summam pulchram de scientia chirurgiae* [1].

O benemérito Espanhol não emenda nenhum dos erros de facto ou de transcrição cometidos pelos eruditos Franceses. Individualmente acrescentou breve notícia de uma versão castelhana da *Cirurgia,* existente na livraria do Escorial (da qual logo me ocuparei no *Apéndice I*), notícia que foi confirmada no século passado por Amador de los Rios [2], e por R. Beer na sua indispensável obra sobre *Manuscritos Españoles* [3].

Antes de Rodríguez de Castro, Pérez Bayer já havia insertado na reedição da *Bibliotheca Hispana* os principaes tópicos, exarados pelos Dominicanos franceses, juntando-lhes apenas a curiosa declaração que debalde havia procurado o n.º 7249 na Biblioteca Régia de París [4].

Passando por alto pela descrição d'ele, dada por Paulin Paris, no *Catálogo dos Manuscritos* [5], devo notar que Jaime de Villanueva encontrou na sua *Viagem literária ás Igrejas de Espanha* [6], no *Inventário* dos livros pertencentes aos Templários de Daroca, e que foram confiscados pela coroa aragonesa depois da extinção da Ordem, um volume chamado *Lo Thederich,* em catalão. Anterior portanto a 1308 [7].

Modernamente o manuscrito parisiense foi cuidadosamente

---

[1] Desconheço este autor e a sua *Tabla.*

[2] Vol. IV, p. 355.

[3] *Handschriftenschätze Spaniens,* pp. 185 e 202.

[4] Vol. II, p. 73, nota: «Fratrem Tedricum sive Thudericum Catalanum ex Ordine Praedicatorum qui circa annum MCCLX scripsisse dicitur patrio Limosino sermone *De Chirurgia; De Arte Veterinaria* ac *De avium Cura Ad Andream Albalatum Episcopum Valentinum.* Apud Quetifum & Echardum, t. I, p. 355, qui id opus extare aiunt in Bibl. Regis Galliarum, n.º 7249 (eo tamen loco atque in Indicibus frustra id quaesivi) atque in Catalogo Codd. MSS. Angliae, t. I, p. I, n.º 7802». — É curioso que indicasse o número verdadeiro, ao passo que Quetif (só *apud* Rodríguez de Castro?) dera o n.º 7149.

[5] *Les Manuscrits français de la Bibliothèque du Roi* (Paris 1836-1848), vol. VII, pp. 139 e 142. — Não recebi a tempo a transcrição que pedi. — Ochoa não trata do MS. 7249 no seu *Catálogo Razonado de los Manuscritos Españoles existentes en la Bibl. Real de Paris,* Paris 1894.

[6] Vid. *Viage Literario á las Iglesias de España,* vol. v, p. 200; Beer, *Handschriftenschätze Spaniens,* p. 149 sgs. (130, 2). Principiando: «En nom de Deu comença lo Thederich», acabava: «val mes que daltre et pedre un poch».

[7] *Item alium librum cum tabulis ligneis cohopertum cum pargio viridi scriptum in pergameno qui incipit: En nom de Deu comença lo Thederich.*

descrito por Morel-Fatio no *Catálogo* oficial [1], e mencionado também na *História da Literatura Catalã,* do mesmo [2]. Rectificando tàcitamente os erros dos predecessores [3], é o primeiro que, pelos extractos do Prólogo que dá, assenta claramente o haver o erudito Valenciano escrito a *Cirurgia* em latim, e que os textos catalanescos, contidos naquele único códice por ora examinado [4], são tradução de Galieno de Maiorca, aprendiz na arte de cirurgia — Galieno, ou antes *Galien Correger,* de Maiorca [5] — a qual foi feita ainda no reinado de En Jaime. Quanto aos tratados de alveitaria e falcoaria, verdade é que não os atribue a Frei Theuderique (apesar da opinião contrária confessada por Quetif, Bayer, Rodriguez de Castro, Paulin Paris) pela razão de nos próprios textos nada se afirmar a este respeito. O testemunho de Mestre Giraldo, explícito quanto ao tratado de alveitaria, não deixa comtudo margem para dúvidas. Derivado de um exemplar anterior ao traslado parisiense, e que continha provàvelmente o texto latino, em cópia vinda da casa real de Aragão, devemos dar-lhe crédito, a meu ver.

A data da composição original, totalmente perdida ao que parece [6], seria *pelos anos de 1276,* segundo Quetif. Marcando apenas o *terminus ad quem,* fica válida só para a versão em vulgar. Bayer diz *perto de 1260.* Eu calculo que o *terminus a quo* fica muito perto de 1248, por entender que a posição de símplez prègador — *de la esgleya dels Betonç minister no dign,* como ele se qualifica na Dedicatória — é inferior e muito anterior á de capelão pontifício e Penitenciário apostólico, e tambem porque Jordão de Calábria dedicou antes de 1250 uma imitação do tratado de alveitaria ao Emperador Frederico, como o leitor sabe.

---

[1] *Catalogue des Manuscrits Espagnols et des Manuscrits Portugais* (Paris 1892), p. 33 (n.º 94; aliás 202 do núcleo espanhol).

[2] *Grundriss,* IIb, p. 112.

[3] Alguns erros do manuscrito permanecem. Por ex.: *paciencia* por *provencia;* e *Galien de Cremona.* Vid. *Apéndice IV.*

[4] Oxalá o de Londres, se subsiste, seja colacionado com o de París, por algum interessado.

[5] Opino que *Correger* é apelido. De ofício era cirurgião: *aprenent en la art de cirurgia.* Morel-Fatio é de outro parecer, pois imprime *Galien, correger, de Mayorcha — Correger, correzer, corretjer,* i. é, *correeiro,* fr. *courroyeur,* de *corretja,* lat. *corrigia.* Escuso lembrar quam vulgarizado é o nome *Correa, Correia.*

[6] Du Cange nunca menciona Frei Theuderique, salvo êrro. Nem mesmo encontro notícia dos textos latinos em catálogos de livrarias medievaes.

APÉNDICE I

Outros tratados de Alveitaria

A lista que vou dar de outros *Livros de Alveitaria*, positivamente existentes em manuscrito, ou apenas atestados por alusões fidedignas, tem o fim de mostrar aos Romanistas que se importam do assunto quantos problemas estão ainda por decidir, e quanto convém que possamos confrontar os textos guardados em centros afastados. O *Catálogo de algunos autores españoles que han escrito de veterinária* [1], que só conheço de nome, dificilmente registará as referências a textos antigos, catalães, castelhanos e portugueses, nem tão pouco resolverá as dúvidas que aponto.

Neste reino houve seguramente, além do *Livro de Mestre Giraldo* e dos originaes que aproveitou, mais alguns, perdidos hoje [2]. Provàvelmente do século XIV. Em primeiro lugar torno a lembrar o Prólogo do *Livro de Monteria* de D. João I, escrito entre 1415 e 1433, em que afirma que *homens sabedores fizeram livros de phisica e de celorgia e de alveytaria e de falcoaria e de outras muitas artes que seriam longas de contar.*

Um pouco depois, seu filho e sucessor D. Duarte repetiu a mesma afirmação no *Livro da Ensinança de bem cavalgar por toda a sela* [3]. Falando [4] «da maneira que se ha de ter na governança das bestas em verão e em inverno e pera as poer em carne e governar em ela, e do conhecimento das doenças, criamento e ensino, em sendo novas», diz que não entende falar d'isso *porque é largamente scripto em alguns livros d'alveitaria.*

Quaes seriam os que os dois monarcas tinham em mente, ou presentes? Só os que já conhecemos? Ha outro, extenso, dividido

---

[1] Madrid 1790. Vid. Salvá, *Catálogo*, n.º 2459.

[2] *Em linguagem*, se eu tiver razão na conjectura que enuncio neste capítulo.

[3] D. Duarte começou essa obra no seu tempo de Infante, isto é, antes de 1433 (mas depois de 1415). Durante o seu curto e atribulado govêrno apenas lhe juntou tres capítulos. Na parte VI, capítulo I (p. 109), conta como, depois que pela graça de Deus foi feito rei, se passaram quatro anos sem que pudesse continuar a empresa. No último (p. 118) promete falar das malícias das bestas, mas não chegou a realizar o intento.

[4] Liv. I, cap. II.

em sete livros [1] (e mais outro anexo, dialogístico, em que se repete a matéria, ao modo escolástico, em preguntas e respostas) que podiam ter conhecido, por ser do século XIV; subsiste porém apenas em castelhano, embora com atribuição a um *Frei Bernardo Português*. Desconhecido aos bibliógrafos nacionaes, este figura no *Catálogo de Autores Portugueses que escribieron en castellano*, de Garcia Pérez [2], o qual pensava portanto que o texto de *Los Siete Libros del Arte de la Ciencia de Albeiteria*, conservado num códice da Biblioteca Nacional de Madrid [3], era o original, comquanto produção de um Português [4].

Dos parcos extractos de Pérez Bayer vê-se que Frei Bernardo [5] compôs a obra a pedido de um seu irmão (ignoro, se espiritual ou carnal) e que julgava haver exposto a anatomia dos cavalos com mais largueza do que todos os demais autores de livros de alveitaria [6]. Nada diz acêrca da sua nacionalidade, nem da era em que

---

[1] Os *Livros* dos autores medievaes costumam ser relativamente curtos. O tratado de *Bem Cavalgar*, por ex., consta de sete, e não abrange senão 118 páginas.

[2] PORTUGUEZ (Sr. Bernardo). *Los siete libros del arte de Albeiteria*, Ms. Biblioteca Nacional de Madrid, L-21. — Nesse artiguito escasso, que é cópia inexacta de outro contido no *Ensayo* de Gallardo (vol. II, Apéndice, p. 131), ha dois lapsos. Em Amador de los Rios, IV, 355, e sobretudo em Nicolas António, ed. Bayer, *Vetus*, II, 144, Garcia Pérez teria encontrado apontamentos mais explícitos, embora insuficientes para a minha curiosidade.

[3] L-121 (e não 21).

[4] Se do estudo do manuscrito essa hipótese saísse verdadeira, Frei Bernardo, transplantado a Castela por quaesquer circunstâncias, seria dos primeiros Portugueses que se serviram do idioma estrangeiro em obras literárias. Vid. Carolina Michaëlis, *Romances velhos em Portugal*, p. 330.

[5] Não me meto a adivinhar quem entre os diversos Frei Bernardos que houve, em Alcobaça e alhures, seria esse que passou a Castela.

[6] Começa: «En el nombre del que fizo todo esto... Yo Fray Bernaldo Português comienço esta obrecilla a servicio de Dios e rruego de un mi hermano que me lo ha rrogado». E acaba: «Hasta ahora he tratado de la anatomia segun creo tan largamente que deydo (l. dudo) se falla por tal via oy por su punto assi como lo has visto, assi que en todos los libros de Albeyteria dudo si se hallará de tal guisa, ahora razon es que seas esaminado», dando assim princípio á repetição em diálogo. Ocupa 132 folhas. O resto das 196 que constituem o volume é preenchido por um tratado sobre *Hervas Medicinaes* (fls. 133–148) e por outro intitulado *Flos Chirurgiae quem composuit Mestre Fernando de Cordoba*, terminando com uma extravagante rubrica do escriba, que talvez fôsse Português (pois emprega o termo *aldravado* no sentido de *mal feito*). — Segundo Gallardo o manuscrito contém tambem ensalmos. Ha outra obra d'esse mesmo celebérrimo letrado no códice CC-78; e notícias a respeito dele em L 53. Escuso lembrar que floreceu perto de 1500. Na *Bibl. Hisp.*, I, 285, Nicolas António não menciona a obra de cirurgia.

trabalhou. A esse respeito formula apenas a pregunta vaga, se a obra de Frei Bernardo seria utilizada pelo físico de D. Denis, á qual desde já se pode responder pela negativa (quer o manuscrito seja de fins do século XIV [1], quer posterior, como suponho), porque a linguagem não é de 1300, a julgar das escassas amostras comunicadas pelos bibliógrafos. Quem a examinar com critério, dirá se me engano.

A tradução castelhana de Frei Theuderique que subsiste na Biblioteca do Escorial [2] também merece ser estudada com o intúito de se apurar quem tem a prioridade: se o Anónimo de Castela, se Mestre Giraldo; e no caso de a sentença ser favorável a este, se o estilo é porventura o de Gonzalo Rodríguez de Escobar, nacionalizador do tratado de falcoaria de Pero Menino [3].

O mesmo digo de outro texto castelhano importante, guardado também na livraria de S. Lourenço, e mencionado pelos próprios investigadores que citam o Theuderique [4]. Anónimo e sem epígrafe característica, esse *Libro de Arte Veterinaria* [5], contém o desenho de freios e ferros cirúrgicos, que talvez valha a pena comparar com os que ilustram, parcimoniosamente, os opúsculos de Mestre Giraldo (e tambem o *Livro de Caça* do seu imitador Pero López de Ayala). A Introdução, de que o informador principal traslada grande parte, diverge das de Frei Theuderique e seu imitador português. Mas parece ser o original de outra catalã, que passo a descrever.

Sinto não poder estabelecer que relações ha entre ele e os códices n.ºs 215 e 297 do núcleo espanhol da Biblioteca Nacional de

---

[1] *Exeunte ut videtur XIV saeculo exaratus* (Pérez Bayer).

[2] Marcação h-III-17.

[3] Amador de los Rios (IV, 355, nota) coloca-a em fins do século XIII. Rodríguez de Castro (II, 693) no século XIV. Cfr. Beer, *Handschriften-Schätze*, pp. 185 e 202. As quatro partes juntas constam de 145 capítulos (41 + 20 + 24 + 60). Num d'eles ha referências a certo *Johñ Mçio* (João Macéncio, segundo Rodríguez de Castro). No fim do manuscrito falta uma folha. Ao todo tem 215.

[4] Vid. mais acima p. 163, notas 2 e 3. — Rodríguez de Castro, Pérez Bayer, e Amador de los Rios.

[5] Cod. membranáceo com a marcação b-IV-31. Do século XIV. — Pérez Bayer (II, 144) dá a seguinte tradução ou síntese latina do conteúdo: «De Arte Veterinaria. De signis et equorum coloribus de cura circa nos adhibenda deque eorum morbis et medicamentis cum figuris frenorum quibus curari lunulisque ferreis in ungulis muniri oportet». Não explica quantos livros e capítulos tem, nem como termina.

París [1]: um tratado de alveitaria em quatro livros, ao todo com 192 capítulos, escrito em catalão, mas, segundo se diz na rubrica que o encabeça, traduzido de outro, feito *por ordem del rey D. Alfonso de Castela.* Em latim? ou em castelhano? Gottfried Baist adjudica esse acto literário a Alfonso XI[2], e Ochoa[3] já manifestara anteriormente opinião parecida [4]. Ignoro com que direito; pois o mero título não é prova suficiente. Em teoria, claro que eu não acharia de modo nenhum estranhável que o monarca, ao qual devemos um *Livro de Montaria,* documentasse também de forma duradoura o seu gôsto da criação de cavalos. O que me faz hesitar é o vocábulo afrancesado *Manascalia,* pelo qual, que eu saiba, só substituíram no século XV o até então usado termo peculiarmente peninsular de *albeitaria,* como logo se verá. Duvido muito que ele já surgisse antes de 1350, no reinado e sob a égide exactamente de quem se prezava de *muy castelhano.* A conjectura que em lugar de *Castela* se deva ler *Aragão* e *Napoles,* ou a outra de que o redactor da rubrica inicial pensasse no Sábio de Castela [5], não tem valor, em frente das indicações positivas de Ochoa, Morel-Fatio e Baist, emquanto pesquisas no texto não a autorizem. O pouco que d'ele sei, o que faz admitir é: relações de parentesco entre ele e o Escorialense, *b*-IV-31.

Neste temos uma espécie de Prólogo, que principia:

«Porque los Reyes e los Príncipes e los altos Señores han a defender e a conquerir las tierras, tengo que ninguna cosa non les puede ser tan noble ni tan a pro pora ellos como los caballos».

E no parisiense, ou nos parisienses [6], segue-se depois da ex-

---

[1] Morel-Fatio, *Catalogue*, n.os 96 e 97 e *Grundriss,* IIb 113, «Ein andrer Traktat über die Behandlung des Pferdes führt sich in zwei Pariser Hss (Esp. n.º 215 und 297) ein als tresladat d'un libre quel rey don Alfonso de Castella mana fer en feyt dells cavals e de lurs faysons».

[2] *Grundriss,* IIb, 417.

[3] *Manuscritos Españoles,* pp. 257 e 259. Os n.os 7813, 2 e 7919 (e não 7913, 3, como lá se diz por engano), correspondem aos modernos 215 e 297. Vid. *Catalogue*, 96 e 97.

[4] Segundo ele, o livro seria do próprio Alfonso XI; isto é: «Parte II do *Livro de Montaria* que trata da fisica e cirurgia dos *cães*». — Mas muito embora haja semelhança nos tratamentos prescritos num para cavalos, no outro para os cães, a identidade está por provar.

[5] O título pode ser postiço nos traslados do século XV, tanto no vocábulo *Manascália* como na referência a um *Alfonso de Castela.*

[6] No códice 7813, 2 ou 215 (Morel-Fatio, n.º 97) ele está incompleto; de fls. 99 a 135.

plicação «*Aquest libre es estat trasladat dun livre quel Rey Don Alfonso de Castella mana fer en feyt dels cavalls e de lurs fayçons e de lurs malalties*», a mesma fórmula introdutória — *Perque los Reys ells princeps* [1].

Do século XIII, coevo de Frei Theuderique e Jordão de Calábria, é um tratado catalão, que escapou ás pesquisas de Morel-Fatio, por já não existir, ou pelo menos estar oculto em qualquer livraria particular. O único bibliógrafo que o descreve é Nicolas António, que o viu e examinou em Alcalá [de Benzaide?], em casa de um seu sobrinho, *maniscal* ou *marechal* por ofício [2], e por isso perito e interessado no assunto. Mesmo se não tornar a aparecer [3], as indicações são de pêso, porque provam o facto, já em si verosímil, que no tempo do Sábio de Castela, também a hipiátrica havia merecido, se não a atenção do próprio Rei, pelo menos a de alguém da família; e também por nos proporcionar mais um elemento para o capítulo das influências mútuas das tres literaturas medievaes da Península.

O *Libro que parla de les malalties dels cavals e per guarirlos de totes les malalties quels esdevenen* [4], é, como se explica no cap. I, uma tradução do latim («de latí em romanz») feita por ordem do Infante D. Fadrique, filho de Fernando III (o Santo), Conquistador de Sevilha, e da Rainha D. Beatriz da Suábia. Isto é, d'aquele irmão rebelde de Afonso X — justiçado sem processo em 1277 — que os Hispanófilos conhecem como autor, ou promotor de uma versão castelhana do texto arábico do *Sindibad* ou seja do *Libro de los Engaños e los asayamentos* (= picardias) *de las mugeres* (1253) [5]. Por sinal, note-se que o tradutor (e seguramente também o autor) se louvava em Hipócrates: *E feuls Hipocras lo*

[1] Ochoa, p. 259. — As últimas palavras são as seguintes: «Siali mes al coll unes costelles por que no puxa gratar ni escorxar tro sia guarit».

[2] Filho de sua irmã Beatriz, casada com D. José de Bernuy y Mendoza.

[3] Beer não deu com nenhum exemplar. Do *Livro dos Enganos*, ms., também só se conhece um exemplar único.

[4] Vid. Nicolas António, *Bibl. Hisp.*, II, 270. O título é precedido da observação: «Anonymus Catalanus interpretatum se ait ex Latino in sermonem suæ». — No Índice (II, 564) catalogou-o com o título latino *De Morbis equorum*.

[5] Amador de los Rios (III, 536) engana-se portanto quando assevera que D. Fadrique se ocupou de empresas literárias só uma vez, mandando traduzir do árabe o *Livro dos Enganos*. E Ad. Bonilla y San Martin, que o imprimiu em edição esmerada na *Bibliotheca Hispánica* (1904), foi omisso na Introdução.

bon fisich que o fizera per pregaries e per manament del rey [1] *qui era en aquella sahó molt poderos* [2]. Atribuição fantasiada, em harmonia com um processo derivativo em que a idade-média era useira e vezeira, e que torna a aparecer em tratados de *manascália* do século XV [3], mas que naturalmente provocou reservas críticas de Nicolas António [4].

Quanto a volumes que faziam parte da livraria del Rey D. Martinho II de Aragão (1396–1410) como, p. ex., *De jeneració e medicina de bestias*, en latí (n.º 70), ou *Libre de natura de besties* (215) [5]; e aos dois que em 1440 pertenciam á selecta colecção de Rodrigo Afonso Pimentel [6], ninguém sabe o que eram: traslados ou versões dos textos de Frei Theuderique? Jordão de Calábria? Frei Bernardo Português? o *Livro* de D. Fadrique? o de Alfonso de Castela?

Segue-se, ainda no século XV, a *Menescália* ou *Manascália* [7] verdadeira (em tres partes) [8], do Mordomo de Afonso V de Aragão e Nápoles, o nobre Mossen Manuel Díez, Senhor da Vila de Andilla, composta por ordem do seu magnánimo soberano [9], a qual

1 Creio que aqui falta um nome-próprio. Mas qual? Ptolemeo? Demétrio? Alexandre?

2 No que se segue ha a indicação: «E lo primer capitol parla del quil feu trasladar de lati en Romanz: D. Fadrich, fil del molt poderos Don Fernando Rey de Castella e de Leó».

3 Por ex., no de Joan Álvarez de Salamiellas (*sobre los dichos de Ipocras*) (Ochoa, 254; Morel-Fatio, n.º 98). — Com relação á cetraria, terei de lembrar mais abaixo que diversos tratadistas antigos atribuem a sua invenção a *Ulysses*, emquanto outros nomeiam *Ptolemeo* do Egito ou certo Rei *Darcus* ou *Dancus*. — Os de medicina, que não se referem a Hipócrates, citam Galeno.

4 «Vulgare est opus quod commendare velis magno aliquo nomine inscribere. Quam fabulam in hac nuncupatione actam spero».

5 Vid. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 94 (n.os 53, 70 e 215).

6 Vid. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 107 (n.os 67, 75 e 76). Ambos velhos, em papel toledano, o que me leva a observar que o livro de Frei Bernardo Português foi escrito em Toledo.

7 *Menescália, Manascália*, mas também *Menescálcia, Manascálcia*, de *maniscal* por *marăh-scalc*, vocábulo composto de duas palavras germánicas *mari* = Mähre, «cavalo», e *skalc* = Schalk, «criado, servente».

8 Um relativo a cavalos, outro a mulas, e o terceiro a outras *bestas*. Em alguns manuscritos ha apenas dois livros. — Outro de *medecinas* (*madesines*), que anda sôlto (Villanueva, XVIII, 184, e Beer, 40, 85 e 513, 4) é considerado por alguns como quarto livro da obra do nobre Catalão.

9 Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 34 (n.º 97-215, antigamente 7813, 2) e *Grundriss*, IIb, p. 113.

foi espalhada em numerosos traslados [1], traduzida em castelhano [2], e impressa em 1495, e repetidas vezes [3].

Outro tratado catalão foi escrito por Mossen Bernart de Casses (de Gerona), em 1496, para D. Fernando de Aragão [4]. E um castelhano por João Álvarez de Salamielles, também em fins do século [5]. Todos eles, e mesmo os do século XVI e XVII, de Juan Ruiz, e D. Juan Suárez de Peralta (ambos inéditos [6]) e de Fernando Calvo, [7] Francisco de la Reina [8], Fernando de Mena [9], Martim de Arredondo [10], Pedro López de Zamora [11], Alonso Suárez [12], e outros, citados por Salvá, embora tardios, podem muito bem conter reflexos dos do século XIII — exactamente como acontece com o *Livro das Aves de Caça* de Mestre Giraldo, que se espelha claramente no de Diogo Fernández Ferreira, de 1616, como passo a demonstrar.

Deixem-me acrescentar apenas ainda duas observações: também seria de utilidade conhecermos pormenores sobre dois tratados árabes de alveitaria (manuscrito), citados ás vezes por Dozy [13]. Na parte lexicográfica ver-se-ha quantos termos hípicos, medicinaes e cirúrgicos, tem origem ou forma arábica.

Na *Biblioteca Lusitana* ainda se registam oito tratados de alveitaria dos séculos XVII e XVIII, cuja pista o curioso poderá seguir, recorrendo ás indicações dadas nos artigos relativos a Afonso Es-

---

1 Vid. Villanueva, IV, 136; XVIII, 184; XXII, 218, e Beer, *Handschriften-schätze*, 40, 85 e 513, 7.

2 Por Martín Martínez Dampiez. Vid. Salvá, 2612 e 2613; Nicolas António, *Bibl. Hisp. Nova*, II, 106; *Vetus*, II, 277.

3 Méndez-Hidalgo, *Tipografia Española*, pp. 72, 74 e 334.

4 O manuscrito de 1544, existente numa livraria particular, foi descrito por Fr. Viñas y Serra na *Revista de Gerona*, XI, 142–150. Cfr. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 241; Morel-Fatio, *Grundriss*, II[b], p. 113.

5 Morel-Fatio, *Catalogue*, n.º 98.

6 Bibl. Nac. de Madrid : L–183 e L–191.

7 *Bibl. Hisp.*, I, 282. Vid. Salvá, 2665.

8 Ibid., I, 356; Salvá, 2662 e 2663. O seu *Libro de albeyteria* foi impresso em 1546, 1552, 1580, 1623 e 1647.

9 Impresso em Alcalá em 1602, 1623 e 1647. Vid. Barbosa Machado.

10 Salvá 2665. (Madrid 1658, 1669 e 1723).

11 Logroño, 1588.

12 Alonso Suárez, médico em Talavera, traduziu um tratado de veterinária de latim em castelhano, que fez imprimir em 1564, em Toledo, nas oficinas de Miguel Ferrer. Vid. Pérez Pastor, *La Imprenta en Toledo*, n.º 302. — Entre outras cousas ele nacionalizou também a *Agricultura* de Pedro Crescentino.

13 Veja-se o *Glossaire*, por ex., a pp. 45, 141 e 314, s. vv. «alifafe», «mesell», «adivas». — Os mss. teem na Biblioteca de Leyden a numeração 528 e 299.

teves, Alexandre Dias Ramos, Brás Pinto, João Álvares Borges, Lourenço Ruscião, Miguel Martins Cavaco, Miguel Rodrigues Açafate, Sebastião da Silva.

II. — O Livro das Aves Caçadores

Repito o que já expliquei mais acima [1]. O tratado sobre *Enfermidades das aves de caça* e sua cura é atribuído a Mestre Giraldo, e o original que ele nacionalizou a Frei Theuderique, muito embora careçamos de explicações claras dos próprios, ou dos que se ocuparam d'eles. O opúsculo português não tem Prólogo nem rubrica inicial ou final sobre o assunto. Na Introdução pequena que precede o *Livro das Enfermidades dos cavalos* não ha frase alguma que se refira ao das Aves. No texto o Mestre emprega a fórmula «o que estre livro fez» (que relaciono com o modêlo imitado), aludindo a outros livros de teoria divergente. É pois ùnicamente em virtude de se haver o *Livro das Aves* propagado num mesmo manuscrito com o dos *Cavalos* que os bibliógrafos peninsulares [2] consideraram como autor o físico de D. Denis.

Quanto ao texto catalão, também anda no mesmo manuscrito parisiense (n.º 212, antigamente 7249), com o *Livro de Alveitaria*, que esse físico atribue a Frei Theuderique; e com a *Cirurgia* que o tradutor Galieno Correger, de Maiorca, atribue ao próprio [3] — igualmente sem Prefácio, nem rubrica inicial ou final, relativa ás origens do texto. Não se sabe portanto com certeza se ele é de Frei Theuderique; nem tão pouco se foi escrito em latim, e traduzido pelo vulgarizador da *Cirurgia*. Ambos os tópicos são comtudo tão prováveis que foram aceitados também como certos pelos bibliógrafos Quetif, Pérez Bayer, Rodríguez de Castro, Paulin Paris e por Gabriel Pereira [4].

---

[1] Vid. pp. 151 e 157.

[2] Jorge Cardoso, Soares de Brito, Franco Barreto, Nicolas António (vid. mais acima p. 153), Pérez Bayer, Barbosa Machado, Gabriel Pereira.

[3] Considerando o *Livro das Aves* como mero anexo do de *Alveitaria*, é que Gabriel Pereira diz que Frei Theuderique tem no tratado dos cavalos uma parte relativa ás muitas questões de falcoaria. Do exame da *Cirurgia* talvez resulte que o plano do médico de Valença era tratar primeiro do homem, depois dos cavalos, e finalmente das aves de caça, de sorte que ambos os livros, traduzidos livremente por Mestre Giraldo, seriam meras parcelas separadas do corpo da obra principal (que por ventura também traduziria).

[4] Apenas Morel-Fatio se viu obrigado a afastar-se d'eles, pelo rigorismo scientífico moderno.

Houve até no princípio do século XVII quem imprimisse *Lo libre dell nudriment he de la cura dells ocels los quals se pertanyen ha cassa* [1], servindo-se do códice que já então existia na Biblioteca dos Reis de França, e acompanhando-o de uma versão (retroversão?) abreviada latina [2]. Os passos que dei para obter uma cópia não surtiram efeito. Por isso estou sujeita a errar, como nos outros pontos, por não conhecer senão o trecho inicial e o final do texto.

Esses, e as breves indicações dos descritores, mostram ás claras que ha diferença de forma, notável, entre o opúsculo catalão e o texto português.

O do manuscrito parisiense tem a forma artística de Carta, ou pelo menos principia com uma carta. Essa Epístola encontra-se igualmente em outros tratados sobre o mesmo tema, latinos e franceses [3]. O seu característico é fingir-se dirigida por tres Sábios da Chaldeia (nomeados Aquila, Symachus e Theodocion, como os tradutores da *Septuaginta*) a Ptolemeo, Emperador do Egito, o qual passava por ser inventor e primeiro protector da cetraria; como Ulysses, Machabeu e o Rei Dancus ou Darcus (Elyseu d'Arcússia), em outras regiões.

Abrindo paréntese devo dizer que H. Werth divide, no seu estudo fundamental, os Livros medievaes de Caça em grupos, conforme os taes inventores fabulosos. E coloca o tratado catalão á testa do grupo II, ptolemaico [4], persuadido de que pertence ao século XII [5] e serviu de base não sòmente ao poema didáctico *Dels auzels cassadors,* do Provençal *Daude de Pradas,* mas também ao livro erudito de Alberto Magno, (que floreceu antes de 1250), a um tratadito francês, e a dois latinos [6]. Pelo que fica

---

[1] Nic. Rigault que publicou em 1612 diversos tratados de cetraria e montaria, com o título duplo greco-latino de ἱερακοσόφιον (*Hierako-Sophion*): *Rei accipitrariae scriptores nunc primum editi Accessit* κυνοσόφιον *(Kynosophion): Liber de cura canum.* Ex Bibl. Regia Medicea. Lutetiæ 1612, vol. II, pp. 185–200 (cat.) e 201–211 (lat.).

[2] H. Werth (*Zeitschrift,* XII, 161) diz que o *sumário* (*die Rumpfübersetzung*) fôra redigido para um compêndio de história natural (*De natura rerum*). — Cfr. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 33.

[3] H. Werth, baseado em P. Paris (*Zeitschrift,* XII, 161).

[4] Ibid., p. 160.

[5] Ibid., p. 162: «Und man wird mit Recht das katalanische Original in das XII s. hinaufrücken».

[6] O investigador alemão supõe que textos latinos, correspondentes ao catalanesco, subsistam em Oxónia no *Coll. Corporis Christi,* n.º 274 (s. XIV) de fls. 127 *b* a 130, e no Museu Británico (Add. 18.752).

dito a respeito da vida de *Frei Theuderique*, a conjectura só pode corresponder á realidade, se o texto inteiro, ou pelo menos a *Pistola* e a primeira parte *De diversis generibus falconum sive accipitrium* não lhe pertencer, sendo antepostas ao tratado meramente cirúrgico do erudito Dominicano, *De infirmitatibus et medicamentis earum*, por algum copista que trabalhava para um aficionado. — Quanto á carta sôbre a nobreza da arte e á explicação sôbre as espécies, é mais natural ser obra de algum antigo falcoeiro *ex-officio*, ao serviço de algum reinante, como foi o *Moamin* do Emperador Frederico, o Valeriano, e o Guilhelme d'esse mesmo ou de Rogério I (de Sicília, † 1154); e como posteriormente Pero Menino, na côrte de Fernando I, e Diogo Fernández Ferreira dos reis e infantes de Portugal. De um eclesiástico exemplar, que além de ser prègador da Ordem, capelão pontifício, e penitenciário, era sabedor de medicina, entendido em física, química e história natural, compreende-se que — como Mestre Giraldo — escrevesse de cirurgia aplicada, estendendo o seu interêsse dos homens a cavalos e aves. Menos provável é que também fôsse falcoeiro prático, e se ocupasse da criação e do adestramento de aves de caça. Nos Livros escritos por Magnates (como Dom Juan Manuel, Infante de Castela e pelo Chanceler Pero López de Ayala) as partes dedicadas a doenças e curas, em geral curtas, derivam quási sempre de escritos de especialistas de cirurgia [1], (muito embora o cetreiro ideal houvesse de ser sabedor de remédios caseiros e dos primeiros cuidados samaritanos); e vice-versa, esses tiram das obras de falcoeiros as notícias cinegéticas que julgam necessário adicionar aos seus tratados.

Fechando o paréntese, volto ao texto português, que se compõe exclusivamente de matéria médica, sem a Epístola *Aguila, Símaco e Teodocio a Ptolemeu Emperador do Egito e a todos os seus, deliciosamente viventes, saude e paz* [2], e sem a parte relativa

[1] Na obra de Don Juan Manuel, que confessa abertamente a sua incompetência em tal assunto, só quinze páginas, de setenta e cinco, são dedicadas á medicina.

[2] As frases iniciaes do texto catalão, transmitidas por Paulin Paris e H. Werth, estão deturpadas, de sorte que é arriscado interpretá-las. Aludindo a um texto hebraico e caldeu, em que havia referência a Apolo Menor, a outro grego, de Alexandria ou com atribuição a Alexandre, e um terceiro latino chamado Machabeu, a Pístola começava com a fórmula: «aiquela (l. Aquila) Simacus et Theodosus a Tolomeu emperador d'Egipte et a tots los segens (?) deliciosament vivents salut he pau. Gran emperador et senyor...

aos diversos géneros de aves de caça [1] — É claro que essa divergéncia não inhibe que possa ser versão quási literal. Mas, se as impressões que recebi na leitura não forem ilusórias, ele não se cinge muito mais de perto ao modêlo do que no *Livro de Alveitaria,* sistemàticamente remodelado.

Quanto ao tamanho, no manuscrito francês o *Libre dels ocells de cassa* abrange apenas tres folhas de 345×245 milímetros, ou tres e meia (fl. 110–112 *v*); o título parece que está em 109 *v*. Na impressão de Rigault conta ao todo quinze páginas (onze na latinização); o português abrange quinze folhas (de 270×195 milímetros [2]) de trinta linhas, termo médio, o que na impressão rendeu dezoito paginas (de quarenta linhas). Não tiro ilações, porque sem vermos pelo menos fac-símiles de ambos os originaes, os cálculos podiam falhar por completo: se, p. ex., a Epístola ocupasse pouco espaço (como suponho), e a primeira parte também fôsse breve, a proporção estaria restabelecida.

De outros tratados antigos, que só conheço de nome, direi alguma cousa no *Apéndice II.* Primeiro tratarei de dois que me são familiares, mostrando que derivam directamente do livro de Mestre Giraldo, e foram elaborados neste país.

O mais tardio é o único bem conhecido em língua portuguesa, porque é o único que se imprimiu [3], emquanto todos os predecessores se abstiveram dos incómodos e das glórias da publicidade; único também que por isso mesmo foi julgado digno de ser adoptado pela nação vizinha [4].

O autor da *Arte de Altaneria* [5], Diogo Fernández Ferreira, era filho e neto de falcoeiros [6]. O pae, Pero Fernández, estivera ao serviço do Infante D. Luís (1505–1555), caçador entusiástico, com

---

[1] *Sete.* — Outros, posteriores, põem *cinco*, por contarem apenas como *variações* os que os antigos consideraram como *géneros.*

[2] De 44 *v* a 59.

[3] Em 1616 (Lisboa). Ha reimpressão moderna na *Bibliotheca de Clássicos Portuguezes* (Lisboa 1889). É pena que nessa colecção, importante, não se desfaçam, em notas, as numerosas incorrecções que, em regra, deturpam as primeiras impressões portuguesas. É a ela que sempre me refiro, porque a de 1616 é inacessível a quási todos os estudiosos.

[4] A tradução de 1625 é de João Baptista Morales (Vid. Gallardo, *Ensayo,* II, Apéndice, p. 110) e existe manuscrita na Biblioteca Nacional de Madrid, com a marcação L 175. Cfr. *Biblioteca Venatória,* I, p. CLXXIII (n.º 80).

[5] *Altaneria* (*altanaria*, como os modernos preferem dizer) = *volateria. volaria, voaria, cetraria, falcoaria.* Vid. vol. I, p. 25.

[6] No vol. I, p. 29, ele se refere ao avô.

oitenta cetreiros assalariados, entre nacionaes e estrangeiros, e que dentro do seu paço entregava as aves de caça de mais estima aos seus moços da camara, dois ou tres a cada um [1]. O próprio Diogo, criado desde a meninice na «sciencia e arte da caça», foi na sua juventude ocupado como experto, ora pelo Infante citado [2], ora por D. João III, seu irmão [3], ora pelo filho do rei, o mal-logrado Príncipe D. João [4], posteriormente por D. Sebastião [5], e pelo pretendente do trono D. António, Prior do Crato, que ele costuma apelidar *o último Gram-Caçador de Portugal* . A este servira algum tempo de pagem, passando depois da catástrofe de 1580 á categoria de moço da cámara dos Felipes. Continuou todavia, sempre na pátria, a criar e ensinar gaviães, falcões, açores, gerifaltes para magnates nacionaes. Sobretudo para o Marquês de Ferreira, a cujo neto dedicou a sua obra.

Na velhice, já septuagenário [7], é que se pusera a escrever o seu extenso estudo sobre Aves de caça, sua criação, enfermidades e curas. Nos seis livros da *Arte de Altaneria* — I. *Das Aves de rapina em geral, e em particular dos Gaviães*; II. *Dos Açores*; III. *Dos Falcões*; IV. *Das Doenças e Curas das Aves de Caça*; V. *Das Armadilhas*; VI. *Das Aves de arribação e das que não peregrinam* [8] — intercala uma infinidade de ditos e de casos curiosos que ocorreram nas caçadas a que assistiu em volta de Évora, Almeirim, o Crato, os quaes (exactamente por não serem anecdotas tradicionaes de façanhas inverosímeis *à la Muenchhausen*, ideadas por *chufadores*, constituem um vivo e pitoresco quadro, de valor sociológico, amenizam a leitura [9] e documentam a paixão secular dos grandes senhores portugueses pelo despôrto saudável, que era acreditado como pródromo natural do exercício da guerra, e remédio contra a ociosidade em tempos de paz. Embora, se-

---

1 Vol. II, 113.
2 Vol. I, 73, 78, 111, 114, 143; II, 87, 99, 104, 120.
3 Vol. I, 43; II, 107.
4 Vol. I, 79.
5 Vol. I, 39 e 51.
6 Vol. I, 113, 146; II, 114.
7 Vol. I, 5. Quanto ás datas em que lançou ao papel os diversos capítulos vejam-se vol. I, p. 47 (1612), 70 (1613); II, 134 e 138 (1614); I, 92 (1615), e II, 89, (onde por engano se lê 1625, por 1615). Naturalmente ha também referências a tempos passados como 1605 (I, 117) e 1608 (ibid., 72).
8 Sou eu que lhes dou esses títulos.
9 É costume contar a *Arte de Altaneria* entrê os livros clássicos da literatura, o que só se pode admitir eufemìsticamente, e com bastantes restrições.

gundo Ferreira, a falcoaria estivesse em plena decadência desde Alcácer-Quebir [1], ou (melhor) desde que as armas de fogo se haviam senhoreado do mundo (a não ser entre os Mouros de África) [2], ele conviveu com tantos aficionados e apaixonados [3], que de longe em longe dá expressão á esperança de ver o renascimento da medieval Arte de Altaneria [4].

Apesar da larga experiéncia de Ferreira, a doutrina que expõe não é nova senão em pormenores, sobretudo quanto a aves de caça e a drogas vindas das Índias orientaes e occidentaes, mas também quanto á predilecção dos Portugueses por açores. Em geral hauriu-a, toda feita, nos tratados preexistentes, tanto de Portugueses como de Castelhanos, ou Neo-latinos, de diversas nacionalidades. Peculiarmente, o *Livro Quarto: Das enfermidades e meziinhas* tem pouca originalidade.

Familiarizado com as Crónicas portuguesas e castelhanas, de que extraiu notas sobre os reis que foram amigos da caça, cita também alguns clássicos latinos (Túlio, Ovídio) [5]. Entre os autores medievaes que alega [6], figura um, Limosim: *Guido de Cauliaco* [7]. O nome que todavia ocorre com mais frequéncia é o de *Pero López de Ayala,* chanceler-mor de tres reis de Castela.

A Mestre Giraldo, não o cita de nome. Nem tão pouco ás autoridades a que o fisico de D. Denis se encostara.

Apesar d'isso cinge-se na Parte IV muito de perto ao tratado das *Aves Caçadores,* seguindo a antiga exposição, de capítulo em capítulo e, ás vezes, de oração em oração, ou mesmo de verbo a verbo.

---

1 Vol. II, 88.

2 Ibid., II, 118.

3 P. ex., vol. I, 73.

4 Os protagonistas dos casos que narra são, além dos já mencionados, o Duque de Aveiro (I, 48), o Marquês de Ferreira (I, 45, 138, 146), o de Castelo-Rodrigo (I, 72), o de Barcarrota (I, 78), o Conde de Tentúgal, etc., etc.

5 Não sei se as incorrecções, nos passos que Ferreira alega, provém de falta de conhecimentos linguísticos.

6 Guilhelmo Benedicto, Johannes Textor, Jorge Agrícola, Pero de Boavistão, Leonardo Feravante, Eneas Picolomini. Ignoro quem seja um Mathias Banha, autor de uma *Praça Universal,* com mais de 517 páginas (vol. I, p. 24), e advogado da lenda que «o grande príncipe Ulysses Grego, fundador da cidade de Lisboa, fôra o primeiro inventor da *Caça das Aves*». (Cfr. *Zeitschrift,* XII, 160).

7 Já falei d'ele mais acima (p. 159). O afamado médico provençal († 1363) escreveu um livro de cirurgia (*Collectorium*), que foi impresso em Veneza (1490), e outro sobre furúnculos e unguentos, traduzido para catalão em 1501. — Vide *Grundriss,* II^a^, 260, e II^b^, p. 112. — Do primeiro havia tradução castelhana, de João Calvo, impressa, com glosas, em Sevilla, 1580, e em Valença, 1596.

Como explicaremos essa contradição aparente? Recorrendo ao *Libro de la Caza de las Aves*, escrito em castelhano pelo nobre Basco Pero López de Ayala, livro que manuseio desde que saiu na *Biblioteca Venatória* de Gutiérrez de la Vega [1]. Tornando a lê-lo agora, com o fim indicado, descubri cousas curiosas.

Abstraíndo de numerosas descobertas etimológicas, de que me ocuparei na Parte II d'este estudo, verifiquei que Diogo Fernández Ferreira havia, de facto, utilizado amplamente a obra do Gran-Chanceler, não só na Parte IV, em que o declara sem circunlóquios, mas também na Parte III, relativa á criação e ao ensino dos falcões, e ainda em alguns capítulos das restantes Partes. Não como plagiador servil. Pelo contrário, com critério e consciéncia, aceitando o que era racional, abandonando o que lhe parecia antiquado ou insensato, acrescentando o que a experiéncia do século XV e do XVI havia introduzido de novo; substituíndo, p. ex., parte dos medicamentos antigos, conforme já indiquei, por outros de proveniéncia oriental ou ultramarina, descritos em obras eruditas de botánica, farmacéutica e medicina (*verbi-gratia* nos *Colóquios* de Garcia da Orta); juntando indicações sobre aves de caça vindas das Índias Orientaes e Occidentaes e do Brasil; cortando minúcias dispensáveis sobre usos e costumes de França; e ilustrando tudo com a narração de scenas portuguesas a que assistiu em pessoa, ou de que ouviu falar. De vez em quando ha divergéncias do texto castelhano [2], que podem ser erros de interpretação, ou provir de variantes nos traslados conservados em Portugal [3].

Eis o elenco da Parte I do *Livro* do Chanceler, em confronto com a Parte III da *Arte de Altaneria*, de Ferreira. O cap. I, sobre aves de rapina em geral, passou para a frente da

---

1 Vol. III, *Libros de Cetrería*, pp. 137-353 (Madrid 1879). — Já fôra impresso, um decénio antes, por Lafuente y Alcántara e Pascual de Gayangos na colecção da *Sociedad de Bibliófilos Españoles*. — Essa, não a tenho ao meu dispôr.

2 Eis um exemplo, de muitos. Segundo Ferreira, os falcões *Donzela* e *Botafogo* eram de D. Fernando de Portugal (II, 109). Segundo Ayala, eram de D. Pedro de Castela (p. 169), o Rei Justiceiro, cujo favorito o autor fôra e a quem se refere numerosas vezes.

3 Onde Ayala se refere ao *Senhor de la Ribera*, camareiro-mor del rei de França (p. 167), Ferreira dá-lhe o nome mais completo Monsieur de Ribeira Targe. Em outro capítulo (p. 174) o mesmo Grand-seigneur é chamado *Bureo Señor de la Ribera*, onde Ferreira põe apenas (p. 110) *Monsieur de la Ribeira*.

obra inteira do Português, sendo reescrito. Só do cap. II em deante começa a correspondéncia [1]:

Ayala	Ferreira
Cap.	Cap.
II De los plumajes de los Falcones et primeramente del falcon neblí.	I Dos Falcões nebris.
III Del falcon baharí et tagarote.	II Do falcão bafari-tagarote.
IV Del falcon girifalte.	III Dos Gerifaltes.
V Del falcon sacre.	IV Do Falcão sacre.
VI Del falcon borní.	V Do Falcão Borni.
VII Del falcon alfaneque.	VI Dos alfaneques.

O cap. VIII de Ayala, com Regras Práticas, é dividido por Ferreira em nove Advertências. Na exposição do assunto de cada capítulo, o Português procede com independéncia, aproveitando apenas notas sôltas do Quatrocentista, cujo nome cita, cada vez que narra um «exemplo» antigo. No fim, isto é, na descrição das famílias e espécies, é que traduz mais ou menos literalmente.

Ayala escrevera:

«Falcones hay neblís que han lo blanco mucho et muy blanco, et lo al como gris, et son estos falcones llamados en Francia falcones de *dames*, quiere decir falcones de dueñas, et son muy fermosos, et muy dulces de facer, et de muy buen talante; et han el plumaje muy bueno et non tan brozno como los otros plumajes; et aun han las colas más luengas et salen buenos garceros. Et á tales falcones de tal plumaje suelen en Castilla llamar los falconeros et cazadores *doncellas* (p. 165)».

Ferreira nacionalizou o trecho com desembaraço:

«Os falcões nebris tem o branco muito alvo no peito e o demais preto (*sic*); a estes chamam os Francezes Falcões de damas, e são mui formosos e doces de fazer, e de mui bom semblante (*sic*), e tem a plumagem mais limpa que todos os mais; e os cabos (*sic*) um pouco mais compridos; e as coxas por dentro alvas; sahem excellentes garceiros; os caçadores castelhanos lhes chamam *donzeis* (*sic*) (p. 108)» [2].

As partes imediatas de Ayala — cap. IX a XXXVIII — constituem a Parte IV de Ferreira. E esta corresponde ao *Tratado* de Mestre Giraldo, como o leitor pode verificar pela tabela comparada que se segue:

---

[1] Correspondéncia ou paralelismo, mas não identidade. Ayala distingue *seis plumages*, Ferreira sete (como a *carta* acima citada) porque trata da espécie nova dos *Aletos*, vindos das Índias de Castela, e do Brasil (cap. VII).

[2] Repito que o manuscrito utilizado por Ferreira divergia talvez do que serviu de base á impressão de Gutiérrez de la Vega.

Cap.	Ferreira (Parte IV)	Cap.	Ayala	Cap.	Mestre Giraldo
3	Como se cura no falcão a agua vidrada.	11	Como se debe purgar el falcon del agua vedriada.	1	Da auga vidrada[1].
7	Das gosmas.	15	Del falcon que ha güermeces.	2	Das gozmes.
8	Do falcão que *amanhece* com papo.	16	Del falcon quel remanece el papo.		
9	Do falcão que tem o papo cheio de vento.	17	Del falcon que tiene el papo lleno de viento.	3	Da ave que ha o papo cheo de vento.
10	Do falcão que tem plumadas velhas.	18	Del falcon que tiene plumas viejas.	4	Dos refeitos (reseitos) velhos[2].
11	Do falcão que tem o bucho inchado e grosso.	19	Del falcon que tiene inchado el buche.	5	Do inchimento do bucho.
12	Do falcão que tem lombrigas.	20	Del falcon que ha lombrices.	6	Das lombrigas que som geeradas no bucho.
13	Das filandras ou filomeras.	21	Del falcon que ha filandras ó filomeras.	7	Das lombrigas que som chamadas fyllandas.
14	Do falcão que tem pedra.	22	Del falcon que tiene piedra.	8	Da pedra.
15	Da fistula que se faz em a ferida do falcão.	23	De la fistola que se face en la llaga del falcon.	9	Da fistolla.
16	Da comichão que os falcões tem nas pennas e as tiram e comem.	24	De la comezon que tiene el falcon en las plumas que se las come et se las tira.	10	Do pruido que a ave ha nas pernas e çancas[3].
17	Da unha que se tira ou cahe ao falcão.	25	Del falcon que se le tira la uña.	11	Da unha quando sayr (*ou* saae)[4].
18	Do falcão que tem cravos nos pés.	26	Del falcon que ha clavos en los piés.	12	Dos cravos que ham as aves nos pees.
19	Do falcão que tem os pés inchados.	27	Del falcon que se le finchan los piés ó le arden.	13	Das aves que haam os pees inchados.
20	Do falcão que tem perna quebrada.	28	Del falcon que se le quiebra la pierna.	14	Da perna quebrada da ave.
21	Do falcão que se lhe quebra a aza.	29	Del falcon que se le quiebra el ala.	15	Da az quebrada[5].
22	Do falcão que se lhe quebra o olho.	30	Del falcon que se le quiebra el ojo.	22	Do olho quebrado.

22 Do falcão que se lhe quebra o olho. 30 Del falcon que se le quiebra el ojo. 22 Do olho quebrado.

Cap.	Cap.	Cap.
23 Do falcão que tem inchação entre o couro e a carne.	31 Del falcon que ha trópigo ó finchazon en el ventre.	{16 Do inchaço da ave que he no ventre a que chamam tropigo. {17 Dos inchaços que as aves ham antre o coiro e a carne.
24 Do falcão que regeita e tem as tripas frias.	32 Del falcon que regita et tiene el papo et tripas frias.	18 Da frielldade[6].
25 Da ferida que o falcão tem aberta ou cerrada.	{33 De los falcones que son feridos de aves. {34 De la ferida del falcon.	{19 Da ferida aberta e çarada[7].
26 Das debateduras e cahidas do falcão.	35 De la abatidura del falcon.	20 Da queda o[u] derramadura.
27 Do falcão que tem as tripas fóra.	36 Del falcon que tiene las tripas fuera.	21 Das tripas que som fora.
28 Do tropigo do falcão ou impação.	37 Del falcon que tiene las quijadas torcidas.	22 Das queixadas que som fora.
29 De como se deve fazer a muda ao falcão.	38 Como debes facer la muda á tu falcon.	23 Pera a ave aver de mudar[8] bem.

[1] Dou os títulos que encimam o texto. Na *Taboada* divergem quanto á forma. [2] Vide *Contribuições para os Diccionários*, etc. [3] Tanto na *Taboa* como no texto ha erro: *comcas* e *çomcas*. [4] Táboa: *quando say a unha de todo á ave*. [5] Falta na *Taboa*. [6] Do papo e do bucho e das tripas frias. [7] Os cinco capítulos finaes faltam no Ms. 2294. Constam todavia da Táboa dos capitulos.

No *Libro de la Caza de las Aves* ha ainda nove capítulos que quási todos foram aproveitados por Ferreira.

Ferreira	Ayala
30 De alguns falcões que não querem mudar.	39 De algunos falcones que non queren mudar.
31 Como se haverá o caçador com o falcão depois de mudado.	40 Como farás despues que tu falcon fuere mudado.
32 Das pennas quebradas e como se enxirem.	46 De como se deben enjerir las peñolas quebradas.

Os cap. 41-44 de Ayala (*Azores, Gavilanes, Esmerejones, Alcotanes*, tem correspondéncia na Parte I e II de Ferreira. Quanto ao 45, *Del paso de las aves*, o Português substituiu-o por um livro inteiro (VI), relativo á peregrinação das aves do norte.

Na ordem dos capítulos ha apenas uma divergência: troca entre os cap. XVI e XXI. Além d'isso Ayala e Ferreira tem a mais dois capítulos iniciaes [1], e tres, intercalados, que não derivam do texto antigo [2]. As diferenças de redacção são insignificantes. Certos traços, privativos do estilo do físico de D. Denis, apagaram-n'os naturalmente nas modernizações: vocábulos de um vulgarismo demasiadamente cru (empregados, de resto, sem pejo pelos trovadores palacianos dos séculos XIII e XIV, não em cantigas de amor, mas em sirventeses de escárneo e maldizer), foram substituídos por outros, menos rudes.

O confronto dos textos confirma plenamente o que a mera inspecção das Táboas comparadas evidenceia: dependência indubitável. Mas directa? ou indirecta?

Podia ser que Ferreira recorresse exclusivamente ao Chanceler de Castela, e que só este consultasse o manuscrito de 1318. Também ele podia haver-se inspirado em outro livro derivado do antigo, entre 1318 e 1385, já algo modernizado: porventura o de Pero Menino, falcoeiro del Rei D. Fernando, que Ayala conheceu; ou o de D. João da Costa, a que me hei de referir no *Apéndice II*. Em terceiro lugar Ayala e Ferreira poderiam ter aprendido as doutrinas cirúrgicas nos escritos primordiaes de Frei Theuderique, entregues por D. Denis ao seu médico a fim de os trasladar e ordenar [3].

Este ponto fica necessàriamente em aberto até alguém haver examinado os escritos do sábio Catalão, assim como os posteriores dos peritos portugueses.

Ha, porém, motivos para eu provisòriamente me declarar pela primeira hipótese, opinando que Diogo Fernández Ferreira teve presente não só a obra de Ayala, mas também a de Mestre Giraldo; e que o Castelhano, pela sua vez, se havia servido do manuscrito arcaico, em território português, no ano de 1385.

---

[1] *Como se alimpa o falcão de piolho* (Ferreira I = Ayala IX: *Como se debe alimpiar el falcoñ del piojo*). — *Como se cura a agua commum do Falcão que não é vidrada* (Ferreira II = Ayala X).

[2] *Da purga commum do Falcão* (F. 4 = A. XII). — *Do Falcão que emagrece* (F. 6 = A. 13). — *Do Falcão assombrado* (F. 6 = A. 14).

[3] Tocando de novo num ponto já acima discutido, exprimo a opinião que — embora (segundo o ditado antigo que *O bom cetreiro ha de ser bom fisico e bom cirurgião*) ambos soubessem em caso urgente curar as suas aves, expertos pela prática — não podiam como leigos escrever de matéria médica, sem se valerem da sciência acreditada de um especialista.

*

O ilustre Basco *Pero López de Ayala* (1332–1407), — magnate aparentado com as casas reinantes de Castela e Aragão; partidário favorecido primeiro de D. Pedro I, e depois de todos os seus sucessores até Enrique III (inclusive), que o elevaram a altas dignidades; autor de quatro *Crónicas* de reis [1], de uma miscelánea poética, que é praxe denominar *Rimado de Palácio,* e de importantes traduções de textos latinos, — foi, como todos sabem, capturado na batalha de Aljubarrota, e ficou preso em Portugal, até ser resgatado por trinta mil dobras de ouro.

Os escritores que se ocupam d'ele, tanto nacionaes como estrangeiros, afirmam — sem excepção notável que eu possa apontar — que o preso passou os quinze meses do seu cativeiro no Castelo de *Oviedes* [2], afirmação na qual se regulam pelos dizeres do próprio Ayala [3]. Em regra acrescentam a fórmula tétrica *en jaula de hierro* [4]. Desconhecendo um castelo d'esse nome em Portugal, suponho que se trata do lindíssimo forte antigo da vila, cercada, de *Óbidos,* que, sempre fiel ao Mestre de Avis, foi naturalmente envolvida na guerra de sucessão [5]. Suponho também que os copistas castelhanos do *Libro de la Caza de las Aves,* ignorando a pronúncia da grafia arcaica *Obedos* [6], empregada pelo Chanceler, transformaram o nome, pouco conhecido fora de Portugal (até a gentil pintora Josefa de Óbidos o tornar afamado) em *Obiédos,*

---

[1] Claro que neste lugar não entro em discussões relativas á veracidade do seu depoimento sôbre D. Pedro I de Castela e sôbre cousas de Portugal. Aos peninsulares recomendo a leitura da *Geschichte von Spanien,* de F. W. Schirrmacher, vol. v. (Heeren, Ukert und Giesebrecht, vol. LII, 1890).

[2] Citarei apenas J. Fitzmaurice-Kelly e A. Bonilla y San Martin; isto é, a excelente *Historia de la Literatura Española* do primeiro, na tradução do último (p. 131).

[3] No trecho final do *Libro de la Caza,* que traslado no texto.

[4] *Bibliotheca Venatória,* III, p. XXXV, XLVII, LIX e 344. — Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la Novela,* vol. I, p. CCVI.

[5] Vejam a *Crónica* de D. João I, de Fernam López, I, cap. XXXI, II, cap. XLV, etc., e Schäfer, *Geschichte Portugals,* II, 216. — *Óbidos* fica, por assim dizer, a meio caminho entre o lugar da batalha e Santarem, para onde Pero López de Ayala se refugiara com outros Castelhanos (II, cap. LI).

[6] No utilíssimo *Onomástico Medieval Português,* de A. Cortesão, em via de publicação no *Archeologo Português* (XIII, 164), o curioso encontra a documentação d'essa forma arcaica.

á castelhana, e depois em *Oviédes* (lembrados de *Oviedo*). E tenho por quási certo, em terceiro lugar, que o magnate ficou bem guardado, *pelo gran proveito que se de tal pessoa seguia,* dentro do castelo escolhido como mais seguro, num recinto com porta chapeada ou gradeada de ferro, segundo a praxe de todos os países e todos os tempos, — postoque o tratassem com a cortesia devida á sua prosápia, alta posição e excelentes qualidades pessoaes.

Baseio estas conjecturas em ter ele tido precisamente nesta prisão[1], não só ócio e os elementos e materiaes precisos, mas também disposição de espírito para compôr — o quê? — o *Libro de la Caza de las Aves et de sus plumajes et dolencias et melecinamentos.* E isso folgadamente, de bom humor, com nobre alento, sem uma única palavra acerba que testemunhasse rancor contra os Portugueses. Na Dedicatória ao Bispo de Burgos, D. Gonzalo de Mena, seu parente, e mestre na arte peregrina da caça, alude apenas com justíssima mágua ao cativeiro prolongado: *á grande cuita ó queja que tomé de tiempo acá, en la prision dó estó.* Na rubrica final declara singelamente: *Aqui se acaba el Libro de la Caza de las Aves que fizo Pero de Ayala en el castillo de Obiedes en Portogal en el Mes de Junio, Año del Señor de Mill et Trecientos et Ochenta y seis años; era de Cesar de* MCCCCXXIV *años.*

No Prólogo ha, com respeito á parte que nos importa — á arte de medicinar — dizeres de valor: *Vi algunos escriptos que departian desto pero non concordaban unos con otros* — raciocínio empregado por quási todos os compiladores (incluíndo Mestre Giraldo)[2]. Em outro passo expõe que o seu livro era fruto tanto de conversas com muitos e insignes caçadores como da leitura de escritos sobre a espécie, e da própria experiéncia.

O texto comprova estas declarações. Contando numerosos tentames que fez, dúzias de casos que presenciou, outros tantos que

---

1 Em 1367 também ficara prisioneiro, do Príncipe Negro, na batalha de Nájera. E não falta quem afirme que durante esse suposto cativeiro (em França ou Inglaterra) escreveu o *Rimado de Palácio.* Êrro certo, porque não ha passo algum que o ateste. Muito pelo contrário, sabemos que logo foi entregue ao seu Rei, que lhe perdoou a sublevação. Vid. Schirrmacher, v, 480. É todavia um facto que esteve em França; talvez como embaixador. No *Libro de la Caza* conta nove vezes, pelo menos, casos a que assistiu em París (pp. 155, 167, 173, 174, 182, 196, 322 e 329).

2 *Biblioteca Venatória,* III, 155. No capítulo I torna a repetir que «algunos ficieron libros, cada uno segund se le entendió et alcanzó la esperiencia, Et .. porque habia diversas opiniones entre los cazadores acordé de ayuntar en este libro todo aquello que oí á grandes señores et muy cazadores».

lhe foram contados, nomeia uns quatorze informadores de alta categoria [1] (contra dois falcoeiros profissionaes); mas a respeito da doutrina médica não menciona a Mestre Giraldo (nem a Frei Theuderique), embora o siga muito de perto. Não me atrevo a decidir se desconhecia o seu nome, ou se um símplez físico lhe parecia indigno das honras do reconhecimento público. O leitor já está informado de que, no traslado que hoje subsiste (do século XV), Mestre Giraldo não figura no *Livro das Aves Caçadores*. E a cópia de que Ayala e Ferreira se serviram, talvez contivesse exclusivamente esse, e não o *Livro de Alveitaria*, assinado com o nome do físico de D. Denis.

Que havemos de concluir das circunstâncias alegadas? Que o nobre Senhor de Ayala e Salvatierra de Álava, alférez-mor da ordem da Banda, não passou muito mal no cativeiro português, mesmo se realmente num momento de enfado tratou hiperbòlicamente de jaula de ferro a sempre incómoda prisão [2]. Que o alcaide de Óbidos, os guardas pessoaes que lhe deram, os Senhores de Portugal que o visitavam, e o próprio D. João I, do qual não se conhecem actos de crueldade, o distraíram dentro dos muros do forte, do melhor modo possível, facultando-lhe, logo que manifestou o desejo de redigir um livro de falcoaria, planeado e preparado talvez de ha muito, todos os textos de consulta de que dispunham [3], assim como o livre uso dos manuscritos que trouxera na sua bagagem. Por excelente que fôsse a sua memória e o seu saber, de boa consciência não podia citar as *Éticas* de Aristóteles, Santo Isidoro, o Psalmista, sem os ter presentes. Nem se meteria a contar casos que se passaram decénios antes, sem reler os seus cadernos de notas. Neles haveria assentos sôbre os falcões predilectos del Rei D. Pedro de Castela, seu primeiro soberano, e sôbre costumes e usos dos amadores de caça em França, Borgonha e Inglaterra. Não ha vestígio de que conhecesse algum tratado francês [4], nem tão pouco de que lesse durante o cativeiro o admirável *Libro de la Caza*, em que D. Juan Manuel, o notabilíssimo sobrinho de Alfonso X, havia ordenadamente exposto, com clareza e elegância, o que vira praticar no último quartel do século XIII e

---

[1] *Aprendí, vi, oi, probé,* são verbos que repete continuamente.

[2] Não me lembro de haver encontrado a expressão nos escritos do Chanceler.

[3] Nos Apêndices trato dos *Livros de cetraria* que D. João I possuía, e a que vagamente alude.

[4] O de Gastão de Fox ainda não estava escrito em 1385.

primeiro do XIV [1]. Verdade é que cita o Infante por duas vezes na lista dos informadores [2], alegando vagamente ditos d'ele [3] e uma sentença que costumava repetir [4]. Não duvido que Ayala ainda visse e ouvisse o longevo príncipe, quando servia de donzel a D. Pedro I, entre 1344 e 1354. Menos ainda duvido de que soubesse em 1385 da existéncia das numerosas criações literárias do Infante, resguardadas no Mosteiro de Peñafiel. Em especial do *Libro de la Caza*, porque não esqueço que ele gaba a D. Juan Manuel como *muy cazador e muy sotil en esta sciencia de las aves.* Nem acho impossível que em Óbidos lhe fôsse apresentado um exemplar: talvez aquele *Libro de Cetraria por castelão* que figura na livraria del Rei D. Duarte (n.º 58), na qual não faltava um *Conde Lucanor*. Mas na obra de Ayala não descubro imitação alguma. Mesmo a sentença citada não provém de ahi. A invalidar mais ainda as possibilidades citadas — que não são probabilidades — temos o depoimento de Ayala: que na sua mocidade, quando começou a trabalhar com o falcão nebri, não conhecia tratado algum de cetraria. *Et cuando yo comencé á afanar con el neblí, mucho me ploguiera haber fallado un pequeño escripto tal como este, por dó me podiera regir et gobernar et guardar de facer algunos yerros en la caza que fice...* [5] O capítulo extenso em que se ocupa dos nebris mostra bem quaes progressos a caça das aves tinha feito de 1325 a 1385; e a independéncia, o saber e a prática de Ayala. Quanto á caça, bem entendido; mas não quanto á medicamentação. Essa, ficara no mesmo ponto em que Mestre Giraldo a deixara. O tratado d'este, — a redacção portuguesa —, foi proporcionada ao Chanceler; e não a catalanesca, nem o original latino.

Em geral a versão castelhana é boa. Não inferior á redacção muito mais moderna de Ferreira. Livre, em ambos os casos. Di-

---

[1] Gottfried Baist estabeleceu na edição d'esse *Libro de la Caza*, que publicou em 1880 (Halle), que o Infante o havia composto entre 1325 e 1336.

[2] Pp. 154 e 155.

[3] P. 155: «oí ... en Castilla lo que dijo Don Juan fijo del Infante Don Manuel».

[4] «Et por esto dicia D. Johan ... que grant diferencia habia de querer cazar et seer sabidor dello en las regir et facer las aves, et otrosi habia grant diferencia de saber facer una ave á la saber guarescer et seer buen acetrero que quiere decir buen fisico et buen cirujano» (p. 154).

[5] P. 185. Gutiérrez de la Vega não esclarece o problema satisfatòriamente nas tres Notas que dedica a D. Juan Manuel (pp. 154, 155 e 186). — Saber em 1385 da existéncia do *Libro de la Caza* não equivale a tê-lo lido e conhecido quando era novo.

vergéncias e descuidos que notei, serão, em parte, erros de impressão; em parte, da lavra de copistas. Certos passos de Ayala servem para emendarmos os correspondentes, deteriorados, no traslado português. De tudo, incluíndo a substituição de termos grosseiros por outros mais delicados, passo a dar exemplos.

Eis primeiro um trecho muito semelhante nos tres autores. Junto-lhe o correspondente de D. Juan Manuel, para se ver a absoluta independéncia do grande escritor. Não modifico as grafias deficientes do século XV, muito peores que as do tempo de D. Denis. Apenas acrescento alguns sinaes de pontuação e emendo entre [ ] e ( ) os erros positivos [1]:

Mestre Giraldo, cap. VI:

«Sabe que per mingua das purgas que nom som feitas aas aves quando lhes conpre, se jeeram as lonbrigas no bucho da ave; que esto seja verdade, e [l. a] muitos caçadores acontece que quando metiam [l. metem] o tartago aas aves, lançam com elle as lonbrigas porque nom erom ainda vivas mas erom jeeradas. Ca se ellas vivas fossem, aaquella ora nom as mataria o tartago, mas amortificallas hya por alguus dias, e doutra guissa nom. E ainda digo que este mesmo *cartago* [l. *tartago*] quando lho metem os caçadores (as), lançam a semente delle por o rabo; e digo que he [semente] porque som huus graaos pequenos como vermẽes de que se ellas jeeram. E desque som geeradas e vivas [2], [a] ave que as ha depenase no ouveiro e nas coixas e no papo; e estas lonbrigas se pagam de vianda grossa e doce. E porem se devem de curar em esta magneira: tomar ho açafrom e metello dentro em huum coraçom de galinha e darlho a comer; e desque vires que seera esmundo [l. *esmuudo*], tomar a semente da erva lonbrigueira e darlhea [l. darlha] em outro coraçom ou em outra carne de galinha em que possa a semente esconder. E se esto nom teveres toma ho leite das cabras e mestura o com ho çumo do codesso e mete o em huma tripa de galinha e metelho per força; e outrossy lhe daras as pilloras do acentipatico [l. aceuer-patico] per a guissa que susso dicto hey. E poderias dizer que razom da *o que este livro fez* per que se as lonbrigas paguem [l. se paguam] de cousa doce, pois [l. por] que lha elle manda dar? ca o leite he doce e o acefer [l. açafrom] doce, e demais que cheira bem. Respondo [3] que he verdade, mas a razom *porque* he esta: quando elas comem esta docidooem, faze as talentossas de comer, em tall maneira que quando veem outra cousa que

---

1 *Cartago* por *tartago; esmundo* por *esmuudo; acefer* por *açafron; acentipatico* por *aceuerpatico; quanto* por *tanto*, etc. O mesmo vale dos textos de Ayala, Ferreira e Don Juan Manuel.

2 Na impressão de Gabriel Pereira «e vivas» está repetido.

3 Creio que *o que este livro fez* é Frei Theodorico, e o que *responde* é Mestre Giraldo — de modo que teríamos aqui um exemplo do procedimento do adaptador português, e ao mesmo tempo um testemunho de que Ayala, que não omite o passo, copiava o opúsculo do físico de D. Denis.

amarga comemna com desejo da doce que comerom. E estas cousas que amargam, quaesquer que sejam, quanto mais amargosas som, quanto [l. tanto] mais em breve matam as lonbrigas. E de hy em diante nunca ponhas mais em delonga purgar tua ave aos tempos que lhe conpre. E ainda he boo e certo pera as lonbrigas cozer milho bem e molhar a carne na auga do milho e darlha a comer».

Ayala, cap. XX:

«Por mengua de las purgas que non son fechas á los falcones cuando les cumplen, se engendran las lombrices en el buche; et que esto sea verdat, á muchos cazadores acaesció que cuando dan el tártago á sus falcones, lancen con ello las lombrices[1], porque non eran aun vivas, mas eran ya engendradas. Ca si ellas vivas fuesen, aquella hora non las mataría el tártago, mas mortificarlas ia por algunos dias, et de otra guisa non. Et *aun* digo mas, que este mismo tártago, cuando lo dán los cazadores, echan los falcones por de yuso la semente de las lombrices; et digo semente, porque son así como granos bermejos pequeños de que ellas se engendran; et desque son engendradas et vivas, el falcon que las há mesase en el cuero [l. overo] et en las dos piernas et en el papo. *Pero muchas veces non facen nen muestran los falcones estas señales, et tienen las lombrices; et tú cata las tolleduras siempre á tu falcon á menudo; et si las ha vivas, luego verás algunas dellas bermejas como gusanillos en las tolleduras, et si vivas non son, non las echan, salvo con la premia del tartago, como dicho es*[2]; et estas lombrices se pagan de vianda gruesa et dulce, et por ende se deben curar desta guisa: toma el azafran et metelo dentro en un corazon de gallina et dágelo á comer et desque entendieres que será ya *desmolido*, toma la semente de la yerva lombriguera, et dágela en otro corazon, ó en otra carne de gallina tan grande en que la yerva se puede esconder. Et si esto non tovieres, toma la leche de las cabras, et vuelve con ella el zumo de la raiz del condeso —*et en fin deste libro fallarás que cosa es el condeso*[3]— et metelo en una tripa de gallina et metegelo por fuerza; otrosí le darás las pildoras del acébar patigo (de la guisa que dige en el capitulo XIX *del finchamento del buche* et que deben ser fechas como las pildoras del acebar cecotrí, que manda en el capitulo XI *del agua vidriada*)[4]. Et podrás preguntar así: porque dice *este que fizo* este libro que las lombrices se pagan de cosa dulce (et) porque gela manda el dar, ca la leche es dulce et el azafran es dulce e uele bien. Á esto respondo que verdat es, mas la razon por qué es esta: cuando las aves comen estas cosas dulces, fácelas talantosas de comer por tal figura que, cuando viene otra cosa que amarga, comenla deseando aquella dulcedumbre que co-

---

1 Mesmo a irregularidade ou familiaridade da construção sintáctica está conservada na tradução.

2 Esta oração, de «*Pero*» até «*dicho es*», parece acrescento da lavra do Chanceler. A não ser que se encontrem em Frei Theodorico.

3 Acrescento relativo ao cap. XLVII, em que dá a lista, muito incompleta, do que o bom *acetrero* deve trazer comsigo. Lá se regista, a p. 342, *Zumo de condeso*. A p. 344 segue a descrição do *cytisus*.

4 Acrescento, ou antes desdobramento.

mieran, et estas cosas que amargan, cualesquier que así amarguen [l. sean], cuanto mas amargan, tanto mas aina matan las lombrices; — ca con el sabor que toman en comer aquellas cosas dulces remuovense (sic), et la yerva lombriguera et las píldoras fallanlas movidas, et salen mas de ligero [1]; et asi dende adelante nunca pongas luenga en purgar tu ave en los tiempos que le cumple. . . . otrosí [2] es bueno tomar la leche de las cabras en una cosa limpia, et pon la sobre el fuego sin fumo, et desque fuere caliente toma las yemas de los huevos et bátelos et echalos en la leche et todavia traelo con una cuchara fasta que sea cuajado et fecho como unguento, et duro un poco, et tiralo á fuera et dagelo á comer que non sea muy caliente, et otro dia dále la yerva lombriguera segund dicho es, et despues dále las píldoras del acébar pátigo como dejimos».

Ferreira, IV, cap. XII: [3]

«Por não serem os Falcões purgados a seu tempo e terem o bucho sujo se geram as lombrigas. Que isto seja verdade se prova purgando algumas vezes os caçadores aos Falcões com os tartaros, ignorando haver lombrigas; porque com os tartaros as lançam, não sendo ainda vivas, mas já engendradas; que se ellas vivas foram, não as matariam os tartaros, mas mortificá-las hiam por alguns dias. Ainda (que) digo mais que os tartaros, quando lh'os dão, deitam a semente das lombrigas sómente, vermelhas como grãos; e desque são geradas, são más de lançar [4]. Sendo vivas conhecer-se-ha tê-las o Falcão porque vae muitas vezes com o bico ao oveiro e se coça nelle e entre as pernas e no papo. — Algumas vezes não mostram estes signaes e tem lombrigas, pelo que o caçador mui a miudo veja a tolhedura da sua ave; e se o Falcão as tem, logo se verão na tolhedura algumas, vermelhas como bichinhos, e se collige quando isto fazem terem-as vivas [5] — as quaes se geram [6] de vianda grossa e dôce, pelo que se devem curar d'este modo: tomem *açafrão* e mettam-no dentro em um coração de gallinha; e desque entender o caçador que está já *esmoido* no bucho, tomem semente de erva lombrigueira e deem-lh'a em coração de gallinha, quantidade que bem se possa esconder a erva; e não havendo isto tomem leite de cabras — [em [7] um vaso limpo e se ponha sobre o fogo brando e neste leite se deitem duas gemmas de ovos que serão mechidas até que se coalhem, e d'estes ovos (se) deem a comer ao falcão]; e como d'elles não tiver nada no papo lhe deem a erva lombrigueira ou pós de losna metidos em uma tripa de gallinha que faça vulto de uma avellã, porque estão as lom-

---

1 Acrescento de «ca» até «ligero»

2 Acrescenta outra receita nova: para substituir a do milho.

3 Não reproduzo as *Alíneas* da impressão de 1899, porque me parecem arbitrárias.

4 Leve modificação das orações que pareciam escuras a Ferreira.

5 Testemunho certo, se carecêssemos de outros, de que Ferreira tinha presente o *Libro de la caza*, de Ayala.

6 Por: «se pagam!» expressão que em 1616 era desconhecida.

7 Daqui em deante, na medicamentação contra as lombrigas, funde as receitas de Mestre Giraldo com as modernizadas de Ayala, abreviando tudo.

brigas movidas com o açafrão, e com o doce mimosas, e indo o amargo, as mata, para o que se darão tambem as pilulas de azebre, feitas como ensina o capitulo da agua vidrada e da inchação do bucho».

D. Juan Manuel, cap. XI, (p. 61, 30):

«Otrosi quando el falcon a lonbrizes, la señal es que se le descoloran las manos e la çera del pico e el falcon mesase en aquel lugar do lo siente, e de noche quando duerme quexase entre sueños. Et para esta enfermedat deuen le dexar degollar anades, ca la sangre es probado que mata las lonbrizes. Et si por esto non guaresçiere, deuen le dar la carne mojada en el çumo que sale de la camisa del sanco [l. sauco]. Et si con esto non guaresçiere, deuen le echar por la garganta vnas cucharadas de pimienta molida destenprada con agua tibia, pero que sea el agua mucha e la pimienta poca. Et dize don iohan que de todas las cosas que el vio para guaresçer las lonbrizes, que esto es lo mejor. Et esto aprendio el por aventura, que vn dia vanando [l. bañando] los falcones en peurada para meter los en la muda, cayo de aquella peurada en la voca a vn falcon que avie lonbrizes et a muy poco rato que començo a toller las lonbrizes muertas. Et despues aca sienpre vso don iohan de lo fazer a los falcones que an lonbrizes quando con todas las otras melezinas non pueden guarescer».

Agora um passo característico, poético á antiga, que Ferreira não achou em harmonia com o gôsto do seu tempo, e suprimíu por isso. Por duas vezes o guia e mestre dos caçadores tentara inculcar-lhes carinhosos cuidados com as aves, durante o ensino: Logo no cap. I, recomenda:

«pollo quall conpre aaquelles que as ham de trauctar que sempre se revejam em suas aves como a molher no espelho por veer se parece bem ou nom: tal deve seer o caçador com sua ave (p. 12).

E mais tarde (no cap. VII, relativo á doença melindrosa das filandras) repete o mesmo conselho:

«pero se o caçador quisesse fazer o que eu hey dicto nas derradeiras regras do capitollo da auga vidrada (s. no primeiro) honde diz que se devia a reveer o caçador em sua ave como a molher no espelho, e poderia seer que veeria entom estes signaaes (p. 16)».

Ayala não desdenhou a linda imagem. Lá diz nos trechos correspondentes:

«Por la cual razon cumple á los cazadores que siempre se revean en sus falcones como la mujer en el espejo, por veer si paresce bien ó non, et atal debe ser el cazador con el su falcon, para ver si se le muda el semblante, etc. (p. 225)».

E novamente:

«Pero si el cazador quisiere facer lo que dicho hé en los renglones postrimeros del capitulo del agua vidriada, alli do dice que debia el cazador reveerse en su falcon como la muger en el espejo, podria ser que veria en el falcon estas señales ... (p. 252)» [1].

Eis algumas deficiências nos textos, que o confronto esclarece:

O falcão que sofre de agua-vidrada, isto é, de catarro, sente muita comichão na cabeça «et cuando se debate ó deja de volar, tienta con la boca et dá en él» (Ayala, p. 219). — Mestre Giraldo tinha dito: «e quando se derramar ou quando leixar de voar, tenta com a boca e dá no oveiro» (p. 10). — Em Ferreira (II, 8) lemos: «e quando se debate ou quando deixa de voar vae com a cabeça abaixo e dá em o outeiro com o bico».

Claro que teremos de pôr *en el overo* no texto de Ayala; e *ouveiro* no de Ferreira (*ou* por *ô* é freqüentíssimo na grafia antiga).

«Güermeces (isto é, pústulas) son en figura de granos tan grandes como mijo et mayores et son por toda la boca et por los forados de la lengua et entran fasta dentro en la garganta et está en dubda se podran guarescer ó non». (Ayala, 236). — Em Mestre Giraldo lê-se o seguinte: «som em fegura de graaos [l. grãaos] tamanhos como de milho e mayores, e som perto da boca. E per as forcas da lingua e se entram na boca do gorgomillo he em duvida se guarecerá a ave ou nom» (p. 12). — Ferreira traduz livremente, omitindo o que não percebia bem: «pequenas como grãos de milho e as tem tambem por toda a boca e entram até á garganta, e são más de curar» (II, p. 16). — Emendo, ou antes interpreto, o texto arcaico, lendo «*e som per toda boca* (=*per toda a boca*) e per as forcas (?) da língua; e se entram», etc. — Sou todavia incapaz de dizer o que são *forcas* ou *forados* (= *buracos*) da língua. Por isso não proponho correcção alguma.

Quando teu falcão tiver ventosidades, «toma el palomo, ó paloma, vivo et dalle dello et coma et tire et trague todas las plumas que levar podiere, et finchele bien el papo desto et esto le faz tres ó cuatro dias, et luego será el viento fuera» (p. 242). — No texto arcaico impresso lê-se: «E quando assy he cheo de vento filha ho poombo per tres ou quatro dias e dalho a comer com todas suas penas quantas poder levar. E enchelhe bem o papo. E esto lhe faze(e) e logo sairá o vento fora ...». Evidentemente a locução

[1] Nada parecido ha em Ferreira (IV, cap. III e XIII; pp. 9 e 23 do vol. II).

«per tres ou quatro dias» está fora do seu logar, devendo entrar depois de «faze».

Em caso de indigestão da ave «non le des de comer salvo un miembro de polla al dia, salvo si fuer falcon girifalte o azor que debe mas comer e tercio, et así menos á las otras aves que son menores que estas sobredichas» (p. 248). — Mestre Giraldo dissera: «nom coyma senom huua (hũa) vez e huum soo nenbro de frangoo. E se for açor nom deve comer mais que o terço. E isto meesmo as outras aves que som meores que outras» (p. 15). — Creio que Ayala escrevera, introduzindo um pequeno acrescento: «salvo si fuer falcon girifalte que debe más comer el tercio, e si fuer azor no mas que el tercio, et asi mismo las otras aves que son menores».

Se os falcões padecem de filandras crescidas, essas comem no corpo da ave: «conviene á saber los livianos, et despues el corazon, et luego el falcon es muerto, ca apenas nunca falcon dende guaresce» (p. 252). — Em português antigo (p. 16): «logo começam de comer no corpo da ave s. nos vermelhos (curiosa denominação dos bofes), e deshy no coraçom, e logo a ave he morta. Da aa de levemente muita ave guarece». — Claro que ha deturpação. Talvez fôsse «ca dahi levemente (ou «de leve mente») nunca ave guarece?».

Atacado do mesmo mal «cuando se sacude aprieta con las manos» (p. 253). — Creio teremos de acrescentar «en la lua» visto que Mestre Giraldo dissera: «e ainda quando se assy sacude aperta com as mãaos na luva» (p. 17).

Em lugar de *milfurada* (p. 16), a erva de S. João (*hypericum perforatum*) Ayala nomeia *la mil sande* como remédio contra a pedra (p. 256), prometendo dizer no fim do livro de que planta se trata. — Mas não cumpriu a promessa [1]. Provàvelmente ha mero êrro de leitura.

No fim do mesmo capítulo (VIII) o físico recomenda certo tratamento, «nom embargando que outros livros dizem que ha hy outra pedra» (p. 18). Ayala substituíu «livros» por «caçadores» (p. 257).

O cap. XXVI principia «Non embarganse que». Leia-se «Non embargante» (p. 265).

Contra cravos nos pés receituam panos quentes, molhados, com certos ingredientes, em que entra *aciche* ou *aceche* (p. 268)

[1] Vid. pp. 341–344.

de الزاج *az-zedj*, nome árabe da caparrosa. Em Mestre Giraldo está *azeite* (p. 21), por engano quer de copistas, quer do impressor

De outros vocábulos espúrios falarei na parte lingüística d'este ensaio.

Aqui registarei apenas mais um curioso dislate, d'esta vez do Chanceler-mor de Castela, por ser providencial para a minha tese que Ferreira não utilizou sòmente o traslado castelhano, mas também o modêlo português.

Quando o falcão tem pedra, o cetreiro faz-lhe certa massagem de modo que conduz o duro corpo estranho até perto do lugar de saída. Ahi expreme-o com jeito como quem quer expremer o carnegão e a matéria de alguma pústula. «E se a achares preme-a mansamente como quem preme foruncho» (p. 24). — «Foruncho» forma popular de *furúnculo*. — Ferreira traduz correctamente, empregando o sinónimo «leicenço» (de origem obscura). Em Ayala temos, pelo contrário, o curiosíssimo conselho: «et si gela fallares, premegela mansamente como cuando prime la furonera[1] al furon» (p. 256). Confundiu «furuncho» com «furon», não compreendeu «como quem», e acrescentou o complemento, que dá tanta graça á frase.

APÉNDICE II

Outros tratados de Cetraria

O tratado atribuido a Frei Theuderique, a Epístola ao Emperador[2] Ptolemeu, e mesmo a obra de Mestre Giraldo são anteriores aos livros castelhanos de D. Juan Manuel e de Pero López de Ayala.

Comtudo, seria de admirar que na época argéntea de Alfonso X, o Sábio, nenhum literato se houvesse ocupado de cetra-

---

1 Eu conheço apenas *furona* (modernamente *hurona*), e talvez estivesse assim no autógrafo de Ayala — com um traço-arabesco — que o copista considerou como abreviatura de *er-*.

2 *Emperador*, em lugar de *Rei*, suscita a suspeita que a carta fôsse dirigida na realidade a Frederico II, grande fautor da cetraria, e autor ou promotor de um dos mais velhos tratados de falcoaria que subsistem: *De arte venandi cum avibus*, só parcialmente impresso uma vez (Augsburg 1596), e traduzido para alemão por Von Schöpffer (Berlin 1896). Vid. *Biblioteca Venatória*, n. 19.

ria. Quanto á alveitaria, o leitor não esqueceu seguramente o irmão del Rei D. Fadrique.

Reforço a minha hipótese, lembrando que D. Juan Manuel afirma no Prólogo do seu *Libro de la Caça* que seu tio fizera «tralladar en este lenguaje de Castiella todas las sciéncias e todas las siete artes liberales»; e logo depois que: «mandó fazer muchos libros buenos en que puso muy conplidamente toda la arte de la caça, tan bien de *caçar* como del *benar* como del pescar» [1]. Ele, D. João, «quando llegó a leer en los dichos que el dicho Rey ordenó *en razon de la caça,* porque Don Johan és muy caçador, leyó mucho en ello e falló que eran muy bien ordenados ademas». Além d'isso fala-nos do que aprendera de falcoeiros tanto del Rei (a quem tanto venerava e comparava com Ptolemeu de Egipto [2]) como de seus irmãos D. Arrigo [3] e D. Felipe [4].

No fim d'este Suplemento ha além d'isso uma série de cantigas que demonstram que também para o erudito monarca o divertimento da caça era *um dos viços maiores do mundo.*

Parecia comtudo que, postos na sombra pelos Livros de D. Juan Manuel e de Ayala, os do Sábio não mais foram copiados, e desapareceram por completo. O futuro mostrará se tenho razão com a suspeita que alguns restos e vestígios do seu tempo perduram.

Quanto ao tratado de Frei Theuderique, é possível que a tradução, de que mais acima falei, fôsse feita antes de 1284.

No Escorial entrou em 1576, quando H. de Briviesca fez entrega, com inventário, de preciosíssimos manuscritos, doados á Biblioteca por Felipe II, um lote de tratados de montaria e caça, que constava de cinco volumes [5]: — tres exemplares diversos do

---

1 *Caçar,* de *captiare* (*caçar* em castelhano) referia-se originàriamente de preferéncia a aves prêsas em redes (com *redeiras*), ao passo que *venar, vẽar* de *venari* (de onde *veado, veação, veador*) com os vocábulos eruditos *venatório*, etc., se aplicava á matança de feras, sobretudo de cervos. Depois houve confusão entre os dois termos. Vejam o título citado na nota antecedente. Don Juan Manuel distingue entre os dois no Prólogo citado, prometendo «que toda la arte del *venar* poner-se-ha en este livro despues que fuere acabado el del arte de *caçar*» e explicando «arte del venar quiere dezir la caça de los venados que se caçan en el monte» — promessa que não cumpriu. — Na Península, sobretudo em Portugal, *veação* foi substituído por *monteria, montaria.*

2 Ed. Baist, pp. 3, 19.

3 Ibid., pp. 44, 16; 46, 19.

4 Ibid., p. 46, 20.

5 R. Beer, *Die Handschriften-Schenkung Filipp II an den Escorial,* Wien 1903, p. CXIV; Lote 185: *Libros de Caça, en castellano, en folio.*

Libro de Monteria de Alfonso XI (um com atribuição errónea a Afonso X [1], que provocou longa e acalorada discussão) e dois in-fólios com vários livros de cetraria [2]. Um cartáceo, sem nome de autor, era intitulado *Cetraria ó Caza de las Aves, sus enfermidades, remédios, inclinaciones.* No fim da última das cinco partes de que constava, havia a rubrica importante: «E fué acabado el noveno dia andado de abril era de mil e dosientos e ochenta años», o que o coloca no reinado do Sábio. Ignoro, se se conserva com a marcação V-II-19 [3].

O segundo foi caracterizado em 1576 com a vaga nota: «de letra muy antiga» [4]. Por sinal acrescentava-se: «y está con el un tratado en latín, de lo mismo, compuesto por Valeriano Excelente, caçador del Emperador» [5].

Pelo confronto das escassas notícias exaradas por Amador de los Rios [6], Gutiérrez de la Vega [7] e R. Beer [8], vejo que o códice, incompleto no princípio, tem 168 folhas de papel *ceutí* (= de Ceuta) a duas colunas. Do extenso tratado, cujo princípio e fim não fixaram, sei apenas que, como os restantes, dá a conhecer todas as ralés de falcões, a sua criação, ensino, alimentação, doenças e curas; mas além d'isso anecdotas ou *sortes* de caça. Só as últimas duas folhas estão preenchidas pelo tal tratadito em latim *De Physica Avium.* Começa *Ego Valerinus* [9] *excellens Imperatoris aucipitrarius* e acaba *Explicit liber de physica avium.*

No mesmo lote havia ainda outro, terceiro, *Livro de Cetraria,* que formava um só volume com o que mencionei em primeiro lugar. No Inventário é atribuído a *Pedro Monnio.* Se como o comentador

---

1 Ibid., p. 186, 2, 4, 5.

2 Ibid., p. 185, 1, 3.

3 É do *Catálogo* manuscrito de Munich (33) que provém todas essas indicações, divulgadas por Beer.

4 Amador de los Rios diz que é do século XV, e Gutiérrez de la Vega o põe nos meados do seculo XIV.

5 *Sic* em Beer. A leitura «Valeriano (ou *Valerino*), excelente caçador», é todavia preferível.

6 Vol. V, p. 151, nota. — Só ele comunica a marcação U-11-19, infelizmente sem falar do distinctivo principal: o opúsculo de Valeriano ou Valerino.

7 Vol I, p. CXLV: n.º 1 da *Bibliografia Venatória Española.*

8 *Loc. cit.* Beer diz que falta na *Bibliografia*, o que é êrro manifesto.

9 Quem será esse falcoeiro? em que relações estará com Moamino, Grisofo, Leonte, Theodoro, Demétrio, Alexandre, etc.? E quem será o Emperador? Frederico II? Theodósio? Ptolomeu? ou Nicéphoro? Como o códice subsiste, ha esperanças de obtermos resposta a essas perguntas.

ajuìzadamente supõe [1], *Monnio* fôr leitura errada de *Menino*, deverá tratar-se da versão castelhana da obra do falcoeiro del Rei D. Fernando de Portugal, citado como autoridade por Pero López de Ayala. Como já deixei dito, o tradutor é Gonzalo Rodríguez de Escobar [2].

Importaria muito conhecermos um tratado manuscrito em catalanesco do século XIV, e que se guarda numa livraria particular [3]. Pelas palavras iniciaes «*Dancus rey* estava en son palau» pertence ao ciclo que atribue a invenção da cetraria a um rei d'esse nome [4], e deriva provàvelmente de outro mais arcaico: provençal, italiano ou latino, que principia: «*Rex Gallicianus filium suum misit ad Regem Dancum ut eum doceret curam falconum, accipitrum, asturum*».

Em Portugal, D. João I possuía, como já tive de expôr por duas vezes, e citava, tratados de falcoaria: um, que passou á livraria do sucessor, em cujo catálogo se regista como *Livro de Cetraria que foi del Rei D. João* (n.º 58), e mais outro *por castelhão* (n.º 37). O primeiro tanto pode ser o de Mestre Giraldo, embora o título não lhe quadre bem, como o de Pero Menino; o segundo, o de Don Juan Manuel ou o de Pero López de Ayala. É de crer todavia que o monarca se servisse do mais moderno.

No Museu Británico existe, no núcleo de Sloane, um volume relativamente moderno, com tres tratados de cetraria [5]: dois do século XVI, salvo êrro, e só um anterior, que valeria a pena examinar [6].

---

1 Beer cita a *Biblioteca Venatória*, I, p. CLXXI. Isto é, o n.º 76 da *Bibiografia*. Ahi se regista um exemplar incompleto, do século XV, que andava na Biblioteca Particular dos Reis de Hespanha, fragmentado em dois volumes diversos (um com dez folhas, e o outro com vinte). E tinha no fim a nota: *Este libro es de Pomalyno falconero del Rey de Portogal*. Poderia ter citado também p. CLXXIV, n.º 87, e CXLVII, n.º 9, assim como vol. III, p. 156 (Ayala).

2 Vid. Nicolas António, edição Pérez Bayer, *Vetus*, s. v. Não é possível adivinhar quaes seriam os tratados que faziam parte da biblioteca de A. R. Pimentel. Vid. Beer, n.os 67, 70 e 71. Entre os livros de Isabel, a Católica, também havia dois (n.os 171 e 172).

3 De D. José de Ayala, de Madrid, segundo H. Werth, *Zeitschrift*, XII, 149. Anteriormente fôra de D. Enrique de Leguina, segundo Gutiérrez de la Vega, I, p. CXLV.

4 Corrupção de *Darcus*, que pela sua vez era abreviatura de [*Eliseo*] *d'Arcus*[*sia*] (Werth., *loc. cit.*).

5 N.º 821, 1, 2, 3.

6 *Zeitschrift*, XIII, 29. Todos eles são intitulados *Libro de Citraria* (*sic*).

O mais moderno, anónimo, tem a data de 1566. Autor do outro é Francisco de Mendanha, nome que talvez seja o do Prior de S. Vicente de Lisboa que para um dos Cardeaes Protectores escreveu em 1540 a *Descripçam e Debuxo do Mosteiro de Santa Cruz* [1]. Pelo menos, não conheço outro, homónimo.

A identificação talvez pareça menos estranhável ao leitor, logo que saiba que o mais antigo tratado é obra de um Bispo e Governador de Santa Cruz, chamado João da Costa. Bispo de quê? De Coimbra? Estabeleço que entre os de nome João nenhum é designado com esse apelido, mas igualmente, que não conheço os nomes de família de D. João II (1334–1336) e de D. João III, Cabeça de Vaca (1379) [2].

Além d'esses, que não figuram nas Bibliografias nacionaes, ha, nelas, assentos relativos ao famigerado Cristóvam Falcão [3] e Onofre de Lemos [4]; assim como António Rodríguez Pimentel [5] e Estévam Soárez de Melo [6], caçadores ambos de D. João IV (1640).

Alguns elementos para a história da falcoaria em Portugal foram reùnidos por Gabriel Pereira nos seus opúsculos sobre *Caçadas* nos admiráveis campos de Santarem e nas charnecas do Alemtejo, sobretudo na região de Évora: caçadas de açores, das ilhas d'esse nome, de tagarotes de Cabo Verde, gaviões da Serra da Estrela e do Gerez, mas também montarias de ursos, lobos, javalís. Juntamente com notícias sobre as corças brancas e a cabra

---

1 Vid. Barbosa Machado, II, 203, e Sousa Viterbo, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra 1890.

2 Apenas posso repetir uma indicação de H. Werth: que um *Costa falchoniero vechissimo* é citado por Jacobello Tragurno, tradutor italiano de Alberto Magno. — Mas o nome Costa é trivial também na Itália.

3 Vid. Barbosa Machado, I, 573: *Criação e cura que se deve fazer aos Falcoens e Gavioens*, Ms.

4 Ibid., III, 509. Do autor, falecido em 1590, ficou manuscrito um *Tratado da Caça dos Açores* e outro *Das Enfermidades das Aves e como se devem curar*. Cfr. *Bibl., Ven.*, n.º 54. Gutiérrez de la Vega cinge-se a dizeres de Nicolas António e Cean Bermúdez. Parece que este último confundia a obra de Onofre de Lemos com a de Diogo Fernández Ferreira.

5 *Biblioteca Venatória*, n.º 88. Mas pelo que diz Barbosa Machado (IV, 58) o *Tratado da Curiosidade da Caça* é de *montaria*: Ms. em tres livros, de 26 e 30 e 19 capítulos. — Pertencia ao Arquivo da Casa de Bragança.

6 Ibid., n.º 75, e Barbosa Machado, I, 764: *Tratado de todos os modos de caçar, e tudo o necessario para este exercicio, assim de instrumentos como segredos particulares, em dialogo*. Ms. fol.

montês de Portugal, apresenta outras sobre caçadores afamados dos primeiros séculos da monarquia, e sobre a respectiva legislação [1].

A inclinação de Sancho I para a caça colhe-se em uma das Epístolas de Inocéncio III, que o censura por obrigar os clérigos a sustentarem-lhe cães e aves [2].

O testemunho é confirmado pela lei de 1210, em que o próprio rei concedia aos cónegos de Coimbra isenção do encargo de hospedarem açoreiros e falcoeiros com aves del Rei, e de lhes darem cavalgaduras que os conduzissem á Ribeira [3].

Outra do sucessor, Afonso II (de 1211), liberta os mezquinhos da obrigação de darem *aljavas* para os falcões reaes [4].

Em 1258 ordenava-se, numas Posturas relativas á casa real, que o Bolonhês tivesse um só monteiro e quatro falcoeiros, *com senhas bestas* [5]. Em 1261 já foram elevados a tres açoreiros e quatro falcoeiros [6].

Na lei de 1253, em que o mesmo monarca fixara o preço das mercadorias [7], havia a prohibição que ninguém se apossasse de ovos de açores, gaviães e falcões; nem tirasse aves de caça, dos ninhos, antes da quinzena que precede o S. João; e mesmo então apenas *de tres, um*. Além d'isso se estabelecia o preço de luvas, cascaveis e piós [8].

Em 1288 D. Denis legislava a respeito de aves de caça achadas, e das alviçaras que o dono havia de pagar por cada espécie (*terçós, primas*, etc.) [9].

Um pouco depois, D. Juan Manuel referia-se com louvores aos cavaleiros de Portugal e Galiza *que sabem muito de caça de açores* [10]. Um dos principaes que nomeia é o velho Conde D. Gonzalo

---

1 *Estudos Eborenses: As Caçadas*. Évora 1892 e 1893.

2 Herculano, *História de Portugal*, liv. III, p. 35.

3 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 162.

4 Ibid., p. 172 — Verdadeiras *aljavas-coldres*, isto é, *aljaveiras*, e não uma contribuição assim chamada.

5 Ibid., p. 198.

6 Ibid., p. 200.

7 Ibid., pp. 192–196 (em especial 194).

8 Uma prova de como mesmo em tempos de guerra os cavaleiros de Portugal não deixavam de se desenfadar na caça de aves, temo-la nas *Crónicas dos Reis de Portugal*, de Acenheiro (*Inéditos*, v, p. 80).

9 *Ordenações Afonsinas* (v–54–2): «Dos que furtam as Aves, que ajam pena assy como de qualquer outro furto».

10 Ed. Baist, pp. 8, 13, 15, Cfr. 46, 10.

Garcia, magnate da côrte do Bolonhês, que figura no Cancioneiro galego-português com uma cantiga [1].

D. Pedro, o Justiceiro, tinha fama de grande caçador e monteiro [2]. Seu filho D. Fernando era apaixonadíssimo de aves de caça, *em guisa que nenhum tempo asado para ello deixara que o não usasse* [3].

«A ordenança como ele partia o ano em taes desenfadamentos, contado tudo pelo miudo, seria longo de ouvir, ca ele mandava chamar todos seus monteiros, no tempo para elo pertencente, e não se partiam de sua casa até que os falcões saíam da muda; e então desembargados iam-se para onde viviam, e vinham os falcoeiros e outros que de fazer aves tinham cuidado. Ele trazia quarenta e cinco falcoeiros de besta [4] afora outros de pé e moços de casa, e dizia que não havia de folgar até que povoasse em Santarem uma rua em que houvesse cem falcoeiros. Quando mandava fóra da terra por aves, não lhe traziam menos de cincoenta, entre açores e falcões nevrís e girofalcos, todos *primos*. Com ele andavam mouros que apresavam garças e outras aves; e estes nadavam os pêgos e paues, se os falcões caíam neles.

Quando elrei ia á caça todas as maneiras d'aves e cães que se cuidar podem para tal desenfadamento, todas iam em sua companhia em guisa que nenhuma ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fosse grou ou betarda, até o pardal e pequena folosa que, antes que suas ligeiras pennas a podessem pôr em salvo, primeiro era presa do seu contrário; nem as símplezas pombas que a nenhum fazem impedimento, em semelhante caso não eram isentas de seus inimigos ...».

Outro filho de D. Pedro, o Mestre de Avís, já o conhecemos como amigo da caça; mas este preferia as montarias [5] como seu filho D. Duarte, que favorecia em especial a Arte de bem cavalgar toda a sela [6].

---

[1] *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, n.º 347. Cfr. *Livros de Linhagens*, passim; Lang, *D. Denis*, p. XXVIII; Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 330.

[2] Fernam López, *Crónica de D. Pedro*, cap. I.

[3] Id., *Crónica de D. Fernando*, Prólogo (*Inéditos*, IV, 124). Cfr. Acenheiro, *Inéditos*, V, p. 140.

[4] Por este trecho conhece-se que também nos textos mais arcaicos, *besta* é *bestia* = cavalgadura.

[5] *Crónica*, I, cap. 98 e 99.

[6] Todos os Infantes seus irmãos gostavam de falcões. Vid. Acenheiro, p. 222

No século XVI temos dois entre os filhos de D. Manuel, — D. Luís, tão louvado por Diogo Fernández Ferreira, e D. Duarte [1], e como últimos gram-caçadores de Portugal a D. Sebastião e o Prior do Crato.

Tanto a poesia palaciana como a popular, no período arcaico que vae até 1500 (a respeito da qual nos orientamos pelos restos conservados por Gil Vicente), tiraram assuntos, motivos, e figuras retóricas muito pitorescas da caça de altanaria, sobretudo do voo da garça real, da agilidade do gavião, dos olhos do falcão. Aproveitando também anecdotas e alusões contidas nos Livros de linhagens, talvez eu dedique algum dia um artigo a esses reflexos, realmente curiosos.

Por ora ponho ponto final a esse já longo elaborado, acabando o *Apêndice II*, como o I, com a advertência que Árabes e Bérberes tiveram larga parte no desenvolvimento da cetraria peninsular (e na da Sicília) [2]. Se não fôsse assim, como se explicavam termos como *bahari, borni, tagarote, aljava*, etc.?

Como ilustração junto algumas cantigas dos Cancioneiros galego-portugueses: uma única, do profano; e seis, das narrativas sacras do Rei Sábio. A profana é também obra de um reinante peninsular: Sancho I de Portugal [3], ou (antes) Afonso IX de Leão. Infelizmente, está muito mal conservada [4]. Certo é apenas que motejando de algum dos seus cortesãos, por causa de infaustas aventuras de caça, que lhe aconteceram com cães e aves mal ensinadas, o autor lhe deseja entre outras cousas, ironicamente, um falcãozinho bornil que «não voasse e nemigalha lhe filhasse». Em tres das *Cantigas de Santa Maria* trata-se de açores perdidos e reencontrados, graças a votos feitos a Santa Maria de Salas (*CM.* 44), de Vila Sirga (*CM.* 232), e Santa Maria do Porto (*CM.* 366); de aves saradas maravilhosamente de feridas e doenças (*CM.* 352); e de falcoeiros em perigo (*CM.* 142, 243).

---

1 Vid. André de Resende, *Vida de D. Duarte*, cap. VIII, p. 24; Goes, *Crónica de D. Manuel*, III, cap. 78; *História Genealógica*, «Provas», II, 612.

2 Vid. *Zeitschrift*, XII, 194.

3 Vid. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 595, e *Randglossen*, XIII.

4 Não estou de modo algum satisfeita com a minha tentativa de restituição.

CCB. 457 (= 349)

Mester avia don Gil
un falconcinho bornil
que non voasse
[a don Gil],
nemigalha nen filhasse!

[E] un galguilho lebril
que ũa lebor de mil
non filhasse
[a don Gil],
mais rabejass(e) e ladrasse!

[E] podengo de riba (de) Sil
que rufiass', e tam vil
que lhi mejasse
a don Gil
quando lebor [lhe] achasse!

[E] osas d'un javaril
que dessen por seu quadril,
[e que rasgasse]
a don Gil
quando lebor levantasse!

2 ffal conçio or nil — 6 galguilio uil — 11 deiribo de Sil — 12 cufiasse hun mjr — 15 aichasse — 16 Osas dũn joudaril. Cfr. *Zeitschrift*, XXVIII, p. 425.

CM. 44

Esta é de como o cavaleiro que perdera seu açor et foy-o pedir a Santa Maria de Salas, et estando na eigreja posou-lhe a mão [1].

Quen fiar' na Madre do Salvador
non perderá ren de quanto seu for.

Quen fiar' en ela de coraçon,
averrá-lhe com' a un infançon
avẽo eno reino de Aragon
que perdeu á caça un seu açor,

1 Ponho *v* por *u* consoante; *lh* por *ll; nh* por *nn*; não repito o refrão no fim das quartetas; altero um pouco a pontuação, a acentuação, e a repartição de fórmulas compostas.

Que grand' e mui formos' era, et ren
non achava que non filhasse ben
de qual prijon açor filhar conven,
d'ave pequena tro en a mayor.

E d'aquest o ifançon gran pesar
avia de que o non pod' achar;
et por ende o fez apregõar
pela terra toda en derredor.

E pois que por esto non o achou
pera Salas seu caminho filhou
et de cera semelhança levou
de ssa av' e diss' assí: «Ai Senhor

Santa Maria! eu venho a ti
con coita do meu açor que perdi
que mi-o cobres, et tu faz-lo assi
et aver-m'ás sempre por servidor.

E demais esta cera ti darei
en sa figura, et sempr' andarei
pregõando teu nome e direi
como dos santos tú es la melhor».

Pois esto disse, missa foi oyr
mui cantada; mas ante que partir
s'en quisesse, fez-lh'o açor vĩir
Santa Maria, ond' ouv' él sabor,

E que ouvess' end' él mayor prazer,
fez-lh' o açor en a mão decer
como se ouvesse log' a prender
caça con él como faz caçador.

E el enton muit' a Madre de Deus
loou, et chorando dos olhos seus
dizend': «Ai Senhor, tantos son os teus
bẽes que fazes a quen ás amor».

Quen fiar' na Madre do Salvador
non perderá ren de quanto seu for!

CM. 142

Como Santa Maria quis guardar de morte un ome d'un rei que entrara põr ũa garça en un rio.

Ena gran coita sempr' acorrer ven
a Virgen a quen fia en seu ben,

Com' ũa vez acorreu ant' el rei
don Afonso, com' ora vos direi,
a un ome que morrera, ben sei,
se non fosse pola que nos manten.

Esto foi eno rio que chamar
soen Fenares, u el rei caçar
fora, et un seu falcon foi matar
en el ũa garça muit' en desden,

Ca pero a garça muito montou
aquel falcon toste a acalçou
et d'un gran colb' [a] aa lhe britou
et caeu na agua, que ja per ren

Os cães non podian acorrer,
ca o rio corria de poder,
porque ouveran a garç' a perder.
Mas el rei deu vozes: «Quen será, quen

Que entre pola garça, et a mi
a traga logu' e aduga aqui?»
Et un d'Aguadalfaiara assi
disse: «Senhor eu a 'dur[r]ey aquén

Do rio». Et log[u] en el se meteu
con sas osas que sol non as tolheu,
et aa garça foi et a prendeu
pela cabeça et quisera-ss' en

Tornar, ca avia mui gran sabor
de dá-la garça al rei seu senhor.
Mai' la-agua o troux' a derredor
de guisa que lhe fez perdê-lo sen,

Ca a força d'agua assi o pres
que o mergeu duas vezes ou tres;
mas el chamou a Virgen mui cortês
que pariu Jesu-Crist' en Bel[l]een.

E todos a chamaron outro tal,
mas el rei disse: «Non averá mal,
ca non querrá a Madr' esperital
que nos guarda et nos en poder ten».

E macar todos dizian: «Mort'é»
el rei dizia: «Non est, a la fé,
ca non querria aquela que sé
sempre con Deus et de nos non desten (?)».

E assi foi: ca logo sen mentir
o fez a Virgem do rio sair
vivo et são et al rey vĩir
con sa garça que trouxe ben d'alén.

E foi-a dar log' al rei manaman
que bẽeizeu muit' a do bon talan
por este miragre que fez tan gran;
et todos responderan log' «Amen!

Ena gran coita sempr' acorrer ven
a Virgen a quen fia en seu ben.

CM. 232

Como un cavaleiro que andava a caça perdeu o açor et quando viu que o non podia achar, levou un açor de cera a Vila-Sirga et acho-o.

En toda-las grandes coitas
[h]a forcia grand' e poder
a Madre de Jeso-Cristo
de quen a cham' a valer,

Ca essas enfermidades
[h]a ela poder atal
que as tolhe et guarece
a quen quer de todo mal;
et outrossi enas perdas
ao que a chama val.
Et d'aquest' un gran miragre
vos quer' eu ora dizer.

En Trevin[h]' un cavaleiro
foi que era caçador
et perdeu andand' a caça
ũa vez un seu açor
que era fremos' e bõo;
de mais era sabedor
de filhar ben toda ave
que açor dev' a prender.

Des í era mui fremoso
et ar sabia voar
tan apost' et tan aginha
que non lh' achavan seu par
eno reino de Castela;
et un dia, pois jantar,
foi con el filhar perdizes
et ouve-o de perder.

Tod' aquel dia busco-o
mais per ren non o achou,
et foi-se pera sa terra
et seus omes enviou
buscá-lo a muitas partes;
et por el tanto chorou
pois viu que o non achavan
que cuidou enssandecer.

Assi passou quatro meses,
segund' eu aprendi,
que o buscou; mais ach[á-lo]
non pode, per com' oí;
et con coita mandou cera
filhar et disso assi:
«Faça-m'un açor d'aquesta,
ca o quer' ir oferer

Aa Virgen groriosa
de Vila-Sirga, ca sei
que se eu aquesto fazo
que meu açor acharei».
Et esto foi logo feito
et foi-ss' e, com' apres [h]ei,
foi aquel açor de cera
sobe-lo altar põer.

E rogou Santa Maria
chorando dos olhos seus
chamando-lhe: «Piadosa
Virgen et Madre de Deus,
Senhor santa et bẽeita,
mostra dos miragres teus
porque meu açor non perça,
ca ben o podes fazer».

Pois que sa oraçon feita
ouve, ar-tornou-ss' enton
a sa casa u morava,
chorando de coraçon;
et pois entrou pela porta,
catou contra un rancon
et viu seu açor na vara
u xe soía põer.

Quand' esto viu, os gẽolhos
pos' en terra et a faz,
loando Santa Maria
que taes miragres faz;
et aa vara foi logo
filhar seu açor en paz;
ena mão et á Virgen
começou a bẽeizer.

En toda-las grandes coitas
[h]a força grand' e poder
a Madre de Jeso-Cristo
de quen a cham' a valer.

CM. 243

Como uns falcõeiros que andavan a caça estavan en coita de morte en un regueiro, et chamaron Santa Maria de Vila-Sirga, et ela por sa mercee acor[r]eu-lhes.

Carreiras et semedeiros
busca a Virgem Maria
pera fazer todavia
seus miragres verdadeiros.

E de tal razon com' esta
avẽo ũa vegada
un miragre mui fremoso
que a Virgen corõada
mostrou cabo Vila-Sirga
per ũa mui gran geada,
como guareceu de morte
estranha dous falcõeiros.

Estes con el rei andavan
Don Afons' e seus falcões
tragian; et ar-caçavan
con eles muitas sações
sen el, mas por seu mandado:
aquestes dous conpan[h]ões
non quiseron chamar outro
et foron caçar senlleiros.

E pois foron na ribeira
u muitas aves andavan,
aas anades deitaron
os falcões que montavan;
desi deceron a elas
et assí as aaguavan
que con coita se metian
so o geo nos regueiros.

Quando esto os falcõeiros
viron, veeron aginha
et chegaron aa agua
cada un como viinha;
et britou-ss' enton con eles
o geo; mas a Reinha
chamaron de Vila-Sirga
que os valess', e certeiros

Foron ben que lhes valria;
pero ant' alı jouveron
ũa peça so o geo
que sair en non poderon;
mais chamand' a groriosa
os geos se desfezeron
et sairon ende vivos;
et log' a seus semedeiros

Cavalgaron. Des í foron
a Vila-Sirgu' e loores
deron a Santa Maria
que é Senhor das Senhores
que sempre nas grandes coitas
acorr' aos peccadores.
E pois est' al rei contaron
ante muitos cavaleiros.

Carreiras et semedeiros
busca a Virgen Maria
pera fazer todavia
seus miragres verdadeiros.

CM. 352

Esta é como Santa Maria del Viso guariu un açor d'un cavaleiro.

Fremosos miragres mostra
a Madre da fremosura
et grandes, ca [h]a vertude
do mui gran Deus sen mesura.

E d'est' un fremoso miragre
vos direi, se m'ascuitardes,
que fezo Santa Maria
et se í mentes parardes,
por mui grande o terredes
quant' en ele mais cuidardes,
et veredes com' a Virgen
[h]a poder sobre natura.

Aquest' a un cavaleiro
conteceu que vassal' era
d'un fi-de-rei, et por ele
fazia jostiça fera,
et que un açor mui bõo
ũa vegada lhe dera
que fôra d'un cavaleiro,
natural d'Estremadura.

Est' açor filhava garças
et ánades et betouros
et outras prijões muitas;
et nen crischãos nen mouros
atal açor non avian,
et davan de seus tesouros
muito por el, que lh'o dessen;
mas non avia én cura

O cavaleiro de dar-lh'o,
nen sol por aver vendê-lo;
mais avia voontade
d'ante seu senhor tragê-lo,
porque mui mais d'outra cousa
lhe prazeria d'avê-lo
ante que o aver outre,
ou perdê-lo per ventura.

E el con el cada dia
muit' a sa caça andava
et quantas aves podia
filhar, con ele filhava
pero foron ben dous anos
que o açor non mudava,
et o cavaleiro havia
d'esto pesar et tristura.

E meteu muitos dinheiros
en lhe fazer meezinhas
que nulha ren non valveron;
pois, no tenpo quand' as vinhas
vendimian foi-se con ele
aa Senhor das Reinhas
a sa eigreja do Viso
que jaz en ũa altura.

E quando chegou a Touro
ouv' outro gran desconorto
do açor, que non queria
comer et tal come morto
era, et o bic' inchado
muito, et o colo torto,
dizendo todos: «Mort' este,
se lhe dous dias atura».

O cavaleiro de cera
fez log' ũa semelhança
do açor et foi con ela,
avendo grand' esperança
ena Virgen groriosa,
et creendo sen dultança
que seu açor lhe daria
viv' e são sen laidura.

E foi-se logo con ela
quanto pôd' aa eigreja
da Virgen Santa Maria,
que é bẽeita et seja,
que lh' amostrou essa noite
mui gran mercee sobeja,
ca tornou o açor são
et a el tolheu loucura.

E demais fez-lh' outra cousa:
que as penas, que mudadas
ante aver non podera,
ouve-as logo deitadas,
et meteu outras tan bõas
et atan ben cooradas
que per ren non poderian
taes pintar de pintura.

Esto fez Santa Maria,
Madre do que formou suso
os ceos maravilhosos
et ar' pos a terra juso,
que miragres mui fremosos
fez senpr' e [h]a-o por uso
por nos fazer ben creentes
et guardar-nos de loucura.

CM. 366

Esta CCC et LXVI é como Santa Maria do Porto fez cobrar a D. Manuel un azor que perdera.

A que en nossos cantares
nós chamamos Fror das flores
maravilhoso miragre
fez[o] por uns caçadores.

E de tal razon com' esta
ũa maravilha fera
avẽo já en Sevilha
eno tempo que i era
el rei e que de Granada
de fazer guerra vẽera
aos mouros d'es[s]a terra
que i eran moradores.

E outros muitos genetes
que d'Africa i passaran,
ca todos filharon dano
d'ele qual nunca filharan
en pães, ortas e vinhas
e en quanto lhes acharan;
e pois aquesto foi feito,
el rei con seus lidadores,

Quand' este feito fezeron,
tornaron pera Sevilha
e el rei mui mal doente
foi i a gran maravilha;
mais guariu pela merçee
da que é Madr[e] e filha
de Deus, que o guarecera
já d'outras grandes doores.

Enquant' el guarecia
don Manuel, seu irmão,
vẽo i e foi enfermo;
e pois guariu e foi são
filhou-se con seus falcões,
que mudara no verão,
a caçar que é dos viços
do mundo un dos maiores.

E ind' a aquela caça,
levou poucos cavaleiros;
mais levou outra gran gente
de mui bõos falcoeiros
que levavan seus falcões
de garça, e ar grueiros,
mais ante que se tornasse
perdeu un dos melhores,

Que se foi da outra parte
d'Aguadalquivir voando
de guisa que foi perdudo.
Et andaron-o buscando
ben preto de tres domaas
et sempre apregoando,
cuidando que o achara
algun d'esses lavradores.

Que os achan a vegadas
e os tẽen ascondudos
e os van vender a furto
por non seeren conhosçudos.
Por-én mandou o Infante
que fossen aperçebudos
seus falcõeiros, et logo
filhou dos mais sabedores

E foi con eles a caça
ao chão de Tablada
en dereito da aldea
que Coira este chamada;
e viron da outra parte
no exarafe, coitada!
ũa ave que tragia
un falcon dos montadores

Por filhá-la. E tan toste
aquel falcon con[h]osceron
que era o que perderan,
et en el mentes meteron,
et o falcon e a ave
viron como se mergeron
et foron caer en terra.
Mais os que con[h]oscedores

Eran de conhoscer aves
que doral era ben viron:
e don Manuel e todos
logo merçee pidiron
aa Virgen do gran Porto
de que falar muit' oiron;
que se lhes o falcon desse
que de cera con loores

Un falcon lhe dessen feito
que mui de grado farian
e que ena sa igreja
ant' o seu altar porrian.
E pois esto ouveron dito
chamaron quanto podian
o falcon que lhes vẽesse;
mais macar braadadores

Eran muito en chamá-lo,
nen per siso nen per arte
sol vĩir non lhes queria;
ca falcon tra[l. tro] u se farte
da caça que á fil[h]ada
con medo que o enarte
o que o trage, en tolher-lh'a,
punha d'aver seus sabores

En comer quanto mais pode.
Mais don Manuel, con manha
d'aquele falcon avê-lo,
apartou-se da companha
et chamou-o mui de rijo;
et maravilha estranha
foi, ca log' a ele vẽo
en un campo u aradores

Con seus bois ali aravan.
O falcon passou agin[h]a
de Guadalquivir o rio
con seu doral que tiin[h]a
e pos-lo ant' o Infante
que loou muit' a Reinha
dos ceos Santa Maria
que é Senhor das Senhores.

A que en nossos cantares
nós chamamos fror das flores,
maravilhoso miragre
fez[o] por uns caçadores.

APÉNDICE III

Gastão de Fox

Transcrevi mais acima [1] o artigo da *Bibliotheca Hispana* [2] em que Nicolas António, repetindo dizeres de Jorge Cardoso, atribue a um eclesiástico bracarense a versão portuguesa de uma obra literária de *Gastão de Fox*—versão que, segundo o mesmo informador lusitano, fôra realizada por mandado del Rei D. Denis. Erra todavia no que acrescenta da sua própria lavra (como acontece quási sempre quando falamos sem conhecimento directo de causa). A data *antes de 1325* bem se vê que está exacta. Mas não a conjectura anacrónica de a obra indicada ser aquele afamado *Livre de Chasse* [3] que um Gastão de Fox compôs—predilecto de todos os *aficionados* da idade-média e do século XVI, por ser o mais completo, exacto e erudito tratado que existe, e por expôr as regras de arte com grande clareza e elegáncia. Erra também na

[1] P. 153.
[2] *Bibl. Vetus*, ed. 1696, vol. II, p. 98b, (ou ed. Bayer, II, p. 114; n.º 201)
[3] Única obra geralmente conhecida de Gastão de Fox.

classificação d'esse livro como *De cães e aves de caça* [1], pois na realidade só se ocupa de *Monteria;* mas esse êrro não é individual. Os copistas haviam confundido e amalgamado a obra do Senhor de Bearne com outra, anterior, de *Gace de la Buigne;* e o primeiro impressor, irmanando ambas, havia propagado, cêrca de 1500, a ideia que o *Phébus* e o *Roman des déduiz*, em que de facto se trata de montaria e de cetraria, eram duas partes da mesma obra [2]. Ao propagá-la, Nicolas António não se lembrava de que o autor do formoso *Livre de Chasse,* Gastão III (de alcunha *Phébus,* quer pelo seu cabelo de oiro, quer pela sua rara beleza geral), falecera em 1391, e que, segundo a declaração contida no Prólogo-dedicatória a Felipe de França, Conde de Flandres e Artois e Duque de Borgonha [3], ele a havia começado em maio de 1387 [4]. Nem tão pouco sabia que a segunda metade do chamado Roman *des deduiz de la chasse des bestes sauvaiges et des oyseaux*

---

[1] «Fuxii unicum laudatum opus novimus «De canibus & accipitribus, Gallicum ut par est credere».

[2] Ant. Vérard, Paris 1505 ou 1507. Vid. *Zeitschrift,* XII, 383-415. — Na obra de Gace de la Buigne ha um afamado debate sobre o valor superior da *Montaria* ou da *Cetraria,* em que é árbitro ou juiz o *Conde de Tancarville,* citado por Pero López de Ayala no cap. I (p. 155), tema capital que, de resto, já fôra tratado anteriormente no *Livre del Roi Modus et de la Reine Ratio.*

[3] 1363-1404.

[4] O exemplar, ricamente iluminado, de Felipe, o Audaz, foi trazido á península por Felipe, o Belo, que o herdara. Depositado em 1576 na livraria do Escorial por Felipe II, desapareceu em 1809. Ha (ou houve) todavia naquela opulenta biblioteca outros exemplares dos que foram dados pelo próprio autor a testas coroadas, ou copiados mais tarde, a favor de curiosos. Vid. Beer, *Handschriften-schenkung Philipp II an den Escorial,* p. XXXII (Serojas 91) e CXX (Inventario 219, 1); XXXII (Serojas 98) e CXV (Inventario 192, 3). Cfr. ib. XXX (Serojas 48). —Vejam também *Biblioteca Venatória,* III, p. LXXXI, onde se regista uma carta da Rainha de Aragão, D. Violante, ao Conde de Fox (*Comiti Fuxensi*), escrita en Monção (Montço) a 28 de Abril de 1339 (êrro por 1389), em que lhe agradece a remessa do seu *Livro da Caça.* — O Conde estava casado com D. Joana, filha de D. Violante e D. João I de Aragão. — Ainda ha outros documentos das relações literárias entre as duas côrtes. Em 1380, a Rainha acusava ao mesmo seu primo (*cosí*) a recepção do livro de Guillem de Maixant. (Entendo Guillaume de Machault, em voga então, como se vê nas obras do Marquês de Santilhana, e nas de D. João I). Em 1383 o Rei encomenda vários volumes; e em 1384 brinda o Conde com um *Marco Polo.* Vid. Beer, *Handschriften-schätze,* p. 91 (n.º 51 da biblioteca particular del Rey D. Juan I de Aragon). Bofarull y Sans, que ele cita, fala do *Libro de Caza,* de 1389, mas não com suficiente clareza. Uma *Crónica* do Conde de Fox existia na livraria de D. Martim II, de Aragão (Beer 53, n.º 184).

de proye, fôra composta anteriormente, entre 1359 e 1373, e dedicada ao mesmo Felipe, O Audaz (*Le Hardy*). Na sua mocidade: mas ainda assim decénios depois da morte de D. Denis.

Claro que o moderno investigador dos tratados neo-latinos de caça acompanha por isso o artigo de Nicolas António, que reproduz ao falar de Gastão Phebus, de uma nota crítica [1], sem saber explicar o caso.

Quanto aos verbetes manuscritos da *Biblioteca Lusitana*, de Jorge Cardoso, já deixei dito o preciso. A breve referência a Gastão de Fox, no artigo transcrito por Nicolas António, é elucidada pouco na sua obra principal.

No *Agiológio Lusitano*, nos parágrafos relativos a 22 de maio, ou por outra ás festas comemorativas da fundação da Sé de Evora [2], é que surge, na penumbra de uma anotação, um Gastão de Fox mais antigo, como autor de uma obra de teologia e filosofia cristã. Enumerando os Bispos primeiros da importante capital do Alemtejo, reconquistada perto de 1166 [3] pelo famigerado Giraldo Sem-Pavor, é que o investigador nomeia em primeiro lugar D. Sueiro, o qual assina documentos de 1166 e 1169 [4]; logo em seguida *Gastão de Fox*; e como terceiro um Pelayo ou Payo, ao qual escritores mais antigos haviam dado o lugar primacial [5]. Os restantes informadores omitem o seu nome, porque, sendo *Eleito* e indo a Roma, em missão teológica, foi morto no caminho, ao passar os Pyrenéus, a punhaladas de ladrões. Da sua sepultura na Igreja de S. Paulo de Tolosa [6] e do epitáfio, que ainda lá estava no século XVI, mas hoje é destruida, assim como de manuscritos perdidos ou ocultos, é que saíram as parcas notícias que d'ele subsistem.

---

[1] «Diese Uebersetzung widerlegt sich selbst durch ihr Datum. Cardosus' *schedae* sind mir unzugänglich, so dass ich der Sache nicht weiter nachgehen konnte». (*Zschr.*, XII, 410).

[2] Vol. III, p. 367, nota *A* (1666).

[3] Melhor seria dizermos: no reinado de D. Afonso Henríquez, entre 1147 e 1166.

[4] O foral de Evora de 1166 tem a assinatura de *Domnus Suarius, Elb. Episc.* Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 393.

[5] Por ex.: André de Rèsende, nas *Antiguidades de Évora*, cap. XV.— Gabriel Pereira, nos *Documentos Eborenses*, principia a lista dos bispos com D. Soeiro I (1166–1180); D. Paio (1180–1204).

[6] Toloseta, em Cantábria, diz o primeiro informador. Creio ser Tolosa de Guipuzcoa, na carreteira que vae de Espanha a França, tratada de «pequenina». Pelo menos, desconheço outro lugar com a forma deminutiva.

Outro amigo de Jorge Cardoso, o continuador da *Monarchia Lusitana,* Frei Francisco Brandão, havia mencionado Gastão de Fox, quási ao mesmo tempo, dando mais alguns pormenores[1]. Na *Quinta Parte* (1650), ao falar da actividade literária de D. Denis, escreveu o seguinte:

«Trabalhou El Rey D. Diniz muito por enriquecer a lingua Portugueza & a este fim mandou traduzir nella muitos livros, escritos em várias linguas, que hoje nos faltão. Em particular se traduzio por sua ordem da lingua arabiga a historia do *Mouro Rasis*, Chronista do primeiro Almançor Rey de Cordova, na qual se deo hũa noticia das cousas de Hespanha antiguas, mui necessaria. *Flavio Jacobo Eborense* no seu livro de poesias, impresso no anno de 1596 em Veneza diz que vio em Roma na livraria do Cardeal D. Miguel da Silva, nosso Portuguez, hum livro trad. de Arabigo em Portuguez por *Pedro Galvão* á instancia do mesmo Rey D. Diniz. Era author do livro *Gastão de Fox*, Portuguez de nação, mas descendente de Francezes, de Aquitania, principe dos Theologos do seu tempo, & insigne nas linguas Franceza, Hebrea, Latina & Arabiga, na qual escreveo por ser então vulgar em Hespanha. O livro era repartido em sete partes; nas 3 primeiras tratava de Deos & da immortalidade da alma; & nas outras fez huma concordancia dos ditos das Sybilas com os Profetas, & discorreo sobre o estado da bemaventurança & purgatorio. Diz q fora *eleito* Bispo de Evora em tempo del Rey D. Affonso Henriques &, inviado per seu Embaxador a Roma, morrera no caminho. O que diz deste author & de seu traductor tem algumas duvidas; comtudo a certeza de ser o livro traduzido por mandado del Rey D. Diniz, devia constar da prefação delle, & abona bem a curiosidade deste Principe».

Antes dos dois, João Pinto Ribeiro († 1649), o grande patriota, havia aludido, num belo discurso sobre a preferência das letras ás armas[2], ao saber do teólogo luso-francês, dando a conhecer, pela suspeita que os escritos d'ele andassem por ventura perfilhados no seu tempo *por quem se acreditou com os seus trabalhos,* que já na primeira metade do século XVII, não se sabia onde paravam os velhos códices.

Aceitando esse modo de ver, como verosímil, foi que o erudito Académico e consciencioso historiador da Universidade de Coimbra, Francisco Leitão Ferreira, lhe juntou a hipótese que o teólogo português, oriundo de príncipes franceses, haveria estudado quer no Colégio da Sé de Coimbra, quer no Mosteiro de Santa Cruz[3]. E

---

[1] *Monarchia Lusitana,* XVI, cap. III.

[2] Impresso em 1645.

[3] As minuciosas «Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra» começaram a saír nas *Memorias da Academia de Historia Portugueza* em 1729. As 639 páginas publicadas abrangem apenas a Primeira Parte. A segunda,

copia um trecho latino de Flávio Jacobo que havia descoberto vestígios do mal-logrado Eleito de Évora, primeiro nos Pirenéus, e mais tarde em Roma.

Aos dizeres dos quatro eruditos juntou Barbosa Machado apontamentos de João Soares de Brito [2], dos quaes resulta que o Cardeal D. Miguel da Silva, dono dos manuscritos, não consentiu que o citado humanista os trasladasse [3].

No século passado tornou-se a falar naturalmente de Gastão de Fox. Bastará citar Francisco Freire de Carvalho, no seu *Primeiro Ensaio sobre Historia Litteraria de Portugal* [4], e T. Braga, na *Historia da Universidade* [5].

O consenso de varões tão distinctos pouco significa comtudo, porque todos se baseiam, directa ou indirectamente, em *Flávio Jacobo*, ou por outra em Diogo Pires (1517-1607). A veracidade d'este Eborense nunca foi impugnada por ninguém.

Letrado, de origem judaica, primo e correspondente do grande Amato Lusitano [6], ele abandonou a pátria em 1535, com receio da Inquisição, cuja entrada próxima em Portugal amedrontava com razão os Cristãos-Novos. Nas suas peregrinações através da Espanha, França, Flandres, Inglaterra, Constantinopla, Palestina e Italia, onde estabeleceu residência, primeiro em Ferrara, depois em Ragusa, encontrou — não sei se por acaso — vestígios do afamado teólogo, seu conterrâneo, ao visitar a já citada Igreja de Tolosa ou Toloseta. Lá leu o epitáfio: *Gastonis Foxis Lusitani a latronibus interfecti ossa hic quiescunt. Vixit an.* LXIV *mens.* X *die(s)* XXIV. A sua curiosidade, excitada pelos lacónicos dizeres da lápide funerária, foi satisfeita muito mais tarde, e mediocremente.

---

autógrafa, existe na Biblioteca Nacional de Lisboa (com o n.º 626). D'ela foi extraída, e está em publicação, *A Vida de André de Rèsende*, graças ao admirável zêlo de Anselmo Braamcamp Freire.—Vid. *Archivo Historico Portuguez*, n.º 80 e seguintes.

[2] Letra G, n.º 34.

[3] Barbosa Machado, II, 376.

[4] Lisboa 1845.—Vid. pp. 45 sgs. e 290.

[5] P. 58.—Freire de Carvalho dá os títulos em português. Theóphilo Braga, um único, em latim muito deturpado.

[6] Vid. Maximiano de Lemos, *Amato Lusitano*. Porto 1908, *passim*. Ele baseia-se nos apontamentos que A. Portugal de Faria fez imprimir com o título de *Portugal e Itália*, Leorne 1905.—Em *Jewish Encyclopedia* se registou *Flavius Eborensis*. Kayserling não o incluíu na sua *Biblioteca Española-Portugueza-Judaïca*.

No palácio de D. Miguel da Silva, na preciosa livraria do nobre Cardeal, a quem Castiglione havia dedicado o seu *Cortesão* [1], viu as obras teológicas do ducentista eborense; mas debalde mostrou desejos de as trasladar. Desgostoso dedicou-lhe pelo menos um poema, acompanhado de anotações em prosa. Numa d'elas diz: «Porro Foxœius hic sub Alfonso primo Portugalliæ Rege vixit a quo Eboræ patriæ meæ Episcopus designatus et orator Romam missus (ut erant ea tempora turbulenta) a latronibus in itinere confossus est» [2]. Entrou numa colecção de *Dísticos Moraes* em latim, que publicou em Veneza, no ano de 1592, com o título de *Cato Mayor*, sob o nome de *Jacobus Flavius* [3]. Segundo o costume da época grecizara a princípio o seu nome, traduzindo o vulgaríssimo *Pires* com *Pyrrhus* [4] (*o Ruivo*), ou *Pyrrhus Lusitanus* [5]. Depois preferiu latinizá-lo, hesitando então entre Jacob Flavius, o *Ruivo* [6], e *Jacobus Eborensis* [7]. Tantas variantes induziram em êrro o bibliógrafo principal da literatura portuguesa [8].

Não me é dado reproduzir agora o Poema, como era meu propósito. Nem sei dar notícias novas a respeito de Gastão de Fox, sua suposta obra arábica, a versão portuguesa, e a redacção latina, destinada a torná-la conhecida entre os Humanistas [9].

---

1 A vida acidentada d'este Português já deu matéria para muitos artigos, mas ainda não teve o biógrafo que merece.

2 Leitão Ferreira, §§ 7-8.

3 P. 126. — Outra colecção de dísticos saíu em Veneza (1596) com o título de *Cato Minor*.

4 A primeira colecção de versos latinos que fez imprimir (Ferrara 1545) tem por título *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum Liber unus*. Apud Franciscum Rubrum. — Pela descrição, dada na *Revue Hispanique* (IX, 491), por Hugo Vaganay, vejo que era aparentado com o celebérrimo Vaseo. — Assim se chama também numa Elegia, em louvor de Quinto Calabro, o afamado continuador da *Iliada*, cujas obras saíram em 1639, em Anvers, das oficinas de Juan Steelsio. Já o mencionei a p. 11, ao falar de Jordão de Calábria.

5 Vid. *Amato Lusitano*, p. 10.

6 *Monarchia Lusitana*, Parte V, liv. XVI, cap. III; e Fonseca, *Evora Gloriosa*, p. 411; Innocencio da Silva, *Diccionario Bibliographico*, III, 249.

7 *Notizie istorico-critiche sulle antichità di Ragusa*, II, 324.

8 Vid. *Bibliotheca Lusitana*, II, 79 e IV, 103. Registando-o com o nome de Flávio Jacobo talvez se deixasse influir pela lembrança do historiador dos Judeus, que é costume intitular *Flavius Josephus*.

9 Duvido da exactidão d'essas notícias; isto é, do poliglotismo do antigo teólogo, apesar de obras scientíficas escritas em árabe, vertidas primeiro para latim e depois para romance, serem freqüentes. Em todo o caso, o antigo texto latino estava perdido quando D. Miguel da Silva se resolveu a retroverter a redacção portuguesa.

Certo é apenas que Jorge Cardoso tinha em mente a obra teológica do prelado português de 1180 [2]. E não o tratado cinegético do Príncipe de Bearne, de 1387.

O suposto tradutor bracarense Pedro Galvão — arcediago, e não arcebispo [3] — passou por lapso a *Dionýsio,* na prosa de Nicolas António. Talvez porque as notas abreviadas que extraíra das papeletas de Jorge Cardoso, rezavam lacònicamente: *Galvão. Dionys.*

APÉNDICE IV

Isaac Almansor

Falo de erros e de dúvidas, e tenho a ousadia de aventar hipóteses, para que outros as resolvam e me rectifiquem [4].

Um êrro evidente de Quetif, a que deu curso Rodríguez de Castro, e recentemente Gabriel Pereira [5], consiste na fusão em um só título de dois que haviam de caracterizar as últimas parcelas do códice medicinal parisiense 7249 (agora 212).

Das palavras iniciaes da 3.ª que, ocupando apenas as fls. 109-112, trata da *cura de aves de caça,* e da rubrica final da 4.ª, que é um tratado *de medicina,* chamado *Almanssor* ou *Isaac* ou *Rasis,* fizeram o monstro que já apresentei ao leitor: [6] «Assi comensa lo libre del nudriment e de la cura dells ocels los quals se pertanyen a caça, id est de cura accipitrum aviumque aucupum liber unus ... in librum Isaaci filii rege jubente Almassore scriptum ex Arabico translatum a Gallieno ... de Cremona».

Onde eu pus pontos ... ha omissões, a meu ver. Na primeira lacuna, Quetif talvez quisesse pôr: «e acaba». Na segunda ... Mas vejamos o caso um pouco mais de perto. Na sua exacta descrição do códice, Morel-Fatio separa claramente os dois tratados,

---

[2] No século XIII, outro Gastão de Bearne — o sétimo visconde d'esse nome (1290) — tomou parte nas empresas de Alfonso X. — Vid. *Cancioneiro da Vaticana,* Cant. 466 e 1000.

[3] Foi Freire de Carvalho que o transformou em arcebispo. Que eu saiba, não houve nenhum d'esse nome.

[4] De dois médicos portugueses que nos últimos anos se dedicaram a investigações literário-scientíficas — Maximiano de Lemos e Ricardo Jorge — talvez um se veja tentado a empreender essa campanha.

[5] *Aves de Caça,* p. 4.

[6] A p. 162. Com lapsos de Rodríguez de Castro, que aqui emendo.

sem deixar margem para dúvidas [1]. Mas quanto ao segundo salto, não se afasta dos predecessores; pois diz: «Lo libre que es dit Almassor trasladat per mestre Galien de Cremona en Toledol (sic) de arabic en latin ...». É pois certo que assim está desde fim do século XIV (ou princípios do XV) no traslado que possuímos. O velho copista saltaria por descuido de um «per» a outro «per» ou de um «trasladat» a outro, omitindo «per Galien de Mayorcha de latin en romans catalanesch ...» [2]. A obra escrita em arábico no século XI, talvez por um sábio Judeu, creio que foi latinizada no século imediato pelo indefesso tradutor Gerardo de Cremona [3], e vulgarizada no reinado de Jaime o Conquistador pelo mesmo Galien de Mayorca que verteu os escritos de Frei Theuderique — a *Cirurgia,* e também, provàvelmente, a *Alveitaria* e a *Cura das Aves de Caça* — isto é, tudo quanto está no apógrafo que existe na *Bibliothèque Nationale.*

As dúvidas duplicam-se, para mim, com relação ao original. O investigador francês estabeleceu que se trata de uma versão (em trinta e sete capítulos) do *Tractatus Primus: De figura et forma memborum* — anatómico portanto, e talvez cirúrgico, como os outros tres que o aprendiz de cirurgia estudava, — do *Liber Abubecri Arazi filii Zacharie, qui ab eo Almansor vocatus est, quod regis Mansoris, Isaac filii, precepto editus est, translatus ex arabico in latinum apud Toletum a Gerardo Cremonensi,* etc. [4]. — No resto da epígrafe catalã, que os editores de Lyon e Quetif traduziram, expõe-se igualmente depois de *latin* ... a origem do título Almansor: «qui es appellat Almassor per so col rey Almassor lo feu fer al fyl de Isaach». Desastradamente, se eu, pontuando de modo diferente o texto latino, entendo bem que Gerardo de Cremona traduziu do árabe em latim — conforme já se disse — uma

---

[1] *Catalogue,* p. 33.

[2] Exemplos de taes descuidos? Quem não os conhecer, pela própria experiência, que m'os peça, e ministrar-lhe-hei centenas. Sobretudo em livros traduzidos de português em castelhano: na *Destruição de Jerusalem,* na *Demanda do Graal,* no *Palmeirim de Inglaterra,* etc., etc.

[3] De *Cremona,* e não de *Carmona,* como se julgava no século XVIII (c. 1187). A respeito d'esse latinizador de setenta e seis textos árabes (entre elles Galeno e Avicenna) consultem, além de Nicolas António, II, 263: Menéndez y Pelayo, *Heterodoxos,* I, 404; Groeber, *Grundriss,* II[a], 255 e 257; Beer, *Handschriften-Schenkung,* p. LVIII; Gallardo, *Ensayo,* II, Apéndice, pp. 5 e 64 (Bibl. Nac. de Madrid, L. 14, 63); Fabricius, II, e Wüstenfeld, *Die Uebersetzungen arabischer Werke in das Lateinische* (Göttingen 1877).

[4] Lyon 1511; f. 1–20 v. Não consegui vê-lo.

obra que fôra composta originàriamente (em árabe), segundo as ordens de Isaac, filho del rei Almansor, por Abu-becr, de sobrenome *Rasis,* filho de Zacharias.

A multiplicidade das indicações levou os eruditos medievaes a darem ao tratado títulos abreviados muito diversos como *Almansor* [1] — *Rasis* [2] — *Isac* [3] — *Rasis Almansor* [4] — *Isac Almansor* [5] *Abubecrus Rasis* [6]. E, como houvesse mais de um *Isac*, os bibliógrafos confundiriam ás vezes com esses o filho de Almansor, afamado como médico e como escritor.

Aos leigos é impossível apurar que autores são os que nos catálogos de livrarias medievaes e quinhentistas figuram como autores de tratados medicinaes com os nomes Mahamet-Aben-Isaac Judio [7], Mahamet Aben-Zacharia Judio [8], Zacharia Arazi [9], Isaac-Aben-Çulayme (ou Ibn-Sulaiman) Judio [10], Joseph hijo de Isac Judio [11], Aben-Çulayma Almançor [12], Isaac Judio [13].

Os peritos que falem!

---

1 Bibl. Nac. de Madrid, L-65-70.

2 Garcia da Orta cita *Rasis* e *Isac.*

3 T. Braga, *Universidade,* p. 229.

4 Beer, *Handschriften-Schenkung,* p. LVIII, n.º 116,8 : *Rajsis Almansor traslatus a Magistro Gerardo Cremonensi Toleti;* e 9, *Almansoris e Rajsis Opera De arabico in latinum translata Toleti per magistrum Girardum.*

5 *De febribus;* mas também *De febribus et de aliis ad medicinam spectantibus* ou *De Medicina.* Vid. Beer, *Handschriften-schätze,* p. 508; *Handschriften-Schenkung,* pp. CVII e CXXI. No *Inventário* do Escorial cita-se entre os livros do lote n.º 178 (Médicos en castellano, de mano en folio) como volume terceiro, en papel: «Isaac *De febribus,* y otros tratados de medicina y receptas, de letra antigua; traduzido de arábigo en lat. por Maestre Costantin y de latin en romance por Maestre Pedro». — Acêrca de *Constantinus,* de cognome *Afer* ou *Africanus, monachus Cassinensis,* vejam Nicolas António, II, 374; *Grundriss,* IIª, 258, e *Fabricius,* II, 391.

6 Vid. Fabricius, III, 38, *Practica et Antidotarium Abubecri Rasis.*

7 Beer, *Handschriften-schätze,* 224, 31 (año de 1264).

8 Ibid., n.º 224, 26, 28, 29, 32, 33 e 35.

9 Ibid., n.º 224, 39 (Murcia DXC !).

10 Ibid., n.º 224, 41 (Toledo 1267).

11 Ibid., 224, 52.

12 Ibid., 224, 48. Cfr. Rodríguez de Castro; A. de los Rios, *Judios,* p. 229; T. Braga, *Universidade,* I, p. 230; Beer, *Handschriften-schätze,* p. 508.

PARTE II — ESTUDOS ETIMOLÓGICOS

Contribuições para o futuro Diccionário Etimológico das Línguas Românicas Peninsulares

I

ALBARRAZ — FALPARRAZ — PAPARRAZ

A mais eficaz entre as ervas-piolheiras — *Delphinium staphisagria* —, cuja semente se emprega em pós e como untura [1], tinha entre os Árabes e Mouriscos o nome de حب الراس, *habb-ar-râs*, «grão da cabeça». O vocábulo, divulgado pelos médicos, alveitares e farmacéuticos, mouros e judeus, tomou na península formas muito variadas, por causa das dificuldades na nacionalização do som gutural da primeira sílaba, mas também em virtude do etimologizar fantasioso do povo, e do desejo inconsciente de distinguir o termo botánico e farmacéutico de outro muito parecido, mas de origem e significação diversa. D'este (*al-baraç* البرص, «lepra branca») falarei em artigo independente (Alvaraz).

Na evolução fonética de *habb-ar-râs*, o *h*, fortemente aspirado, pronunciava-se ora *f*, ora *h*, que, como de costume, breve se volatilizou por completo [2]; *bb*, tornado medial, foi simplificado, ou abrandado em *v* (neste país, todo de branduras); o *rr* conservou-se, quer duplicado, quer simples; o *sin* final foi em regra pronunciado *z* [3]. — As modificações irregulares, promovidas pelo influxo de outros vocábulos, consistem na conversão do *a* (*ha*, *fa*) inicial no artigo *al-* (em centros espanhoes onde a princípio haviam pronunciado *abbarraz*). — Assim dividido, erròneamente, em *al* + *baraz*,

---

1 Hoje chamam os primeiros, *pós de Joanne*; e a última, *pomada de Joanne*.

2 Em Espanha. — Em Portugal o *f* condensou-se.

3 Em Espanha ficou *s*, em muitas palavras.

coincidia com o já citado nome do *fogo salvage, fogo de S. Marçal,* tão freqùente na idade-média. Para diferençarem os dois, carregariam com tanto vigor no *b* (*v*) que resultou a explosão forte, soando *alparraz*. Da fusão d'este com *fabarraz* saiu *falparraz*. Mas como *falpa* não desse sentido assaz compreensivel ao vulgo português, o povo passou a dizer *paparraz,* pensando no imperativo *papa* de *papar,* «comer». *Râs* era-lhe familiar em *aguarás* [1]. Desde que *s* e *z* se fundiram num único som, mais de um gracioso entenderia e diria *paparás* (subentendendo *tu*: 2.ª sing. do futuro).

Claro que nem todas essas formas históricas figuram nos *Diccionários* [2]; e que mesmo as de facto registadas carecem de exemplificação. No da Academia Espanhola ha a moderna *albarraz* [3]; das antiquadas apenas *abarraz* [4], que seguramente não teve vida prolongada.

Don Juan Manuel emprega *habarras* e *habarraz* repetidas vezes no capítulo (XI) dedicado ás enfermidades das Aves de Caça. «Et si por este non guarescen usan agora de echar le habarras por las bentanas» (p. 55, 23) [5]. — «et tienen que [sc. la ruda] es mas sin peligro que el habarras» (ibid., l. 26). — «et despues destemprar el habarraz en el agua tibia» (p. 56, 6). — «Et por esta razon dice Don Johan que es mejor la melecina del habarraz que non la otra» (p. 56, 3). — «Otrosí echarle habarraz para sagudir el agua de la cabeza» (63, 18).

Ayala prefere *favarraz:* «una onza de favarraz molido» (p. 215).—«otros dejan de darle el favarraz» (p. 218). — «A las veses acaesce que dan los cazadores á sus aves más favarraz de lo que cumple» (p. 241).

Mestre Giraldo havia empregado nos passos correspondentes *falparaz, falparraz*. Os caçadores não dão ás aves «seu falparraz quando lhes compre» (cap. I); ou ás vezes lançam «o falparraz aas aves mais forte do que convém ... e elas quando lhes asy lançam o falparaz nom queren sacudir» (ibid.) [6].

---

[1] Os panos de *Râs* (= *Arras*) são muito posteriores e nunca podiam ser populares.

[2] Cfr. Dozy, *Glossaire*, p. 31. Na lista dos *Nomes triviaes de plantas*, elaborada por Brotero (no *Compéndio de Botánica*, vol. II, p. 325-355), ha quási todas, algumas no plural, que costuma designar medicamentos, feitos de muitas sementes. Vid. *albarazes, alvarazes; alvarraz, fabaraz, paparaz*.

[3] Ela já existia no tempo de Alfonso XI. — Vid. *Monteria*, p. 173.

[4] Não posso documentar essa forma.

[5] Ed. Baist. (= p. 86 da *Bibl. Venatória*. Os outros passos a pp. 87 e 97).

[6] Pp. 12, 16; 13, 23 e 26.

No tempo de Ferreira já se dizia *paparraz*, como se vê do cap. I da parte IV [1].

Seria notável, se em Catalunha dissessem *papárra* [2], com troca do acento, em lugar de *paparrás*. Suspeito todavia que seja mera palavra de papel, abstraída da grafia *paparras* por alguém que, desconhecedor do vocábulo, julgou reconhecer no *s* o indicador do plural. A correspondência com o vocábulo português é digna de nota.

*

Ignoro o que sejam «figos alvarazes» [3]. Só conheco *figos alvares.*

II

ALCAFAR

Quatro passos do *Livro de Alveitaria* servem para confirmar a definição do termo (como parte do lombo em que estão os rins), que dei nas *Contribuições*, I, p. 49.

«Se [o cavalo] tever a manjadoira baixa engordará e cobrará per hy mais em alcafar» (p. 9, 34).

«. . . mais engrosará ho cauallo no alcafar e nas partes derradeiras» (9, 40).

«E assy pareçe que mais engrosará ho cauallo no alcafar e nas partes derradeiras, teendo a manjadoira e[m] a estada baixa de deante» (9, 40-42).

«E o alcafar [deue de seer] longo e ancho» (16, 22).

Insuficientemente explicado no *Glossaire* de Dozy, como mostrei, falta por completo no *Lexicon Etymologico* de Frei João de Sousa.

III

ALCÁNDARA — ALCÁNDORA — ALCANDÔRA

A forma com *a*, usada por Mestre Giraldo, como nome usual da vara ou do poleiro do falcão [4], é a primitiva, a única existente em Espanha, e a que mais de perto se cinge ao étimo árabe *al-*

---

[1] Duas oitavas de *paparraz* (vol. II, p. 7). Frei João de Sousa escreve *paparaz* nos *Vestigios da lingua arabica em Portugal* (1789).

[2] Assim está no *Diccionário* de Esteve y Belvitges.

[3] Brotero, *Nomes triviaes*, p. 327.

[4] *Caça*, p. 10, 21; 12, 14; 14, 1; 21, 22.

kándara, الكندرة [1]. Todavia não é justo banir como errónea a alterada com *o*, como pretende o editor do *Livro das Enfermidades das Aves Caçadores* [2]. Mais de um lexicógrafo regista mesmo exclusivamente esta [3], por haver sido a preferida por Diogo Fernández Ferreira, na sua *Arte de Altaneria* [4]; e também porque todos os derivados tem *o* (*alcandorar-se, alcandorado, alcandoradamente*). Quanto á dissimilação praticada, confira-se *cômaro, cômoro* < *cumulus*; e também *véspora, véspara, avéspara*, formas vulgares de *abespa, bespa*. O sentido derivado de *alcandorar-se* = empoleirar-se, guindar-se a grandes alturas, deu lugar á bonita etimologia popular *alcondorado*. — Do Perú, onde nasceu, á vista dos *condores* dos Andes, talvez ainda passe ao velho mundo.

*

Aproveito o ensejo para lembrar que o nome da peça mourisca do vestuário varonil e mulheril que se escreve *alcandora*, deve ser pronunciado *alcandôra*, visto ser *candúr*, قندور (ou *candûra*), e *ta-candur* entre os Berberes [5]. Camisa de pano de linho, em geral com gorjeira, ás vezes de quatro, ás vezes de oito nesgas, e pespontada, conforme as descrições nas *Posturas de Évora* [6]. A forma *alcandieira*, que se lê uma vez nos extractos publicados por Gabriel Pereira, é mero lapso de escrita.

IV

ALCATENIS — ERVATUNIS

Para efeitos resolutivos em casos de inflamação, provocada por qualquer pisadela, entaladela, *encalçadura*, espinha ou *estrepe*, etc., empregava-se uma planta, esmagada, mexida com manteiga e es-

---

[1] Dozy, s. v.

[2] Gabriel Pereira diz no seu *Glossàriozinho: alcandara* e não *alcandora*. (Sem acentuação).

[3] Moraes, F. A. Coelho, Candido de Figueiredo, etc. O primeiro, seguido de outros, acentua erradamente *alcandòra*.

[4] Centenas de vezes. Baste remetermos o leitor á *Advertência preliminar* (p. 19), onde diz: «Ao pau em que costumam pôr e atar o falcão [chamam] *alcandora*».

[5] Dozy, *Glossaire*, p. 84 (sem acentuação, como em geral nessa bela obra, que merece 3.ª edição, melhorada ainda). — Não está no *Lexic. Arab. Lat.* de Freytag.

[6] *Documentos Eborenses*, I, p. 140.

tendida assim em forma de emplastro. O veterinário de D. Denis diz no cap. XXXV: «Outrossy lhe presta pera esto a rrajz da canavea e da erua tunjz» (p. 44, 3-4). E novamente no cap. XLVII, relativo a espinhas nos joelhos: «E outrossy val pera esto a rrayz da canauee e a rrayz da erua tuniz» (p. 51, 4-5).

Estou convencida de que no complicadíssimo tratamento de cravos nos pés de aves caçadoras se empregava a mesma composição, ou outra parecida. No primeiro dos cinco actos, de que ele constava, arrancavam os cravos por meio de diversas cataplasmas; depois, uma porção de verdete [1] havia de morder e comer as carnes podres da cova; no terceiro acto auxiliavam a criação de carne nova por meio «do *catanez* que acharás nos solorgiaaes» [2]. No quarto, o emplastro *diaquilom* [3] igualava essa carne. No quinto, outro emplastro, composto de muitos ingredientes, encoirava-a tesamente.

Na adaptação de Pero López de Ayala (cap. XXXV), que diverge bastante, falta (por lapso) a scena principal do quarto acto. No trecho respectivo o chanceler servia-se (salvo êrro) do nome *al-catenis,* em lugar de *o catanes,* porque esse nome de planta, semente de planta, ou antes de um medicamento preparado com as sementes da planta, figura na lista das cousas indispensáveis ao bom caçador [4], sem ter sido nomeado no texto.

Ferreira abrevia (por não compreender), omitindo o medicamento de que trato [5].

Onde o tornei a encontrar foi no *Libro de Monteria,* de Alfonso XI. No cap. XXIII da parte I do livro II recomenda-se ao bom monteiro que, em casos de quebradura nas mãos ou nas pernas do cão, aplique á chaga «cada dia dos veces de la melecina que dicen *alcatenes* et sea hí puesto aceche con ello» [6]. E no capítulo imediato diz que quando a «espátula sair do seu lugar a endireitem, pondo-lhe depois de los *alcatenes* con el aceche» [7].

E tornei a dar com ele, nuns versos dirigidos ao próprio Pero López de Ayala, depois de ele haver dissertado sobre unguentos,

---

1 Vid. *Azevre* e *Azinhavre.*

2 P. 21, 2 (cap. XII).

3 Hoje prefere-se escrever *diachylon,* á grega.

4 P. 343, 3.

5 Cap. XVIII, (II, p. 29).

6 P. 251.—*Aceche, aciche,* nome árabe do vitríolo, ocorre também nas *Enfermidades,* de Mestre Giraldo, p. 21, e em Ayala, p. 268.

7 P. 253.

bizmas, bálsamos, chagas, no seu *Libro de la Caza de las Aves*. Não digo bem: torno a dar com ele na resposta que o «Velho» deu a Fernan Sánchez de Calavera [1]. Esse havia pedido (num longo poema [2] de quatorze oitavas castelhanas com *finida*) [3] explicação dos mistérios da predestinação e do livre alvedrio, descrevendo as dúvidas que o atormentavam, como chaga do seu coração; e conselhos que lhe servissem de medicina, unguento e bálsamo.

E pues me non curan las melesinas
sobr'esto á mí dadas [4] ssyn que lo meresca,
por vuestra mercet de otras mas fynas
me fazed vos graçia porque non padesca,
tales que cierre la llaga e encoresca
por vuestro sseso, que de otro non curo;
e mandat poner del bálsamo puro
en ella, por tal que sseñal non paresca.

Ayala responde em outras tantas estrofes, e pelos consoantes, á maneira galego-portuguesa. Eis as estrofes 5 e 6:

E sy la llaga aun non es madura
de aquesta dubda que agora tenedes,
poned del balsamo, olyo e untura
de buena creençia, e luego podredes
amansar el dolor, e vos folgaredes;
e vos non curedes d'espender en ocçio
el vuestro tiempo, e un buen xicrocio
de la penitençia en ella pornedes.

E ssy en tirarse la ffea materya
de vuestra llaga aun [5] se porffya,
cortad [6] con lança la dura arterya
que saque el venino [7] e guaresçerya.
E con este inguente mucho valdria
el *alcatenes* de grant contriçion;
e devota bidma de la conffesyon
por mi consejo ally se pornya.

(N.º 518)

---

[1] Talavera?
[2] Vid. *Cancionero de Baena*, n.º 517.
[3] A *fiinda* das cantigas galego-portuguesas.
[4] Na ed. de Madrid ha *darás*, o que é êrro evidente.
[5] Na ed. de Leipzig está *é aun*.
[6] Ibid., *cortadat*.
[7] Na ed. de Madrid, *vennino*.

No Vocabulário que acompanha a edição de 1851 ha a seguinte glosa:

«*Alcaten* ó *alcatenes*. Pronunciado *aljaten* vale tanto como cortadura, sajadura que se hace al tiempo de la circuncision; del verbo arábigo *jatana*, que significa *circuncidar*».— 554.

Pela página indicada vê-se que o intérprete tinha, de facto, na mente o texto de Pero López. Sem isso... eu duvidava! — *Alcatenès* — como penso devemos ler no verso citado — não pode vir de ختن, *jatana*, «circuncidar».

Dozy bem o reconheceu; mas, não sabendo dos passos de Mestre Giraldo, imaginou que o vocábulo devia ter o significado primordial de «unguento» ou «emplastro» [1]. E imaginou mais que *alcatenes* seria má leitura de *albareme* por *al-marham*, المرهم! Conjectura que não se pode sùstentar.

O catanes, el alcatenes, que veio a ser *erva tuniz* em português, por influência de dúzias de nomes botánicos que principiam com *erva* [2], é uma planta medicinal, empregada na polifarmácia medieval, para unguentos, bálsamos, cataplasmas.

Nada mais pude apurar até agora. Não é impossível que as primeiras duas sílabas (*alca*) correspondam a عرق (*arq, irq* = «raiz»). — Neste caso formariam grupo com *alcaçuz*, عرق سوس, *glycyrrhiza* [3]. Como todavia ignore o que seja *tanês, tenês, * tenîs, tuniz*, deixo a decisão em aberto [4].

V

ADRAGUNCHOS

Glándulas engorgitadas, quer no peito, quer nas pernas, ou nos braços, fàcilmente movediças, quando a mão do médico as apalpa,

---

1 *Glossaire*, p. 87.

2 Abra quem quiser o *Compêndio* de Brotero ou o *Novo Diccionário*. Lá encontrará oitenta *ervas* —, mas nenhuma que se pareça com *tenes, tuniz, catanes*. — Será a que hoje crismaram de *turca?*

3 Freytag, III, 143.

4 Na curiosa lista de *preços das mèzinhas*, elaborada pelo Doutor Mestre Rodrigo, físico-mor de Évora em 1497, não encontro nada que nos esclareça. (*Documentos Históricos da Cidade de Évora*, III, p. 75-80). — Ferreira recomenda no trecho modificado, tanto o famoso *unguentum apostolorum*, assim chamado por constar de doze ingredientes, como o de *tutia* e o unguento *amarello* — que não faltam na lista citada. — Mas isso, que prova?

eram consideradas pelo povo como bichos que espontàneamente se criavam entre o coiro e a carne: *bechôcos* [1], vermes, lombrigas, serpentes, dragõesinhos.

Um dos nomes que por isso lhes davam era *dracúnculos: dragunchos* [2], com prótese de *a*.

Mestre Giraldo trata dos adragunchos no cap. XII [3] do *Livro de Alveitaria* (p. 4, 13) [4], e no imediato do adraguncho *voadio* (*vom fliegenden Drachen*) [5]. «E esta jnfirmidade chamam em latim *vermis*». Mais de uma vez fala das cabeças dos adragunchos (27, 24, 32). — Cfr. VURMO e SAPINHOS.

VI

ALFARROBA — ALGARROBA

É mero suplemento ao artigo LADELA, sem novidade etimológica, visto que Dozy tirou bem ambas as palavras do mesmo étimo árabe (*al-haruba*, الخروبة) [6] e Gonçálvez Viana já registou a variante *ferróba*, sem artigo, e com vogal pretónica reduzida [7].

Por achar os artigos citados excessivamente concisos, e para que na segunda edição do *Novo Diccionário* e *Diccionário Prático* entre o desprezado *algarroba*, vou glosá-los levemente. Os Portugueses, quero dizer, o povo português distingue entre *algarroba* e *alfarroba*.

A *alfarrobeira* — *Ceratonia siliqua* — com o seu fruto, *alfarroba*, adocicado e farináceo, que constitue um alimento admirável para o gado, a mais importante das árvores forrageiras, é cultivada em todo o litoral mediterráneo da península, mas sobretudo no Algarve. Do fruto, uma grande vagem castanho-escura com sementes da mesmo côr, fabricam até, para exportação, bolos nutritivos. O nome topográfico *Alfarrobeira* é bem conhecido, pela fatal batalha civil que ahi se feriu (1449) [8].

---

[1] No Algarve *bexóco* designa o *furúnculo*.
[2] Cornu, § 93.
[3] Leia-se duodécimo, terceiro décimo, quarto décimo, etc.
[4] 26, 28, 33, 34; 27, 4, 24, 32, 34; 28, 37.
[5] P. 4, 14; 20, 18; 28, 12, 17, 20.
[6] *Glossaire*, p. 121.
[7] *Apostilas*, p. 456.
[8] Extremadura. Ha no sul de Portugal mais oito localidades d'esse nome. E, além d'isso, *Alfarrobeiras*.

A *algarroba*, de fama apenas local, tão pouco divulgada que não figura nos diccionários [1], e não serviu para denominações topográficas, é pelo contrário uma planta anual leguminosa, *Ervum monanthos*, cujo fruto, ervilha pequena côr de café escuro, tem semelhança vaga com o da ceratónia, no aspecto geral e no gôsto açucarado, assim como nas suas qualidades alimentares. Com a diferença, porém, que o grão se aproveita só para pombas, e que a planta inteira, verde ou em feno, se dá a cavalos, mulas, burrinhos. Vi a planta em Freixo de Numão, Linhares, Urros, Moncorvo, isto é, na região fronteiriça de Trás-os-Montes.

Recapitulando:

A ceratónia *algarroba*, ou *garroba* de Castela, *garrofa* em Valença e toda a costa mediterránea de Espanha, com *garrofero* e *garrofines*, chama-se em Portugal *farroba, ferroba, alfarroba*, com *alfarrobal, alfarrobeira*. Também ha o verbo *alfarrobar*, aplicado a linhas de pesca; mas falta nos diccionários. A ervilha-lentilha, que em Espanha aparece como *algarrobilla*, é em Portugal *algarroba*. Só a primeira passou á França como *caroube;* á Alemanha como *Karobe*. Na Galiza aplicaram o nome a outras papilionáceas, por ex. á *Robinia pseudo-acacia*.

VII

ALFÁVEGA, ALFAVA — ALFAVACA, ALBACA

É um dos casos em que do mesmo tema árabe, com ou sem o *ĩ* de unidade, saíram duas formas románicas, de sentido igual, mas de vocalização e acentuação diversas. A proparoxítona, usada no período arcaico da língua portuguesa, subsiste em algumas regiões, na boca do vulgo. A paroxítona, preponderante em Espanha, tornou-se literária neste reino, do século XVI em deante [2].

Alfavega de cobra [3] (*alfauega de cooura*) chamava-se no tempo de D. Denis uma planta silvestre, oficinal, de acção emoliente como as malvas, aplicada p. ex. pelos alveitares, de mistura com outras

---

[1] Nem mesmo em Brotero se encontra. Será portanto de introdução moderna.

[2] É possível que do conjunto de taes duplas formas se possam abstrair ulteriormente regras sobre a acção exercida, de 1580 a 1640, por eruditos peninsulares, na terminologia scientífica.

[3] Não disponho de notícias sobre a virtude de curar de mordedelas de cobras, que porventura atribuíam a alfávega.

substáncias, contra digestões difíceis de cavalos, interiormente em forma de clisteres, mas também exteriormente, em forma de cataplasma, contra dôres nas pernas, etc.

Mestre Giraldo ajuda-nos d'esta vez a determiná-la, visto que acrescenta o nome scientífico de «paritaria». Ora fala de «a parytaria que chamam alfauega de cooura» (p. 31, 34), ou «a parytaria que chamam em nossa linguagem alfauega de cooura» (p. 34, 27); ora de «alfauega de cooura que chamam paritaria» (p. 43, 27)[1].

Botánicamente trata-se portanto da urticácea que Linneu e Broteiro apelidam *parietaria lusitanica* e *parietária do reino*, por nascer junto a muros velhos e pardieiros de Portugal[2]. Sem o epíteto *da cobra* denomina diversas labiatas cheirosas que perfumam as várzeas de Portugal: *Ocymum basilicum* (o *Basilikum* dos Alemães); *Mentha pulegium* (poejos; em alemão *Polei*), e também o *mangericão* (*Mairan*), sobretudo o de folha larga (*Ocymum maximum*)[3].

Linguisticamente *alfávega* é representante directo e correcto do arábico *al-hábaq*, الحبق, ou antes de *al-hábaqa*, الحبقة, com ة de unidade. *Q* medial reduzido a *g*, como nos vocábulos de origem latina. Pronunciado *alfábega*, subsiste no Minho (Vizela, Santo Tirso, Pombeiro, Vilarinho).

Reduzido a *alfava* ocorre numa conversa de comadres, cheia de vulgarismos de ideias e palavras, num *Auto* do século XVI[4]. O povo, acostumado a acrescentar o sufixo átono, *-ego* < *icus* (de *prátego, étego, tísego, trópego*) e *-ega*[5] a diversos vocábulos curtos (p. ex., *írtego* de *hirto, cóbrega* de *cobra, píntega* de *pinta*), ou

---

[1] Vejam ainda p. 36, 24, e 38, 11–12.

[2] Ha boa representação gráfica no *Diccionário Enciclopédico Hispano-Americano,* vol. XIV, 9. Por causa das folhas peludas, que se pegam á roupa de quem as roça, passando, o povo português dá-lhe também o nome de *pega-maça* (sobretudo ás *alfavacas do rio*); e além d'isso o de *erva leiteira* por julgar que é capaz de aumentar a secreção do leite nas amas de criar.—Todos sabem, de resto, que o vulgo dá os mesmos nomes botánicos não só a espécies da mesma família, mas também a plantas de sistemas muito diferentes, quando tem alguns característicos semelhantes.

[3] Brotero, *Nomes triviaes*, p. 326, regista: *Alfavaca de cobra*—parietária lusitánica e *Alfavaca*—*Ocymum basilicum*. Mas o povo aplica o nome também aos poejos e ao mangericão, conforme digo no texto.

[4] *Auto das Regateiras,* de Chiado; p. 53 da ed. de Pimentel.—Epifánio Dias não rectificou a forma no *Compte-rendu* crítico que inseriu em *Zeitschrift,* XV, p. 598 sgs. Portanto aceita-a como redução legítima.

[5] *Cismátego, viátego, somítego; árdego.* (Cornu, § 107).

a desenvolvê-lo como em *abrótega* de *abrotea, salamántega* de *salamandra*, deixou-o cair neste caso e em mais alguns, tendo-o em conta de elemento dispensável [1].

Em Castela, claro que houve *alfábega* anteriormente a *alhábega, alábega*. Em catalanesco foi reforçado por *r: alfábrega*. De Catalunha passou a França, onde naturalmente se fez oxítona: *fabrègue* [2].

A paroxítona *alfabaca, alfavaca*, corresponde ao castelhano *albahaca*, a que Dozy deu o lugar de honra [3], sem explicar que deve provir necessàriamente, por metátese entre as duas sílabas internas, do maghrebino *al-habaga*, الحبقة. Em Leão contraíram-na em *albaca*, como vejo das *Poesias em dialecto berciano* (p. 263).

*

Gonçálvez Viana trata num parágrafo das preciosas *Apostilas* (I, 41), de *alfavaca, alfabega*, juntando a forma *alfadega*. Confesso que nunca ouvi a forma com *d;* nem tão pouco a pronúncia *alfabéga* (com troca de sufixo). Mas também não sabia que *favaca*, sem artigo, designava no Ribatejo a flor de oliveira.

VIII

ALFENINA, ALFININA

Quando o cavalo tem o espinhaço inchado e ferido (gretado e com crosta, quer mole, quer endurecida), claro que a sela, se lh'a põem, o magôa muito. São portanto precisos mil cuidados.

«E por ende fazem algũus assy, e he muy bem, quando vẽe tal jnchaço fazem *alfinjna* aa sela no bardom en dereito daquell jnchaço por tall que lho nom tanga» (*Alveit.*, cap. XXX, p. 40, 31-34).

«E se nom poderes escusar de caualgar pon-lhe hũa tona de queijo mais delgada jaque e queente, como dicto he, e ponlha em çjma da sostra e legalha inteiramente e lançalha sela com sa *alfenjna* e vayte com Deos» (ibid., p. 40, 39-42).

---

1 No Algarve ha *trôpo* por *trôpego* < *hidropicus; prita, perta* por *prítega* < *pertica; lampo* por [*re*]*lámpago, lámpado* < *lampade*. A mesma redução da parte metatónica deu-se em *stamo* em lugar de *stámego, estámago, estómago*.

2 Vid. Devic, *Dictionnaire étymologique des mots français d'origine orientale*, 1876.

3 *Glossaire*. p. 62. — Nada diz da acentuação.

Evidentemente uma cousa mole; um chumaço, ou encolchoado (*eine weiche Unterlage*), uma almofadinha.

Al-finina, não é, que eu saiba, árabe. Ha الفانيد [1], *al-fenid* (do persa پانيد, *panîd: species dulciorum saccharum*), étimo de *alfenim* (port.) e *alfeñique* (cast.): massa de açucar, levada ao ponto em que se torna branca, e de que se fazem figurinhas, conforme foi estabelecido por Sousa e por Dozy.

Não me parece provável que massa tão quebradiça, e tão pouco flexível e mole, pudesse ter servido de nome a um *chumaço.* Proponho الفنيقة, *al-fanika = saccus magnus* [2], com esperança de acertar, visto que diversos derivados árabes da mesma raiz figuram com definições em que ocorre *mollis, molliter, mollius.*

*

A prova de que almofadinhas eram colocadas sobre chagas, temo-la no *Livro de Monteria* [3]. Se o cão tiver ferida na cabeça, lavam-na, enxugam-na com um lenço fino «et despues sea juntada la llaga con faceruelos [4] et con venda conveniente».

IX

ALFORVAS — ALFORFIÃO — ALFORFES

Na cura de cavalos lesados por coices (da qual trato no artigo Encalçar), os alveitares do tempo de D. Denis utilizavam uma cataplasma, feita de linhaça, terebintina, raiz de malvaisco e *alforva* [5], com unto de porco. Para efeitos emolientes (mucilaginosos), bem se vê que o aplicavam quente.

Na cura de falcões, doentes de quebradura, os cetreiros usavam outra mistura que ministravam ás aves em forma de pós,

---

1 Em Freytag, III, 375, só encontro فانيد.

2 Ibid., III, 376.

3 *Apéndice,* cap. I, p. 226.

4 Em português *faceiró* < **facic.riol.is.* — Vid. *Elucidário,* s. v. *Faceiró* e *Faceiroa.*

5 *Alveitaria,* cap. XLII (p. 48): «E depois fazelhe este enprasto que se segue, ca he bom pera o sanhamento e pera o jnchaço dos neruos. Ffilha a alforua e a ljnhaça e a tormentjna, que he hũa goma liquida, e a rrayz do maluaisco, e malha todo com vnto velho de porco e cozio e pôelho queente sobre o neruo jnchado...».

dentro de um coração de galinha, por este ser um petisco que engoliam sôfregamente. A droga amarga, destinada nesses casos a soldar interiormente as partes quebradas, compunha-se de pez, múmia, e tres vegetaes: duas consoldas diversas e sementes de *alforfes* [1].

Será a mesma planta? Creio que não, tanto pelo destino diverso e composição diversa dos medicamentos, como pela forma divergente dos vocábulos.

O chanceler castelhano [2] e seu imitador português [3] não nos elucidam. No passo correspondente substituíram os *alforfes* por sementes de *nasturcium* [4].

Alforvas existem todavia ainda hoje em ambos os reinos; são mal vistas como plantas daninhas que atacam os trigaes e comunicam ao pão um gôsto desagradável. Conservam o seu velho nome árabe الحلبة, *al-holba* [5]. Em obras scientíficas se dá todavia a preferéncia á designação sistemática, internacional, latina de *feno-grego* (*Trigonella foenum graecum,* de Linneu) [6]. O vulgo caracteriza a planta ora com a vaga metáfora de *ervinha* ou *erva-má;* ora com o título de *linhaça galega* [7]. As sementes, essas são em regra chamadas *alforvas.*

---

1 *Caça,* cap. XIV: «(Da perna quebrada da ave). E a solda seera fecta per esta magneira: toma a maminha e o pez e a zargatoa e a semente da erva mendinha que se chama solda meodinha e a semente dos alforfes e a solda raca. E da maminha seja a moor parte e do pez as duas partes, e entendese que seja meos [que] o terço, e da zargatoa a quarta parte e da erva mendinha a quarta parte e da semente dos alforfes a oytava parte» (p. 23).

2 Ayala, cap. XXVIII: «Et la suelda se face de aquesta guisa, et es muy noble et preciosa para todas las quebrantaduras dentro del cuerpo: toma la momia que tienen los buticarios, et la pez, et la zaragatona et la semiente de la yerva menodilla que llaman suelda menor, et semiente de mestuerzo et suelda raca; et de la momia sea la mayor parte et de la zaragatona toma la cuarta parte, etc.» (p. 275.) Cfr. ibid., p. 348, onde a *simiente de mestuerzo* é mencionada entre os medicamentos que o caçador deve trazer sempre comsigo. Na lista respectiva não figuram nem *alforvas* nem *alforfes.*

3 Ferreira, cap. XX: «A solda melhor de todas se faz tomando momia, que tem os boticarios, e pez e a zaragatoa e semente da erva menodilha que chamam solda menor e semente de masturços e solda raca de Allemanha». — As medidas divergem das indicadas por López de Ayala.

4 Cast. *mestuerzo,* port. *masturço,* hoje *mastruço;* gal. *mastorzo;* em livros scientíficos *nasturço* < *nasturtium* (*nasitortium*).

5 Vid. Dozy, p. 138.

6 Brotero, *Compéndio de Botánica,* II, 327.

7 Recolhi-as da boca do povo.

Quanto á forma, o *Diccionário* da Academia regista *alforva*, *alforba* e *alforfa* [1]. Documenta todavia apenas duas: a primeira, por ser a mais correcta [2], e a última, por ser muito usada.

Em Espanha, a forma predominante é igualmente a que mais se aproxima do original: *alholva* [3] (antigamente *alfolva*); ás variantes *alholba* e *alforva* porventura devamos juntar *albolga*. Não sei todavia de onde Dozy [4] a tirou.

*

Os *alforfes* de Mestre Giraldo, que faltam em todos os Diccionários, já disse que não me parecem ser *alforfas*. Creio que são os *alforbes* que Brotero regista como *euphorbiáceas*, com a declaração expressa de serem euphórbias das boticas [5]. O grego *euphorbium* passou, da boca de Árabes ou Mozárabes, onde se fizera الفربيون, *alforbiyûn* [6], á de Portugueses e Castelhanos, em

---

[1] Os outros Diccionaristas registam as mesmas tres; e mais algumas que me parecem espúrias. P. ex.: *alforna* (com *n* por *u*) que encontro em Brotero e Candido de Figueiredo, e considero como gralha tipográfica de textos antigos; *alfarva* (com *a* por *o*), que provàvelmente tambem não seja outra cousa, no *Diccionário Prático*, s. v. «ervinha»; *alforria* (ibid.), que anda no *Glossaire* de Dozy, entrou no artigo seguramente por *nefas*. Na *Arte da Caça de Altaneria* ocorre uma vez *alfofa*. Não, duas vezes no mesmo capítulo (vol. II, p. 51). É ingrediente de um aperitivo para falcões *mudados*. A perda do *r* pode ser acidente de tipografia, ou variante popular.

[2] P. ex. Garcia da Orta, *Collóquio* XIII, (vol. I, p. 178) onde diz *feno-greco* ou *alforvas*.

[3] No *Dicc. Enciclopédico* ha o artigo seguinte: ALHOLVA, (del a. *alholba*). Planta de un pie de altura con hojas cenicientas por debajo que nacen de tres en tres, flores pequeñas y blancas, y fruto que es una vaina larga y encorvada, plana y estrecha, con semillas amarillentas, duras y de olor desagradable. || Simiente de esta planta. || Bot. Leguminosa que corresponde á la especie *Trigonella faenum graecum*, de Linneo. Su semilla es de color agradable parecido al del meliloto, y de sabor amargo y mucilaginoso. En su cubierta externa dicha semilla contiene goma basorina, y en el resto, aceite ... y una materia amarga. Antiguamente se usaba como atemperante y muciiaginoso». Vid. FENOGRECO.

[4] O artigo diz lacònicamente: ALHOLBA, alholva, alforva, alforria, albolga pg. alforvas (espèce de plante, fenugrec), de الحلبة (*alholba*), «fenum graecum».

[5] *Compéndio*, II, 327. — Ainda ha outro *alforbe*, variante vulgar (minhota) de *alfobre*, *alfoubre* (الحفرة) *alhofre* ou melhor *alfofre* (*alfoufre*), e, com queda do *l*, *alfoube*: viveiro de plantas em regos de água. (Dozy, p. 114).

[6] Dozy, pp. 116 e 268.

formas que é costume tratar injustamente de corruções [1]. Neste reino diziam e dizem *alforfião*, e d'esta formação, aparentemente aumentativa, o povo pode ter abstraído *alforfe*, fazendo também de *alferbiyão* a variante *alfebran*, que, segundo Garcia da Orta, era dada á espécie *esula*. Ele chama-a «poçonhenta, que onde cae o seu sumo ou leite, incha muito, como eu já vi muitas vezes em Portugal» [2]. É sabido que o *latex* das euphórbias originou aqui nomes populares como: *leiteira, leituga, má-leitas, erva maleiteira, erva das maleitas* (alemão *Wolfsmilch*). As formas com *-e-* condizem com as de Castela *alfervion* e *fervion*. D'este, abreviado por aférese da primeira sílaba, considerada como artigo árabe, ha dois exemplos, que já foram apontados por Dozy [3].

Quanto a *gorvião* (um *Hapax legomenon*) que figura como ingrediente numa receita para falcões na *Arte da Caça de Altaneria* (vol. II, p. 55), ignoro, se estamos em frente de mais uma gralha tipográfica (*gorvião* [4] por *forvião*, variante de **forfião* pouco afastado de [*eu*]*forbião*), ou se se trata de outra planta oficinal conhecida.

*

Cornu confundiu *alforva* e *alforfião*, como se vê na primeira edição da sua admirável *Gramática Portuguesa*, § 22 (*ó* em sílabas seguidas de *i*) [5], e § 155 (*l* precursor epentético de *r*) [6]. Na 2.ª edição cortou o exemplo nesse passo (comquanto houvesse bastado substituir *alforfa* por *alforfião, alforfe*) [7], deixando-o subsistir no primeiro (p. 932), onde deve ser riscado.

Gabriel Pereira também identificou os *alforfes* com *alforba* ou *alforvas* (p. 5).

---

1 F. A. Coelho, *Manual Etymologico*, s. v. «alforfião».

2 *Collóquio* LIV; vol. II, p. 337. No XIII (vol. I, p. 178) o ilustrado físico identifica *alfolvas* com *fenugreco*, e alude ás suas sementes negras, que compara com as da nigela cardamomo.

3 Dozy, p. 268. São do *Libro de Monteria* de Alfonso XI; pp. 141 e 153 da ed. de Gutiérrez de la Vega.

4 Das erratas tipográficas da *Arte* e dos livros de Mestre Giraldo e Pero López de Ayala já dei amostras para que o leitor não estranhe as numerosas emendas que me vejo obrigada a propôr.

5 P. 10.

6 P. 49.

7 P. 980.

*

Alforfon (com a variante *alforjon,* se pudermos dar crédito aos diccionários) é outro vocábulo diferente. Está por *alforfor,* tem a variante *alfolfol,* representa الفرفور (*al-forfôr*), e denomina o trigo sarraceno ou mourisco, *Polygonum fagopyrum* (*Buchweizen*).

X

ALJABA—ALJAVA

Queiram recorrer ao artigo *Linjavera.* Nele mostro que sacas e saquinhas de pano de linho, chamadas *linjaveras,* serviam aos adeptos da arte de altanaria para nelas arrecadarem as viandas que levavam á caça para sustento dos falcões. Em outras guardavam as numerosíssimas ralés de passarinhos mortos pelas suas aves [1]; e ainda em outras, os utensílios de que podiam haver precisão em qualquer accidente de caça.

Entre os sinónimos de *linjavera* o mais usado era o nome árabe do coldre e carcaz: *aljaba, aljava,* (vulgarmente também *aljavra, aljabra*), الجعبة, *al-djaaba* [2]. Por isso os diccionaristas de Portugal costumam traduzir *aljava* não só com «coldre, carcaz», mas também com «bolsa, estojo» [3]. Ainda hoje ha caçadores que chamam *aljava* ao canudo em que levam o furão (*cacifre* em Trás-os-Montes) [4].

As sacas de *linha verdadeira,* chamadas em Espanha *linjaveras,* creio por isso que eram *aljavas* em Portugal, onde falta a designação que no reino vizinho caracterizava os productos importados de cá. Eis como provo, conjecturalmente, a minha ideia.

No tempo do segundo rei de Portugal, rei apaixonadíssimo da caça e de touradas, como já disse na parte literário-histórica d'este estudo, o clero tinha motivos para se queixar a Innocêncio III, porque Sancho gastava réditos de igrejas no sustento de bès-

---

1 Ayala enumera diversas castas a pp. 152, 164, 200, 204; Ferreira, outras no vol. I, p. 40.

2 Freytag, I, p. 281: s. v. جعب, *djaab, pharetras confecit,* com muitos derivados que se referem a *pharetra.*

3 P. ex., Frei Domingos Vieira.

4 Ibid.

teiros, cães de caça, falcões e cavalos do serviço real [1]. A massa dos mezquinhos, essa gemia porque eram obrigados a fornecer as *aljavas* para o desporte accipitrario do monarca. Tão iníqua era essa exigéncia, que uma das primeiras medidas do sucessor, logo em 1211, foi anulá-la legalmente.

«Constituição ... por que el Rey manda que nenhum seja cons trangido para dar *aljavas* para as sas aves:

Porque os mezquinhos ssom atormentados ssem rrazom quando ssom costreniudos a dar aliauas que nós auemos mester pera nossas aues, porém quitamolas pera todo sempre. Estabeleçemos que nem nós nem aqueles que de nós as terras teuerem ou alcaydaria en todo nosso rreyno, nom seiam theudos de tal cousa deles leuarem. E se o fezerem, sseiam peados en quinhentos soldos» [2].

Objectos de luxo, ou de mão de obra complicada, não os podiam exigir no século XII dos mezquinhos das terras de Portugal. Antes cousas de pouquíssimo valor, de tão fácil fabrico que mesmo nas cabanas dos humildes os pudessem preparar. Mas cousas que era preciso renovar constantemente. Sacas e saquetes de bom pano de linho, tecido em casa, nos teares primitivos que ainda hoje funcionam nas aldeias de Entre-Douro-e-Minho; do fiado nas rocas pelas Minhotas que «seu fuso torcendo, cantavam cantigas de amor»: com fio das fibras que colhiam dos seus pequenos agros de linho.

*

Se em Portugal chamavam *aljavas* ás sacas de linho que o cetreiro levava á caça para as suas aves, não as chamariam ás vezes com o mesmo nome no reino vizinho: *Aljavas de linha vera?* E tambem apenas *aljavas?*

Ha indícios no *Libro de la Caza*, de Don Juan Manuel. Ao tratar da alimentação dos girofalcos (ou *girefaltes*, como ele diz, menos correctamente), o grande *sportsman* exige que aos que chegam estafados da longa viagem da Noruega ou Suécia para terras de Espanha, dêm no começo muito boas carnes. Mas não todos os dias. Tres vezes na semana carne de galinha; duas vezes vaca ou lebre; «et otros dos, de otra aliaba que sea muy fresca».

---

[1] Vid. Herculano, *Hist. de Portugal*, II, pp. 124 e 136.

[2] *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 172 sgs.

Na segunda semana muda-se de regime: «et la otra semana, menguarles la aliaba, que non fuere fresca. Et dar les tres dias aliaba fresca» [1].

Essas carnes mais leves (*livianas, luvianas* [2], como então diziam) e mais ou menos *manidas*, eram evidentemente aves meudas e tenras das que falcões já adestrados haviam caçado e que o cetreiro havia levado para casa e guardava para esses e outros fins em *aljavas* ou *linhaveras* competentes.

Escuso acrescentar que nem todas as aljavas seriam de pano de linho. Seguramente as haveria, para outros destinos, de outros panos; e principalmente de coiro.

XI

ALJAVEIRA — ALJIBEIRA

De *aljaba, aljava* (الجعبة), coldre, estojo, saco de coiro, bolsa, derivo *aljaveira* que teve o mesmo significado. E d'este o moderno *algibeira*, bolso, bolsa, em todos os sentidos (*Kleidertasche, Satteltasche, Geldtasche,* etc.). A derivação artificial de Dozy não resiste á prova. Ele reconhece que o moderno *al-djebira*, bolsa de coiro, usadíssimo em Tánger, Marrocos e na Argélia, é mera alteração do português *algibeira*. Mas neste vocábulo vê um derivado do verbo *djabba*, جبّ, «cortar, recortar» [3]. Híbrido portanto. No sentido que o ilustre sábio lhe dá, não existe nenhum hibridismo em português. Ha alguns vocábulos de origem árabe com o sufixo *-eiro, -eira*, mas em todos o tema simples continua a

---

[1] Cap. IV, p. 15, 1-3 da ed. Baist.

[2] Ibid., p. 16. Em outros sítios chama-as *malas carnes* (p. 28). A p. 108 Baist explica-as bem como *geringere Fleischsorten*, mas sem dar com a origem da designação figurada e abreviada: «carnes pouco substanciaes, como as de aves meudas caçadas por falcões, levadas e guardadas em aljavas de pano de linho». O termo *alina* (?) de *cabra caliente* pode estar por *aljava* (*ali[a]va*). Não o sei explicar de outro modo. Nem Mestre Giraldo nem Diogo Fernández Ferreira nos valem neste apuro.

[3] Freytag, I, 228: جبّ = *djabb; resecuit, exsecuit.* Nos Diccionários portugueses diz-se: «*algibeira*, do verbo árabe *jaba* = trazer alguma cousa comsigo». Mas tal verbo com tal significação não existe. Apenas o que registo.

O que, de facto, vem de *djabba* é جُبّة *djubba: al-juba*, «tunica ex panno gossipino» (Dozy, p. 147).

subsistir. P. ex., em *zambujo, azambujo, zambujeiro, azambujeiro; adelo, adela, adeleiro, adeleira*. Mostrem-me *giba* ou *algiba* com o significado de «bolso, bolsa», e acreditarei. Ou, pelo menos, no sentido de abertura de camisa ou de saia (*maneira, Schlitz*), que é o significado de جيبة (ou جيب), *djaiba, djeib* (*fente de chemise*), do qual Dozy quer tirar *algibeira* [1].

Eis o que tenho de alegar a favor da minha etimologia:

Em concorrência com as aljavas ou *linhareras* baratas, para os cetreiros *ex officio*, havia naturalmente outras bolsas mais sólidas e ornamentadas para os nobres amadores da caça. As de coiro recortado, que os mouros do norte da África vendem aos estrangeiros, com cinco ou seis repartições, engenhosamente distribuídas (tal qual nas algibeiras das lindas Minhotas de Viana do Castelo), e enfeitadas como essas com encaixes de bocados de pano ou coiro de muitas côres, são seguramente tradicionaes. Outras havia de *ouropel* e *argenpel* [2]. E essas chamavam-se *aljaveiras* quando D. Alfonso III fez elaborar em 1253 a famosa tabela de preços, á qual terei de recorrer mais de uma vez para documentar vocábulos raros [3].

Os productos naturaes e industriaes, indígenas e estrangeiros, guarnições de aves de caça, arreios de cavalos, mulas e jumentos, vestuários senhoris e de humildes servos, tudo é ahi avaliado. Depois de chapéus de luxo (soombreyros), surgem aljaveiras ou algibeiras. «Et melior aljaueira de orpel et de argempel ualeat decem solidos; et alia melior ualeat quinque solidos» [4]. Quem se admirar d'esse luxo, leia o documento inteiro e reconhecerá que bolsas de coiro dourado ou prateado estão em harmonia com os sapatos, os chapéus, as cabeçadas, as rédeas, as esporas, as faixas e todo o resto.

No século XVI encontro *aljabeira* na *Historia da India*, de Castanheda [5], na descrição de um pequeno roedor (marsupial?) do Brasil [6], que segundo ele «tem bolços como aljabeiras na barriga».

---

[1] *Glossaire*, p. 125.

[2] As algibeiras de Viana do Castelo são muitas vezes enfeitadas de lentejoilas e bordadas a ouro.

[3] Vid., p. ex., ALMAFACE, VESSADE.

[4] *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

[5] Liv. VI, cap. XVII.

[6] *Preia* (ou *preiá?*).

Hoje a forma comum é *algibeira*. Subsiste, porém, *aljabeira*; e não falta quem pronuncie *aljubeira, algebeira* e *alzebèra* [1]. Na alta sociedade ha a moda de dizer *alzebeira*.

Aljaba, aljabeira, algibeira, significa coldre [2], bolsa de caçador, bolso, em sentido geral.

Não vejo razões para complicarmos essas evoluções singelíssimas.

XII

ALMAFACE — ALMOFAÇA

«E sabe outrossy que estando ho cauallo na estada, tanto que ffor manhãa, tiremlhe a cama e ponhamlhe ho *almaface* e ho *mondill* e alynpẽno muy bem e esfregẽno muito estremadamente nas coixas e nas pernas e nos travadoiros ...». (*Alveitaria,* cap. VI, p. 10, 2, 5).

Trata-se da *toilette* matinal do cavalo. A *almofaça,* com que hoje se asseia o corpo dos solípedes, tirando-lhe caspa e pó, é um raspador de pau com dentes de ferro; espécie de escova. Na idade-média parece todavia que se serviam em Portugal de um pano muito áspero de estopa e lã cheia de arestas, como ainda hoje fabricam para cobertores de pobres, para cobrir cavalos (*Pferdedecke*), ou para esfregões. Pelo menos este é o sentido que *almaface* tem na lei importante de 1253, em que D. Afonso III fixava os preços de todas as mercadorias de então (*res venales*), verdadeira mina para os que se ocupam dos arcaísmos da língua portuguesa: «Et melior almaface valeat unum solidum, et melior manta galeca ualeat duas libras» [3]. O modo de dizer de Mestre Giraldo «ponham-lhe ho almaface e ho mondill» e o significado de *mondil* justifica e confirma o meu modo de ver.

Sousa e Dozy [4] já apontaram o étimo: *al-mihassa* المحسّة, mas com excessivo laconismo. O Português [5] estabeleceu pelo menos que *al-mohassa* (alemão *Striegel;* francês *étrille*), como es-

---

[1] No Algarve.

[2] *Coldre* denomina hoje o alforge das pistolas em selas e albardas (sempre de coiro); e outros sacos de coiro que servem de *bornal*.

[3] *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

[4] P. 172. Lamento não poder recorrer ao *Dictionnaire des noms de vêtements*, do mesmo erudito.

[5] Sousa, *Lexicon*, p. 48.

creve, provém do verbo حَسَّ, *hassa*, «raspar, esfregar». — Vid. Freitag, I, 377, حَسَّ 3) «strigili a sordibus mundavit jumentum»; مِحَسَّة, *mihassa*, «strigil quo equus mundatur».

Alteração da vogal átona, em sílaba pretónica (*a, o*, em lugar de *i*), também em *almafada, almofada*, de المِحَدَّة, *al-mihadda*[1]; *almafreixe, almofreixe; almotolia, almotaria*.

Almafassa, a forma de transição, encontra-se no *Rol* das cousas que a Infanta D. Beatriz levou em 1521 a Saboia. Ela era «de pano vermelho», de mais a mais «mourisco!»[2].

XIII

ALMAFADA — ALMOFADA

«... e todo esse dia jaça a ave encamisada sobre huum chumaço ou almafada co o ventre pera fundo» (*Caça*, cap. XVI, p. 25, 22)[3].

Sousa e Dozy já estabeleceram que o étimo é المِخَدَّة, *al-mikhadda* (francês *oreiller*). O Português explica que o vocábulo é instrumental de خَدّ, *khadd*. — Vid. Freytag, I, 464: خَدّ, «mala gena»; مِخَدَّة «pulvinar cervical (quia sub genis ponitur)». Cfr. ALMAFACE.

XIV

ALMECEGA — ALMAZAQUE

A resina da *pistácia lentisco*, muito semelhante ao *incenso*, mas menos preciosa, μαστίχη em grego, المصطكى *al-maçtaca*, entre os médicos árabes, conservou o *st* em Castella, onde *almástiga* foi muito usado na idade-média. D. Alfonso XI[4] e o Chanceler Pero López de Ayala[5] empregaram-no em numerosas receitas. A metátese de *ts* (*st, çt*), que o mudou em *almazaque*, já se havia rea-

---

[1] Cornu não conhecia as formas arcaicas. Vid. §§ 80, 81, 92 e 95.

[2] *Provas*, II, 505.

[3] Ayala, p. 286, diz: «encamisado sobre um cabezal». Ferreira (II, 40) «e esteja encamisado em um panno de linho deitado sobre um cabezal, o ventre abaixo».

[4] *Monteria*, pp. 134, 158, 160 e 248.

[5] *Caça de las Aves*, pp. 274 e 291.

lizado todavia anteriormente. D. Juan Manuel dizia *almaẓaque* [1]. Em Portugal temos *almecega* [2], *almecegueira, almessigueira,* como nome da árvore (aliás *aroeira*), etc., e já o tínhamos no tempo de D. Denis [3], muito embora Dozy assentasse exclusivamente *almácega* [4]. Os eruditos de hoje não desdenham *mastique* e *mástigo*.

Creio que o *i* do sufixo actuou no *a* tónico, e que *almecega* está por *almaiẓega*.

XV

ALQUETIRA

No *Livro das Aves Caçadores* faltam os últimos capítulos. Entre eles o sôbre as *mudas*. Ferreira só ensina como é que se faz fome verdadeira ás aves ao saírem da muda [5]. Nas pílulas amargas que recomenda entrava *alquetira,* isto é, o suco gomoso do *Astragalus tragacanthus gommifer*, leguminosa que se dá muito bem no Algarve. É variante de *alquitira* (cast.), *alcatira* الكثيرة, *al-cathira* [6].

XVI

ALVAIADE

O nome árabe-peninsular da *cerusa* (البياض, *al bayadh, albayalde* em castelhano), é *alvaade* no *Livro das Enfermidades das Aves Caçadores,* de Mestre Giraldo, cap. XIII, p. 21.

XVII

ALVARAZ — ALBARAZO

«*Albaraẓo,* port. «alvaraz» (la lèpre blanche), de البرص (*al-baraç*) qui a le même sens».

Assim se lê no *Glossário* de Dozy. No *Diccionário* da Academia Espanhola inseriram *albaraẓo* = lepra tuberculosa; e *albaraẓ* =

---

[1] Ed. Baist, pp. 65, 23 (p. 100 da *Bibl. Venatória*).

[2] *Diccionário* da Academia, e todos os outros. — Ferreira, II, 55.

[3] *Caça,* 22, 20; *Alveitaria,* 21, 24; 42, 11. 19. 21.

[4] P. 147.

[5] Parte IV, cap. XXXIV; vol. II, p. 51.

[6] Dozy, p. 186, não registou formas portuguesas, embora *alcatira* seja naturalmente muito vulgar no sul de Portugal. — Vid. Freytag, IV, 12, onde leio: كثيراء «liquor qui emanat e radice arboris in montibus Beirut et Lobnan».

albarazo, com *albarazado* = enfermo de albarazo [1]. No da Academia Portuguesa ha tres passos documentaes de tratados de alveitaria e legislação respectiva, e a explicação seguinte: «*Alvaraz* ou *Alvarazo* = espécie de impigem, bustella ou mancha branca, aspera e escamosa que sae na pelle das bestas cavallares ... em todas as partes que estão faltas de pêlo. Também se diz do corpo humano. Do árabe *albarás*» [2].

É possível que alguns Peninsulares relacionem o nome com o adjectivo *albo, alvo,* «branco», mas é impossível que no modêlo árabe se esconda o grego *alphos* (ἀλφός), «mancha branca», como já foi conjecturado por alguém [3]. O tema برص, *baraç,* «lepra correptus fuit» e بَرَص, «lepra alba», não o admitem [4].

A prova de que realmente *alvaraz* também se aplicava ao corpo humano, denominando as erupções ardentes que mais enfàticamente costumavam chamar «fogo salvaje» ou «fogo de Sam Marçal», temo-la numa das cantigas de Alfonso o Sábio. Num Milagre (*CM.,* 105) Santa Maria cura uma sua devota doente: «et dissell': Eu trago as meezinnas | con que são [5] de fog e de aluaraz» (estr. 14).

Outro exemplo, mas esse relativo a uma mula, está numa cantiga grosseira, de *escarnho,* de um jogral galego-português [6], como o curioso poderá verificar no artigo *Espunlha.*

XVIII

ÂMAGO — MEYOGOO

Volto a um assunto de que já tratei [7], porque novos materiaes modificaram a maneira como é preciso encarar o problema. Veremos se, á vista d'eles, investigadores tão argutos como J. Cornu [8] e Gonçálvez Viana [9] continuam a tirar *âmago* de *meyógoo.*

---

1 Vid. *D. Quixote*, II, cap. XXXIX.

2 Usa-se comummente no plural.

3 Pelo editor das *Cantigas de Santa Maria.*

4 Freytag, I, 108.

5 *São* = *sano,* como repetirei no artigo SARAR.

6 *CCBr.* 446 (= 338).

7 Vid. *Rev. Lusitana,* III, p. 148 = N.os XXIV e XXV de *Fragmentos Etymologicos.*

8 *Gramática,* §§ 130 (e 244), pp. 970 e 995 da 2.ª edição.

9 *Apostilas,* I, p. 130.

A innegável tendéncia da língua portuguesa para transposições de letras e sílabas, tão enérgica nos tempos antigos como nos modernos, e que deu origem a formações curiosas [1], obriga a conceder, *a priori*, que *meyógoo* (irmão de *milieu* e *miluogo*) poderia ter evolucionado até dar em *ámago*, e de ahi em *ágamo, ágemo* na boca do vulgo, passando por *meógoo*, **meágoo*, **maágoo*, *ámago*, etc. Concedo tambem que, semasiològicamente, do sentido abstracto «meio, centro», se possa ter chegado ao positivo de «medula e meolo de plantas, cerne e alburno de árvores». E mesmo ao significado de «polpa de frutas hesperídeas», ainda não registado por ninguém. Comtudo a evolução contrária, do positivo ao abstracto, se me figura em teoria mais natural [2].

Se tivéssemos no primeiro período da língua exclusivamente *meyogoo, meogoo, meogo*; e *ámago* no segundo; se as formas vetustas dissessem respeito algumas vezes (ou uma só vez num manuscrito fidedigno) á polpa de frutas ou medula de juncáceas ou de caules; e, —terceira condição *sine qua non*—, se algumas vezes (ou uma só vez num manuscrito fidedigno) surgisse uma forma com *á* acentuado em qualquer dos estádios primitivos (**meyágoo* [3], *meágoo*, **maágoo*, **meágo*, **maago*), eu me submetia, convencida.

Mas é apenas a primeira e menos importante d'essas exigéncias que se realiza nos numerosos exemplos que cuidadosamente juntei. *Meyogoo* pertence ao período arcaico ou galego-português. Em Gil Vicente e no *Cancioneiro Geral* já não se encontra. Mesmo nos escritos dos filhos de D. João I, e seus coevos, será difícil dar com as fórmulas «neste meyogoo» em sentido temporal, e «no

---

[1] Vid. Cornu, § 244.

[2] Por ora quási todos os Diccionários principiam com a definição abstracta: «a parte mais íntima de uma cousa, o seu coração». — Apenas no de H. Michaëlis se principia com *Kern (als Gegensatz zu Schale), Griebs;* passando-se depois ao fig. *Grund, Innere, Kernpunkt.*

[3] No Testamento da Rainha D. Beatriz (de 1358) ha uma vez *meiagoo* (*Hist. Geneal., Provas*, I, p. 231), como indiquei no artigo XXIV da *Rev. Lusitana.* — Mas logo depois ha *meyo goou, meo gẽo, mejo goo*, deturpações tão evidentes (com *ó*) que não ha que fiar na grafia com *a*. — Com *-a-* canta-me na memória apenas um epitáfio chulo de algum Galego:

Yo soy don Pero Miago
Que sobre lo mio yago

A rima é certa; quanto ao resto, não o afianço.

meyogoo de» em sentido local[1]. Estas duas acepções, com predomínio quási completo de centro local de qualquer cousa, podendo onde quer ser substituído pelo «simplex» *meio*, são os únicos que se ligam a *meyógoo, meiógoo, meiogo* e *meogo*. A última forma contraída já aparece no século XIII, mas só em verso, conforme deixei dito nos *Fragmentos Etymologicos*, mas de modo pouco explícito e claro.

Eis os exemplos que extraí das *Cantigas de Santa Maria*. No interior de versos ha «en meogo d'un gran val» (119); «per meogo do paaço» (245); «a festa qu' é en meogo do mes» (311). Em todos os restantes casos está em fim de verso, em rima com «fogo», «rogo» (1 sg.), «logo»:

E o ermitan deu-lle sa carta logo
que lle leuass', e disse-ll' : Eu te rogo
que ll'a leues; et se en este meogo
morreres, morrerás de Deus perdõado.

(65, estr. 19).

Dizend' esto, a omagem
foi põer en o meogo
de ssa vinna, et a pedra
feriu mui de rrijo logo
en todalas outras vinnas,
mais na sua pelo rogo
que fez a Santa Maria
non tangeu par caridade.

(161, estr. 3).

foi; et pois, no concello,
no uermello
pano connoceu logo,
no meogo
papa da crerezia.

(115, estr. 13).

E a Virgen escolleyta
tragia[m] en o meogo
da companna que dereyta-
mente a el vẽo logo
et disse-lle: «Sen sospeyta
di-m' hũa ren, eu te rogo
que de ti saber querria».

(132, estr. 12).

---

[1] Com a nova dinastia começa linguisticamente uma era nova, como já mostrei em outros lugares. — Quanto a D. Duarte e ao *Leal Conselheiro*, já ha demonstração, feita proficientemente por Leite de Vasconcelos. — O *Graal* pertence ao período galego-português. Em tudo. E *meiogoo* não faz excepção. A fl. 127 ha «por meiogo o regno de Logres»; a fl. 179ª «en meiogoo».

foi-ss' o angeo logo
a Ioachin que era
metudo no meogo
d'ũas grandes montannas
Et disse-ll': eu te rogo
tornes a ta cassa.

(404, p. 569)

Na prosa de Mestre Giraldo ha por tres vezes a forma extensa:

«E outrossy o podem queymar no meyogoo da frente com hũu ferro rredondo» *(Alveitaria,* 20, 2).

«Ffazensse ao cauallo hũus jnchaços molles e pequenos e negros no meyogoo [da boca]» (23, 23).

«Quando vires que lhe jncham aquellas landoas ... filha hũu ferro feruente agudo e queimalhas com elle per meyogoo ataa rraiz delas» (25, 33).

A indispensável forma de transição com *á* tónico, nunca a vi.

*

Ámago, pelo contrário, já existia, na forma de hoje, em tempo de D. Denis! Com o sentido real e positivo de *polpa suculenta agredoce de hesperídeas,* que por isso merece o lugar de honra na escala dos significados.

Mestre Giraldo é a testemunha principal. Ha todavia outras posteriores, do século XVI, que nos elucidam; e não duvido que existam mais em tratados de botánica e medicina que por ora não explorei.

Contra comichão doentia nos cavalos —*proido* na linguagem de então —, provocada por sobejidão de sangue, o físico de D. Denis ordena sangrias; e além d'isso um unguento em que entram vinagre, ourinas de menino (!) e *ámago de cidra costal* (*Alveitaria,* 30, 39); ou vinagre, *ámago da cidra costal, azeite e fezes de ouro,* (ibid. 41, 34). «Das saftige Fruchtfleisch, der saftige Samenmantel einer der Hesperiden».

No século XVI foi Garcia da Orta quem se serviu do mesmo vocábulo com acepção idéntica. No *Colóquio* XXXVIII, em que trata «Dos mangostães», isto é, da árvore equatorial *Garcima mangostana* (de Malaca), da família das *gummiferas, guttiferas,* descreve a fruta, só de ouvido, como um pomo, do tamanho de uma

laranja pequena; e conta que separando a casca, lhe comem o *ámago* [1].

Pouco depois repete: «tirando-lhe a casca fora, o de dentro sam amagos, asi como de laranjas pequenas».

Que concluir de ahi? Que *ámago* no singular é termo colectivo que, em oposição á casca sem valor, denomina toda a parte interior, aproveitável e mesmo preciosa, das frutas hesperídeas (ou aurantáceas), divididas, como toda a criança sabe, em *gomos, lóculos* ou *câmaras*. Camada tegumentar, suculenta, aromática, de excelente sabor, que envolve as sementes [2]; branca nas mangostanas; amarela-clara em limas, cidras e limões; amarela-escura ou avermelhada em laranjas e tangerinas.

Ámagos no plural são, evidentemente, esses mesmos gomos, lóculos ou câmaras, de laranjas, cidras, limas, limões, toronjas, tangerinas. E de mangostanas, que nunca vi [3].

Com este sentido é que *ámagos* no plural passou a ser termo de ourivezaria: designação de certo lavor (*repoussé*) [4]. Lendo no Rol das lindas cousas que D. Beatriz de Portugal levou em 1522 a Saboia, descrições como a de «huma sobrecopa d'ouro, esmaltada (que serve com púcaro), lavrada de amagos compridos» [5], e a de «outro gomil de prata, pequeno, lavrado de *amagos*» [6], surge pelo menos deante da minha vista mental uma tampa alta, em forma de cúpula, do feitio de meia-laranja (partida ao través) [7], com oito, doze ou dezaseis gomos. E mais do que isso: surgem os gomos de pedra das cúpulas da Torre de Belem.

O singular, na acepção derivada de parte interior de uma cousa concreta; o íntimo, mais substancial e essencial de uma cousa abstracta, esse é bem conhecido pelos seus reflexos literários. Os quinhentistas e seiscentistas gostavam de falar, p. ex., do *ámago*

---

[1] Neste passo (vol. II, pp. 161 e 162) ha a ortografia deficiente *amaguo*, vulgaríssima como sabe quem lê textos antigos. Escusado é dizer que ela não nos autoriza a supôr a existéncia de *amagoos*.

[2] São palavras do Conde de Ficalho nas anotações ao *Colóquio* citado.

[3] Nunca ouvi chamar *ámago* á carne (sarcocarpo) de maçãs, peras, pêssegos, damascos, nésperas, ameixas, cerejas, etc.

[4] Ha lavor de *alcachofres, pinhas, maravilhas, carrascos, bastiães, meias-canas*, etc., etc.

[5] *Hist. Geneal., Provas*, II, p. 455.

[6] Ibid., p. 447.

[7] Ou mais de meia-laranja, como, p. ex., nas tampas de cristal, para queijo e manteiga, ou frutas altas como o *ananás*.

das leis, entendendo o seu espírito, a sua alma, em oposição á letra ou ás palavras que são o corpo, a casca. Hoje é vulgar dizer-se que alguem puxa voz *do ámago do peito;* ou que sentiu certa dôr *no ámago do seu peito* (*till to the core of his heart*).

Os diccionários apontam exemplos suficientes: De *ámago* como alburno e cerne de árvores e arbustos, em Garcia da Orta [1], Castanheda [2], Magalhães Gandavo [3], Agostinho da Cruz [4], em oposição quer á casca ou cortiça, quer também ao entrecasco [5]. Como interior de sertões e terras, em Fernam Mendes Pinto [6], Frei João dos Santos [7]. E como coração, espírito, parte melhor, intrínseca, essência de alguma cousa abstracta, nos oradores e tribunos Frei Heitor Pinto, Bartolomeo dos Mártires, Frei Amador Arraes, Pinto Ribeiro, etc.

Como de costume, o passo-modêlo, mais peculiarmente português, é de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que chama o Português namorado, «amego e timbre dos Espanhoes, e grimpa de todas as nações», numa longa dissertação sobre o amor, em que diz que só ele como atilado, gentil, galante e nobre esposo, compadece todos os efeitos de amor «puro» [8].

*

Paro aqui. A etimologia de *ámago, ámego* [9], *ágamo, águemo* [10], continua desconhecida. Tentei vários caminhos, mas nenhum me conduziu ao fim ambicionado.

---

[1] *Colóquio* xxx (vol. II, p. 51). Do *Linaloes* assenta «que não cheira bem senão o seu *ámago* a que chamam os Portugueses *cerne*». Prova de que *ámago* neste sentido ainda não estava bem vulgarizado. E também de que é a parte íntima que designa, sem respeito á consisténcia mole ou dura.

[2] *Hist. Ind.*, III, fl. 133.

[3] *Hist. Santa Cruz*, cap. V.

[4] *Recopilação*, V, 160.

[5] Segundo os Diccionários *alburne* ou *alburno* é a parte mole (?) e branca entre a casca e o cerne da árvore; e *cerne* a parte mais dura e bem lignificada da madeira das árvores.

[6] *Peregrinações*, cap. XCV.

[7] *Ethiopia*, II, 2, 8.—Manuel Correia emprega-o com relação a tempos remotos nos *Lusíadas Commentados*, I, 8.

[8] *Eufrosina*, V, 5.

[9] Em *tártago, tártego* por *tártaro* (ambas de Mestre Giraldo) ha a mesma modificação do pseudo-sufixo.

[10] O termo scientífico *á-gamo* (sem orgãos sexuaes) claro que não influíu na vulgarização de *ámago*.

Lembrei-me de que um Romanista tentou derivar *gomo*, botão, de *gummus, gumma* [1]. Esforcei-me para tirar de ahi também *gomo*, lóculo de frutas hesperídeas, por saber que a *Garcinia mangostana* era gumí- e gutífera. Mas não é de crer que se esperasse com o bàtismo das divisões de frutas tão familiares aos europeus, até o período dos descobrimentos [2]. E ha outras objecções.

Andei á procura de rimas de *ámago*. Isto é, de palavras de construção paralela. A que encontrei em terras de Portugal é ... o único vocábulo popular em que *á* acentuado provém de um *ŏ* latino: *estámago,* vulgarmente *estámego,* equivalente a coração como sede da valentia e energia, e por isso bem acreditado ainda no tempo de Camões [3]. Na Galiza ha mais um que, por um acaso singular, também entra no círculo de ideias a que tive de tocar: *sámago,* forma derivada de *samo,* que é sinónimo de «alburno» e «sabugo»: parte branda do interior das madeiras (*weicher Splint*) [4].

Mas não encontrei a chave do enigma.

XIX

ANAÇAR — AÑACEAR

Pelo modo como o físico de D. Denis emprega o misterioso *anaçar*, vê-se que o vocábulo tinha no século XIV não só a mesma forma mas também a mesma significação que ainda hoje se lhe liga no campo restrito e enormemente conservativo da arte culinária: a de mexer e remexer, sacudir, vascolejar (líquidos contidos em frascos) [5], sacolejar (pós) [6], fustigar (ovos) [7]. Isto é: *schütteln,*

---

1 D. Behrens, em *Zeitschrift*, XIV, 369.

2 Não juntei exemplos até agora.

3 Vid. *Lusíadas*, I, 39; II, 85. — Sonhando cheguei a imaginar uma noite que o povo havia transformado *estámego* em *ámego*, alijando-o do inútil pseudo-demonstrativo *est'*. — Fantasia efémera, bem se vê.

4 Na Galiza *alburno, alburne*, fez-se *borne*, com queda do *al*, considerado como artigo árabe, e abrandamento da final, que é frèqüentíssima naquele país.

5 Os Diccionaristas dizem apenas: «revolver um líquido fazendo vir as camadas inferiores para cima». Creio que abstraíram esta definição dos dois passos de João de Barros que traslado no texto, e a que já se referira Moraes, seguido de Domingos Vieira.

6 No artigo de Domingos Vieira ha por engano *succolejar*.

7 *Strömungen*.

schuckeln; aufrühren, aufwühlen, aufpeitschen. A mesma também que lhe in-heria no meio-tempo. No período clássico João de Barros aplicava o particípio adjectivado ao Mar de Meca (perto de Suez), descrito como revolto, espumante, empolado de fervura, encapelado e arrebentadiço.

«Como a costa he aqui mais descuberta de serrania e patente aos ventos do Norte, com pequena força d'elles logo o mar he posto nesta furia, como que não cabe em tão pequeno lugar ... donde se causa fazer huma maneira de aguages que sahem de baixo do mar *anaçadas,* em grande alvura, do movimento d'elle» [1].

Pouco depois o mesmo historiador repete o termo, ao referir a opinião do domador de Ormuz e Aden acêrca da suposta côr vermelha do Mar Roxo. Segundo ele, Albuquerque, *o terríbil,* afirmara que ela provém de ramaes de coral, arrancados do fundo com a fôrça de ímpeto do mar, quando nortadas tesas «lhe *anação* as aguas de baixo à cima» [2], opinião com a qual D. João de Castro não se conforma no seu importante *Roteiro* [3].

Comparemos agora o passo de Mestre Giraldo. Quando o nosso cavalo estiver doente de dissenteria [4], será bom não o obrigarmos a exercício algum. Pelo contrário, devemos dar-lhe ampla liberdade, não sòmente quanto aos repastos, mas também com relação ao descanso e passeio. Com o movimento forçado, o mal podia agravar-se. «Ca se o movem, *anaça-xi-lhi* o ventre e as tripas, e esnuará porém mayormente» [5].

É evidente que, como nas *Décadas,* assim no *Livro de Alveitaria* se trata de uma *revolta;* ou seja de um *excitamento insano:* involuntário.

---

1 Década II, liv. VIII, cap. I (vol. II, parte II, p. 263).

2 Ibid., p. 265.

3 Ed. 1833, p. 256: «Se este mar do estreito he vermelho ou nam, e as causas porque lhe chamam Mar Roxo.» — No trecho que corresponde aos de Barros, que citei, emprega termos diversos, pois diz: «Ora este mar contido des o Toro até Soez, he muito tempestuoso e supito, porque como quer que começa a ventar do norte (que he o vento que reina e vive nesta parte) inda que a sua força nam seja muita, incontinente se alleuanta o mar tam alto e soberbo que he cousa de marauilha, andando per todo lugar huns mares acapellados e arrebenta(n)diços que sam muito pera temer».

4 Ignoro por que razão este mal se chama *enterimento* (35, 20), *intirimento* (ibid., 35). Vid. o artigo LVII.

5 P. 36, 3-4. — Note-se *esnuar,* tradução de *evacuar.* — Cfr. *esnuamento* (36, 6).

Reconhecendo isto é que alguns dos lexicógrafos, que se ocuparam das origens de *anaçar* [1], o derivam do grego ἀνασείω [2], *aufhetzen, aufwiegeln;* emquanto outros, supondo-lhe origens latinas, o tiraram quer de **ad-nateare* (de *natare*) [3], quer de *initiare* [4].

Eu voto pelo germánico *anazan* [5] (*aufhetzen*), cuja passagem ao domínio románico é atestada por tres passos das *Glosas de Reichenau* [6], e que além d'isso sobrevive em italiano [7]. Este *anazan*, que seguramente daria em primeiro lugar *anatsare* (e só depois em algumas regiões *anetsare*), coaduna-se perfeitamente com o verbo português, não só quanto ao sentido de *excitare, instigare, impellere, compellere* (*aufhetzen, antreiben*), mas também quanto á forma: os dois *aa* originários perduraram, inalterados, no verbo português. Através de séculos.

*

Além dos textos de 1318 e 1553, que o leitor viu, posso apontar outros dois do século XII em latim bárbaro, importantes porque dão a aplicação *aufwiegeln, sich empören* ao verbo *anatsare,* que apresentam na grafia *anaziare;* e um do século XIII, de um trovador palaciano, com o mesmo significado.

---

1 Domingos Vieira e Constáncio.

2 Os significados: «levantar e sacudir ameaçadoramente as mãos, os braços, a égide; revolucionar o povo, a multidão», serviriam menos mal. Mas não serve a forma. E a base histórica!?

3 F. A. Coelho, no *Manual Etymologico.*

4 A. Morel-Fatio, *Románia,* XXVI, 319. Semasiològicamente não contenta. Quanto á formação, é impossível que *n* intervocálico se conservasse em português em palavras populares. *Initiare* dava [*i*]*inçar.*—De passagem seja dito que no bable de Astúrias *niciar* significa: «dar comienzo a una cria de gallinas, palomas, etc.», facto curioso e, só aparentemente, perturbador das minhas ideias acêrca de *inçar* < *indiciare.*

5 *Althochdeutsch.*

6 F. Diez, *Altromanische Glossare berichtigt und erklärt* (Bonn 1865).— Vid. p. 10, n.os 118, 128, 130, e p. 41. Estranhando a escrita *anetsare* e desconhecendo naturalmente os monumentos que hoje nos é dado explorar, é que Diez dizia: «Dieses *anessar* (= *anetsar*) ist eins derjenigen Wörter, welche der Romane, noch bevor er in seiner Sprache schrieb, wieder aufgab; wenigstens hat ihm die Litteratur keinen Zutritt gestattet».

7 N. Caix registou nos seus *Studi di Etimologia Italiana e Romanza* (Firenze 1875) o vocábulo montalese (toscano) *[anni]zzare = aïzzare: hetzen, aufhetzen, schüren* (n.º 153, p. 70)».

Os textos prosaicos são dois foraes, outorgados a vilas da Beira Alta: um por Afonso Henriquez (ano 1136) e outro anteriormente por sua mãe D. Teresa (ano 1114). No de Seia «os homens que *anaziarent* ad Mauros», e no de Tavares os *anaziadores* (sem qualificação especificada do crime cometido), são ameaçados com a perda dos seus bens: «Et si (leia-se *Et de*) illos qui *anaziarent* ad mauros prendat rex suam mediam partem» [1]. «De *anaziador* aprehendent (l. aprehendant) illum quantum abuerit» [2]. Um excelente *anaziador* de documentos arcaicos peninsulares [3] — hoje diríamos *vasculhador* — que explorou os de que trato [4], não os interpretou bem, embora chegue a conferir *anaziar* com o *anaçar* moderno e os defina como «revoltar-se, insurgir-se». Engana-se ao referi-los a roubos (*brigandage à main armée, Räubereien*) [5]. Incursões ilícitas, assim como homicídios e raptos de mulheres, figuram separadamente nos parágrafos legislativos dos documentos explorados.

A meu ver, *anaziado* (*anaciado, anaçado*) ou **anaziator, anaciador, *anaçador,* era o súbdito cristão de reis de Portugal que se passava aos Mouros, o rebelde que adoptava a língua, os usos e costumes e a religião dos Sarracenos [6]. E tambem o Mouro bàtizado, o renegado, apóstata, tornadiço, ou elche, inimigo da nação e da lei em que nascera. Numa palavra, o *anaciado, enaciado, naziado* da literatura castelhana [7].

Mostrarei agora que neste reino occidental davam positivamente o título de *anaçado* ao bàtizado que se tornara Mouro. É o trovador Ruy Gomes de Briteiros, valido de D. Afonso III [8], que nos ministra a prova, aplicando-o injuriosamente, embora de burla, a

[1] *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 371.

[2] Ibid., p. 360.

[3] Jules Tailhan.

[4] *Romania*, VIII, p. 613.

[5] Körting regista esta opinião no seu *Wörterbuch*.

[6] Esse crime naturalmente freqüentíssimo no período da reconquista com as vicissitudes da guerra, punia-se do único modo possível: pela sequestração dos bens do expatriado.

[7] Não reproduzo os materiaes que coligi a respeito dos enaciados castelhanos, porque correspondem aos que figuram no *Glossário* da espléndida monografia de D. Ramón Menéndez Pidal sobre os *Infantes de Lara* (p. 440). Além d'isso remeto o leitor para o *Diccionário de la Academia* e *Dic. Enciclopedico.* — As etimologias, propostas sem demonstração suficiente, passaram despercebidas. — Houve quem pensasse em *e-naçoado* = *ex-nationatus*, lembrado de *anaçoado.*

[8] Vid. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, pp. 336–341.

um cortesão mal visto. Entre 1241 e 1244. A cantiga não é de fácil interpretação por ser de *escarnho;* de mais a mais incompleta [1], e bastante deturpada. Examinando-a de perto, á luz de várias outras, em que o mesmo João Fernández é apodado por outros autores de cantigas de mal-dizer [2], reconhece-se todavia que, de corpo mal-feito («mal-talhado», aleijado nas pernas; provàvelmente coxo e derreado) [3], e de cabelo crespo [4], que lhe dava ares de Africano [5], foi ridicularizado a meúde; sobretudo quando, por ocasião das invasões dos Tártaros na Europa [6], mostrou veleidades, sinceras ou fingidas, de tomar a cruz e peregrinar a Jerusalem demorando-se em Roma [7]. Só quem estiver ao facto d'estas circunstáncias, que analisei no *Cancioneiro da Ajuda* [8], e souber que os trovadores se referem sempre a um seu Mouro fugido e escondido [9], visando o próprio João Fernández, poderá achar algum sabor aos versos seguintes:

Joam Fernandiz, aqui é chegado
um preit' [10], e anda um mouro buscando,
e anda d'ele os sinaes dando
e diz que é cresp[o] e mal tal[h]ado.
E ide-vus d'este preito [guardando],
ca atal era o voss' anazado
que vus eu achei [mouro] babtizado [11].

*

Ainda não acabei. Na linguagem pastoril, fixada pelo primeiro poeta bucólico de Espanha, tambem encontro *anaziar* e *anaciado,* infelizmente, em passos tão pouco característicos que, por si sós,

---

1 Possuímos apenas uma estrofe (de sete decassílabos: *abbabaa*), de tres ou quatro que formariam o original.

2 João Soares Coelho, *CV.*, 1012 e 1013; Martim Soares, *CV.*, 975 e 978.

3 *CV.*, 978.

4 *CCB.*, 417 (= 1544).

5 *CV.*, 975 é encimado de uma rubrica que diz: «Esta cantiga fez d'escarnho a hum que diziam Joam Fernandis e semelhava mouro e jogavam-lh'ende...».

6 *CV.*, 1013.

7 Na cantiga indicada tratam-no de *mouro cruzado, mouro pelegrim* e [*mouro*] *babtizado.* Só falta a fórmula *mouro latinado* (= bilíngüe), para a lista estar completa.

8 Vol. II, 323, 339, 451, 462.

9 Um *pregão* (*ein Steckbrief*) com os sinaes do Mouro fugido, o qual fingiam procurar em casa de João Fernández.

10 *CCBr.*, 417 (= 1544) — 1 *Joham* — 2 *freyt* — 6 *Quem.*

11 *CV.* 1012.

não se elucidariam. Só conhecendo prèviamente a origem e as diversas acepções do vocábulo, é que os podemos compreender [1]; hesitando todavia.

Na Égloga vergiliana I, o pastor Melibeu aplica o verbo á cabra-mãe doente, enfraquecida por haver dado á luz uns chibinhos gémeos numa fraga nua.

Hic inter densas corylos modo namque gemellos
spem gregis, ah, silice in nudo conixa reliquit.

E diz:

Desta cabra he gran pesar
que comienza de *anaziar* [2].

Isto é: começa a ficar para trás, «a afastar-se do rebanho», obrigando o pastor a levá-la ao colo?

Na Égloga II (das não vergilianas) é o pastor e evangelista Marco que incita os tres companheiros a chegarem-se afoitamente ao menino Jesus no seu presépio; com um enérgico *vamos! avante!*

Aballemos, aballemos!
y no estemos *anaciados* [3].

Entendo: «excluidos, afastados» (*fremd und von ferne; wie ausgeschlossne, ausgestossene*).

*

Camilo Castelo Branco, entre os novelistas portugueses aquele que mais ìntimamente conhecia não só a linguagem popular, mas também os textos literários, emprega o verbo *anazar* no *Esqueleto*, cap. XI, com relação a faculdades intelectuaes ou fôrças de alma entorpecidas pela falta de exercício: «Olhou o moço em si; viu-se com vinte e tres annos, futuro largo, vinte primaveras ainda a reflorirem-se. Enojou-se da inercia de seis mezes, em que deixara *anazarem-se* as suas ardentes faculdades». Encontro o trecho — e só esse — nos excelentes *Subsídios para um Diccionário completo da Língua Portuguesa*, de A. A. Cortesão. Estranho, porém, que ahi se imprimisse *anãzar-se*, tanto no tema como na exempli-

---

[1] Por não estarem nessas condições, é que os editores das *Obras* de Juan del Encina interpretaram *anaciado* a bel-prazer. A sereia da homofonia levou-os a escreverem no *Glossário*: *anaciados* = *aneciados, atontados.*

[2] *Antologia*, VII, p. 16.

[3] *Teatro completo*, ed. 1893, p. 25.

ficação. Não seria impossível que, lendo os versos de Encina, Camilo identificasse *anaziar* com *enfezar*, *apoucar*, e que introduzisse a dicção nova no seu rico pecúlio. Pelo menos, não me lembro de o ter ouvido, nem de o ter lido em qualquer dos estudos sobre dialectologia publicados na *Revista Lusitana*, por Leite de Vasconcellos, Gonçálvez Viana e outros. Quem o conhecer que o diga.

De *expatriar-se*, *apartar-se*, para *perder-se*, *apoucar-se*, o caminho não seria muito grande, em verdade.

*

Na linguagem pastoril de 1500 ha outro verbo parecido: *añacear* e *reñaciar*, com refôrço do prefixo *re*, tão freqùente nas palavras populares, mas com *ñ* [1]. Conheço dois trechos: um de Juan del Encina, outro de Gil Vicente. O Salamanquino põe o termo nas *Coplas del Repelon*, em boca de Piernicurto, um dos *Sayagüeses* [2], burlados e maltratados por estudantes de Salamanca. Ao companheiro, medricas que se refugiara na casa de um cavalheiro e não quer sair d'esse valhacouto, diz repetidas vezes que venha com ele, para juntos voltarem á sua aldeia:

> Hora llevántate ya!
> aballemos ya de aqui!
> yérguete hora ende, Joan!
> nõ estés ende reñaciando! [3]

Que deixasse o sítio onde estava a descansar.

No *Auto Pastoril Castelhano*, do Plauto Português, temos o pastor Gil, inclinado á vida contemplativa, á procura de um sítio agradável, onde o seu gado pudesse repastar e folgar sossegadamente:

> Quiero aqui poner mi hato,
> que cumpre estar *añaceando* [4].

Em ambos os casos trata-se de um acto aprazível, de um gozo, gaudio ou regozijo.

---

1 É certo que os Italianos possuem *annizzare*; mas na Península não se dobram consoantes.

2 *De hacia Ledesma*, p. 245.

3 P. 243. — No *Glossário* dizem, guiando-se também aqui pela sereia da homofonia, *haciendo-se el rehacio*, isto é «respingar» (*widerspänstig sein*).

4 Vol. 1, p. 7. No *Glossário* dão-lhe a acepção de «folgar».

Por isso derivo os dois verbos, e o *añaciar* dos Asturianos, do substantivo castelhano *añacea* (*añaza*) = festa, regozijo, diversão; isto é, do árabe النزاهة, *an-nazeha* (*an-nazaha*) [1].

XX

ANAFAFES

Tumores duros ou aquosos nos joelhos dos cavalos: «O tricesimo septimo capitolo he de hũa jnfirmjdade que he dicta em latim *gedra* e em nossa lingoagem *anafafes*» (pp. 5, 17-18 e 44, 24). — «E esta doença chamam em latim quando sse faz nas pernas *lardas*, e quando sse faz nos geolhos *gallas* e *gedras;* e em nossa ljnguagem *anafafes*» (44, 33-35). — Pela terceira vez repete-se onde contra a «curba» se recomendam «todallas outras cousas assy como dicto he no capitolo dos *anafafes*» (46, 5-6).

Preciosa variante do moderno *alifafe* (que já prevalecera no século XVI) [2], porque confirma a etimologia proposta por Dozy النفخ, *an-nafakh*. Como ele, creio que a alteração é devida á influência de *alifafe*, pele, colcha, cobertor dos que chamam de papa, de اللحاف, *al-lihaf*, termo arcaico. Este antiquou muito cedo [3].

XXI

ARRETAL — ARRETAES

«E outrossy nas pernas deue de teer hũua corda legada, a de parte em cada perna. E esta prisam chamam *arretall* e deve estar de tal guissa liado que nom possa hir contra diante» (*Alveitaria*, cap. IV, p. 9, 11-14). — «E deue destar em soltas [4], e sobre todo esto deue de teer legadas nas pernas hũuas cordas que chamam *rretaaes*», (cap. XIII, p. 14, 8-10).

---

[1] Dozy, p. 195.

[2] Jorge Ferreira de Vasconcelos empregou-o em sentido figurado (= defeito grave, mas encoberto) na sua *Ulysipo*, fl. 3. — Na *Ley Extravagante* de 1566, relativa á padreação de cavalos, citam-se *sparavães*, *alifaffes e alvarazes* entre as doenças mais prejudiciaes. (§ 38, p. 756 da ed. de 1786).

[3] Ainda se usava em 1314, quando a Rainha D. Isabel ditava o seu testamento (*Provas*, I, 114). *Alifase* (como está no *Elucidário*) é êrro. Nem significava travesseiro, como lá se diz. — Cfr. Dozy, p. 140 sgs.

[4] Vid. SOLTAS.

Retal, arretal, é portanto uma corda destinada a atar cavalos, para os reter nos presépios emquanto comem; um cabresto (*entrave pour attacher le cheval au ratelier*).

Derivado, a meu ver do verbo árabe رتع, *rata'a*, com artigo ou sem ele. Quanto á acepção «cabresto», vejam o que Dozy conta a respeito do sinónimo castelhano *al-mártaga* por *al-marta'a*, المرتع, derivado da mesma raiz. Quanto ao *l* final, não etimológico, é útil conferir *alacran, alacral, alacrau* de *al-acrab;* assim como *cifaq, cifat; alfenim, alfeñique* de *al fenid; zenith, zenique*, e também *azarnefe, arzanefe* de *az-zirnikh*, que representa *asenicon*, isto é: *arsénico*.

XXII

ASA

Acostumei-me, como todos quantos se ocupam de etimologias portuguesas, a considerar como muito boa a engenhosa solução que, já ha tempo, J. Cornu deu ao problema que esse substantivo encerra [1].

Fiquei quási persuadida de que o representante directo do latim *ala* — reduzido a *aa* pela queda do *l* medial [2]—, fôra, por assim dizer, refortalecido por duplicação. Em lugar de se contentar com *ás* (por *aas*), o povo teria juntado a esse plural de dimensões extremamente curtas a terminação *-as*, dizendo *asas* [3].

Pensando assim, o ilustre Romanista supunha, salvo êrro, que o povo inculto fôra criador do neologismo; porque os eruditos, esses teriam escolhido o processo usual: mera latinização do termo [4]. Esta deu-se positivamente no emprêgo técnico de *ala* pelos arquitectos (que dizem *alas* de um edifício), pelos militares que falam das *alas* de um exército, pelos botánicos que se referem ás *alas* de labiatas e papilionáceas; assim como pelos poetas, quando falam de *asas* em sentido figurado (*palavras aladas*).

Uma variante d'esta solução foi excogitada por Gonçálvez Viana, que assim provou não ter ficado inteiramente satisfeito com

1 Em 1882, na *Romània*, XI, p. 95, e posteriormente no § 130 da *Gramática Portuguesa*.

2 É sabido que *aa* subsiste no dialecto galego.

3 Parece que o povo não sancionava pluraes monossilábicos. Pensem em *póses, nóses, cháses*, etc.

4 Como, p. ex., em *pena, feno, menos* por *pêa, fêo, mêos*.

as ideias do amigo [1]. Segundo ele [2], o povo tomou o plural *ás* por singular; juntou-lhe a terminação *-es;* converteu posteriormente *ases* em *asas;* e abstraíu d'esse o singular *asa*. Equipara portanto *asas* ao plural vulgar *póses* e á longa série de formas oxítonas e paroxítonas que o povo trata pelo mesmo processo [3].

Nas minhas leituras de textos arcaicos conservei-me sempre àlerta, a ver se encontrava exemplos documentaes de uma ou outra evolução; e se fixava a época em que a restauração da ruína lingùística se havia realizado.

De 1200 a 1500 encontrei numerosos exemplos de *aa* e *aas*. Mas nenhum de *ases*, na accepção de *asas;* nem tão pouco *asas* no sentido de «asas de voar».

Nos opúsculos de Mestre Giraldo é que agora encontrei materiaes que me parecem lançar luz sobre o processo, o qual (se não me engano) foi um tanto diverso do que os dois sábios imaginaram.

Em geral, o físico de D. Denis emprega, como todos os antigos, *aa*, ou símplez *a* (= *á*) para designar a asa de voar, quer do falcão, quer de outras aves. Lê-se, p. ex., a p. 24, 7: «toma huma agulha e huma linha e çaralhe *aa* (= *a a*[s]*a*), como quando a ave está saan»; — ibid., l. 9: «toma huum pano de linho e envolve em elle toda *aa* (= toda a *a*[s]*a*) assy çarrada»; — ibid., l. 12: «e huum ramall deita per tras *aa* saan (= a *a*[s]*a* san)»; — ibid., l. 13: «e juntem-se ambos os ramaes so *aa* saan (sob a *a*[s]*a* san)»; — ibid., l. 15: «no pano que for envolto no coto *daa* (= da *a*[s]*a*)», etc. [4]

Por duas vezes serve-se comtudo de outra expressão, substituindo *á* por *az* ou *haz*. Isto é, pelo representante legítimo do lat. *acies*, que se empregava em Portugal e Espanha no sentido de

---

[1] Leite de Vasconcelos acredita na mera substituição de *aa*, por *asa* < *ansa* (metáfora popular). Vid. *Philologia Mirandesa*, vol. II, p. 153.

[2] *Rev. Lusitana*, I, 217.

[3] A opinião corrente é que o povo considera singular os pluraes regulares *mós, pós,* etc. Eu já disse, ha muito, que não adopto a explicação, porque nunca ouvi dizer *um pós, uma mós,* etc. Os vulgarismos *móses, póses, cháses paletoses, alferezes,* etc., são imitação de numerosas formas que no singular terminam em *-z* ou *-s*, tendo por isso dois pluraes (p. ex., sing. *cález*, pl. *cátez* e *cálezes; símplez*, pl. *símples* e *símplezes; ourives*, pl. *ourives* e *ourívezes*); e também dos oxítonos em *-az*, *-oz*, como *paz*, *voz*. — Vid. *Fragmentos Etymológicos*, n.os VII, XXI, LXV e LXVIII. Conf. *Guermeces, Lesmezes, Verezes.*

[4] Quem procurar mais exemplos de *aa*, *aas* de «voar», recorra ás *Cantigas de Santa Maria*, n.º 142, ao *Livro de Linhagens*, p. 238, e aos *Inéditos* de Fr. Fortunato de S. Boaventura, III, pp. 15, 16, 125, 176, 189 e 224.

ala de exército [1], fileira, esquadrão, bando (*Heeresabteilung, Schlachtordnung, Schlachtreihe*).

Na epígrafe do cap. xv lê-se: «da az quebrada da ave». E logo no texto: «alguuns porcos ou alguuas outras animalhas quando o[s] uuẽ asy jazer liados, veem a eles e quebram-lhes alguua *haȥ*».

Se na realidade empregavam assim, no século xiv, indistintamente *aa* e *aȥ* (*haȥ*), ao falar de asas de voar, é de boa lógica supôr que também empregavam indistintamente os pluraes *aas* e *aȥes* [2], os quaes finalmente foram fundidos num único — *aȥas* ou *asas*. Isto com tanta maior facilidade porque a par de *aas* e *aȥes* havia tambem o conhecidíssimo *asas* (*Henkel*) < *ansas* [3]. Vejam-se p. ex., as *Histórias do Testamento Velho*, publicadas por Fr. Fortunato de S. Boaventura (vol. ii, p. 122): «e tomou Moyses a meatade do sangue deles e deitou-o em vasos de vimẽ teçudos com *aasas*» [4]. E vejam como este *asa* (ou já a forma fusionada de *aa, aȥ* e *asa?*) serviu a designar a *ala* ou a *acies* (*aȥ*) de um exército, nos *Livros de Linhagens*, onde ha a expressão «a aza do cor[r]al» [5].

Resumindo:

aa, de *ala* com o plural *aas;*
aȥ, de *acies,* com o plural *aȥes;*
asa, de *ansa,* com o plural *asas;*

fundiram-se no vocábulo *asa,* na acepção de «ala de voar».

---

[1] Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», p. 185: «a az do curral, redonda como moo — ordinhou estas duas aazes de coinha pera a fenderem — deles em magotes e deles em aazes longas, e deles em aazes de coinha».

Cantigas de S. Maria:

52 et ant'a porta parauan-ss' en *aȥ*.
82 que uiu de diabres vĩjr mui grand' *aȥ*.
105 u trouxe sigo d'angeos grand' *aȥ*.
122 mais quiso que na *aȥ* dos mortos fosses.
170 e nos meteu dos ssantos em ssa *aȥ*.
169 que come *aȥes* paradas era seu nom' espantoso.

[2] Ainda não encontrei exemplos do emprêgo de *aa* com a significação de *acies*.

[3] Um derivado é *asado* (*behenkelt*), como nome de um cántaro de duas asas. De *ad* + *ansiare* resultou *aaȥar*, com o substantivo verbal *aaȥo*, *aȥo* e *desaaȥar, desaȥar* (empregado apenas em sentido figurado). — Da possibilidade de o *anaȥar* de Camillo Castello Branco ser *in* + *ansiare* = inutilizar, não aproveitar, preferi não falar por ora.

[4] Na impressão de 1829 está *asaas*.

[5] *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», p. 188, l. 31.

O povo creio bem que identificou as *alas* dos galináceos, em que se pega como numas *ansas*, de cada vez que se agarra um d'eles, com os arcos ou argolas de pegar de cestos, das ceiras, dos cántaros, das panelas, etc.

XXIII

AVIR — DEVIR

No Glossàriozito que Gabriel Pereira juntou ao *Livro de Caça*, figura *aver = acontecer*. Emende-se *avir* < *advenire*, pois é este o infinitivo que ele deveria ter abstraído da forma impessoal (3 sing.) *avém*, usada por Mestre Giraldo, (p. 11, 13; 20). Menciono o lapso (talvez apenas êrro tipográfico) unicamente para falar de outro derivado arcaico de *venire*, cujo desaparecimento me parece lamentável, por não existir em português termo algum, apropriado, para traduzir o francês *devenir*, e o alemão *werden*. Tanto assim que espíritos com propensões filosóficas já resuscitaram *devir* [1]. Num opúsculo notável, que me veio do Império dos Mandarins no inverno passado, li com prazer o aforismo de Lao-tze: «Tudo devém e nada morre». No século XVI posso apontar um exemplo pelo menos no *Livro de Marinharia*, editado por Brito Rebello. E do tempo de D. Denis um provérbio que corria entre os trovadores da sua côrte: «Quem muito quer, a pouco devém» = *Wer [zu]viel begehrt, kommt zu wenigem* [2].

XXIV

AZARNEFE — ARZANEFE

Dozy [3] registou apenas o castelhano *arzanefe* como nome, (em química), do sulfureto amarelo de arsénico, derivando-o de الزرنيخ, *az-zirnikh* (com *hâ*). Mas sem declarar que o vocábulo árabe não é outra cousa que o lat. *arsĕnicum*, do grego ἀσενικον, *asenicon*, alterado na consoante final. Nem deu exemplificação; nem indicou as variantes portuguesas.

---

[1] Se o quiséssemos conjugar, devia ser pelo paradigma de vir: *devenho, devéns, devém, devimos, devindes, devém*; etc.

[2] *CV.*, 405. — Já o citei algures; por ex., em *Rev. Lusitana*, I, 69 sgs. e em *Tausend portugiesische Sprichwörter*, Braunschweig 1905, p. 14.

[3] *Glossaire*, p. 227.

Nos textos de Mestre Giraldo temos *azarnefe, azarneffe,* sem a metátese do *r*, formas portanto mais próximas do modêlo árabe. Para tirarem os cabelos ao cavalo que sofre de *greças* ou *grapas,* os alveitares aplicavam-lhe uma calda «que se faz de cal e azarneffe fervudos em auga» (*Alveitaria,* cap. XLIV) [1]. Em casos de quebradura nos pés ou nas unhas, empregava-se o mesmo medicamento, chamado *psilotro* [2]: «Outrossy lhe podem fazer esto: ffilha a fillugem e o azimlaure [3] e ho azarnefe e o mell» (cap. XLV) [4]. Contra o cancro (cap. XLIX) utilizavam çumo de raízes de abrótea, cal viva e «do poo do azanafe» [5]. Essa variante, sem *r* e com *a* na sílaba acentuada, talvez seja mero êrro de imprensa.

Em 1500 ainda se dizia *azarnefe,* como se vê nas *Ordenações Manuelinas,* título CIX do livro V: «Que ninhũua pessoa tenha em sua casa rosalgar nem outro semelhante material, nem os Boticairos os vendam senom a certas pessoas: Mandamos e defendemos que ninhũa pessoa, de qualquer condição que seja, nom tenha em sua casa pera vender ninhũu rosalgar branco, nem vermelho, nem azarnefe [6], nem soliman, nem agoa delle, nem simonea, nem apio [7], saluo se for Boticairo examinado e que licença tenha pera teer botica e vsar do officio...» [8].

D'aí entrou para o *Diccionário* da Academia juntamente com outro trecho documental do *Repertório das Ordenações,* de Duarte Nunes de Leão (1560) [9]. A explicação que dá é vaga porém: «espécie de veneno». E *hélas!* na epígrafe do artigo lê-se *Azarnete!* Gralha que passou como ouro de lei a outros diccionários (p. ex., ao de Domingos Vieira). E como os homens e objectos mal conhecidos são em geral maltratados, transformou-se no de Moraes em *azarnese!* Outro anónimo trabalhador que reeditou esse diccionário[10] — repetindo o êrro — colheu, além d'isso, a variante *arzenefe,*

---

1 Pp. 49, 18.

2 Em Plínio *psīlothrum* é nome da norça branca; em Marcial designa um medicamento para pelar e fazer cair o cabelo.

3 Vid. o artigo AZINHAVRE.

4 49, 41.

5 51, 37.

6 Na reimpressão de 1797 imprimiram *azar nefe.*

7 Entenda-se *ópio;* e não o inocente *aipo.*

8 A 1.ª ed. é de 1512.

9 Fl. 10: «Azarnefe não pode vender ninguem senão os Boticarios pera cousa do officio e a pessoas conhecidas».

10 Aproveito a 3.ª ed. revista por P. J. de Figueiredo (1823), sentindo não ter á mão a 1.ª de 1789, nem a 2.ª de 1813. — Costumo conferi-la com a 7.ª de

na qual, sciente ou inscientemente, o termo peregrino fôra reaproximado de *arsénico* — documentando-a com um trecho de Valentim Fernández, o de Morávia [1]. Modernamente ambas as formações foram acolhidas no *Manual Etymologico* de F. A. Coelho, que recorrendo, como era seu dever, ao *Glossário* de Dozy, dá a definição exacta e a etimologia, e explica a relação de parentesco que ha entre o arábico *az-zernikh* e *arsénico* [2].

Na cura de falcões parece que não empregavam o arsénico. Pelo menos Ayala não o menciona. No *Libro de Monteria* de Alfonso XI se indica *asenico solimado* como remédio de cães que feridos *en la cola* vertem muito sangue [3].

Dos acidentes a que estão expostas as consoantes finaes de vocábulos isolados na sua passagem do árabe para as línguas neo latinas da península, já dei alguns exemplos nestas *Contribuições* e ainda darei outros. — Vid. ARRETAL, CIFAQ, EXAGUAZ.

No futuro queiram portanto incluir nos Diccionários portugueses *azarnefe* e *arzanefe*. Mas nem *azar nefe* nem *azarnete*, nem *azarnese*.

XXV

AZEVRE

É sabido que o nome *aç-çaber*, ou antes *aç-çéber*, dado pelos Árabes ao suco amargoso do àloé (ou àloés) [4] passou a ser *azévre* em Portugal, *acíbar* em Castela [5], *cever* na Catalunha, e *zabbara* na Sicília [6].

1877 — tão ásperamente criticada constantemente por Candido de Figueiredo. E, com franqueza, não compreendo essas acrimoniosas censuras. Quanto á palavra de que trato, acrescentaram a *arzanefe*, «significação incerta» conservando ao lado de *azarnefe* (sem gralha) a vaga determinação «espécie de veneno».

[1] De 1537.

[2] Arábico-pérsico, conforme outros investigadores.

[3] P. 243, cap. XVIII; Parte II.

[4] Dozy não acentua as formas peninsulares. Mas como as deriva de الصبار, *aç-çibâr*, citando ainda a maghrebina, الصبارة, *aç-çabbâra*, creio que as tem em conta de oxitónicas.

[5] *Romània*, II, p. 91, onde todavia em logar de *çibâr*, devia estar a forma maghrebina já citada, *çabbâra*. Isto é, se os Sicilianos dizem *zabâra*, e não *zábbara*.

[6] Freytag, III, p. 477, صبر (in carminibus صَبِر) succus plantae amarae; .. myrrha).

Documentarei as formas arcaicas, intermédias: port. *acéver* (*Caça*, 11, 26, e 28); *azéver*, (ibid., 11, 26; 15, 22; 19, 16); *azebre* (*Altaneria*, II, pp. 10, 26 e 27[1]; e Garcia da Orta, *Collóquios*, I, 25, 33, 34, 47, 49, 53, 59, etc.)[2]; cast. *acebar* (Ayala, 221, 223, 228, 239, 248, 250, 253, 261, 264, 342).

Com relação ás plantas diversas da família do aloé, de que se extraía uma essência medicinal muito amargosa, direi ùnicamente o que resulta dos escritos que citei[3]. Por causa do mau gôsto era quási sempre aplicada em forma de *pílula*. A melhor vinha da ilha de Socotorá. A socotorina valia quatro vezes tanto como a das outras partes (Cambaia, Bengala, etc.). A mais ordinária servia para curar cavalos, sobretudo na encarnação de chagas. Por isso a chamavam *azevre cabalino*[4]. Ainda no século XVI servia nas quebraduras das pernas de aves[5].

Além das acepções documentadas do vocábulo *azévre* (extracto de *herva-babosa*; extracto do *linaloes*; e planta *aloés*)[6], houve e ha também quem o aplique ao *verdete*, falando de aloés mineral e de azevre metálico. Do lindo conto «O segredo da cadeirinha» (dos *Azulejos*, do Conde de Sabugosa & Visconde de Pindela), já passou nesta acepção para o *Diccionário* de H. Michaëlis, minha boa irmã.

XXVI

AZINHAVRE

Contra os cravos, ou mais exactamente para destruição da carne podre que se desenvolve na cova dos cravos, é que o alveitar antigo recomenda *azinhavre muido* (p. 20, ult. e penúltima). No passo correspondente do livro castelhano, o chanceler receita

---

[1] Várias vezes *acever*, *azever*, aparecem deturpados no *Livro das Aves Caçadores*: p. 16, 19. *acenti*patico; ibid., 17, 10, *azeverer* patigo.

[2] Ele menciona a origem do termo dizendo: «no arabio está cebar» (I, 28).

[3] Na sua edição monumental dos *Colóquios*, o Conde de Ficalho comenta bem não só o II, relativo á liliácea *Aloes (aloe perfoliata)*, a que em Portugal se dá o nome comum de *herva-babosa*; mas também o XXX, relativo ao *Linaloes*.

[4] «D'esta (sc. da bola feita de azevre e mirra) usam muito para curar cavalos, e para matar os bichos das chagas, e por tanto nam he muito chamarse àcerca de nós o *aloes* ruym *Cabalino*, como escreve um moderno doctor dizendo que o mais ruym se gasta àcerca dos albeitares».

[5] «E nós tambem usamos do *azevre* nas quebraduras das pernas das aves, cousa bem usada dos *cetreros*».

[6] Orta, I, p. 34 e 41.

cardenillo molido (p. 268); no texto de Ferreira (II, 29), são «pós de verdete» que se prescrevem. Em ambos os casos, a tradução é adequada. *Azinhavre*, hoje *azinhabre*, *zenabre* no Algarve, termo de origem arábico-pérsica, privativa de Portugal (الزنجار, *az-zindjâr*) [1], é o nome scientifico do óxido de cobre ou verdete (*Grünspan*).

Afoitamente podemos emendar um passo do *Livro de Alveitaria* (II, cap. XXXV, p. 49, 41), em que juntamente com azarnefe e felugem se recomenda *azimlaure* como ingrediente de um unguento contra quebraduras. O copista antigo, ou o moderno, leu *ml* onde estava *nh*.

XXVII

BALDREU

Hoje pelica para luvas. Antigamente coiro para bolsas, para ligaduras, etc. A princípio para cintas. Mas sempre uma pele de estimação, escolhida. Parente próximo de *boldrié* [2] e, como este galicismo, derivado do germânico *bald'rich*, «cinto» (*Gurt, Degengehenk*). Em castelhano *baldrés, baldés*.

A fim de curar unhas quebradas das aves de caça, Mestre Giraldo manda polvilhá-las com certos pós que se fixam por meio de tirinhas finas de peles de *baldreu*: «e filha o mais delgado coiro de *baldreu* que poderes achar e cose-lho em aquell sabugo» (p. 9, última).

Para soldar pernas quebradas faz-se uma mistura de diversos ingredientes solidificantes que dentro de um «saquete pequeno de *baldreu*» (p. 23, 13) são expostos quer ao calor do sol-fito, quer ao do seio humano, onde se unem muito bem.

Na lei-tarifa de 1253, fixa-se o preço da pele preparada e da sem preparo, infelizmente sem pormenores bastantes para precisarmos a rês de que se tiravam, ou a parte do corpo de que procediam (o ventre ou o peito?).

«Pellis de meliori *baldreu* scudado ualeat tres solidos, et si non fuerit escodado [3] ualeat decem et octo denarios...».

«Et melior pellis de *baldreu* ualeat duos solidos et medium» [4].

---

[1] Vid. Dozy, p. 227; e Sousa, p. 69, *azenhavre*, o qual remete o leitor para a *Pharmacopea* afim de documentar a pronúncia *alzenjar*.

[2] Fr. moderno *baudrier*. Cfr. *baudroyer, baudroyeur*.

[3] «Scudado, escodado» quer dizer alisado com o instrumento *escoda* < *scuta* (Cornu, § 27).

[4] *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 194.

Pele de baldreu, claro que pode ser *pele para boldriés*. No mesmo documento fala-se de correias de cervo, corço ou gamo «proad cintazes» [1]. Mas também podia ser pele de um animal que tivesse esse nome. Pele de ovelha, pele de carneiro, etc. Suspeito que a mais fina e delgada das pelicas seria a do cordeirinho nascido morto, ou que faleceu pouco depois do seu nascimento. Mas por ora não encontrei passo algum que demonstrasse que o nome da pelica mais estimada, por ele fornecida, designasse a própria rês.

XXVIII

BANHA — LARDO [2]

Banha é vocábulo essencialmente popular e, salvo êrro, privativamente português. No *Diccionário Prático* é definido concisamente como «Gordura animal». «Pomada para o cabelo». H. Michaëlis e Louise Ey traduzem bem *Tierfett, Schmalz, Pomade*. Em Frei Domingos Vieira ha explicação mais extensa, e os sinónimos «unto, graxa, gordura», aos quaes eu acrescento «pingue» (como de preferéncia se diz no Porto), riscando «graxa», cujo domínio não coincide com o de banha. Segundo ele, a banha, definida insuficientemente como gordura contida nas aréolas do tecido celular, é uma substáncia mole, branca, inódora, insípida, oleosa, inflamável, que se derrete fàcilmente e se altera exposta ao ar, tornando-se rançosa pela fixação do oxigénio.

Para o meu gôsto, faltam ahi elementos positivos e passos documentaes [3]. O mais velho que conheço, até hoje, é de Diogo Fernández Ferreira.

No passo que transcrevo no artigo SAIM (arcaismo que repugnava ao Seiscentista), ele explica como os açores, bem tratados no tempo da muda, «tomam muita carne e criam *banhas* a que chamam *enxulha*» [4]. Na barriga bem se vê.

Hoje *banha* designa o gordo fino e delgado, extraído por decocção dos intestinos e da barriga do porco: do *soventre* [5] ou

---

[1] Ibid., p. 195.

[2] A conferir com os artigos GROSSO e SAIM.

[3] Dá todavia duas frases da linguagem viva: *derreter banhas* = fazer torresmos (*Grieben*); *ter banhas* = ser sumamente gordo, como os suínos.

[4] Vol. I, p. 20.

[5] *Soventre* é vulgar nas leis medievaes. Mestre Giraldo diz *so o ventre* (*Alveitaria*, 16, 21, e 33, 24). Hoje ha *sovantre* (*Rev. Lusitana*, XII, 316, linguagem de Penedono). Também se dizia *deventre* (*Documentos Eborenses*, I, 39).

redanho (*Netz*; fr. *crépine*); da parte, portanto, que sem ossos vae das costelas até ao fundo, ao peito, á fralda [1]; parte que os carniceiros de algumas regiões (p. ex. de Vila Nova de Gaia) chamam figuradamente o *pano*.

Banha < *pannea*, gordura extraída do *pano*; com a redução de *p* a *b*, que caracteriza *bandurrilha, beldroega, bisnaga, bolor, bostela* [2].

Ela é essencialmente líquida. Quem quer que seja rija, acrescenta um terço de gordo de boi. E quem a quer saborosa deita-lhe quando vae ao lume um raminho de salsa e algumas folhas de hortelã-pimenta. Receita que os franceses do século XII já conheciam, se eu interpreto bem a fórmula «lardum prius aliquantulum cum oleribus coctum» [3], que é uma definição de *sagimen*.

*

Lardo < *lardum* < *laridum* é sempre «a carne do porco salgada» [4] (do lombo e do pernil), tanto mais estimada quanto mais rija e branca for.

Hoje prefere-se o termo *toicinho* (*toucinho*) e *presunto*.

Sebo é, como em todo o orbe neo-latino, o gordo das vísceras abdominaes dos ruminantes, sobretudo de carneiros e ovelhas.

XXIX

BARVOS

Doença de cavalo. Tumores pequenos, como grãos de trigo, por baixo da língua (*Alveitaria*, 4, 4 e 23, 35). *Barbulos* em lat. medieval, segundo o próprio Mestre Giraldo: masc. de *barbula*. Claro que está por *barvoos*.

---

[1] Os Catalães chamam essa parte *soldàvall, soldevall* (ventre de porco).

[2] Cornu, § 164. — Vid. *Fragmentos Etymologicos*, DOBAR. — No Algarve chamam *bestigo* ao *postigo*.

[3] Du Cange, VI, p. 22.

[4] *Alveitaria*, 24, 22: «ffilha o mell bem vermelho e alardo da carne do porco salgada»; 354: «e depois dem-lhe a comer a lardo do porco salgado». Hesito quanto á aceitação da forma *alardo* porque logo depois (35, 5), encontro: «ca polo sal do lardo comeloa de bõa mente». No *Libro de Caça*, de D. Juan Manuel, ha *lardones*, pp. 63, 23 e 27. — Talvez se dissesse *lardo* e *larda*.

XXX

BATAFALUGA

Designação arcaica dos grãos aromáticos de anis; e seguramente também da planta: a umbelífera *Pimpinella anisum* L., a que os eruditos modernos dão o nome de *aniseira*. O povo, pelo contrário, a conhece apenas como *herva doce* [1]. E esse nome vulgar é (pelo menos no seu elemento principal) mera tradução do *batafaluga* dos peritos árabes e mozárabes.

Batafaluga, hoje completamente perdido e nunca registado em diccionários portugueses [2] — mas sim nos da nação vizinha — vem de *habba-halwa*, como diz Dozy [3]. Eu prefiro transcrever *habbat-halûa*, porque só a vocalização da semi-consoante e a especialização pelo sinal de unidade explica a formação peninsular primitiva e as transformações diversas por que passou (como tantos outros nomes botânicos), por não ser transparente nos seus elementos, e difícil de pronunciar.

Halwa ou *halûa* é «doce», do verbo حلا *hala* «ser doce» [4]; *habbat* é o mesmo *habb*, «grão», que forma a primeira parte de *habb-ar-rás*, «grão da cabeça», e de *habb-al-mosc*, «grão almiscarado» [5].

No artigo, muito conciso, do grande arabista neerlandês, entraram como base, correctamente, as formas castelhanas com *b* — *batafalua, batafaluga*; e como variantes *matafalua, matafaluga* [6]. Miguel Colmeiro, que se baseia, no seu *Diccionário de Nomes Vul-*

---

1 Note-se todavia que a verdadeira pimpinela é rara em Portugal, e que *herva-doce* denomina quási sempre um seu próximo parente: o *funcho* (ou *fiolho*) < *foeniculum*.

2 Quer geraes, quer de botanógrafos.

3 *Glossaire*, p. 238.

4 Freytag, I, 320.

5 Cfr. *ABelmosco* (*hibiscus abelmoschus*) nas línguas peninsulares; e *ABelculcut* ou *hab alculcul* (colocássia). Vid. Orta, I, 280: «*hab* quer dizer em arábio *semente grande* e *al* he articulo de genetivo».

6 Eis o artigo: «BATAFALUA, BATAFALUGA, (anis), de l'arabe حبة حلوة (*habba-halwa*): qui se dit dans la même acception. Évidemment les formes *matafalua, matafaluga*, ont la même origine. Pour la permutation du *b* et du *m* voyez p. 20 de l'Introduction».

gares de Plantas [1], nas formas com *m*, aventurando por isso outra etimologia, inaceitável, junta as modernas *matalahuga, matalahua, matalahuva, matalauva, matahalua,* tratando as com *b* como variantes catalanescas [2].

A ordem racional seria *batalahua, batafalua,* com metátese das tres consoantes de *habbat* que, colocando o *há* no centro do vocábulo, motivou a sua fusão com a inicial de *halûa* num só *f;* depois *matalahua, matafalua,* com troca corrente de *m* por *b* [3], que neste caso equivalia a uma curiosa modificação do sentido (*mata!* em vez de *bata!*); e em último lugar, pela epéntese, ora de *g* [4], ora de *v*, de um lado, *batafaluga, matafaluga, matahaluga, matalahuga;* e do outro lado, *batafaluva, matalauva* [5]. Esta última, interpretada na mentalidade popular por *mata-la-uva,* conduziu na Galiza a *mata-uva* [6], com omissão do suposto artigo.

*

Para documentação posso apontar um exemplo castelhano, antigo, de *matahalua,* no *Livro de Monteria* de Alfonso XI [7].

E outro português, mais antigo ainda, na *Alveitaria* de Mestre Giraldo. Este cita *batafaluga* como ingrediente de uma das beberagens, da polifarmácia da idade-média, contra a pulmoeira dos cavalos. Nela entravam cozidas em vinho bom, e com gemas de ovo, quási todas as espécies cheirosas e excitantes (*auswurf befördernd*) conhecidas então: «cravos girofres (= cariófilos); noz moscada; galingal; cardemomo; cominhos; grãos de funcho, um pouco de açafrão e... *batafaluga*» [8].

---

[1] P. 220: «*Matalahua, Matalahuga, Matalahuva, Matalauva, Matahalua* (*Pimpinella Anisum* L.) *Mata-al-halwa* que significa mercancia dulce. Los catalanes dicen *Matafalua* ó *Matafaluga,* y tambien usan las voces anticuadas *Batafalua, Batafaluga* que, segun Engelmann, derivan de *habba-halwa,* cuya significación es «semilla ó grano dulce».

[2] Desconheço *mata-mercancia;* e acho que pelo sentido não servia. — No Diccionário de Belvitges ha, como antiquado *batafalua*, e como usual *matafaluga.*

[3] Vid. Cornu, §§ 120 e 169; e Dozy, p. xx.

[4] Exemplos portugueses são *melanciga* por *melancia*; *fatiga* por *fatia.*

[5] No *Diccionário* da Academia Espanhola sancionam exclusivamente *matalahuga* e *matalahuva.*

[6] Vid. Cuveiro-Piñol.

[7] P. 134, cap. vi.

[8] Parte ii, cap. xvi (pp. 29-30).

XXXI

BOETA

É bom estabelecer que esse galicismo, hoje desusado, é do período arcaico, visto que Mestre Giraldo se serve d'ele [1]. Digo Mestre Giraldo, ou o continuador, que acrescentou cinco parágrafos finaes ao *Livro de Alveitaria*.

A p. 29, 11, recomenda: «que cinco vacas-louras sejam metidas em hũa bueta com unto velho, do tamanho de um ovo»; e se com este ainda não morrerem afogadas, junte-se outro tanto do unto. «E depois que as vacas-louras forem todas mortas, pisarás todo ho unto e ellas bem; e desque ffor bem pisado, tornaloás á *boeta*.

Bueta, boeta < *boîte* < **buxida* (de *pyxida,* sob a acção de *buxus*).

Hoje diz-se *buceta, boceta* < **buxiditta* [2]. Ainda não encontrei a forma primitiva **boxeta,* á qual corresponde o castelhano *bojeta.*

Caixinha, quer de papelão, quer de madeira, quer (modernamente) de celulose, em especial para drogas de boticários.

XXXII

BOÍNHO — BUÍNHO — BUNHO

São o nome arcaico, o moderno, e o vulgar de uma juncácea (*Schilfrohr*) ou tifácea de cujas palhas, cheias de meolo, se fazem esteiras, cadeiras e outros objectos de uso caseiro. Mas qual? Não se percebe bem, mas é facto que Brotero enfileirou *bunho* na lista das plantas que não pôde observar, nem achou descritas. No *Diccionário Prático* falta. No *Manual Etymologico,* diz-se apenas: «espécie de junco, segundo Bento Pereira» [3].

---

[1] Vid. *Fragmentos Etymologicos,* n.º VIII.

[2] Cornu, §§ 105 e 166.

[3] Eu vi *bunhaes* e falei com *bunheiros* em Estarreja e nas margens do Vouga; e sei pelo esteireiro que trabalha para a nossa casa que os melhores juncos, muito redondinhos e muito cheínhos de meolo, vem de Setúbal. Pelo *Diccionario Contemporaneo* consta que os ha no Alemtejo. Além d'isso conheço diversos nomes topográficos *Bunheira, Bunheiras* (da região de Estarreja), *Bunhoso, Bunheiro, Bunheiros.*

Mestre Giraldo aproveitava a côdea ou casca do junco (*boínho*) para fazer d'ela um aparelho em redor de pernas quebradas: «toma das palhas dos boinhos e tiralhes o miollo, e faze da codea d'ellas tavoletas» (*Caça*, p. 22). Ferreira explica vagamente: «e de cannas farão umas canellas á feição de taboinhas delgadas». (pp. 31-32). O Chanceler traduz: «las cañas del carriço» (p. 272).

Não é provável que esse junco *boínho*, que o físico de D. Denis teve em mente, fôsse o «carriço das lagoas». Pela forma talvez derive antes do latim *buda* (*Schilfgras*). Ou então virá de *tabua* (*Typha minor*), que passa por ser termo puramente berbérico, dos Algarves de aquém e além mar. Todavia é possível também que seja apenas o lat. *typha*, em pronúncia árabe metatésica, com o prefixo berbere *ta*?

A forma antiga de *tabua* é *atabua*. Gil Vicente fala de «frechas d'atabua» (III, 256); e Miguel Leitão de Andrade refere-se (em 1629) a «esteiras de atabua», num passo pitoresco sobre hoteis, que recomendo aos sócios da Propaganda de Portugal [1].

XXXIII

BOLARMÊNIO [2] — BOLOARMÊNICO

Não tenciono dissertar a respeito das terras argilosas (sigiladas), empregadas, em tempos que lá vão, como tónicos e astringentes; nem dos abusos a que a fé nas suas qualidades medicinaes conduziu tantas damas do século XVII [3]. Apenas vou registar, como sintomáticas da ignorância dos copistas, as metamorfoses por que fizeram passar o vocábulo composto.

Claro que Diogo Fernández Ferreira escrevia correctamente *bolo* (ou *bollo*) *armenico* (vol. II, p. 27) e que no *Libro de Monteria* de Alfonso XI, trasladado por mãos distintas, o termo não foi maltratado [4]. No *Livro de Alveitaria* temos (além da boa forma, 58, 14); *bollo armerjco* (21, 25); *bono almerjco* (42, 17); *bolo almenjco*

---

[1] *Miscellánea*, Diálogo IV, p. 68. Ele diz *hostaria*.

[2] Creio que o símplez *bol* foi abstraído da composição *bol*(o) *armenio*.

[3] Quem desejar informar-se a este respeito leia o interessante artigo sôbre *bucarofagia*, com que A. Morel-Fatio colaborou em *Mélanges de Philologie romane dédiés à Carl Wahlund*, assim como o opúsculo que publiquei no *Bull. Hispanique* de 1905 (ano XXVII): *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*. (Paris 1905).

[4] No original haveria *bolo almenio*?

(42, 10). No das *Aves Caçadores* ha *bualmeiro* (cap. 11, p. 19)[1]; *bolar menique* na obra de Ayala (pp. 263-264), mas também sem êrro *bolarmenico*[2].

Almerico, armerico, almenico, podem passar por variantes populares. O resto, tenho-o em conta de mera corrução de copistas descuidados.

Ainda havia outra maneira de designar essas grandes pílulas orientaes. O nome que os médicos árabes lhe haviam dado, traduzindo o *bolus* por طين, *tin,* طين ارمني, *tin-arminî*, era usado por seus sucessores no tempo de Alfonso XI. No seu *Libro de Monteria* surge pelo menos duas vezes, na forma dissimilada *teliarmin,* como ingrediente dos complicados medicamentos que receitavam a cães. No livro II, cap. VII, lê-se: «tomar acienzo et almastiga, tanto de lo uno como de lo otro, teliarmin tanto como de amas» (p. 136); e no cap. XX (p. 158), se repete a mesma indicação, tendo a mais «*nuez de ciprès,* teliarmin media onza».

O mesmo adjectivo forma a segunda parte do nome scientífico *pedra armenia*[3], que Garcia da Orta chama *hager armini,* isto é حجر الارمني, *hadjer-el-armini,* contando que com ela purgavam melancolia[4].

XXXIV

CACHAGEM — CACRAGEM

Evidentemente duas formas da mesma palavra. Elas ocorrem (com a variante gráfica *chachagem*) nos cap. I e II do *Livro da Caça,* relativos a doenças da cabeça: defluxos símples ou infecciosos. Para a sua cura Mestre Giraldo prescreve, entre outras cousas, pontas de fogo na cova que ha «antre o olho e a ventaa até que ele (o botão de ferro em brasa) toque aas chachagens» (11, 6); sem isso as secreções mormosas tapariam «todos os canos, assy como as ventaas e os olhos e as cachagens» (11, 38); e o contínuo corrimento pelas «cacragens da boca» faria nascer «gozmes» (12, 27).

---

[1] *Armonieco* (*Alveitaria*, 42, 18) «que fede muito», é, a meu ver, *amoníaco.* — Portanto eu pronunciaria *armonieco.* — Valentim Fernández parece confundir as duas cousas, visto que fala de *sal arménico.*

[2] Dozy, p. 350.

[3] *Monteria*, p. 204.

[4] *Colóquio* XLIII (vol. II, pp. 203, 204, 212).

Vejamos como Ayala entendeu essas indicações. No capítulo da agua vidrada diz: «ponle aquel boton bien caliente en un foyo que le fallaras entre el ojo y la ventana et por tantas veces gelo pon quel boton vaya dentro *á las entrañas de las narices*» (p. 222). No segundo trecho enuncia apenas que a tal água vidrada «atapa los caños asi de las ventanas, et de ojos et de narices» (p. 223). Finalmente explica que «aquella agua correndo por las narices a la boca cria guermeces» (p. 235) [1].

Evita portanto o termo *cacragem,* ou porque o não entendesse, ou porque não lhe achava correspondéncia em castelhano.

Sem os precisos conhecimentos de anatomia apenas posso conjecturar que se trate da parede divisória do nariz (e dos dois canaes que a ladeiam, visto que o vocábulo só aparece no plural). E também, que o nome d'essa parede fôsse *cartilagem,* pronunciado *cat'lagem.* Com supressão do *r,* em contacto com duas consoantes, como p. ex. em *sacho* < *sa(r)c'lum; cacho* < *ca(l)c'lum; macho* < *ma(s)c'lum; facha* < *fa(s)c'la; sobejo* < *supe(r)c'lum.*

P. S. — Nos Excerptos publicados por Nic. Rigault encontro a seguinte definição: «super nares ubi vertex coniungitur oculo ad nares». (*Excerpta ex libro incerti auctoris de natura rerum,* p. 204).

XXXV

CAÍNHO

Caínho < *caninus.* Forma divergente, popular, portanto da literária *canino* = próprio de cão; que pertence ou diz respeito ao cão. — Fonèticamente, esta etimologia é tão símplez e transparente [2] que admira não fôsse de ha muito registada [3]. O motivo é: a falta de exemplos selectos em que o adjectivo conservasse o seu sen-

---

[1] Ferreira não se cinge ao tratamento usado no seculo XIV.

[2] As formas intermédias **cãio*, **caío*, desapareceram depressa. No século XIII. Ou anteriormente, visto que nas *Cantigas de Santa Maria* e em outros textos coevos ha muitas formas com *-inho* por *-io* (*festinho, frontinho, aginha, madodinho, ladinho*).

[3] No de H. Michaëlis ha *raça caínha* = *Hunderasse.* Confesso não me lembrar de onde tirámos a fórmula, não registada nos outros léxicos. Provàvelmente de um tratado de zoologia. — O adjectivo também é traduzido correctamente em primeiro lugar por: *vom Hunde.*

tido primitivo. Os diccionários, com uma única excepção [1], registam apenas o sentido figurado «mesquinho, miserável, de bolsa apertada, tacanho» [2] (*geizig, filzig, knausrig; armselig, elend*). E, levado por essas guias, é que o editor do arcaico livro de caça traduziu com «mesquinhas, acanhadas» a locução «caynhas em comer», que é o ponto de partida da minha descoberta.

Mestre Giraldo nota que ha aves de caça tão vorazes e sôfregas, isto é, com fome habitual tão canina, que, ao arrancar-lhes a presa, o cetreiro, impacientado, leva ás vezes com ela as unhas ou a unha do falcão. «E por o caçador sanhudo acontece que ha hy aves caynhas em comer, e quando o caçador o quer desenpollegar saylhe a hunha» [3].

Ayala comprova a minha etimologia, pois diz que «hay falcones que son caninos al comer, et cuando el cazador quiere desempulgar su ave, con queja que toma [= com a raiva que se apossa d'ele], sacale la uña» [4]. Em outro lugar já havia empregado o mesmo qualificativo, caracterizando os falcões *baharis* como especialmente «rabiosos, caninos et trabadores» [5].

Ferreira repetiu posteriormente, com mais clareza ainda, que ha muitos «falcões tão cainhos, famintos e apegadores que estando aferrados na ave que matam, os não podem desaferrar d'ella» [6].

É isso mesmo: tendo fome canina [7], estão aferrados no que tem entre as unhas.

Tal qual o avarento que sempre quer mais, e não larga o que uma vez agarrou.

Qualidade de animaes bravios, «e de muita fome, tragões e cainhos» [8].

O sentido de «cínico, vil, impudente, desavergonhado», em que outros idiomas empregam *canino* (*hündisch*), liga-se em português sobretudo ao feminino *cadela* (e a *cabra*). Ha, todavia, quem se sirva de *canino* nessa acepção.

---

[1] No *Diccionário* de Domingos Vieira se enunciou a ideia de *cainho* derivar de *cão*. O adjectivo que se aponta é todavia *caneus*.

[2] Alguns põem *mísero* em vez de *miserável*.

[3] Cap. XI (p. 19, 28-30).

[4] P. 263.

[5] P. 169.

[6] Vol. II, p 27 (II, cap. XVI).

[7] Na Alemanha dizemos *fome de lobo* (*Wolfshunger*).

[8] *Altaneria*, vol. I, p. 141.

*

Vejamos agora os derivados: primeiro de *caínho;* depois do tema *can* e *cão,* e como apéndice os de *catulus, catellus.*

De *caínho,* «sovina», vem *caìnheza,* «avareza», *Knauserei.* Ha exemplos clássicos em Jorge Ferreira de Vasconcelos, pois fala na *Eufrosina* (p. 102) da «cainheza de um amo (de vosso amo)»[1]. O exemplo típico de *caínho* = «cheio de fome e de miséria», está onde o procurei. Em Gil Vicente. Nas *Trovas da Maria Parda,* que geme:

> Oh anno triste, caínho,
> porque nos fazes pagãos! [2]

Parco de uvas, obrigando os devotos de Baco a matarem a sêde «pela lei de Mafamude, com a triste da agua fria». De *caínho, canino,* podíamos derivar o verbo *caìnhar,* «latir», como cão batido que se queixa, com a cauda entre pernas, a guinchar *Caím! caím!* [3] É todavia mais provável que *caìnhar* venha de *caím,* imitação onomatopaica do grito canino [4].

Do tema *can* ha derivados populares: como os aumentativos *canaz* e *canzarrão;* os deminutivos *canito* e *cãozinho; canil* e *canzil* (*Hundestall*) [5], *canejo; canzoada, canzoal,* assim como o internacional *canalha* [6]. Outros são eruditos como *canino, canina, canícula.*

Anteriores a todos, do período em que a metátese de *n* intervogal originou *vinda, finda, trindade, paínço, maunça,* etc., são *caìnça* [7], *caìnçada* [8], *caìnçalha* [9], tres nomes diversos que desi-

---

[1] Cfr. *Ulysipo,* II, 2.

[2] Vol. III, 368.

[3] Gil Vicente usa de *hãi! hãi* (III, 15) em rima com *mãi.*

[4] É conhecida a seguinte lenda: Abel tinha um cão que estimava muito. Quando Caím matou Abel, o cão foi pelo mundo fora a dizer: *Caím! Caím!* D'aqui o grito do cão quando lhe batem.—Vid. Leite de Vasconcelos, *Tradições,* p. 197.

[5] Neste sentido falta em quási todos os Diccionários portugueses.

[6] Os estrangeiros talvez não saibam que, no Norte de Portugal, *canalha* se aplica sobretudo á pequenada, perdendo assim o caracter de impropério que tem nos outros países.

[7] Gil Vicente, III, 20: *Má caìnça que te coma!*

[8] Ibid., III, 15: *Não ouço bem com a caìnçada!*

[9] Tambem se diz *caniçalha,* se os diccionaristas falam verdade.

gnam um ajuntamento, um bando, uma multidão, quer de cães, quer de gente vil. Tanto podem provir de *can* + *itius*, como de *can* + *icius*.

Com queda completa de *n* existe em Trás-os-Montes *queira* < *canaria*, «matilha de cães».

De *cat'lus*, pronunciado *cac'lo*, talvez viesse *cacho* e *cachorro*. *Cadelo, cadela* < *catellus, catellas*. *Escanzelado* e *escanifrado* (magro como cão faminto) — e também *canifraz*, vulgarismos, com máscara de entrudo, só poderão ser satisfatòriamente explicados, se os agruparmos com outros termos carnavalescos.

*

Quanto a *canho*, *canhoto, acanhado, canhestro,* ignoro por ora se tem relações de parentesco com *caínho* de *can*. O sentido primordial foi, salvo êrro, «esquerdo, desajeitado».

*

Caíno — termo isolado, recolhido por Santa Rosa de Viterbo[1], mas sem documentação que o autentique, talvez seja mero êrro de escrita ou imprensa por *caínho* (na acepção de *canhenho*). Ponho-o de banda, como se fôsse contrabando [2].

XXXVI

CALDEJAR

Na escrita de Mestre Giraldo encontramos, como em todos os textos arcaicos, bastantes vezes *g* onde a etimologia exije *j*, conseqüência fatal dos dois valores que tem em português. Temos, por exemplo, *orgo* por *orjo* < *hordeum* (*Alveitaria*, 10, 20 e 22; 33, 6); *rrigo* em vez de *rijo* < *rigidum* (ibid., 55, 19); *esponga* (57, 7); *megar* por *mejar* < *mejare* (por *mejĕre*); *esfregẽ* (10, 4); *abranga* (21, 27); *tanga* (19, 3); *tangam* 55, 21).

---

1 Do *Elucidário* passou aos Diccionários.

2 *Petição de miséria e pobreza, feita ao Príncipe e seus ministros.* — A não ser termo oriental, bem podia ser o requerimento de um mesquinho, *avaro* e *ávido* = *caínho* portanto.

Á vista d'esses exemplos entendo *caldejem* onde vejo «caldegemlhy com ella muyto as pernas» (ibid., 33, 39); e tambem *caldeja* onde ha *caldega* (*Caça,* 11, 21 e 26, 5). Em todos os tres casos trata-se de aquecer ou aquentar certos lugares do corpo constipado, quer de aves, quer de cavalos [1].

Na tradução de Ayala ha sempre *caldear* [2], que em Portugal é hoje a única forma usada. Na Galiza subsiste todavia a forma *caldejar* [3].

Caldegar, de *cal'dificare* não seria impossível: em tempo de D. Denis devia, comtudo, ter a forma *caldeguar* ou *caldevegar,* se existisse [4].

XXXVII

CANAVEA — CANAVEAL

E

OUTROS DERIVADOS E COMPOSTOS DE «CANA»

Canaveal, cannaveal [5], ou modernamente (com grafia sónica) *canavial,* é um conjunto de *canas* e o lugar onde elas crescem ou se plantam. *Canas* — isto é, *arundines, junci, calami,* e, sobretudo, *cannae* [6]. Em regra, das bravias, comuns, ordinárias, indígenas; mas por excepção, espécies exóticas, preciosas, como o *bambu,* a *cana de açucar,* etc.

O tema *cana* deve estar no derivado *canavial.* Para ilustração, — mas também com fins recónditos que o leitor verá depois —, copiarei um dos trechos documentaes que conheço, por ser belo, pela sua ingenuidade. Imagine o leitor os habitantes de Coimbra, a saírem pelas portas da cidade, festivamente, ao encontro do Mestre de Avís: «todos com cavallitos de cannas, que cada um

---

1 Gabriel Pereira traduz «soldar», o que não é bem exacto.

2 No *Libro de Monteria,* claro que *caldear* é também freqüente (vid. p. 194).

3 Quanto a *-ear* e *-ejar* de *-idiare,* vejam-se Cornu, § 195, e Schuchardt em *Literaturblatt,* 1884, n.º 2.

4 Em Trás-os-Montes ha *verdegar* por *verdejar.*

5 É assim que está em Bluteau, Moraes, Constâncio, etc.

6 A classificação pliniana de *arundines, cannae, calami,* como maiores, medianas e pequenas (*Rohr, Riet, Schilf, Binse*) não tem razão de ser. — Brotero, *Nomes Triviaes,* define a cana ordinária (que chama também *caneira,* como *arundo donax* (cana das flautas), e *carriço* (*carex*) como *arundo phragmites.* Ambas as espécies são vulgaríssimas em Portugal.

fazia nos cannaviaes; com pendões; correndo todos e bradando: *Portugal, Portugal, por El-Rei D. João»* [1]. E diga *in petto* que esses taes habitantes eram decerto criançolas [2].

O sentido e a origem da segunda metade de *canaveal* são todavia problemáticos.

Sei de duas tentativas etimológicas. Segundo F. A. Coelho (e, independente d'ele, também segundo A. A. Cortesão), teríamos em *canaveal* o nome *cánave* e o sufixo *-al*. Pela explicação muito lacónica que dá o autor do *Manual Etymologico* [3], não se percebe porém se com *canave* «de *cana,* forma antiquada», ele queria dizer (como suspeito) que *canave (canâve?)* [4] era um derivado antigo, mas hoje perdido, de *cana;* ou então que se trata de *cánave,* representante de *cannabis,* forma antiquada de *cánnabo, cánamo, cánhamo* (*Hanf*). Quanto ao autor dos *Subsídios* [5], diz-nos claramente que esta última opinião é a que defende. Como se *cánhamos* e *canas* fôssem idénticos!

A outra tentativa é de J. Cornu. Ele vê [6] em *canavial* (como em *canaveira*) derivações de *calamus* + *canna.* Entendo que, além dos sufixos *-eira* < *-aria* e de *-ial* distingue nos vocábulos citados dois substantivos, fundidos num só, *cana* e *cálamo.* Aquele inteiriço; este abreviado: contraído em primeira instáncia em *caam, cam,* e depois condensado em mero *m* por supressão da sílaba inicial, com o fim de anular a reduplicação aparente [7]. Finalmente, a tal *cana[cala]meira* veio a ser *canaveira,* por troca de *b* e *m* [8].

Teòricamente, a junção dos sinónimos *cana* e *cálamo* seria

---

[1] Fernam López, *Crónica del Rey D. João I*, parte I, cap. LXXXI (ed. de 1807, que é reprodução da de 1644).

[2] Em baixo veremos a lição auténtica que confirma essa suposição.

[3] *Loc. cit.*, s. v. «canavial».

[4] Ele não emprega acentos gráficos. — A minha suposição baseia-se nos artigos *canave* = *canavee* do *Diccionário* de Frei Domingos Vieira, de que foi revisor.

[5] «De *cánave,* do lat. *cannabis*», s. v. «canavial».

[6] Vê: ou viu, uma vez que na 2.ª edição do *Grundriss* não repetiu a concepção que enunciara no § 120 da primeira.

[7] J. Cornu dissera concisamente: «Ableitungen von *calamus* + *canna*». Mais acertado fôra *canna* + *calamus,* se no texto interpreto bem o seu modo de ver.

[8] O § 120, em que o cuidadosíssimo e arguto romanista falava de *canaveira, canavial,* é dedicado á troca de *b* e *m.* Mais símplez teria sido portanto citar ahi as formas modernas *cánamo, cánhamo,* que substituiram as antigas *cánabo, cánave* e *cáneve;* assim como *canhamaço,* correspondente ao arcaico *canhavaço.*

possível; mas sòmente se *cálamo* fôsse vocábulo vulgar, — o que não é [1]. Sendo semi-erudito, não circulando na boca de muitos, não podia passar por tantas alterações e ficar reduzido a um único som, que já não dizia nada ao espírito das massas.

Quanto á confusão entre *canna* e *cannabis*, em que pelo menos um dos eruditos Portugueses acredita, repugna-me crer que o povo, em geral bom observador de fenómenos naturaes, equiparasse plantas vulgares, cultivadas freqùentemente pelo mesmo lavrador; plantas que não tem nada comum, nem no seu aspecto geral, nem nas extensões de terrenos que elas costumam ocupar — meras bordas á beira de regatos quando *canaviaes*, e agros inteiros quando *canavaes* —, nem tão pouco nos tratos por que passa, ou nas suas aplicações. Nada, a não ser a sílaba inicial de seus nomes.

A *cana* — símbolo bíblico da inconstáncia e fraqueza — servia de flauta ao pastor, de vara de pescar aos marinheiros, de castiçaes aos cortesãos em província [2], de simulacro de lança em jogos cavalheirescos, e, como vimos, em festejos improvisados de crianças. D'ela faziam e fazem com símplez atilhos, *caniços*, *caniças* e *caniçadas*: tectos, telhados de cabanas e palheiros, adufas, etc. [3]. O *cánhamo* (*linho cánabo, linho cánęve*), pelo contrário, dá filamentos para obras de cordoaria e outras obras téxteis. Suas sementes são alimento de aves e pássaros. Na botica é que talvez esses *cañamones*, o rhizoma aromático de algumas *canas*, e a polpa da *cana fistula*, se poderiam ter encontrado. Mas não confundido.

Formalmente um derivado *canáve* de *cana* é inverosímil, por não haver sufixo *-ave* [4]; e *-ial* por *-al*, aceitado como crível por

---

[1] *Cálamo* existe na península exclusivamente como *mot savant*. Em Portugal denomina em botánica a cana dos cereaes (vulgarmente *colmo*); entre os poetas bucólicos, a flauta pastoril; entre os escrivães e escrevedores, a caneta dos antigos. Na Galiza originou uma bonita corrução etimológica, mas sòmente entre os semi-eruditos da botánica: *calamagosto* por *calamus agrostis*.

[2] *Castiçal* = *canicistall*, com metátese de *ç* e *st*, como mostrei em *Rev. Lusitana*, XI, p. 25.

[3] *Canas* partidas ao longo em duas, em quatro ou em mais tiras (nas artes de alveitaria, cetraria e montaria) para a feitura rápida de aparelhos, aplicados em casos de fractura de ossos, como já se viu no artigo BOÍNHO. Mestre Giraldo recomenda tavoletas de *buinho* (*Caça*, 22 e 23). Alfonso XI *tablas de cañaheja* (*Monteria*, p. 15).

[4] De *suave* e *grave*, únicos adjectivos em *-ave*, mal o poderiam ter abstraido. De mais a mais, não ha vestígio de *canáve*. Só de *canavée*, como o leitor verá.

todos os tres etimologistas, é tão duvidoso como o acrescentamento de *-al* ao vocábulo inteiro (*cánave*), sem supressão da átona final [1].

*

Que resta pois a favor das duas etimologias? Nada. Nem mesmo um indício que a princípio me perturbou um pouco. Uma cantiga popular arcaica, em que *canas* e *canavaes* [2], isto é, plantações de *cánave* caminham de mãos dadas:

Canas do amor!
Canas,
Canas do amor!

Polo longo de hum rio
Canaval está florido.

Canas do amor! [3]

Julgo, comtudo, que não devemos separar essas *canas do amor*, do *canaval* inteiro [4]. A meu ver elas são os talos altos e erectos, ás vezes gigantescos, quer do cánhamo sativo, quer do cánhamo de água [5], ou de outro arbusto análogo, pois *cana* não denomina apenas a haste flexível, ôca e nodosa das verdadeiras gramíneas com folhas de espadana, mas também o talo, de polpa, de outros vegetaes que tem qualquer semelhança com *arundo, calamus, cana, carex: junco, tabúa, buínho,* etc.

---

1 No capítulo de Meyer-Lübke, relativo a *-al* em substantivos que designam o lugar onde crescem plantas (II, 435), está por engano *cañavan-* em vez de *cañaver-*. Eu pelo menos desconheço *cañavanal* do já raríssimo *cañavana*.

2 Note-se bem *canaval*. Evidentemente um agro canhameiro, ou um grupo de plantas análogas no seu porte ás *cannabáceas*, quaesquer que fôssem.

3 Fragmento de um cantar paralelístico, com refrão anteposto, á moda do período galego-português. Quem o conservou foi Gil Vicente (vol. III, p. 143).

4 Não tive ensejo de verificar o vocábulo na edição-príncipe. Se lá houver *canavial*, nem por isso deixam de existir *canaval* e *canavaes* (pelo menos em nomes topográficos).

5 Penso no *cánhamo de agua*, (*Wasserhanf; Eupatorium cannabinum; chanvrine* em francês) que durante todo o verão enfeita as margens do rio Leça com as suas umbelas ligeiramente rosadas. Nem os canavaes comuns nem os canaviaes ordinários, são, de longe, tão bonitos como os formados por essa syngenesia rústica.

Portanto, resta apenas este facto: que o povo teve de apegar-se a processos um pouco descomunaes a fim de tirar de *cana* os derivados precisos [1] para designação de espécies, objectos feitos de cana, actos em que elas figuram, e o lugar onde crescem, etc. *Canal,* p. ex., formado segundo a regra geral, não se prestava, porque o mesmo vocábulo já existia pronto, com significação diversa, vinda de Roma. *Caneiral* nem mesmo foi tentada, porque *caneira* <*cannaria* não é formação antiga e vulgarizada. Instintivamente tomaram para ponto de partida um sinónimo, mais sonoro e mais pregnante: o composto *canavea.*

*

Mas que é *canavea?*

Passo a dizer qual o caminho que segui depois de haver descartado as tentativas alheias. Persuadida de que *canaveal* não estaria completamente isolado, procurei termos aparentados, e encontrei: o verbo *canavear* (*cannavear, acanavear*) [2] e os nomes *canavea, canavee.* O verbo significa meter pedaços de canas por entre as unhas de alguém, para atormentá-lo ou supliciá-lo, costume atroz de Mouros e Turcos para com os seus prisioneiros. Ocorre quási exclusivamente em obras históricas, que referem casos acontecidos [3].

Canavea ocorre na versão arcaica da *Bíblia,* que Frei Fortunato de S. Boaventura inseriu nos *Inéditos Alcobacenses* [4]. Símbolo da fraqueza e volubilidade, tal qual *cana.* Um enviado de Sanherib, da Assíria, admoesta o rei Ezequias, mandando-lhe dizer entre outras cousas: «se confias no rei do Egypto, encostas-te *em cajado de canavea*» [5]. Na tradução de J. F. de Almeida ha *bordão de cana quebrada.* A mesma figura é referida na *Côrte imperial* [6] a pessoas, confiadas em demasia, e que se estribam em cousas

---

[1] Ainda assim parece que o povo emprega ás vezes *canal,* na acepção de canavial. Uma quadra açoreana, princípio de um despique, principia: *Entre canas e canaes.* Os Castelhanos possuem *cañal.*

P. S. — O meu amigo Leite de Vasconcellos lembra-me, ao rever das provas, que o povo da Beira Alta emprega *canal* por *canavial.*

[2] Em castelhano *cañaverar.*

[3] P. ex. Zurara, na *Crónica do Conde D. Pedro,* cap. LVI; Andrada, na *Crónica de D. João III,* parte II, cap. CX; Goes, na *Crónica de D. Manuel,* IV, 81; Mariz, *Diálogos,* IV, 18; Meneses, *História de Tanger,* III, 82.

[4] Vol. III, p. 75.

[5] *Livro dos Reis,* IV, cap. XXV, que corresponde ao II, cap. XVIII, 21, da *Vulgata.*

[6] Ms. 814 da Biblioteca Municipal do Porto (fl. 48 e 50) — impresso agora mesmo, como vol. I de uma *Colecção de Manuscritos Inéditos.* Porto 1910.

vãs: *sobre o bagoo da canavea quebrada*. Muito depois de conhecer esses passos [1], tive o prazer de encontrar outro, muito curioso, do século XV. É a lição original, auténtica, da scena da entrada de D. João I em Coimbra, que já narrei. Na cópia melhor da chrónica original das arquivadas na Torre do Tombo [2] trata-se de um cortejo infantil, improvisado, de cachopos «com cavallinhos de *canas*, que cada hũu fazia, e nas maãos canaveas [3] com pendões». Ou «como pendões?»

Agora vejo no *Livro de Alveitaria* que em certas enfermidades dos cavalos lhes aplicavam cataplasmas de «rajz de canavea, malhada, e com manteiga» [4].

Além d'isso descobri, ahi mesmo, um exemplo da variante *canavee*, a qual antes tivera em conta de mero êrro de imprensa, quando apenas conhecia um único caso.

O fisico de D. Denis recomenda de novo o remédio citado, contra feridas causadas por espinhas ou estrepes: «E outrossy val pera esto a rrajz de *canauee*» [5].

Na *Regra de S. Bento*, que faz parte dos *Inéditos* de Alcobaça, a comunidade dos frades é incitada a não esquecer a parábola da cana rachada (*vom zerstossenen Rohre*): «E némbresse da *canavee* esfachada: nom na quebrante!» [6].

Para analisar correctamente essas formas que haviam dado que pensar a todos os investigadores [7], pus-me a observar os processos empregados por Portugueses e Castelhanos na denominação das numerosas espécies de *cana* que medram na península.

Cana, sem mais nada, é, como sabemos, ora o nome genérico do caule, colmo, cálamo, tronco, quer ôco, quer meduloso, não

---

[1] O exemplo contido nos *Inéditos* já anda nos *Diccionários;* só nos melhores, bem se vê.

[2] Publicada por Braamcamp Freire como brinde valiosíssimo do *Archivo Historico Portuguez*.

[3] P. 342 da edição de 1909. Por não entenderem *e nas maãos canaveas*, substituíram esse pormenor característico de jogos infantis pela frase *enos canaviaes*. Vejam o artigo CANAVOURA, onde dou outro exemplo.

[4] Cap. XXXV (p. 44, 3).

[5] Cap. XLI (p. 51, 4).

[6] Vol. I, p. 284.

[7] No *Elucidário* de Santa Rosa de Viterbo ha *canauec;* alhures ha *cananea*. Cortesão pronuncia *canávea* e deriva-o de *cannabis, canávea* < *cannabea*. Ad. Coelho, finalmente, subordina-o a *canáve*, no *Diccionário* de Frei Domingos Vieira, e indirectamente também no *Manual Etymologico*, como já deixei explicado no texto.

só das gramíneas, mas também de plantas semelhantes; ora é nome da cana comum, bravia, ordinária. Para caracterização de espécies servem quer qualificativos como em *cana-van* [1], *cana-verde* [2], *cana-doce* [3], *caña-rroya* [4], quer substantivos apostos como em *cana-fistula* [5], *cana-frecha* [6], *cana-bras* [7], etc. [8]. Ou então complementos determinativos, com a preposição de: *cana de açucar, cana do mato, cana das lagoas, cana da Índia, cana dos brejos, cana de macaco.*

---

1 Que eu saiba, espécie de trigo, idêntico ao trigo *cañi-vano* ou *cañi-hueco* de Castela. Segundo Candido de Figueiredo, planta aquática. — Creio que o adjectivo *vão* < *vanus* entrou em outros nomes de plantas, por *fas* ou por *nefas*; p. ex., em *urgevão*. Mas ainda não prestei atenção a essas formações.

2 As cantigas e danças da *cana-verde, verde-caninha,* são bem conhecidas. E não menos o *Senhor da cana-verde.*

3 Em Castela *caña dulce.* Na Galiza *cañaduz* era nome da flauta, antigamente, segundo Cuveiro-Piñol.

4 Parietária: *canna-roja* em Catalunha. Em Castela ha além das já citadas: *cañarota; caña hedionda,* e sobretudo *caña-vera.*

5 *Cassia fistola.* Vid. Garcia da Orta, *Colóquio* XIV.

6 *Frecha* por *fercha* < *feric'la.* Essa forma *frecha* conservou-se porque a *cana ferula,* cortada em ponta de frecha, servia de lança nos jogos desportivos de cana (*Rohrspielen*). Topogràficamente ha diversos *Cannafrexaes*, mas também *Cannafichal* e *Cannaficheira* (com queda do *r*). *Ferula,* o verdadeiro nome latino do *Gertenkraut, Rutenkraut* (*spanisches Rohr*) deu em castelhano *ferla, herla, erla,* mas também *hierla,* (*cañahierla*) *cañaherla, cañierla, cañerla; fer'c'la* deu *jelga,* mas também *heja.* A variante *cañareja,* que também anda nos léxicos, não se explica a não ser por influência de *reja,* possível se da férula, como da cana comum, faziam grades, adufas, *celosias,* etc.

7 É o *heracleum sphondylium* — branca ursina (*Bärenklau*), umbelífera freqùente em lameiros portugueses. O nome latino é estropiado em quási todos os diccionários, mas sempre de modo diverso. Mas que tem de fazer nele o nome próprio de *Bras?* Como ha a variante *canabaço* (que colhi em Entre-os-Rios) suponho que esta seria a forma primitiva (de *cannabaceus*), modificada depois por etimologia popular.

Caso, portanto, de fusão ou confusão entre *canna* e *cannabis,* numa planta que não é *cana* nem *cánave.*

8 A cana aromática geralmente chamada *acorus calamus* (grego ἄκορος; vid. Garcia da Orta, *Colóquio* x) chama-se em Castela *cañacoro.* A pronúncia errónea *acóro,* em lugar de *ácoro,* que esta formação indica, parece que também se introduziu em Portugal. Em Espanha ha também *caña + miel.* À *canavoura,* forma portuguesa cujo segundo elemento é escuro, dedico um artiguito. *Cannaberge* (com a variante gráfica, ou antes mera deturpação gráfica *cana-berge,* embora Brotero a incluísse nas suas listas), não é *cana* nenhuma; é o francês *canneberge,* que pela sua vez é corrução do inglês *cramberry* (*vaccinum oxycoccus*).

Canavea — com *canaveal, canavear* e os nomes topográficos *Canaveias, Cannavial, Cannaviaes*, tem lugar em ambas as categorias: *canavea* é *canna* + *avena* (como o espanhol *cañacoro* é *canna* + *acorus*); *canavee*, formação antiga que teve de deixar o campo por causa da insólita terminação, é *canna avenae*, um dos casos portanto em que a declinação latina deixou vestígios em português [1].

Para me darem fé, só falta, penso eu, a prova de que a aveia era cultivada em Portugal; e que não sòmente o *grão* se aproveitava, mas também a *cana*. Ainda aqui é Mestre Giraldo que no-la ministra. Creio que também as *Cantigas de Santa Maria* confirmam poèticamente o que o erudito enunciou em prosa chã, mas não encontrei o passo relativo a um cavalo encevadado de aveia, que tenho em mente [2].

No *Livro de Alveitaria* fala-se a meúde das gramíneas preciosas que dão grão, e enumeram-se milho, trigo, cevada, aveia, orjo, ladela. Quanto aos cavalos, os vegetaes que mais lhes convém, «as coussas que os cauallos deuem a comer som estas: ffeno e palha, orgo (= orjo), avea, e cousas semelhantes» [3].

A *cana* da aveia servia de flauta pastoril. Os Quinhentistas e Seiscentistas, como imitadores dos poetas bucólicos gregos e romanos, dão ao instrumento rústico, ora o nome de *cana* [4], ora o de *avena* [5]. Creio que, para concluir, bastará um, que vale por todos, — o cantor dos *Lusíadas* na alocução a Calíope:

Dai-me uma furia grande e sonorosa [6]
e não de agreste avena ou frauta ruda.

Da popularidade da planta como cereal até dão prova alguns provérbios, como: «De trigo e de aveia, minha casa cheia», e «Sega sua aveia quem ganhar deseja». Em derivados conheço

---

[1] Vid. Cornu, § 305, e Leite de Vasconcelos, *Revue Hispanique*, II, 117.

[2] Apenas dei, nos meus apontamentos, com uma cantiga relativa a um milagre «como Santa Maria do Porto (notabene o *Puerto de Cadiz*), guariu um cavalo d'um escrivão del Rey», mas ahi não é aveia, mas antes muita cevada que comeu.

[3] Cap. XX (p. 10, l. 20).

[4] Na Égloga VI, do Dr. António Ferreira, ha o verso: «ao som da pastoril e baixa cana»; na Prosa X da *Lusitania Transformada*, de Álvarez do Oriente, outro que diz: «na destra cana alegre som fazendo».

[5] Em rima quási sempre com *amena* e *camena*.

[6] *Lusíadas*, I, 5.

apenas *aveal* (campo de aveia) [1]. Claro que trigo e cevada eram mais estimados, de sorte que ha referências depreciativas da aveia [2].

*

Entre os derivados de *cana* um só teve força produtiva — *caniço* < *cannicius*, pois d'ele sairam: *caniça, caniçada, caniçado, caniçal, caniçoso, canicinho*; e numerosos nomes topográficos *Caniço, Caniços, Caniça, Caniças, Caniçada, Caniçal, Caniçaes, Caniceira, Caniceirinho* (quási sempre com *nn*) [3].

Como sinónimo temos, além d'isso, *carriço* por *cariço* < *caricius*, de *carex*, comquanto originàriamente denominasse apenas uma espécie (*carex acuta*). *Carriça, Carriçal, Carriçosa*, existem como apelativos, e como nomes de lugares [4].

XXXVIII

CANAVERA — CANAVEIRA (?)

Refiro-me ao vocábulo denominador de uma espécie ou de várias espécies de *canas*, para o qual já descartei (creio que de modo convincente) a derivação de *cannabis*, por ser semasiològicamente inaceitável [5].

---

[1] No *Elucidário* ha *aveaco* = pão de avea. Mas um exemplo só não convence. Em Frei Domingos Vieira vejo-o transformado em *aveaço*. A emenda parece-me boa. Todavia desejava encontrar a sua confirmação. *Aveaço* < *avenaceus*.

[2] Numa das *Églogas* de Sá de Miranda é o aldeão queixoso que diz:

> Comem o trigo, nós d'avea.
> Eles bebem, homem sua;
> doe-lhes pouco a dor alhea.

Cfr. *Cancioneiro Geral*, II, p. 566: *porque lavras... em campo que certo é que nem colherás avea?*

[3] Vid. *Corographia Moderna* de João Maria Baptista, livro excelente, mas impraticável, por causa do sistema de referências, e só utilizavel por quem tiver muito vagar e muita paciência. Prefiro recorrer ao *Novo Diccionário Corográfico*, de F. Cardoso de Azevedo (Porto 1906).

[4] *P. S.* — Leite de Vasconcelos junta agora Carrazedo, Carrazeda e Carregado.

[5] Quanto a *Canaveira* = *canaveira*, agro de *cánave*, veja-se o artigo CÁNEVE.

Cornu menciona a forma galego-portuguesa no mesmo parágrafo em que se ocupa de *canaveal*, juntamente com as formas castelhanas *cañavera, cañaveral*, como se correspondessem ás portuguesas não só quanto ao sentido, mas também formalmente; e quanto á etimologia, o que é êrro [1].

Já mostrei que *canaveal* vem de *canavea* < *canna* + *avena*. *Cañavera*, pelo contrário, é *canna* + *vera* [2]: a indígena, comum, ordinária, bravia, que o povo considera como a única *verdadeira*, em oposição ás falsas, estrangeiras, exóticas, preferindo o termo composto por achar vago e equívoco o mero *caña*. Tal qual em Portugal. De *cañavera*, e não de *caña*, derivaram por isso *cañaveral* [3] e o verbo *cañaverar* (*cañaverear; acañaverar; acañaverear*) [4], com *cañaverero* e *cañavereria*.

Quem duvidar de que *cañavera* seja antigo sinónimo de *caña*, leia p. ex. o cap. XXV do *Livro de Monteria* de Alfonso XI, onde o régio escritor expõe, sem o aprovar, um meio supersticioso para impedir os cães de sairem da casa dos seus donos [5]. Usando duas vezes o termo composto, substitue-o cinco vezes por *caña*. Como símbolo de extrema leviandade é que Frei Luís de Granada menciona a «cañavera que se muda á todos vientos».

Na Galiza perderam por completo a consciência dos elementos constitutivos de *cañavera*, se não estava já perdida em Castela. Segundo Cuveiro Piñol dizem *canavela* e *canivela*. Além d'isso empregam o masculino *canaveiro*, em estilo chulo, para designar um homem alto como as *canas* (*wie eine Bohnenstange*).

Em Portugal *canaveira* é um intruso ou adventício, vindo de Castela. Ignoro onde Cornu o encontrou. Ainda não o ouvi empregar. Nem o li nos textos que manuseio. Os diccionários tão pouco o contém. Talvez algum dos estudiosos que se ocuparam das *Enfermidades da Lingua* ou fizeram *Reflexões sobre a lin-*

---

1 Eis as suas palavras: «*canaveira* (sp. *cañavera*), *canavial* (sp. *cañaveral*), Ableitungen von *calamus* + *canna*» (§ 120).

2 No *Diccionário* da Academia Espanhola explicam *cañavera* por *carrizo*, e *carrizo* como gramínea cujas folhas servem de pasto a cavalos, emquanto as paniculas, reunidas em molhos, servem de vassoura, e dos talos secos fazem tectos horizontaes (*cielos rasos*). Em livros botánicos dizem *phragmites communis*, mas também *arundo donax*.

3 Sítio povoado de canas ou *cañaveras* = *Röhricht*; portanto, equivalente de *carrizal*, e do *canaveal* e *carriçal* português.

4 Supliciar alguém, metendo-lhe canas cortadas por baixo das unhas. Ferir com canas cortadas em ponta de flecha.

5 Pp. 184 e 185.

gua portugueza, o recolhesse na fronteira espanhola [1]? Presumo todavia que alguém leria, de facto, *canaveiras* num manuscrito elaborado em 1535 por um eborense, do qual falarei no artigo seguinte.

*

Esqueci dizer que um romanista propõe o étimo *canna* + *vária*, sem dizer porque a cana comum merece este qualificativo [2]. Só se *vária* tivesse em castelhano o sentido abstracto de «leviano, ligeiro», que subsiste em português em *tresvairado, desvairado* = doido, o que não será fácil provar. Já estabeleci que a cana é o símbolo da fragilidade e inconstáncia [3].

XXXIX

CANAVOURA ?

Brotero menciona o vocábulo duvidoso entre as plantas que não pôde observar, nem achou bem descritas [4]. De lá passou para o *Diccionário* de Frei Domingos Vieira como planta que tem a folha como a da espadana e dá uma flor branca; para o *Manual Etymológico* de F. Adolpho Coelho (planta, cuja folha é como a da espadana); e não só para o *Novo Diccionário* de Candido de Figueiredo, mas também para o *Prático Illustrado* [5], onde, segundo o meu humilde parecer, não deveriam haver tido entrada senão vocábulos de incontestável certeza.

Ninguém deu exemplos. Eu conheço um. Duvido todavia da sua legitimidade. O leitor tem voto no caso, porque já leu dois textos paralelos. Na *Chrónica dos Reis de Portugal*, compilada

---

1 Exactamente por ele ser quem é, autoridade respeitadíssima para todos nós, não suprimo o reparo que costuma acolher nas suas colecções bastantes formações e deturpações tão raras e tão isoladas que mesmo os mais instruídos Portugueses as desconhecem por completo.

2 Vid. Körting, 1.ª edição, n.º 8:515, *Nachtrag*.

3 A meu ver a pronúncia e grafia com *ei* quer dizer apenas que aquele que a assentou julgou reconhecer em *canaveira* o sufixo *-aria*. Em teoria *veira* port., correspondente a *véra* cast., podia ser *vária* = de duas côres (*zweifarbig*) ou de côres variegadas (= *bunt*). Cfr. *Zeitschrift*, xxv, p. 170.

4 Vol. II, p. 353. Lá figura tambem *canaora*, com muitas outras palavras deformadas por enganos de escrivães.

5 Rio 1910 (Publicação do *Jornal do Commercio*). Na metade lexicográfica reconhece-se a mão adestrada de Candido de Figueiredo.

por Cristóvam Rodríguez de Acenheiro (sem critério e arte, mas com curiosos materiaes anecdóticos em algumas partes, que os historiadores graves omitiram [1]) ha edição nova do cortejo infantil que vimos sair de Coimbra em recepção festiva do Mestre de Avis. D'esta vez o vitoriado foi D. Manuel, na sua ida a Castela (1498) ao passar por Elvas. «E fora dos muros da dita cidade, e portas della, sairão bem dozentos moços inocentes ou mais, cõ cavalos de cana e lamsas de canavouras, com ferros de papel, cõ hũ alferes de S. Jorge...» [2].

Por desconhecer absolutamente o vocábulo *vouro* (ou *voiro,* como se lê nas duas publicações de Candido de Figueiredo), e ignorar também de onde pudesse proceder, conjecturo que *vouras* seja mero lapso de escrita ou impressão, por *veiras* [3]. Em todo o caso as *canavouras* dos meninos de Elvas mal podem ser diversas das *canaveas* de Coimbra. Bom seria verificar em Évora e Elvas, que espécies de *canas* são as mais vulgarizadas, e que nomes lhes dão.

Se os autores citados as conhecem *de visu,* e de ouvidos o nome *canavoura,* queiram desculpar o meu scepticismo e dar pormenores precisos que satisfaçam e convençam.

XL

CÁNEVE — ALCÁNEVE

Da forma latina *cannabis*, gr. κάνναβις, saíu regularmente *cánave,* e com redução da vogal átona *cáneve.* Mestre Giraldo recomenda o *linho-caneve,* malhado em pó, em casos quási extremos: «E sabe que, se sse comer (= coçar) o caualo no cançer com a boca, façam poo do linho caneue e deytem lho ataa que seja saão» [4]. Os Árabes diziam, segundo Dozy [5], *al-kinnab,* الكنب, (ou, com ق em vez de ك, القنب); mas seguramente pronunciariam também (e talvez de preferência) *al-kânnab* e *al-kânnib,* pois essas formas devem ser pontos de partida para o adjectivo *alcanavi*

[1] Desde que Herculano a qualificou de rol de mentiras e disparates, é costume falar com desprezo d'essa *Crónica* como da de Garcia de Rèsende.

[2] *Inéditos da História Portugueza,* vol. v, p. 330.

[3] Nada sei com respeito aos manuscritos da *Chrónica* indicada.

[4] Cap. XLIV (p. 52, 14).

[5] *Glossaire* (pp. 83 e 247).

que Santa Rosa de Viterbo extraíu de um documento do século XIV[1]; e para *alcánave, alcánere*, de que ha exemplos bastantes, dos séculos XV e XVI[2]. Derivados antigos de *cánave* são: *canaval* (o da cantiga arcaica com as suas *canas de amor*) e *canaveira*[3]; com *Canavaes, Canavês, Canaveses* (Marco de), e *canavezinhos* (escritos em geral com *s*).

Da variante *cannabum* saíu *canabo*[4], transformado em *cánamo*[5] (*cánemo, cánimo*) com troca de sufixo, de onde procedem *canameiro* (plantio de cánamos) e *Canameiro*[6]. O autor do Glossário árabe documenta a forma *qînnam*, persuadido de que a troca de *b* e *m* fôra obra dos Árabes. Todavia ela é tanto mais vulgar entre Portugueses do que entre Mozárabes que me inclino a ter o contrário por mais provável[7].

Cânhamo (com *nh*), forma literária predominante do século XVI em deante, veio de Castela[8] seguramente com artefactos de *cánhamo galego*. Derivados são *canhamiça* (= palha de cánhamo) e *canhamaço* < *cannabaceus*; por dissimilação *calhamaço*[9]. *Canhavaço*[10] em lugar de **canavaço* (= *Kánevas*) ainda se usava no século XVI.

Da confusão entre *canav* + *al* e *cana* + *vea* + *l*, *canav* + *eira* e *cana* + *vera* já falei nos artigos antecedentes.

XLI

ÇAMBARCO

Planta medicinal, empregada para soldar escoiramentos, em concorréncia com pós de murta, de lentisco ou de galha.

---

1 S. v. — Acolhido no *Diccionário* de Frei Domingos Vieira, onde está todavia o étimo *cannel* por *canneb*.

2 Vid. Orta, *Colóquio* VIII (I, 95), e *Diccionário da Academia*. — Cabelos da côr do *linho alcáneve*, isto é: muito louros, são hoje *côr de estriga*.

3 Vid. Gonçálvez Viana, *Apostilas*, I, 217.

4 Registado nas listas de Brotero. — Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 196, *lino canabo*. — Dozy pretende que a variante *cánibo* ocorre repetidas vezes nas *Décadas* de Barros. Até hoje não a encontrei.

5 Ibid. e em todos os *Diccionários*.

6 Nos *Livros de Linhagem* (p. 266) ha o caso de um Infante *que matou o usso em Canameiro*.

7 Cornu, § 120.

8 O mesmo vale de *cañamones* (sementes de cánhamo).

9 Cornu, § 121; Meyer Lübke, II, 503; *Altaneria*, I, 33, 50; etc.

10 Vid. *Archivo Historico Portuguez*, VIII, p. 31.

«E saby que em todollos lugares escoirados que quiseres soldar deues a deitar ho poo da murta seca ou do lentisco ou da galha ou do çanbarco». (*Alveitaria,* p. 39, 26-28).

Parece alteração, em boca de Árabes e Moiriscos (?) de *samarc*, isto é, de *samargo* [1], nome que no Minho e na Galiza dão ao *saramago* < (*si*)*ser* + *amargo* < *siser amaricus* [2], em Castela *saramago*. Pois é exactamente essa crucífera, *amarela,* que é oficinal [3].

A epéntese de *b* depois de *m* é vulgar em Portugal. Ao par de *tarimba*, e dos vulgarismos *carumba, combro, cambara, tumblo, cambarote, numbro,* ha p. ex. *tambo,* de *tamo* < *thalamus,* e mesmo *combeta,* como ouvi um d'estes dias.

Todavia conservo dúvidas sobre a engenhosa derivação de Cornu [4], porque ha outros nomes de plantas oficinaes que tem cara de parentes de *çambarco* e *saramago*. Colmeiro [5] menciona *samarmaje, althaea off.* (com etimologia árabe, que não sou capaz de fiscalizar)—e jasmim *sambac* que ele faz vir da Persia.

XLII

ÇARAFAR

No seu *Livro de Alveitaria,* Mestre Giraldo recomenda para casos de *encalçadura* [6], isto é, de inflamação e inchação, provocada por coices nas mãos e pernas de cavalos (*atinctio nervi*), que logo se façam raspagens e incisões a fim de facilitar a saída de pus e sangue pisado. «E se a encalçadura for noua, em outro dia çarafenlha, e deitará o sangui podre (p. 48, 9)». O verbo *çarafar*, com *ç* inicial e *r* símplez [7], documentado por ora neste único trecho, é sinónimo do termo scientífico *escarificar* = *leviter in superficie radere et scalpello aperire* (*ritzen, aufritzen*), que o físico de

---

[1] Valadares Nuñez.

[2] Cornu, § 108.

[3] Brotero regista apenas o *saramago maior* = armorácea (*cochlearia armoracia*).

[4] Cornu, § 120.

[5] *Diccionário,* pp. 222 e 234.

[6] Cap. XLII. Vid. artigo ENCALÇAR.

[7] Ao *r* símplez em textos arcaicos, em palavras onde *rr* é originário, não podemos em regra dar importáncia, porque em traslados do século XV, o *R* arcaico, que valia *rr,* foi a meúde transcrito por *r* singelo. Mas no caso de que trato, pode ser significativo.

D. Denis traduz em geral por *raer* < *radere* [1]. Parece ser portanto forma arcaica, até hoje ignorada, do moderno *sarrafar* — vocábulo privativamente português, do qual descenderam o substantivo verbal *sarrafo*, tirà delgada de madeira (*Schnitzel, dünne Latte*) com o aumentativo *sarrafão*; o pejorativo *sarrafaçar*, «escarificar mal ou com mao instrumento, roçando e rasgando muito»; e como derivados d'ele *sarrafaçador*, *sarrafaçadura* e o adjectivo *sarrafaçal*, «mal-feito, desajeitado, inhábil» [2].

Qual será a etimologia? Diez [3] havia identificado *sarrafar* com *scarificare*. Mas como tirasse do mesmo étimo latino (na forma *scar'f'care*) os verbos *sarjar*, *sajar*, sem dar demonstrações suficientes, os sucessores não se conformaram. O grego *σκαριφασθαι*, que propuseram, idéntico na primeira parte, não é todavia mais plausível [4].

Tomando por base *çarafar* < *scarifare*, e tendo em conta que os médicos, físicos e alveitares mouros e mozárabes se serviam, entre termos puramente arábicos, de muitos outros de origem grecolatina, com pronúncia mais ou menos alterada, talvez se acredite que dissessem, para aligeirar a insólita inicial *sc* [6]: *esc-*, *ecs-* [7], *ei-xerafar*. Chegado a **xerafar*, **xarafar*, o caminho para *çarafar* e *sarrafar* seria fácil e curto. Ignoro, se porventura Simonet regista essa forma.

Ss e *ç* por *x* são tão vulgares em português, que é desnecessário apresentar exemplos [8]; apenas lembrarei por suas condições especiaes *xenabe* = *cinâb*, صناب, de *sinapi*; *xarope* (*syrup*); *xeringa*; *xofre*, *enxofre*, *enxufre* (*sulfur*); *xerga*, *enxerga* (*serica*); *xofrango* (*ossifrago*); *xaguão*, cast. *zaguan*; *enxalmar* (*insagmare*); *xastre*.

Rr, em lugar de *r*, tão pouco exige documentação. No artigo Sarar hei de referir-me á pouca diferença que aparentemente

---

1 Só no cap. XLII temos tres vezes *raer* (p. ex., 8, 20 e 24. Veja-se o artigo n.º CVIII).

2 Quanto a *sarrafusca* (*Krawal*) estou em dúvida. Esta formação e outras semelhantes exigem exame especial.

3 *Etym. Wörterbuch*, IIb: p. 486 da 5.ª ed. (Scheler).

4 G. Baist em *Zeitschrift*, v, 563.

5 Körting ultima o artiguinho respectivo de *Lat. Rom. Wörberbuch* com a nota: «Ursprung dunkel».

6 Medial, deante de *e*, *i*, dá regularmente *x*; por ex., em *mexer* de *miscere*.

7 Metátese de *sk* em *ks* talvez fôsse tão freqùente como foi a de *çt* em *tç*, que produziu *azor*, *açor*; *rezar*; *prazo*; *amizade*; etc.

8 Vid. Cornu, §§ 207 e 234. Cfr. 162, nota.

houve entre *r* e *rr;* e á confusão constante entre os dois sons no manuscrito de Mestre Giraldo. Mas uma vez que Cornu menciona apenas os casos *bandurra* e *escarrar* [1], chamarei a atenção de nova mente para *arraigar, arranhar, arrancar, arrotar, estarrecer, carranca, borrasca, parroco, carriço; carrancho* e *carrage* (em gal.); etc.

Quanto a *far,* temos a mesma abreviação de *fac're,* a meu ver, não sòmente em *escalfar* (*cal*[id']*fare*), mas também em *safar* (*salv* + *fare*), *solfar* (*sol* [id'] *fare*) [2].

*

Escarvar, aplicado sobretudo ao cavalo que escava ou esgravata o chão com as patas, de impaciente, cast. *escarbar,* (astur. *esclabar*) [3], não o derivo de *scar'fare,* embora autoridades como Schuchardt [4], Cornu [5], Gonçálvez Viana [6], se pronunciassem a seu favor. Prefiro *scabrare,* proposto por Baist [7].

XLIII

COLHAR [8]

Forma arcaica de *colhér*; próxima ainda de *cochlearis* (*Alveitaria,* p. 21, 5). — Don Juan Manuel dizia também *cuchar* (p. 89) [9].

Note-se que Mestre Giraldo dizia *colheradas* (p. 48, 13 e 18), e não *colharadas.*

A predilecção dos portugueses por *-aria, -areiro, -aradas,* em oposição ao uso castelhano, é muito mais moderna do que pensam os que hoje lhe dão carácter dogmático, exigindo que se diga mesmo «infantaria, cavalaria, lotaria, galantaria», etc.

---

1 Vid. § 145.

2 Reforçar as margens de livros estragados com tiras de pergaminho, cartão ou papel. Termo de encadernador. De *espatifar* conto falar oportunamente.

3 Não está no Vocabulário de Rato de Argüelles.

4 *Romanisches und Keltisches,* p. 22.

5 Vid. § 185.

6 *Rev. Lusitana,* I, 218.

7 *Zeitschrift,* v, 240.

8 *Coliar* em latim bárbaro. Vid. López Ferreiro, *História de Santiago,* vol. II, p. 266.

9 Ed. Baist, 57, 23.

*

Parece que no Sul de Portugal se desenvolveu também a forma *cuchar*, feminino insólito cujo sufixo o povo substituíu por *-arro*. Creio pelo menos que o nome *cucharro*, que os pastores do Alemtejo e os serranos do Algarve dão a uma espécie de escudela de cortiça, com a qual bebem agua, não seja outra cousa do que *cochleare*. Cfr. *chuchar*, *rocha, concha*.

XLIV

CONDILHÕES

Quando as aves de caça tem os pés inchados, á maneira de gota, acontece que «per cima deste inchaço se levantam huuns condilhooens tamanhos como ervanços» (*Caça*, cap. XIII, p. 21, 40)[1]. Hoje *godilhões, gudilhões,* são pequenos nós formados de fios empastados que se encontram nos tecidos, ou se juntam no enchimento de colchões, e também grumos ou caroços que se formam na farinha mal diluída. Se a forma moderna admitia, mal embora, que a derivássemos de *guedelha, gadelha* (all. *Zotte*), a arcaica opõe-se a tal identificação.

Tenho em mente os termos germánicos *Quaddel* e *Kuttel;* mas não disponho de materiaes suficientes para estribar a conjectura.

XLV

COYTO

Hoje o único representante do lat. *coctus* figura em *bis-coito*[2]. Em tempos de D. Denis *coyto* ainda era participio de *cozer* e irmanava com o cast. *cocho*. Vejam uns exemplos do *Livro de Alveitaria,* I, e do de *Monteria,* II:

I. «faze todo feruer e meixio todo ataa que seia coyto» (43, 30).

«Outrossy lhe prestaram as lesmezes malhadas com manteiga e coytas» (44, 3).

---

[1] Nós e gudilhões, no dizer de Diogo Fernández Ferreira, parte IV, cap. XIX.

[2] Claro que no século XIV eram muito usados *comesto* (*Alveitaria*, 27, 34), *colheito* (ibid., 16, 23; 14, 32) e *tolheito*. *Cantigas de Santa Maria*, 59, 117, 179, etc.

«Pera esto meesmo presta se filharem a rraiz do maluaysco e a do liryo e a do baruasco molhadas com do unto e depois coytas» (47, 8).

«ponham-lhe as maluas e os farelos ... todo coyto» (56, 29) [1].

II. «toma vino caliente en que sean cochas las cosas sobredichas» (p. 234).

«Et esto todo sea cocho en el vino» (p. 256) [2].

Comtudo Mestre Giraldo já se servia do particípio analógico. A p. 34, diz: «E depois que estas cousas todas fforem cozidas, coẽnas» [3].

Os derivados *coytar* < *coctare* e *coçar* < *coctiare*, claro que também já existiam. No sentido primitivo de irritar e magoar a pele, causar nela comichão e ardência incomodativa:

«e nõ no coytem das esporas, ca pella ventura tornarja ende rreuelador» (14, 15).

«quando primeiramente meteres o ffreo ao cauallo ... deuẽno coçar mujtas vezes no dia ataa que seia mansso» (13, 9).

*

Ao mesmo tema pertence *decouçon* < *decoctione* (*Alveitaria*, 34, 26: «E depois façamlhe hũa decouçon tall)».

XLVI

ÇOFRA

Dozy provou que *açofra* (*açofora*) fôra empregado na idade-média no sentido de trabalho forçado (*corvée*) [4].

E provou que no idioma árabe السخرة, *as-sokhra*, tem o mesmo significado [5].

---

[1] Cfr. 56, 7.

[2] Vid. pp. 145, 164, 169; etc. — Por faltar no notável *Manual Histórico*, de Menéndez Pidal, relevarei também o conjuntivo *cuega* (*Monteria*, 169, 194, 206, 209, 220; etc.): *cueganlas con del aceite*.

[3] *Figos coitos* talvez sejam uma espécie muito cozida e ressequida pelo sol.

[4] *Glossaire*, p. 227.

[5] Cfr. Freytag, II, 295, سخر.

Ducange registou um exemplo, relativo aos Reis de Aragão, em latim medieval, no qual igualmente designa um serviço obrigatório (*munera personalia praestanda*)[1].

Mestre Giraldo ensina que: «se o cauallo trabalha na gram quentura, quebra lhy a çofra, e desseca, ataa que morre» (*Alveitaria*, II, cap. XVII, p. 17, 36).

O sentido diverge. Trata-se de «capacidade de trabalhar; ardor no trabalho». Mas o desvio não é bastante grande para se decretar incompatibilidade.

XLVII

CRÉ

É axiomático entre os lexicógrafos que esse nome português do carbonato de cal amorfo vem do francês *craie*. Indirectamente de *creta* (grego κρήτα), que directamente deu *greda*,[2] nome da pedra macia com que se tiram nódoas de gordura.

Todavia, não pode ser. *Craie* é moderno. Ainda no século XVI os franceses diziam *croye*. E Mestre Giraldo já se servia em 1318 do vocábulo *cree*. Devemos portanto «precisar», dizendo que ele é representante do francês arcaico *creie*. Importado com produtos industriaes, denominados *crées de Paris* ou *crées de França*? — *Crayons* primitivos para desenhadores e alfaiates?

No capítulo VIII, *Da pedra*, o físico de D. Denis compara a que se forma nos intestinos das aves á natural que «chamam cree» (p. 17). Ayala modifica e exemplifica, substituindo *gesso* (sulfato natural hydratado de cal) ao *cré* de Mestre Giraldo: «que es como una que traen los alfayates con que señalan, que parece de yeso blanco» (p. 255); e Ferreira até emprega a palavra moderna «gis de alfaiate» (p. 23). *Giz*, em boa ortografia etimológica, porque *gypsum* passou pela boca de Árabes e Mozárabes, e de lá veio transformado em *giz*, جبس, *djibs*, provàvelmente por intermédio de hábeis alfaiates.

Gesso-cré, como hoje chamam a variedade que, pulverizada, serve para limpar metaes, *gesso* e *giz* comunicariam ao símples *cré* (de *crée*) o seu género masculino.

---

[1] Vid. *çofra* (vol. II, 417). Em parêntese remete ao artigo CAENA, no qual ha extractos extensos das *Chartas* aragonesas (1283).

[2] Cornu, § 166.

XLVIII

CRÉTANO MARINHO

«Ffilha o cardo beeyto e cretano marjnho e parjtarja que chamam alfauega de cooura e as rraizes do espargo e da gilbarbeira... e feruam todas conujnhauellmente». (Cap. xxv [1]). Para fomentar os rins e a bexiga do cavalo.

Crithmum maritimum [2], com troca do sufixo; cfr. *abrótano, ébano, ládano, pámpano, rábano, sinfano* (de *cinife*, mosquito) [3]. Em Castela transformaram-no de outro modo, pois dizem *crestamarina* [4].

Hoje o nome vulgar que se dá em Portugal a esta erva (cujas folhas carnudas se comem, em conserva de vinagre, como estimulantes do apetite, mas também como diuréticas e depurativas) é *perrexil* [5].

XLIX

DE COMEYOS?

O cavalo não deve ser nìmiamente grosso (= gordo) nem nìmiamente magro... «e assy conuem de o tragerem sempre de boa carne de comeyos». (*Alveitaria*, 10, 40).

Ha em português a locução adverbial *neste comenos*, nunca analisada por ninguém, que eu saiba. Conheço-a apenas com sentido temporal: «neste meio-tempo, no entretanto».

Sempre pensei que *neste comenos* estava por *neste comeio* (= *com-medio*), sendo latinizado erradamente, por confusão com outra fórmula de que vou ocupar-me. Mas no caso de que trato, a conjectura serviria apenas, se *de comeyo* teve também o significado de *meio-termo*, o que está por provar.

Por causa dos numerosos erros que ha no manuscrito de Mestre Giraldo devo encarar também a possibilidade de *comeyos* estar

---

1 P. 36, 24.

2 All. *Meerfenchel*; fr. *fenouil de mer*. — Brotero regista *crithmo* e *crethmo* e além d'isso *calcifraga de lobelio*.

3 Em Trás-os-Montes. — Das numerosas formas duplas em -*o* e -*ão* < *ăno*, como *lódo, lodão; estêva, estevão; fungo, fungão; féto, fetão; ourégo, ouregão; golfo, golfão*, já falei em outra parte. Vid. *Pucarinhos em Portugal*.

4 Creio que também ha *crétamo* e *cretmo*.

5 Vid. este artigo.

por *çomeos* = *de someos. De somenos* (*sub* + *minus*), como se dizia do século XVI em deante, significa *de qualidade inferior*.

É possivel, é mesmo provável que o fisico quisesse recomendar, quer alternação entre carnes muito substanciaes, de primeira qualidade, e outras menos nutritivas [1]. Ou então recomenda apenas carnes, boas sim, mas das menos nutritivas. O passo trasladado significava nesse caso: «convem que o tratem sempre com carnes boas, embora de somenos sustáncia».

De outros livros de Alveitaria deve vir a confirmação da minha conjectura.

L

DIALTER? — DIALTHEA

Dialter é êrro de imprensa, ou de escrita, por *dialtea*. Verdade é que á recomendação de Mestre Giraldo (para casos de inchação gotosa dos pés), «e desy ave ho ingoento a que chamam dialter» [2], corresponde na *Arte de Altaneria*, «unguento de althea» [3], sem mais nada. Mas Pero López de Ayala que traduz, como sabemos, com muito mais rigor, fala do unguento que «llaman dialtea que tienen los cirujanos» [4]. E na lista dos medicamentos, que o bom cetreiro deve sempre trazer comsigo, figura novamente *dialtea* [5].

Claro que se trata de uma pomada cuja base era a *althaea officinalis* (malva de *malvaisco* [6]). Assim o indica o prefixo grego *dia-*, que figura em numerosas composições da farmacopeia medieval [7]. Nas próprias obras do fisico de D. Denis, temos ainda *diaquillom* (*Caça*, 21, 5 e Ayala, 268) [8]; com *diapalma* no *Livro de Monteria* (p. 249); e nada menos de vinte e cinco drogas diversas na *Lista de Preços das Mezinhas*, elaborada em 1497 pelo fisico-mor Mestre Rodrigo [9].

---

1 Vejam uns passos de D. Juan Manuel que transcrevi no artigo ALJABA.

2 *Caça*, p. 21, 37.

3 Vol. II, p. 30. Assim se nomeia também na lista dos preços que menciono no fim d'este artiguito (p. 80).

4 Duas vezes a p. 271.

5 P. 343.

6 Vid. n.º LXXXIX.

7 Vid. Garcia da Orta, *Colóquios*, vol. II, p. 35, *diaturbit*, *dialaca*, etc.

8 *Dia-chylon*.

9 *Documentos Eborenses*, vol. III, p. 77.

LI

DELIR—DESLIR?

Delir, «desfazer, dissolver». De *delere?* ou antes de *diluere?* Termo semi-erudito ou pseudo-erudito de cozinha e de botica. Aplicado a gemas de ovo, vinho, açafrão e outras espécies pisadas: «e mesturem todo muj bem e deliãno em tall guissa que o possa beuer ligeiramente» (*Alveitaria*, 30, 4); ou em outro passo a carne de cobra, cozida em azeite «ata que se delja a carne dela» (54, 32). Eu pronuncio *deliam* e *delía*. Creio que, como no dia de hoje, não empregariam senão as formas arrizotónicas.

No *Libro de Caza*, de D. Juan Manuel, cujo único manuscrito está muito deteriorado, ocorre uma vez no mesmo sentido *desdeyr* [1] ou *desdeir* [2]. O príncipe manda que o cetreiro trabalhe um pouco de manteiga crua entre os seus dedos, amolecendo-a ou desfazendo-a para depois a meter nas ventas do falcão doente. Lapso, provàvelmente de quem, com o propósito de escrever *deslyr*, repetiu as duas letras iniciaes. Em *deslyr* teríamos troca de prefixo: *des-* em vez de *de-*, muito vulgar em ambas as línguas [3].

Em Mestre Giraldo ha o exemplo *defolgar* [4], *desfolgar* [5] («respirar»).

LII

CIBADO (?) = EIBADO

Com respeito á hidropesia dos girofalcos, Mestre Giraldo, depois de dar preceitos múltiplos conclue o capítulo (XVI) com a afirmação seguinte: «e çabe, se esto for fecto ante que o bucho e o figado sejam cibados, que logo guarecerá; e se o já forem, seerá em duvida».

Ponhamos *e* em vez de *c* e teremos *eibados;* e mais um exemplo que acrescentar aos que estudei, ha tempos [6]. Outro colhi, vivo, em

---

1 Ed. Baist, 156, 19.

2 Ed. Gutiérrez de la Vega, p. 88.

3 *Estrebuir* por *distribuir; estruir* por *destruir; estáncia* por *distáncia*; *esgraça* por *desgraça*, são formas algarvias.

4 *Alveitaria*, 25, 28; 26, 1 e 29, 23.

5 Ibid., 30, 25.

6 *Miscellanea Caix-Canello*, n.º 17.

Entre-os-Rios, num passeio de barco pelo Rio Douro. A barqueira, linda e valente mulherona, gabava com orgulho um seu filho, recruta então: «Aquele é que é um rapagão! Sem eiba alguma!» [1]. O *ei* era quási o arcaico *ai*. Além d'isso note-se a locução «dar a alguém nas eivas» [2].

Ayala emprega no passo correspondente (p. 285) o termo *escalfado*, que não é tradução. Ferreira tem *damnado* (II, p. 41), que serve menos mal.

Das etimologias propostas nenhuma satisfaz plenamente. Nem *eira* < *leiva* < *labies* (mácula), que propus; nem *eibado* < *elibatus*, de Cornu; nem o céltico *aiba* («exterior») de Meyer-Lübke. Juntemos mais materiaes até que do conjunto ressalte luz.

*

Digno de nota é que já em tempos tão antigos *iscado* tivesse o mesmo sentido popular de *eirado, contaminado*. O capítulo *Dos refeitos velhos* termina com outra admoestação de Mestre Giraldo: «E em todo esse anno guarda-o [o falcão] dos refeitos [velhos] ho mais que poderes; que desque aas vezes assy som iscados, fazem mui mall o refeito» [3].

LIII

EIRIÇO

Representante directo de *ericiolus* = *ouricinho*, aplicado a um tumor de superfície áspera, irregular (em alemão *Igel-Geschwulst*), que nasce por cima dos cascos, e nos joelhos dos cavalos e os faz çopegar.

«O triçesimo oytauo capitollo he de hũua door que chamam sporuanus (l. sparuanus [4]) em latim, e emnossa linguagem eyricoos (l. eyriçoos) e exaaguazes» (*Alveitaria*, p. 5, 19; e 45, 19 e 25).

---

[1] Na Galiza recolhi a frase *eivado para serviço* (militar, bem se vê); aparentemente contraditória, mas o que se quer dizer é: inutilizado por doença ou falha no corpo.

[2] «An seine schwache Seite rühren; aber auch seine Tücken und Nücken (manhas e baldas) berühren».

[3] P. 15, 2-5. — Ayala, p. 243, emprega *entecado* < *hecticatus?*

[4] Quanto a *sparuanus* (*esparavão, espravão* = *Sperber*), vid. Körting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch*, s. v.

Em outro lugar explica que depois de um banho de água doce ou salgada é preciso enxugar muito bem as pernas do cavalo, e ter a «estada» limpa, «ca muitas vezes a quentura do estrabo, se lhe acha as mãaos ou as pernas molhadas, faz lhe enfirmjdades desvairadas, assy como ouas e eyriçoos e greças» (p. 10, 15, sgs.)

*

O tema *ericius* deu o nome do mamífero: *oriço, ouriço;* gal. *orizo, ourizo;* astur. *orízio,* que passou a denominar também equinodermes do mar, de concha eriçada de picos móveis; depois, o envólucro espinhoso da castanha e de outros frutos; além d'isso, com aférese da vogal, *riço,* tecidos ou plumagens encrespadas.

LIV

ENCALÇAR — ENCALÇAR-SE — ENCALÇADURA — ENCALÇA

São formas arcaicas, ainda não registadas nos Diccionários portugueses. *Encalçar* significa: aplicar coices (*calcitrare; Fusstritte versetzen* [1]); *encalçar-se:* lesar-se o cavalo com as ferraduras (*sich mit den Hintereisen streichen* [2]); *encalçadura:* lesão produzida por coices [3]; *encalça:* a mesma cousa, se não for mera gralha de impressão [4]. Todo o cap. XLII do *Livro de Alveitaria* trata do assunto [5].

Em outros textos do primeiro período da língua portuguesa o verbo *encalçar* ocorre com o significado «seguir, perseguir e atingir», em regra *a unhas de cavalo* [6]. Nem falta *encalço,* acto de perseguir e atingir (*Jemand verfolgen und einholen*), usado em fórmulas como *levar em encalço* [7], *ir por encalço* ou *no encalço* [8].

---

1 *Alveitaria,* p. 47, 33.

2 Ibid., 47, 31.

3 Ibid., 47, 28, 35, 39: 48, 9, 21.

4 Ibid., 48, 13.

5 Vid. o artigo que dediquei a ÇARAFAR.

6 *Port. Mon. Hist.,* «Scriptores», p. 188, l. 26, «e o Infante Bazayme, seu filho del Rey, encalçaronno e filharonno pela redea do caualo». Cfr. D. Duarte, *Enssynança,* cap. XII.

7 Ibid., 188, 1, «os castellaãos os leuauam en encalço».

8 Ibid., 188, 25, «yam por seu *encalço*»; l. 32, «os cristaãos que yam per o *encalço.*

Nesse sentido é muito conhecido [1], e emparelha com o castelhano *encalzar* [2], *encalzo* [3], prov. *encaussar*, *encaus*, a. fr. *encalcer*, *enchalcer*, *encalz*, *enchalz*.

Claro é que na acepção privativamente portuguesa não pode ser outra cousa do que representante directo de **incalceare*, de *calx Ferse*. Em ambas considero-o predecessor legítimo do verbo usadíssimo *alcançar* (cast. *alcanzar*) que tem hoje o mesmo sentido positivo, — geral e especial [4] — e além d'isso innúmeras aplicações abstractas e figuradas, e bastantes derivados [5]. Para prova da unidade de *encalçar*, *alcançar*, bastaria estabelecer que os alveitares e hipólogos modernos chamam *alcançadura* á lesão que se faz a si próprio o cavalo que *se alcança*, isto é, que se toca com as ferraduras.

Nem faltam as formas intermédias: *acalçar*, *alcalçar*. *Acalçar*, «perseguir», foi muito usado no século XII, em Espanha, em documentos jurídicos [6]. No imediato, era familiar aos trovadores galego-portugueses. Das *Cantigas de Santa Maria* vou extrair alguns exemplos: «Ca med' ouve, se fogisse que seria acalçado» (277, 00); «foi tan toste depos eles e poi'los ouv' acalçados, disse lhes...» (175, 5); «ca pero a garça muito montou, aquel falcon toste a acalçou (112, 3) [7].

A primeira substituição do prefixo *en* por *a*, seguiu-se a de *a* por *al*, tão freqùente na península em termos de origem árabe, e em outros latinos por influência d'aqueles. Temos *alcalçar* na *Demanda do Graal*, a fl. 173[a] e 173[d]. O último passo — já dado no século XII, comquanto as formas arcaicas se conservassem durante séculos ainda, — consistiu na dissimilação de *l-l*, a qual também se deu em outro ramo do mesmo tronco. Digo em *percanzar*, *percance*, formas empregadas nos séculos XV e XVI, que todavia não

---

[1] Moraes tirou exemplos suficientes dos *Cronistas*. Ainda assim não figuram nos *Diccionários* modernos.

[2] *Lib. Alex.*, 723.

[3] Ibid.

[4] Vid. Moraes, s. v.

[5] *Alcançadiço*, *alcançador*, *alcançamento*. — *Alcanços*, como nome dos dedos do falcão, que estão separados dos outros, ajudando (como o polegar da mão humana) a agarrar objectos, tira-se perfeitamente, quanto á forma e quanto á ideia, do verbo *alcançar*.

[6] Tailhan publicou exemplos na *Romania*, IX, p. 294.

[7] Vejam ainda *CM.*, 189, 2; 213, 13; 237, 7; e *Graal*, f. 86; *Crónica Troyana*, 20, 213; *acalço*, 36, 231.

baniram por completo as primitivas *percalce, percalço* (*precalço*), *percalçar* [1].

Concorda, como se vê, o que aqui apurei, com Dozy [2] e Engelmann, que não aceitaram a proposta de Diez [3], de derivarmos *alcance* (e todo o resto) de القنص, *Jagdbeute* [4], significado de que não ha vestígio nas línguas peninsulares.

LV

ENCIENSO — ENCIENZO

Formas castelhanas, como se vê [5]. A troca constante entre *s* e *z*, *ss* e *ç*, que se nota nos antigos textos peninsulares, mas sobretudo nas impressões de manuscritos do século XIV, trasladados no XV [6], originou confusão entre dois vocábulos de origem e significação diversa: representantes, um de *incensum* (*Weihrauch*), de *incendere* «queimar» (nas grafias *ençenso; encienso, ençenço, ençienso*); e outro de *absinthium* (*Wermut*), do grego ἀψίντιον (nas grafias *encienzo, encienso*). A confusão, a princípio talvez meramente gráfica, parece haver-se tornado positiva entre os leigos [7], que só se lembravam vagamente de que diversas substáncias assim denominadas faziam parte da farmacopeia medieval, muita vez de mistura com a não menos famosa *mirra*.

Do *absintio* (ou *absinto*), indígena nas Espanhas — *artemisia* [8] *absinthium* [9] — botànicamente uma *syngenesia supérflua*, herbácea conhecidíssima pela sua grande amargura [10], aproveitavam as sementes e as cascas que, moídas em pó, entravam em pílulas áperi-

---

[1] «Conseguir. alcançar, arranjar, obter». Vid. Fernão Lopes, *Crónica de D. João I:* «alli vireis uns cavalgar nas bestas que percalçar podiam». Figuradamente, «ganhar, lucrar».

[2] *Glossaire*, p. 83, nota 1.

[3] *Etym. Wörterbuch*, I.

[4] Freytag, III, 504[b].

[5] Em português *ençenço*, como direi no texto.

[6] Já deixei dito que ainda estou recolhendo materiaes para demonstrar a parte que a pronúncia dos Mouros teve nesta confusão. Notem-se desde já *çumo, çanco, çafões, çumaque, celga*.

[7] Atingiu também a vogal tónica.

[8] O povo diz *artemija*.

[9] E também do *Absinthio do Ponto*, que julgo ser a espécie *alosna*.

[10] «Amarga como fel», «planta infernal», etc.

tivas e em unguentos resolutivos, tanto para homens como para bestas e aves.

O *incenso* [1], vindo da Arábia ou, na linguagem do Poeta, das *costas odoríferas sabeias* [2], da *Sabeia odorífera* [3], primeiro por terra, mas desde 1496 nas caravelas da Índia, era, pelo contrário, uma goma ou resina aromática, extraída de várias espécies arbóreas do género *Boswelia*, família das *Burseraceas* [4]. Conhecida desde a remota antiguidade, muito antes que os reis magos viessem da Caldeia adorar o menino Jesus, o incenso era e é queimado nos turíbulos das igrejas cristans [5]. No Oriente os médicos muçulmanos e indos aproveitavam-no também para perfumes e unguentos [6]. Os Mouros, e depois d'eles os cristãos, fariam o mesmo na Península, apesar de ahi ser muito precioso e considerado naturalmente como cousa santa, reservando-se, conforme já disse,

o mais cheiroso incenso para as aras [7].

Mas não a cada passo, em receitas comuns. Dos exemplos contidos no *Libro de la Caza de las Aves*, do Chanceler, talvez em um só *enciens0* equivalha a *incensum*. E talvez em nenhum. Nos restantes trata-se de *absinto*.

Eis as minhas provas:

Num passo, relativo á cura de fístulas, Mestre Giraldo recomenda a *cicuta* [8] (cap. IX, p. 18, 22). Ayala substituíu esse veneno por *encenzo* (p. 259), e para que ninguém entendesse *incenso* oriental serviu-se da paráfrase *una yerva que dicen encenso*, indicando

---

[1] O único derivado popular que sei apontar é *encensero* (asturiano).

[2] *Lusiadas*, IV, 63, 5.

[3] Camões, *Égloga* VII, 348.

[4] No *Colóquio* LV, *Do Thure que he encenço e da mirra*, ha explicações suficientes. Afim de combater ideias errôneas a respeito da sua proveniência, Garcia da Orta diz expressamente: «Nesta terra (isto é na Índia) não ha *encenço*, mas mandam-o a el-rey de Portugal de cá pera que faça esmolas a muytas casas de religiosos da cristandade; mas na India não o ha senão trazido da Arabia».

[5] Das *Notas* do Conde de Ficalho (vol. I, p. 359 sgs.) é que vem a minha sciência a este respeito.

[6] «Usam muyto os fisicos indianos do encenço pera unguentos e perfumes; e comido pera muytas enfermidades da cabeça e pera camaras». *Colóquio* LV. Temos um que comia ençenso, *ca non al*, no *Poema de Alexandre*, 2316 e 2323.

[7] *Lusíadas*, X, 101. — É o de Dofar que o poeta distingue assim.

[8] *Cixcuta* na impressão.

assim que se tratava de uma herbácea comum, geralmente conhecida.

No segundo passo, onde o Português dá a fórmula de uma solda para pernas quebradas, composta de «encenço, almecega, sangue do dragom, e pedra-sanguinha» [1], o Chanceler põe simplesmente *enciensо* [2], a não ser, bem se vê, que essa cacografia seja obra do copista, o que para o caso tanto monta. Em todo o caso Ferreira [3] leu, entendeu e escreveu *incenso*, sem hesitar.

Noutro trecho [4], onde não ha correspondência exacta, uma mistura destinada a incitar o apetite da ave contém entre outras cousas *encienso et almastica* (como no primeiro caso), mas também *mirra*, o que me leva a hesitar.

No *Libro de Monteria* de Alfonso XI, o bom Castelhano, *absinto* (que ele chama *acienço* [5], *acienso* [6], *asensio* [7]) empregado a meúde na cura de cães, se combina em regra com almástica e sangue de dragão. Claro que estas formas só podem designar a herva amargosa.

Agora uma curiosa contraprova. A *artemisia absynthium* tinha e tem em Portugal outro nome, mais usado (porventura por causa do som equívoco de *encenço*): o de *alosna* ou *losna* — e mesmo *losna do reino*. Pois bem, de cada vez que Mestre Giraldo a recomenda [8], o Chanceler junta ao nome a definição: «el alosna que es encenso amargo (p. 287); el alosna que es encienso amargo» (pp. 288, 294, 343, 295) [9].

---

1 Cap. XIV, p. 22, 19. Confiram *Alveitaria*, 42, 19 e 21, 24, onde se fala de *ençenço redondo e longo*.

2 P. 274.

3 Vol. II, p. 31.

4 P. 291.

5 Ed. Gutiérrez de la Vega, pp. 129, 134, 244, 245, 248 (*corteças de acienço*), 232 (*acienço albar*), 238, 251.

6 Pp. 158, 139, 141, 151.

7 P. 200 (*simiente de asensio*), 218, 245. Brotero, *Nomes triviaes*, regista: «Absinthio, *Artemisia absinthium*; c. Losna = Artemisia absynthium, — sem distinctivo — *Losna do reyno* = *Artemisia arborescens*». Possível é que se trate de espécies diferençadas. Além das duas citadas ha *artemisia maritima* e *artemisia pontica*.

8 *Caça*, 25, 28; *Alveitaria*, pp. 43, 27, 34. e 38; 38, 12. Quási sempre *alosna*; algumas vezes *a losna*, p. ex. 43, 27. Era o *çumo da alosna* que se aproveitava. Ás vezes se cozia a planta inteira em vinho branco.

9 Creio que *alosna* (e o fr. ant. *aluisne*) é *aloesina*. — O *aloxinus* das *Glosas* de Reichenau (*Altromanische Glossare*, p. 40, e Ducange) seria neste caso mero êrro de escrita : *x* = *es*.

*

Em Portugal *encenço* [1] < *absintio* quási que desapareceu, substituído por *alosna, losna,* que já concorria com ele no século XIV. *Acintro* [2] por *acinto* é pouco usado [3]. Em Castela é *ajenjo* (de *acienzo*), que permanece. As variantes *encienço* [4], *ensienso,* com troca de *a,* considerado como prefixo, por *en,* pelo influxo de *encenso, encienso,* que ocasionou igualmente a metamorfose da vogal, produziram *enjenjo, enjenzo,* registadas nos Diccionários.

LVI

ENSARTILHAR

«O quadragesimo seisto capitollo he dos ensartilhamentos que aveem aos cavallos». (*Alveitaria,* p. 5, 33 e 50, 8).

«Aqueeçe ... per cajom ... que sse ensartilham nas pernas ou nos braços ... e chamam lhe em latim *escortiliadura* e em nossa linguagem *emsartilhadura*». (Ibid., 13).

«e se per cayom (*sic*) do *ensartilhamento* lhe saae algũu osso de seu logar» (Ibid., 21).

Pelo tratamento prescrito, e também por se dizer logo depois que «hũu osso se desencasa do outro», opino que se trata de «ex-articulação», e que portanto devemos ler «escartiliadura» (= exartiliadura).

Na linha 15 e 21 fala-se do «lugar emsartilhado hu he emsartilhado».

De *ens-* < *ex* ha exemplos em *ensaiar, ensanchar.* Quanto a *ilho* < *ĭclu,* em substituição de *iclu,* vejam Meyer-Lübke, II, § 422, e confiram as duplas formas *vencelho, vincilho.*

---

[1] Vid. Brotero e *Diccionário da Academia.*

[2] Vid. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos,* IV, 487.— Houve epéntese de *r* (depois de *t*) como em muitas outras formações vulgares de que tomei nota. P. ex. *celestre* (por causa de *terrestre, pedestre, equestre*), *Calistro, Mafaldra, Ermelindra*; *bonecra, monecra, lagostra* e *langostra* em rima com *ostra, aljabra, seletra* = *selecta, zanefra* (e *ginefra*), *testro* e *lestro* (por causa de *sestro*).

[3] Ao par de *acinto* ha *acinte.* Os Galegos dizem *asente* e *asentes;* mas também *asentos.*

[4] É assim que escrevia D. Juan Manuel. (Ed. Baist, 65, 23).

LVII

ENTERIMENTO

«O viçesimo quarto capitollo he de hũua enfermjdade que chamam em latim arrigiatura e em nosa linguagem *enterimento*». (P. 4; a p. 35, 19 e 35, ha *entirimento*).

Trata-se de *enterite*. Derivado portanto, por meio de um sufixo latino, popular entre nós, do grego ἔντερον, *énteron*, «intestino».

LVIII

ENTERTINHO

Termo de altanaria. Os Diccionários escrevem *entretinho*. Explicam «pasto da ave»; «comida da ave». E sustentam a etimologia *entreter*. Um *entretimento* ou *entretenimento* portanto! [1]

Na *Arte* de Ferreira notei o vocábulo em dois passos. Uma vez na forma *entertinho*. Ambas as vezes com relação á fressura (*Gekröse*) de aves; em especial á víscera gorda.

No ensino do açor novo convém «entretê-lo» no inverno com perdizes. E da que ele voar melhor, faz-se-lhe gasalhado «dando-lhe o coração e entertinho com alguma gordura». (Parte II, cap. XVII) [2]. No dos falcões, sacres e gerifaltes, adestrados para a caça do «vilão do milhano», o caçador leva uma galinha «da qual tirarão o coração e entretinho [3]» e o darão ao sacre que está aferrado no milhano.

Modernamente aplica-se ainda nas aldeias e cidades, na boca dos que matam porcos, ao mesentério dos suínos, isto é, aos refolhos do peritoneu que mantém na sua posição natural as diversas partes do intestino (*Binde-gewebe*) [4]. Certa de que o termo é antigo, derivo *entretinho, entertinho,* do lat. *intertignium* = travessão que liga dois barrotes (*Zwischenbalken*).

---

[1] Vid., p. ex., *Manual Etymologico* e *Diccionário Prático*.

[2] Vol. I, p. 84. — O verbo *entreter*, usado por Ferreira, provocou a etimologia.

[3] Ibid., p. 141.

[4] Os Diccionários dizem *termo provincial*.

LIX

ENVIAIS—EM VIÉS

Para cura de inchaços o fisico de D. Denis preceitua que os queimem com ferro em brasa (fervente) «ao longo (em longo) e en ujaes» (*Alveitaria*, 46, 8); «enuiais» (44, 36); «en vjaes» (46, 4); «em viaes» (45, 29 e 46, 24). Uma vez a locução é substituida por «ao longo e ao traves»; em outra ocasião acrescenta-se a explicação prática «como naçem os cabelos (ao cavalo)».

Quanto ao significado não ha pois a menor dúvida. Oposto a «ao longo», «em longo», *enviais* é sinónimo de «ao través» [1]. Isso podia ser tanto de cima a baixo ao direito [2], como oblìquamente, em diagonal (*quer, überzwerch; schräg, schief*). E este último é o sentido que posteriormente prevaleceu. As modistas chamam *vieses* a umas tiras, mais ou menos largas, de fazendas de toda a qualidade, talhadas não pelo fio mas oblìquamente, para com elas guarnecerem peças de vestuário (*Querstreifen zum Besatz*).

Quanto á forma *viais* já passara á forma intermédia *vieis* no tempo de Zurara. Este cronista diz na descrição de um vao: «mas o porto ... começava em fundo e subia pera cima ao vieis» [3], isto é, subia oblìquamente (*in schiefer Fläche, als Böschung*). Modernamente prevaleceu a grafia *viez*, segundo o sistema do século XVIII. Não se pode chamar anti-etimológica, neste caso.

Claro que *viais, vieis, viés,* que não tiveram aqui senão o sentido geométrico de «não-direito, oblíquo, diagonal», correspondem ao francês-provençal-catalão *biais* e ás restantes formas neo-latinas [4], algumas das quaes substituem *s* por *x* (ital. *sc*) [5].

Segundo o consenso dos mestres, elas derivam, na acepção de obliqüidade, linha obliqua, sentido obliquo, vesgo, de *bifax* = *faisant double-face; duos habens obtutus.*

Com *-s* final, as formas peninsulares devem ser galicismos antigos.

---

[1] *Alveitaria,* 38, 40. É por isso que Gabriel Pereira, iludindo-se, identificou *enviaes* com *envés* < *inverse*.

[2] Parece-me que este é o sentido de *em travesso* (46, 9). O golpe dado *em travesso* é ahi diferençado da incisão *enviesada*.

[3] *Crónica do Conde D. Pedro,* cap. LI.

[4] Vid. Diez, *Etymolog. Wörterbuch;* Littré, s. v.; Meyer Lübke, I, § 447.

[5] Em *viaz* < *vivace* temos *-z*.

LX

ERVANÇO — ERVANÇAL — HERVAÇAL

Os *garbanzos*, que em Castela tem quási honras de instituição nacional [1], dão em Portugal, onde são muito menos acreditados, por vários nomes, que os distinguem claramente da *ervilha* commum [2]. «Grão de bico» é a designação mais usada para o *garbanzo* sêco (*trockne gelbe Erbse; die richtige «Hülsenfrucht»*). Em Trás-os-Montes preferem *chícharos, chícheros* [3]. Mas dizem também *gravanços*, sobretudo nas regiões fronteiriças de Espanha [4]. O vocábulo verdadeiramente nacional, com direitos a literário, era, porém, outrora *ervanço*. Hoje não figura em diccionários modernos [5]; mas sim nos da Galiza [6].

No *Livro de Alveitaria* o *Cicer arietinum* L. serve tres vezes de termo de comparação para pílulas, seixos, gudilhões. No *Livro de Caça*, as pílulas de solda para os falcões também são tamanhas «como huum ervanço» (p. 22, ult.); e López de Ayala conserva esse símile popular [7].

«E faze antre as mãaos pirollas tamanhas como ervanços» (p. 11, 30);

«mas deveslhe a meter per a boca huum seixo ou dous, tamanhos como ervanços» (14, 6);

«per cima deste inchaço se levantam huuns condilhooens tamanhos como ervanços» (21, 40).

O campo de *ervanços* chamava-se naturalmente *ervançal*, como em Espanha *garbanzal*, e na Galiza *garavançal*. Parece que, como o *algarrobal*, era considerado como de excelente pastagem. Lembre-se o leitor da frase proverbial «distinguir un garbanzal de un algarrobal».

---

1 Um Português, espirituoso, chamou um dia ao garbanzo — *um grão, inchado de fidalgo, e na matéria um pobre.*

2 Como o castelhano *arveja*, vulgarmente também *alberja* (*vicia Wicke*), de *ervilia*. Vid. Cornu, § 15.

3 Linguisticamente, claro que vem de *cicer*. (Cornu, § 173). Botânicamente é, todavia, *ervum lathyrus*.

4 Faltando nos Diccionários antigos, figura nos modernos.

5 Está nos antigos.

6 Cuveiro-Piñol e Valladares Nuñez.

7 Cfr. Ayala, p. 223. — No livro de *Monteria* não faltam. Nem nas *Cantigas de Santa Maria*, onde também se emprega o feminino *garvança* (9, 14).

Enganam-se portanto os que identificam *ervançal* com *ervaçal* (terreno em que ha muita e boa *erva* para pastagem [1]), derivando ambos do latim *herba* [2].

De *gravanços*, que já vimos equiparados a tumores pequenos, deriva o termo hipiátrico *gravancelos* [3], cast. *garbanzuelos*, gal. *garavanzelos*, tumores nos joelhos do cavalo; sinónimo de *esparavão* (*Spath*) que o substituíu, por influência de qualquer tratadista posterior [4]. No tempo de D. Denis ainda não estavam fixados a este respeito, como se vê no cap. XXXVIII do *Livro de Alveitaria*: «O triçesimo ojtauo capitollo he de hũa enfermjdade que he dicta em latim *sparuanus* e em nossa linguagem *eyrriçoos* e *exaaguazes*» (p. 45, 16).

Quanto á etimologia, mal se pode separar *ervanço* de *ervilha*, leguminosas intimamente aparentadas, e ambas da família *ervum*. Igualmente inverosímil é diferença de origens entre *garbanzo* e *ervanço*. Para este último servia perfeitamente **erebintius*, do grego ἐρέβινθος, com mera substituição de *-enço* por *-anço*. Quanto ao refôrço da vogal do início, primeiro por *h* e depois por *g*, em Espanha — compreensível em *ervanço* pela influência de *herba*, que se manifesta na escrita secular, *hervanço*, *hervancal* — refôrço atestado por vocábulos como *huesped-guesped*, *hisopo-guisopo*, e talvez no tema *harp-garp*, claro que não me conservei estacionária no ponto de vista baixo, a que subira com auxílio de diccionários de sexta ou sétima ordem, antes de escrever, em 1876, *Studien zur Romanischen Wortschöpfung*. Não vejo, comtudo, bastante claro e de bastante alto para dirimir a contenda. *Adhuc sub iudice lis est.*

LXI

ESLANHADO

O que hoje chamaríamos uma boca bem fendida (e já foi chamado assim por Duarte Nunes de Leão [5]), era nos tempos antigos

---

[1] Vid. D. Duarte, *Livro de Cavalgar*, p. 118. — Cast. *yerbazal*.

[2] Cornu, § 161. Cfr. Coelho, *Manual Etymologico*, s. v. — Mais de uma vez, *a rir e a sério*, a *ervilha* tem sido tratada de *erva* deminuta.

[3] Também os chamam *gravançudos*, *gravanzudos*.

[4] É ponto que fica por averiguar. Pinto Pacheco, *Cavalaria de Gineta*, 1670? Rego, *Summula de Alveitaria*, 1679? — Duarte Nunes de Leão, *Leis Extravagantes* (Adição, 38, p. 756), emprega *sparavões*. Andrade, na *Luz de Cavalaria*, p. 113, distingue entre *espravões* manifestos, e *gravansuelos* (*sic*) ocultos.

[5] *Leis extravagantes*, p. 38.

uma boca grande e eslanhada, «feitura» que o cavalo bonito deve ter (p. 16, 15), porque só assim pode ser «bem enfreado» (p. 17, 10).

Eslanhar < *ex-laniare*, como *lanhar* < *laniare*, de onde vem o substantivo verbal *lanho*, muito usado pelo vulgo em Portugal, na Galiza e nas Astúrias, para designar um golpe não muito profundo, feito com instrumento cortante (*Riss, Schmiss, Hautwunde*), assim como *lanhaço*. Nas Astúrias ha ainda *lanha*, «greta, fenda».

LXII

ESPUNLHAS — ESPONLHAS

«O quinquagesimo tercio capitollo he das esponlhas que nacem aos cauallos» (*Alveitaria*, 6, 5 e 53, 30).

Ffazesse hũua doença ao cauallo apar da juntura do pe ou em outro logar, e fazesilhe hũua sobegidõe de carne com graaos (l. grãos) per çima; e nom tem hy coiro nem cabelo, e este xe lhe faz dumores sobejos que lhe correm aaquelle lugar. E esta doença chamam em latim *morus*, e em nossa linguagem *espunlha*» (53, 33-37).

Na taboada ha á margem, em letra do fim ou meado do século XVI, a nótula: *esponias*. Mesmo sem ela creio que todos os leitores teriam traduzido *esponja*, pensando nas excrecências esponjosas que ás vezes se desenvolvem de feridas mal tratadas.

A «sobegidão da carne» é atestada por outro texto arcaico: uns versos grosseiros, de *escarnho* do jogral Pero Viviães, a que já aludi no artigo *alvaraz*. A mesma composição [1] assegura a pronúncia, inesperada [2], com *u*, visto que *espunlha* rima nela com *unlha*. Quanto ás consoantes temos a par de *espunlha* a grafia *du uha* (= *d'unha*) no único manuscrito existente [3]. Ficaríamos portanto na incerteza, se pela sua vez Mestre Giraldo não confirmasse *nlh* com os seus tres exemplos; e se *unlya, unlha* não fôssem documentados em outros textos [4], como *senlho* [5], *senlheiro* [6],

---

[1] *CCBr.*, 446 (= 338).

[2] Vid. Cornu, § 19-21 e 23.

[3] O apógrafo *Colocci-Brancuto*, propriedade, de ha muito, de Ernesto Monaci, o ilustre editor dos *Cancioneiros*.

[4] *Cantigas de Santa Maria*, 225; *Crónica Troyana*, II, 263 e 289.

[5] *CM.*, 294; *Crónica Troyana* 173; II, 126.

[6] *CM.*, 45 e 281; *Crónica Troyana*, p. 127.

cinlha[1], e por reverberação curiosa do *n* inicial, em *nunlho*[2] e *nenlhur*[3].

Esses textos galego-portugueses pertencem ao período arcaico da língua, em que o Norte (Entre-Douro-e-Minho) prevalecia naturalmente, e tinha de comum com a Galiza propriamente dita, numerosíssimas particularidades fonéticas, morfológicas e vocabulares, que depois se perderam, em virtude da prevaléncia primeiro de Coimbra e da Beira, e posteriormente de Lisboa.

Na Galiza ainda hoje dizem *coenlho*, *gionlho*[4], *quenlha, monlho*[5], comquanto também existam *coelho, giolho, quelha, molho*[6].

Em todos os exemplos (com excepção de *nunlho, nenlhur*) *nlh* provém de *ncl, ngl*[7].

Por isso derivo também *esponlha, espunlha,* de *spongula,* deminutivo de *sponga;* e não de *spongia,* que deu *esponja* (gal. *esponxa*).

Ha uma única forma que me fez hesitar: *enxunlha,* ao par de *enxulha*[8], *enxunha, enxundia* (e *enxunda*[9]), de *axungia.* A hesitação foi todavia inútil, porque podemos considerar (naquela forma tão rara que nem mesmo a sei documentar) a *nasalização* como *secundária.*

Eis agora a cantiga sobre o macho de Fernám Furado, magro, doente, cheio de chagas e respingadiço, com todos os achaques que a fantasia do maldizente soube inventar.

> Comprar quer' eu, Fernam Furado, muu
> que vi andar muy gordo no mercado;
> mas trage já o alvaraz ficado,
> Fernam Furado, no olho do cuu;
> e anda bem, pero que fere d'unlha;
> e dizem-me que trage ũa espunlha
> Fernam Furado no olho do cuu.

---

1 Muito freqùente. Vid., p. ex., *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

2 *CM.*, 199, 266.

3 *CM.*, 5, 15; 265, 14 e muitas mais vezes.

4 *Crónica Troyana*, p. 166, ha *geonllo.*

5 Vid. Cuveiro-Piñol e Valladares Nuñez,

6 Além d'essas formas, que posso documentar, existem outras; p. ex. *unlheira, anlhar, senlhar.*

7 Cf. Cornu, § 140. — Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195, *sinlia, cinlia* < *cingula.*

8 *Alveitaria*, p. 22, 7, e dúzias de vezes na *Arte de Altaneria.* Hoje este arcaísmo passa por ser plebeísmo. Vid. Cornu, § 221.

9 *Alveitaria*, pp. 29, 30.

E, dom Fernam Furado, d'aquel muu
creede bem que era eu pagado,
se nom que tem o alvaraz ficado
Fernam Furado, no olho do cuu,
e caçurr' é, [e] vejo que rabeja,
e tem espunlha de carne sobeja,
Fernam Furado no olho do cuu.

CCBr. 446 (= 338) — 1 conprar quereu — muo 2 q̃uj — 3 o aluaraz — 4 fura do — cuo = 5 pera du uha — 6 dizeme — 8 fer nã — daq̃l — 9 cree de — 10 oal uaraz — 11 ncolho docuu — 12 cacurreuer, o q̃ rrabeia — 16 uoolho docuu.

LXIII

ESTADA — ESTABRO

Um dos nomes medièvaes dos parques com arribanas para cavalos; ou das próprias arribanas-cavalariças.

No Regimento rigoroso que nos princípios da monarquia prescrevia a economia doméstica dos reinantes, preceituava-se que:

«el rey nom tenha nem faça ter bestas em estada, nem em outro lugar, senom quatro cavallos em estada, e nom mais;

dê el rey cevada aos guardadores seus em estada;

dem aas bestas del rey e da rainha (asi azemellas como de sella) em estada alqueire e meio cada dia» [1].

Oposto a *estada* < *stata* (*Stehplatz*) havia *andada*. Em caminho, de viagem as cavalgaduras recebiam dois alqueires [2].

Mestre Giraldo servia-se, em 1318, do mesmo vocábulo. Sobretudo no cap. v «... qual deue seer a estada e manjadoira dos cauallos ... Deues a saber que a estada dos cavallos deue de seer tenperada e boa; e deue de seer cada dia linpa do estrabo e de todo lixo» (p. 9, 18 e 22) [3].

Que *estada* conservava então, além de *aido*, o sentido primitivo e geral de lugar onde alguém está [4], mas também o de *estante*, móvel para os cavalos estarem a comer, quietos e em boa posição,

---

1 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», pp. 200 e 201.
2 Tudo isso em 1261.
3 Cfr. p. 10, 2 e 13; 28, 24.
4 Hoje é a acção de estar, de assistir, de se demorar.

vê-se de diversos trechos; p. ex., onde explica que o cavalo engrossa no alcafar (= no lombo) e nas partes derradeiras, «teendo a manjadoira e a estada baixa de deante» (p. 9, 41) [1].

*

A par de *estada* dizia-se *estabro*. Parece que era palavra mais nobre. Encontro-a nas *Cantigas de Santa Maria* (228) e na *Demanda do Graal*, fl. 158. No *Livro de Alveitaria* na forma *estrabo*, quer por lapso quer por metátese popular (p. 35, 2 e 36, 38) [2]. *Estrabe*, como dizem Galegos e Catalães, subsiste em Portugal apenas no composto *condestabre* < *comite stabuli*.

LXIV

ESTALLO—ESTILLO (?)

O *Livro de Alveitaria* principia com a definição do que é um cavalo de padreação: «Deves a saber que estillo em latym tanto quer seer em nossa linguagem como cauallo que lançam aas egoas pera geerar» (p. 6, 26).

Claro que se deve ler *estallo* [3], tema germánico do ital. *stallone*; fr. *étalon*, e do port. * *estalão*, que na linguagem moderna subsiste apenas no sentido derivado de *padrão, craveira, bitola*, mas que provàvelmente foi o nome técnico do *Zuchthengst* entre os alveitares e ferradores, de 1318 em diante.

*

Estilo, com o significado *estilete*, pertencia ao vocabulário de Mestre Giraldo. Para uma das operações cirúrgicas que analisa, recomenda um ferro delgado, revôlto na ponta, e «agudo como ponta destillo» (p. 23, 28).

---

1 Vid. ESTRAR. PRESEVE.

2 *Estrabo*, existe e ocorre numerosas vezes no sentido usual de excremento de cavalo, que tem no exemplo citado neste artigo.

3 Du Cange, III, 69: «Equus ad Stallum = admissarius», em *Leg. Wisigot.*, lib. VIII, § 4, unde nostri *Estalon*. — Vid. *Stalonus*, vol. III, 352 (*stalo, stalonnus, stalonus*).

LXV

ESTRANGULHO

Doença de cavalo; obstrução na garganta, que não o deixa respirar. — *Alveitaria,* p. 4, 11, na ortografia dúbia *estrangullo;* com *lh* a p. 26, 5 e 11.

Substantivo verbal de **estrangulhar* < **strangulíare,* de *strangulare.*

LXVI

ESTRAR — ESTRUME

Stratum era particípio passado de *sternere,* «espalhar, estender»; e, como substantivo, nome de alcatifas, leitos, plataformas, mas também da cama de palha destinada aos cavalos. D'este particípio abstraíram em Portugal o infinitivo *estrar* = cobrir de palha, fazer uma cama de palha, ou de outra qualquer substáncia.

No *Livro de Alveitaria* ha tres exemplos. O imperativo *estra:* «E des y estralhe dos seixos sob elle assy como cama»; o particípio: «e seiam estrados de guissa que tenha os pees sobre elles» (p. 32, 36 e 38); o optativo, com poderes de subjuntivo: «E aa noyte façamlhe boa cama da palha longa, ou do feno, e estrem lhe bem a estada pera folgar hy» (ibid., 9, 24-25).

A incómoda cama de pedras, — «tamanhas como homem pode filhar com sa mão» —, tinha a virtude terapéutica de obrigar o cavalo a mexer as pobres pernas, já doentes de cansaço demasiado.

*

Estrume por *estrame* (*Streu*) parece-me, antes do que descendente de *stramen,* um derivado de *estrar,* com troca de sufixo, porque *-ame,* a não ser em *arame,* não é popular; *-ume,* pelo contrário, era do gôsto do povo, como se prova com *azedume, cardume, carregume, ciume, chorume, cortume, costume, legume, mansedume, negrume, ordume, pesadume, queixume, tapume* [1].

---

[1] Vid. Meyer-Lübke, § 274, e Leite de Vasconcelos em *Rev. Lusit.,* II, 368.

LXVII

ESTREPE — ESTERPE — ESTREPADURA

Estrepe < *stirpe,* na acepção de *espinho,* pua de madeira (*Splitter*), é assaz conhecido [1]; nem tem dificuldades a sua etymologia. Faltavam, porém, exemplos antigos. Temo-los no tratado de *Alveitaria,* onde concorre com *espinha* e *estaca:*

«Muytas vezes aqueeçe cajom nas pernas do cauallo, de couçe doutra besta ou de ferida, ou dalgũu estrepe que lhe entra per ella» (p. 43, 23).

Todo o cap. LVI trata de «estrepaduras [derivado ainda não registado] nos geolhos ou nas outras junturas» (p. 5, 35; 50, 34; 56, 4).

A variante *esterpe* (ou *esterpo*) está no *Auto da Festa,* de Gil Vicente, onde o Parvo exclama: «Meteu-se-me esterpe no pé» (ed. do Sr. Conde de Sabugosa, p. 109, 15).

Estrep, como corda da balista, e *esterp,* estribeira, que ocorrem no *Tirant* catalão, são derivados do germânico *strippe,* «corda», que em Portugal deu de um lado *estribo,* e do outro *tripa.*

Estrepeiro, como nome do *espinheiro* e do *pilriteiro,* rivaliza com *escalheiro* e *escambroeiro,* que são outros tantos apelidos da que é *árvore de picos,* por excelência. *Escalheiro* deriva de *squalius,* por *squalus,* nome do tubarão e também da raia que tem a alcunha de «diabo-marinho» (*Stachelroche*). *Escambroeiro, escambroeira,* está por *escabroeira,* e vem de *crabro* (*Stachelbiene,* «moscardo, vespão»).

LXVIII

EXAGUAZES — EXARGUAZES

É nome arábico ou mozarábico dos *eiriçós:* do *Igel-Geschwulst;* tumor verrugoso nos joelhos do cavalo, como já expliquei.

Temos a forma principal a p. 5, 20; 45, 19; e *exaarguazes* a p. 45, 25.

---

[1] Vid. Cornu, §§ 14 e 303. — *Estrepar, estrepada,* não teem nada digno de nota.

Creio que nenhuma está em ordem, e que as verdadeiras lições seriam *exaguaqes* e *exaugaqes* (*q* por *z*)[1], porque o vocábulo, de que evidentemente derivam, é *ax-xuqáq*, الشقاق, do tema *schaqqa: fidit, dilaceravit*[2].

LXIX

FAVELLA — ESFAVELLAR — ESFAVELLAMENTO

Aos cinco anos, ou dos quatro em diante, era uso dos alveitares medievaes o arrancarem ao cavalo duas espécies de dentes, de ambos os lados da queixada de baixo. A uma chama *pás, paas* < *palas*, o nosso Mestre Giraldo; á outra, *favellas*. Ao acto de os tirar, *esfavellar*; ao processo *esfavellamento*. Segundo as ideias de então, o cavalo assim maltratado tornava-se em seguida mais manso e de melhores costumes. Além d'isso engrossava. É tudo quanto nos diz no cap. XIV do seu livro (Parte I). Suspeito porém, pelos parágrafos que se seguem, relativos a freios, que as lacunas artificiaes eram precisas para a colocação de certa barbela do freio.

Quaes dentes seriam? E porque lhes deram o nome de *favelas*? Favas pequenas? Por terem configuração semelhante á das favas? encovados no meio, de perfil escavado, ou por estarem em contacto com as glándulas da maxila de baixo, tão sujeitas a engorgitamentos, a que o povo dá o nome de *favas*?[3]

Confesso a minha completa ignorância quanto á dentição dos equídeos[4].

---

[1] Dozy emendou no *Livro de Monteria*, *aluayaque*, propondo *aluaxaque*. Claro que este não é o único êrro cometido por escrivães em palavras, pouco vulgares, de origem arábica.

[2] Freytag, II, 437. Vid. Dozy, *Glossaire*, p. 220. Em castelhano ha *axuaga* (em ortografia moderna *ajuaga*), com queda estranha de um *q*. Parece mesmo que por metátese e influência de *água* dizem *aguaja*; e *enxoada* em algumas regiões fronteiriças d'este país.

[3] *Fava* (*haba*; *fève*) é também o nome de uma doença caracterizada por inchação no céo da boca dos cavalos. (*Froschgeschwulst*).

[4] Apenas sei o que Duarte Nunes do Lião ensina na Addição ás *Leis Extravagantes* (§ 36): «dos duas vezes seis dentes deanteiros os cavalos mudam os duas vezes dois do meio aos trinta meses; outros quatro no princípio dos quatro anos; e ao princípio dos cinco os quatro derradeiros».

Eis os passos que motivam essas perguntas. «O quarto decimo capitollo he do tempo em que deuem a esfauelar os cauallos e ho proveito que lhes tem» (XIV, p. 15, 17-18. Cfr. 3, 21). «O cauallo deve de seer esfauelado dos quatro anos adeante; pero he mjlhor de o esfauelarem aos cinquo anos e esto he por lhy nom naçerem outra vez os dentes. E quando ho esfauellarem deuemlhy a tirar as fauellas e as paas da queixada de fundo da hũua parte e da outra».

LXX

FERRAN — FERRAÊS — FARRAGEM — FORRAGEM

No cap. VI, da Parte II, do seu *Livro de Alveitaria*, o físico de D. Denis explica quaes cousas devem comer os cavalos. Para os «de idade comprida» recomenda entre outras cousas, para um mês inteiro do verão, prados ou *ferraaes*, a fim de se purgarem (p. 10, ult.)

Creio que falta til sobre *e*. *Ferraẽs* < *ferragines*, nome comum na idade média [1], e ainda hoje, de uma mistura de grãos, semeados de propósito para servirem de pasto verde, temporão, a bestas e ao gado bovino. Cevada, aveia, alcacér [2], antes de espigarem. (*Mengfuttĕr*, *Mangfutter*, *Wickfutter*).

Na antiga Roma diziam *farragines*. Esta forma literária subsiste, designando um conjunto de cousas mal ordenadas [3].

Nas formas populares ha muitas variantes, com *a* e *e* no tema: O suffixo *-agem* [4] (reconhecível no catalanesco *farratge*) foi reduzido a *-aem*, *-aẽ*: *farraẽ*, *ferraẽ*; contraído para *ém*, *ẽ*: *ferrem* (cast. *herren*), *farrem*; ou para *an*, *ã*: *farrã*, *ferrã*, que com troca de sufixo deu: *ferral* e *farrão*; gal. *ferraya*; mirandês *ferranha*.

Do derivado *farraginal*, *ferragenal*, saíram *farragial*, *farrageal*, *farrajal*, *farrejal*; *ferrageal*, *ferregial*, *ferrejal*.

Do verbo *farrejar*, *ferrejar*, vem o substantivo verbal *farrejo*, *ferrejo*.

---

[1] Vid. Schuchardt, *Vulgärlatein*, I, 202.— *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 568, *ferragem*; 629, *ferragines*; 703, *ferragenalem*; 401 e 479, *farraem*.

[2] *Alcacer* (ou *alcacel*) de القصيل, *al-cacîl*. Vid. Dozy, p. 78, e *Doc. Ebor.*, 136 e 140.

[3] *Ferragem*, de que dei um exemplo na nota antecedente, desapareceu, afugentado pelo parónimo, derivado de *ferro*.

[4] Cfr. *sartáe, sertan*.— Cornu, §§ 220 e 282.

Forragem, herva para alimentar gado, com numerosos derivados, entre os quaes não faltam *forrageal* nem *forragear,* corresponde ao francês *fourrage,* do germánico *fodr* (*Futter, Futterstroh*). Não se confunda com *farragem* nem com *ferran.* Cada um tem o seu terreno, de acção limitada.

LXXI

FORCAS DA LÍNGUA?—FORADOS DE LA LÉNGUA?
FOETAS DA GARGANTA?

Que será? Mestre Giraldo, ao falar de «gozmes» na boca das aves, diz num passo, evidentemente deturpado, que é duvidoso se a ave guarecerá ou não, «se som *perto da boca* E per as forcas da lingua e se entram na boca da gorgomilla» (12, ult.). Ayala auxilia-nos na restituição, pois diz «son *por toda la boca*»; mas quanto á segunda metade não compreendo as palavras «et por los forados de la lengua et entram fasta dentro en la garganta» (p. 236). No *Libro de Monteria* é que se fala de enfermedades dos cães «en las gargantas ó en las foetas» (p. 197).

LXXII

FORUNCHO

Para ajudar o falcão doente de pedra, no acto de expelir alguma d'elas, o assistente cirúrgico havia de lhe fazer carinhosamente umas massagens «como quem preme foruncho». Isto é: como quem expreme um *furúnculo* [1]. Ferreira diz correctamente como quem expreme um *leicenço* [2]. Já contei na Parte I, que o Chanceler compreendeu mal esta indicação, trocando *furuncho* com *furon.*

*

Epifánio Díaz já explicou o vocábulo (*Rev. Lusitana,* XI, p. 142).

---

[1] *Caça,* cap. VIII, p. 17 (penúltima).

[2] Vol. II, p. 24. Ainda não descobri o que seja etimològicamente este nome vulgar do furúnculo. Masculino do gal. *neixença* = *nascença* = *nascida?*

LXXIII

FRANGEENS

No tratamento da doença das plumadas velhas (isto é, de indigestões de falcões garganteiros), Mestre Giraldo aconselha primeiro um purgante de tártaro e mel. Depois, alguns dias de dieta. A primeira comida, de fácil digestão, seja um coração de carneiro, limpo de peles, gorduras, veias, nervuras; isto é: de todas as aparas, lavado em água de zaragatona [1].

«filha huum coraçom de carneiro e tiralhe huma pele delgada de que he cuberto e as veas e ha grosura, e fendeo e tiralhe todas as frangeens que tem dentro e os callos, etc.» (*Caça,* 14, 38).

Ayala simplifica, falando só de «nervios e durezas» (p. 24). Ferreira, na mesma, diz «bem limpo de gordura e nervos» (vol. II, p. 19).

Creio que se trata de um derivado do mesmo tema *frag-, frang-,* que temos em *frangalho* (farrapo), *frangalhona, frangibil* (Orta, II, p. 344). *Hadern, Zaddeln.* Mas a formação? **Frang-agines?* De sorte que teríamos de pronunciar *frangêns,* como *ferrens* < *farrens* < *farragines; sartens* < *sartans* < *sartagines?*

LXXIV

FRONTINHO

Qualificativo de um cavalo baio, alazão, castanho ou ruço que tem uma malha clara, geralmente branca, no meio da testa — uma estrela (*eine Blässe*), considerada como sinal de bom agouro, indicativa de excelentes qualidades [2].

Mestre Giraldo emprega-o ao falar das feituras e das côres do bom cavalo: «E o cauallo [sc. o bayo claro e o ruço cárdeo, gabado na proposição anterior] vall majs por seer frontinho e alazam dũa perna ou de duas».

---

[1] Mestre Giraldo serve-se de duas formas (não registadas por Dozy, p. 365) do nome da planta *bazr-catôna* (*plantago psyllium* = herbe aux puces, de origem persa, mas propagado pelos Árabes), ambas com queda da sílaba inicial. *Zergatoa* (*Caça,* 14, 40) e *zargatoa* (14, 43 e 15, 20) apresentam além d'isso dois traços bem portugueses: redução da vogal prètónica, e queda do *n* medial.

[2] Vid. *Leis Extravagantes,* Addição, §§ 31, 32, 33.

Claro que *frontinho,* por *frontío,* é representante directo do lat. *frontinus.* Hoje diz-se *frontino,* em Portugal como em Espanha. Quanto á formação, já falei de *caínho* < *caninus; festinho* < *festinus; sobinho* < *supinus;* e podia citar diversos outros arcaísmos, como *madodinho* < *matutinus* (*CM.*, 152); e também *maninho.*

A segunda parte da oração citada creio que se refere a cavalos de pé calçado de escuro [1] (côr de canela ou de castanha), porque malhas brancas, a não serem iguaes ás estrelas do rosto, não eram estimadas [2]. Por isso havíamos de pôr virgula depois de *frontinho,* numa edição crítica. Sem isso podia haver equívocos.

LXXV

GALINGAL

Alveitaria, 29, 40.—Variante, ainda não registada, de *garengal* [3], *galangal* [4], *calanga, galanga,* alemão *Galgant;* do persa *khalandjan* que os Árabes de Espanha vulgarizaram (خلنجا) [5]. No Colóquio XXIV que dedicou a esta raiz medicinal, Garcia da Orta transcreve-o «calvegiam — cha(m)ligiam — galungem». Conta que muitos a confundiam com a raiz da espadana, o cálamo aromático do *acoro* [6]. E distingue-as assim: «a galanga he mais quente e com mais suave cheiro [que o acoro]; e as cousas pera que aproveita a galanga, tiradas dos Arabios que escrevem dellas, nam sam aquellas pera que aproveita o acoro; porque as da galanga sam pera o estamago e pera o mau cheiro da boca; as do acoro sam pera o cerebro e pera os nervos» [7].

---

1 Malhas brancas nos pés e nas mãos era ruím sinal. Ao cavalo calçado do pé direito ou do pé esquerdo e mão direita, chamavam *argel;* ao calçado da mão direita e pé direito ou da mão esquerda e pé esquerdo, *argel travado;* ao calçado da mão esquerda e do pé direito, *argel trastravado. Argel* por *radjel* رجل (Freytag, II, 127, «in pede uno posteriore album locum habuit»).

2 Os bons-bons deviam ter sòmente o pé de cavalgar calçado.

3 *Poema de Alexandre,* 1301; na ed. de Morel-Fatio, est. 1443, ha *galjngal.* Tal qual em Mestre Giraldo.

4 Catalão. Dissimilação, como a forma portuguesa.

5 Freytag, II, 521.—Vid. Dozy, p. 271.

6 Vid. CANAVEA.

7 Vol. I, p. 353 sgs.

LXXVI

GORGOMEL — GORGOMILO — GORGOMILA — GURGUMELA

D'esta vez tenho o prazer de apresentar ao leitor um grupo de vocábulos, de formação pitorescamente popular, predilectos de gente do campo, usados sobretudo pelos *zagales* de Gil Vicente e Juan del Encina, mas já familiar ao físico de D. Denis, e, meio século antes, ao Sábio de Castela.

Numa Cantiga, o rei conta «como Santa Maria guariu uun ome en Euora que ouuera de morrer d'un osso que se ll' atrauessara na garganta». O homemzinho, gran comedor —*garganton,* como era costume dizer—, que engulia bocados desmesurados, regalou-se uma noite duns coelhos assados, com tanta voracidade que, sentindo um ossito atravessado nas goelas [1], pensou de morrer:

Ca aquel osso ll'auia
O gorgomel atapado.
(CCCXXII)

Glándulas, das que chamam *oliras*; apertam ás vezes «o gorgomjllo do cauallo de gujssa que adur pode comer e bever e defolgar» (*Alveitaria,* II, cap. x, p. 25, 27).

Gil Vicente, ao retratar certa Branc'Annes, tipo da mulher brava, mostra que achava mal tudo quanto seu homem fazia e em especial o bom apetite d'ele:

porque vai-se-me ás figueiras
e come verde e maduro;
e quantas uvas penduro
jeita nas gorgomileiras!
(I, 171)

Maria Parda, a amiga de Baco, pedindo fiado á Biscaínha, exclama:

Oh senhora Biscainha
fiae-me canada e meia,
ou me dai hũa candeia
que se vai esta alma minha.
. . . .
e çarra-se-me o gorgomilo!
emquanto posso engoli-lo
soccorrei-me minha vida!
(III, 368)

---

[1] *Gu-e-las* no tempo de Gil Vicente.

Num Auto carnavalesco, Juan del Encina introduz dois pastores repantigados no acto de sacrificarem ao Santo padroeiro do Entrudo — San Gorgomillaz ou Gorgomellaz (p. 77). Um d'eles declara, de farto,

aun somera
tengo mi gorgomillera (p. 76) [1].

E assim por deante.

Se estas formações, ás quaes ha de juntar-se *gurgumelas* [2] e *gragomilho* [3], fossem privativamente portuguesas, eu diria que saíram da juxtaposição de *gorg-* < *gurges*, e *gomil* < *aquamanile*, sob o influxo de *gamela* [4] (de *camella*); *Kehle* + *Giesskanne; Kehle* + *Napf*. Citaria, para tornar plausível metáfora tão apropriada a gargantões, a aplicação de *panela, testo, cana*, a outras partes do corpo. E para tornar plausível a anulação da aparente reduplicação lembraria vocábulos como *ligamba* (= *ligagamba*), *mogato*, (= *mojigato*), *heroi-comico, joco-serio, cephalalgia*, etc. Sendo comum a diversas línguas románicas, como se prova pelo fr. *gargamelle*, prov. *gargamela*, também não sei propôr outra etimologia. A substituição de *gurg-, gorg-*, por *garg-*, é motivada pela multidão de palavras em que *gargar-, gorgor-, gorgol-, gurgur-*, imitam o cair da água ou de outros líquidos em vasos, ou na garganta.

LXXVII

GOZMES — GUERMECES

Volto aos vocábulos peninsulares *gormar, gormador* (castelhano) [5]; *gosmar, gosmento, gosma* (português), de que falei não ha muito [6]. As importantes formas arcaicas que encimam este artigo obrigam á revisão do processo, com respeito tanto á forma e ao

[1] Também ha *gargomillera*. Vid. Gallardo, *Ensayo*, III, c. 768.

[2] J. Ferreira de Vasconcelos, *Ulysipo*, pp. 100 e 223.

[3] J. J. Nunes, *Dialectos algarvios*.

[4] *Gamiella* nas *Cantigas de Santa Maria*, 351, 15.

[5] Ambos são antiquados em Espanha, no sentido real e no figurado. *Gormar* também anda consignado em Diccionários portugueses. Sem documentação. Não duvido todavia que existisse, e exista em algum dialecto.

[6] Vid. *Contribuições*, I, p. 54 (*Rev. Lusitana*, XI).

sentido originário das palavras, como ás suas origens. Se ainda não foram tomadas em consideração, depois do exemplo dado por Diez, por nenhum dos eruditos que se ocuparam de *gosma* e *gosmar*, (ou de *gourme, morve, mormo, morbus* e congéneres), muito embora a castelhana estivesse patente desde a publicação do livro de cetraria de D. Juan Manuel [1], foi porque, na falta de *goꝫmes*, ninguém reconheceu o parentesco entre *gosma* e *guermeces*.

Mestre Giraldo não emprega *goꝫmes* no *Livro de Alveitaria*, comquanto trate nele extensamente da doença do *mormo*, que é, como a das *goꝫmes*, inflamação da membrana pituitária. Só no tratado das *Enfermidades das aves caçadores*. Nele ensina, no capítulo II, *Das Gosmes*, a operar, com lanceta ou pena aparada, as pústulas de mucosidades grossas («água-vidrada» na terminologia dos cetreiros) que se geram na cabeça inteira, fossas nasaes, boca, garganta, ouvidos dos falcões constipados (aguados). Diogo Fernández Ferreira, que abrevia e modifica um tanto essas longas explicações sobre o mormo (*Rotꝫ-Krankheit*) das aves, principia o capítulo respectivo com a definição: «Gosmas são umas bostellas que nascem na boca e ouvidos dos falcões» [2]. O Chanceler, que traduz quási literalmente o texto do português, serve-se no capítulo XV, *Del falcon que ha guermeces*, constantemente d'essa forma, e só d'essa [3]. Mas não foi de modo algum introdutor de um neologismo que, porventura, tirasse do português. Antes d'ele D. Juan Manuel já havia dissertado, independentemente, sôbre o mesmo tema, empregando sete vezes a seguir o vocábulo *guermeces*, no sentido indicado de humores viscosos mais ou menos espessos e sua erupção pustulenta [4].

Como se pronunciaria? G. Baist imprimiu *guermeꝫes*; Gutiérrez de la Vega *güermeces*. Ambos sem acentuação gráfica, e sem anotação. No *Diccionário* da Academia Espanhola ha *güérmeces*. Mas só porque os autores o tiram do inglês *warmth* («calor») [5]!

---

[1] Isto é: desde 1879.

[2] Parte IV, cap. VII (vol. II, p. 15). — Moraes levou este passo (e mais nenhum) ao seu Diccionário como prova documental do sentido de «enfermidade de aves de caça».

[3] P. 235.

[4] Cap. XI, pp. 55, 14 e 57, 5 e 6, da ed. Baist (pp. 86, 88 e 89 da *Bibl. Venatória*). O Infante distingue claramente entre água que corre, e água que não sae líquida pelo caminho natural das ventas, apodrecendo por isso e tornando-se grossa, em *guermeces*.

[5] Não o relacionam com *gormar* que, segundo eles, vem de *grumo*.

Quanto á etimologia, *passons oultre!* A pronúncia parece-me todavia exacta [1]. Ela corresponderia ao português **gormezes*, respectivamente *gosmezes* ou *gozmeses*, que não posso documentar, mas que seria plural duplo popular de *gormes*, *gozmes*, emparelhando com *lezmezes* e *verezes*, de Mestre Giraldo [2]; *calezes* e *simplezes* das *Ordenações Afonsinas* [3]; *ourivezes*, *arraeses*, *coses*, de Barros, Resende [4], etc.; *alferezes* de Camões [5], e com a já longa série de pluraes duplos, tradicionaes, a que me tenho referido tantas vezes [6]. Aqui cumpre lembrar que essas formações não são de modo algum inauditas em terras de Espanha. Mesmo fóra da Galiza onde *leises*, *reises*, *monteses* são muito usados [7] diziam antigamente *pieses*, *traspieses*, *maravedises* [8], etc.

Gozmes ocorre onze vezes no texto de Mestre Giraldo [9]. Sempre com *z* [10]; sempre com *e* na parte postónica. Sempre no feminino. Só uma vez ha «outros gozmes» [11]. Lapso provàvelmente, embora o género masculino de *güermeces* [12] possa levar a admitir

---

1 A ideia de ver em *guermeces* o tema *guerm-*, *gorm-*, e o sufixo *-ez*, não resiste ao mais leve exame, pois esse só serve para tirar abstractos de adjectivos de origem em geral latina. Vid. Meyer-Lübke, II, § 480.

2 Vid. n.º LXXXV e CXL.

3 Liv. II, tit. VII, art. 3 e liv. VI, tit. VI, art. 2.

4 Vid. Cornu, § 308; J. J. Nunes, *Chrestomathia Archaica*, § 127.

5 *Lusiadas*, IV, 27.

6 Vid. *Fragmentos Etymologicos* e *Asa*, nota 4. Aos exemplos literários conhecidos posso juntar *lebréses* (escrito *librices* na *Crónica* de Azenheiro, p. 222). Da boca do vulgo recolhi muitos: *adeuses*, *cháses*, *alvarazes*, *satanases*, *maréses*, *lavapéses*, *crochéses*, *cachenéses*, *filhoses*, *belhoses*, *eiroses*, *moses*, *poses*, *noses*, *paletoses*, *enchoses*, *pioses*; *irmanses*. Cfr. *Dialectos Algarvios*, p. 9.

7 Vid. V. García de Diego, *Elementos de Gramática Histórica Galega* (Burgos 1909), § 64, nota. Aos pequenos rendeiros que veem aó Porto ouvi *tisuses* e *demitises*. Na *Revista Gallega* colhi *alelises*, *munises* (ingl. *money*), *pitorreises*.

8 *Conquista do Ultramar*, p. 278.

9 P. 9 (Taboada); 12, 24. 26. 28. 32. 34. 38: 13, 7. 8. 12. 16.

10 Já disse que as grafias de Mestre Giraldo (ou do seu trasladador) não são exemplares, e que, pelo contrário, ele confundiu freqùentemente *ss* e *ç*, *s* e *z*, *rr* e *r*, *g* e *j*. Mas quanto a *gozmes*, não ha hesitação; e depois, temos a contraprova na forma castelhana. De resto, essa troca entre *s* e *z* (*c*) é o fenómeno mais curioso da formação; explicável pelo influxo de *lesmezes*, *verezes*, *alferezes*, *calezes*, *simplezes*, *arraezes*, *ourivezes*, escritos todos eles ora com *s*, ora com *z*.

11 P. 12, 32.

12 *Los guermeces; estos guermeces; tantos guermeces; los primeros guermeces; otros guermeces.*

a variante. A multidão das *goζmes* (*Eitersäckchen*, *Pusteln*) em que a água-vidrada se junta, exigia o *plurale tantum* [1]. Desconhecemos portanto o singular. É provável todavia que fosse *güérmeζ* em castelhano; e em português **gosmeζ* (*goζmes*) por *gormeζ* (*gormes*) [2].

De *gormr*. Se eu já considerava os verbos *gormar, gosmar* como derivados do termo «nórdico» indicado por Diez, por ser o mais apto entre os diversos que foram propostos [3], é claro que os substantivos arcaicos robusteceram essa convicção. Eles dão valor ao verbo *grosmar*, usado ainda no século XVI por Jorge Ferreira de Vasconcelos, e também á grafia *goζma, goζmar*, que sem elas não valia cousa alguma [4]. D'esse infinitivo *grosmar* por **gromçar*, **gromζar*, saidos por dissimilação de *gromrar*, ou derivados do substantivo, com o significado de expelir água-vidrada (= humores viscosos) pelas ventas, vomitá-los pela boca ou pelo bico (forma mais leve da doença do mormo, sem contágio), é que procederia o substantivo verbal *gosma* [5]. Humor viscoso expelido por aves de caça, por galináceos e por poldros.

Os diccionários modernos, práticos, dão explicações divergentes, cingindo-se talvez ao uso actual de Lisboa (?). No *Prático Illustrado* encontro, p. ex.:

GOSMA, *s. f.*, (fr. *gourme*) [6]. Pellícula que se forma na ponta

---

1 «Et dice Don Johan que yal contenscio que un su girifalte habia tantos güermeces que por muchos quel sacaban siempre tenia las llagas llenas» (p. 89).

2 *Caleζ, cales; ouriveζ, ourives; alfereζ, alferes* são singular e plural.

3 Claro que me refiro sòmente a notabilidades, como Scheler, Groeber, Schuchardt, Behrens, Parodi, Cornu, cujas opiniões estão consignadas no *Manual* de Körting (s. v. «gormr» e «vulnus») e não a anónimos que, sem conhecimento bastante, falaram de origens quer vasconças, quer francesas; de *grumo*, do alemão *worgen* (= *würgen*), «fazer esforços para engulir ou para vomitar alguma cousa». Cornu fez bem em eliminar da 2.ª edição da *Gramática* a derivação do grego ὀσμή, e de não se preocupar com *vomax*.

4 Duarte Nunes de Leão cita *goζma, goζmento* nas *Origens*, p. 99, entre os vocábulos que os Portugueses tem seus nativos.

5 Verdade é que *lesma* (*lésmia*) saíu directamente de *lesme*. E mesmo sem esse paralelo podíamos apontar *infanta, portuguesa, senhora* (com todos os substantivos em *-or, -ora*) assim como *cuchara, grua* em castelhano, em prova de que a substituição de *-e* por *-a* para caracterizar o género feminino está no espírito da língua.

6 Admira-me encontrar o inútil galicismo *gurma*, doença dos potros durante a dentição, introduzido por qualquer afrancesado amador da locução *jeter sa gourme*, no mesmo *Dicc. Prático Illustrado* sem a nótula (nódoa) *estrangeirismo*. No livro *Estrangeirismos* (1902) é que deviam figurar.

da língua das aves e que as impede de beber [1]. Corrimento nasal que ataca os poldros. *Pop.* Escarro [2].

GOSMAR, *v. t.*, (de *gosma*). *Pop.* Escarrar. Proferir tossindo ou escarrando: gosmar tolices. *V. i.* Expellir escarros.

GOSMENTO, *adj.* (de *gosma*). Que tem gosma. Que escarra muito. Por *ext.*: Fraco, adoentado.

Os antigos diziam mais correctamente: «humor glutinoso que os potros lançam das ventas, as gallinhas pelo bico. Nos falcões são bostellas que lhes nascem na boca, cabeça, ouvidos e orelhas» [3].

Como nasceram as formas *guermeces* e *gozmes?* Suponho que de *gormez* por *gormr*, conforme já disse. Quanto á substituição de um *r* final por *s* ou *z*, conheço tres casos: *tórtozes* de *tortores* < *turtures; amargós* por *amargor* [4], ambos com dissimilação; e sem ela *quemôs* de *queimor* [5].

A de *r* medial seguido de consoante, parece-me pelo contrário tão rara [6] que julgo devermos supôr influxo de qualquer sinónimo de formação análoga.

---

[1] Se a definição que se repete tal qual no artigo PEVIDE, for correcta, e o povo de Lisboa identificar realmente a *gosma* com a *pevide*, não o é quanto ao Norte. Só na aplicação figurada do adj. *gosmento* a quem, tendo qualquer defeito na língua ou em outra parte dos orgãos fónicos, pronuncia mal, *tem pevide na lingua*, é que confundem as duas doenças.

[2] De ahi, ou antes do *Novo Diccionário*, de Candido de Figueiredo, procedem as traducções de Louise Ey: «*Gosma*. Pips. Drüse. Auswurf»; *gosmar* spucken, hervorstossen»; e as de H. Michaëlis que dá «Drüse bei jungen Pferden (ambas parece que desconheciam o termo veterinario *Druse* que eu lhes indicara) Fips, Pips (bei Vögeln); vulg. Speichel, Schleim», e além d'isso *Kropf* que é preciso riscar.

[3] *Arte da Caça*, IV, cap. VII; é a única referência registada por Moraes.

[4] Ambos foram citados por J. Cornu, § 145.

[5] J. J. Nunes, *Dialectos Algarvios*, p. 3.

[6] Temos *sastre* < *sartore* em castelhano, *xastre* na Galiza, *chaste* em Trás-os-Montes, onde cantam:

Sant'Amaro era chaste
e também era ladrão.
Desde então cada chaste
rouba o seu bocadão.

O contrário *r* < *s* é freqüente. Além das formas citadas por J. Cornu, § 210 (*churma, cirne, luberno*) posso indicar *fantarma* por *fantasma*, *forfro* (*forfe, forfo*) de *fósforo*). *Caspa, carpa, cárepa*, é de origem desconhecida.

Tenho em mente *bomçar* < *vomitiare*, hoje *bolçar* (*bolsar*, por causa de *bolsa*) [1], que seguramente influíu também na evolução semasiológica [2]. Não na positiva aplicação da palavra a galináceos e equídeos, mas quanto á acepção figurada: restituir por fôrça o que se retinha sem razão nem justiça; pagar com juros (ou com algum desconto) o que se devia. Jorge Ferreira empregava a fórmula rude «grosmar o comido» [3], «gosmar o comido» [4]. Os modernos dizem com maior reserva «gozmar motes» (Camilo Castelo Branco); «gosmar tolices, chalaças, injurias» [5].

*

Ao símples *defluxo* ou constipação da cabeça (friura da cabeça) do cavalo dá o nosso alveitar o nome de *mormo* (parte II, cap. II, p. 18, 37) «que nom corre mujto»; e á «que faz deytar ao caualo muyto pollos narizes», «mormo que corre» (cap. III, p. 20, 14), em latim *chimorrhea* [6]. Do seu carácter contagioso nada sabia.

Sem repetir o que, desde Diez, foi exposto a favor da derivação de *mormo* [7] (port.), *muermo* (cast.) e *morve* (fr.) do latim *morbus*, com aplicação da palavra comum de «doença» á enfermidade prin-

---

1 Vid. *Rev. Lusitana*, I, 299. Alguns defeitos d'esse artigo foram emendados aqui.

2 Derivação directa de *goʒmar* de *vomitiare* seria possivel, visto que houve e ha *gomitar, gómito* tanto em Castela como em Portugal (*gómetar, gómeto*), se não houvesse as formas preexistentes *goʒmes* e *guermeces*. Mas mesmo neste caso os representantes directos do termo medicinal são semi-eruditos. Os populares e antigos eram *volver pela boca* (*Alveitaria*, 30, 11), *lançar* (*Caça* 10, 19); *arremessar* (*Arte*, I, cap. VI, vol. I, pp. 20 e 36, e vol. II, p. 52 e 125); *arrevessar* (*Cancioneiro Geral*, I, p. 253; Garcia da Orta, I, p. 42); e sobretudo *rejeitar* (Vid. n.º CIX). *Escarrar* (= *cospir* < *conspuere*; *speien, spucken*); *esgarro* em castelhano, continuam enigmáticos para mim.

3 *Eufrosina*, V, 9 (p. 330); *Ulysipo*, III, 6.

4 *Eufrosina*, V, 8 (p. 327).

5 Cervantes serviu-se de *gormar* na novela exemplar da *Señora Cornelia*, no sentido de «entregar, restituir forçado uma pessoa sonegada e escondida». (p. 307 da *Col. de Autores Españoles*, de Brockhaus).

6 Grego χειμώρροια? *Chimorrea*. (*Alveitaria*, 28, 27).

7 Por lhe parecer isolado em Portugal, é que J. J. Nunes o classificou de termo espanhol (*Chrestomathia archaica*, § 114). Não vejo que arraigasse menos fundo na região galego-portuguesa, produzindo *mormaço, mormacento, mormoso*, do que em Espanha, onde ha *muermera* e *muermoso*, e em França onde ha *morveux*.

cipal dos cavalos, e contra ela [1], pedirei apenas ao leitor que veja o que escrevi a respeito de *vurmo* (*Wurm* = *verme* [2]), e o que mais abaixo junto sobre o mesmo assunto [3]. E depois diga-me, se não lhe parece que em Portugal houve contaminação entre os representantes do latim *mormus* < *morvus, morbus* [4], do germánico *wurm*, do nórdico *gormr*, e também dos de *vomitus*). — *Mormo* podia ser muito bem *o morvo dos gormes* (*guermeces, gozmes*).

O *Rotz* ordinário é *monco* < *muccus*; e também *ranho* < **raneus* < *nareus* [5].

LXXVIII

GREÇAS

São tumores, ou nascidas, nas juntas dos pés do cavalo. «E a esta doença chamam em latim *grapas* e em nossa linguagem *greças*» [6].

Não percebo em que relação de parentesco estão as duas palavras entre si, e porventura com *greta* < *crepita* [7], e as *crepácias* [8] de que Mestre Giraldo fala em outro logar.

Nem encontrei luzes no artigo substancial que H. Schuchardt escreveu sobre *malandres* (*Mauke*), fendas transversaes na presa do joelho das cavalgaduras [9].

LXXIX

GROSSO — GROSSURA

Modernamente *grosso* < *grossus* indica uma das tres dimensões dos *sólidos* (*Dicke*). Equivalente de *espesso* (no sentido real e

---

1 Vid. Schuchardt, *Vulgärlatein*, I, 182 e *Zeitschrift*, XI, 494; Scheler, s. v. «morve»; Groeber, *Arch. für Lateinische Lexicographie*, IV, 121; Cornu, § 188.

2 *Rev. Lusitana*, vol. XI, 54.

3 N.º CXLIII.

4 As formas *bourmo, broumo, bormo*, que em algumas regiões do Sul da França emparelham com *gourmo, groumo, gormo, gosma*, talvez fôssem também influídos por *wurm*, que evidentemente actuou no catalão *vorm* (= *muc, muccus*), no provençal *vormo, vorma*, e nas variantes galegas *brume* e *brumo* (vurmo).

5 Vid. Cornu, §§ 144 e 244.

6 *Alveitaria*, II, cap. XLIV, pp. 5, 30; 10, 17; 49, 8 e 16.

7 Cap. LV, pp. 6, 8 e 54, 19.

8 Cap. XIV, p. 49, 37. Em português *quebraduras*.

9 *Zeitschrift*, XIV, 178.

no figurado), é oposto a delgado (*dünn*). Antigamente significava também *gordo* [1]. *Gros[s]ura, grus[s]ura,* era sobretudo gordura animal.

Eis as provas.

O falcão que sofreu de indigestão, e foi por isso purgado, fica naturalmente de dieta. Entre as carnes tenras que o cetreiro lhe dá, tem o primeiro lugar corações de carneiro, mas sem a pele, sem veias e sem *grossura* (*Caça*, 14, $_{36}$). *Grossura de cobra,* derretida ao lume e deitada ás gotas sobre tumores no espinhaço do cavalo, passa por remédio eficaz (*Alveitaria,* cap. XXVIII, *Do polmon do lonbo,* 38, $_{42}$ e 39, $_{1}$). O cavalo muito folgado apanha facilmente a doença da pulmoeira, se de repente o obrigam a trabalhar. Então a «enxundia e a grusura... rretesse e dessoluesse, e corrilhe pera aquell logar [a par do bofe], e tapalhe as arterias e as veas... de guisa que nom pode defolgar [= respirar]» (p. 29, $_{51}$). «E coalhaxilhy mujtas vezes aquella grosura naquell lugar» (ibid., 29, $_{36}$) [2].

Hoje os veterinários chamam *graxa* < *crassea* a esta doença; vocábulo que, vulgarmente na pronúncia *graixa*, denomina também pós de çapatos, preparados com sebo e glicerina, para polimento de calçado. Do adjectivo *graxo,* pouco usado, em vez de oleoso, gordurento, vem o verbo *engraxar*, *engraixar,* aplicado quasi sempre ao acto de limpar botas; mas também em algumas regiões (sobretudo no Algarve) ao engorduramento da panela.

Grassento, modernismo literário, veio de Castela, onde *grasa*, *graso*, com numerosos derivados [3], é termo muito usado, para todas as qualidades de gordura. No século XIV não desdenhavam todavia *grosura*. Se Alfonso XI prefere *grasa* [4], o Chanceler serve-se de *grosura*, na acepção geral de gordura, onde prohibe que a dêem ao falcão, «ca le empalaga» (p. 194); e onde receita «grosura de garça» (p. 270).

Nos monumentos jurídicos de Portugal, em latim-bárbaro, *grosso* refere-se a todas as espécies de animaes: vacas, porcas, ca

---

[1] Em mirandês conserva este significado.

[2] No cap. XVI, sobre as feituras do cavalo ideal, *grosso* ocorre, pelo menos, uma dúzia de vezes. Claro que também se usava no sentido comum de «volumoso, avultado, *dick*».

[3] *Grasera, graseria, graseza, grasilla, grasones, grasoso.* As formas catalanescas *greix, grex,* etc., irmanam com as portuguesas, como de costume.

[4] P. ex. *Monteria,* p. 151.

bras [1] e cevadas, para serem abatidas nos açougues, e vendidas nas *alcaçarias* [2].

Nos Cancioneiros galego-portugueses ha confirmações, naturalmente. Traslado uma sátira sobre um cavalicoque de um infanção, por ela conter muitos dos vocábulos familiares a Mestre Giraldo [3], e mais alguns, que não sei interpretar, e que recomendo aos iniciados nos segredos do hipismo.

O fidalgo leonês Fernam Soárez de Quinhones [4] entretém os seus amigos com os escárneos seguintes:

Contar-vus-ei custumes e feituras
d'un cavalo que traj' un infançon:
ha pees moles e as sedas duras,
e ten o frẽo e esporas non;
é velh' e sesgo nas aguilhaduras,
e non encalçaria un leiton
e encalçar ia mil ferraduras (?)
De dia empeça ben com' a escuras;
non s'alevant' ergo su o bordon;
non corre, senon pelas mataduras,
nen traz caal (?) se enas unhas non,
u trage mais de cem *canterlhaduras* [5];
e as sas rẽes sempre magras son,
mais nas queixadas ha fortes grossuras.
E quando lhi deitan as armaduras,
logu' el faz contenente de foron [6];
e se move, tremen-lh' as commerturas (?)
come doente de longa sazon;
ha muit' espessas as aaugaduras [7]
e usa (?) mal se nos gẽolhos non,
en que trage grandes esfoladuras.

---

1 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 743.

2 *Algazarias* (*Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 743); escrito *aljazarias* a p. 634; *alcaicerias*, no Sul de Espanha (p. ex. em Granada).

3 *Feituras, sesgo, encalçar, empeçar* (= *tropeçar*), *aaugaduras, esfoladuras.*

4 Chamo-o Leonês, porque Quiñones ocorre na toponímia e no onomástico do antigo reino.

5 Nas Cantigas 949, 950 e 952 do *Cancioneiro da Vaticana* temos uma sela *canterlhada* (rachada?).

6 Na Cantiga 1080 do *Cancioneiro da Vaticana* aparece *caval' agudo que semelha foron;* na 1152 *rostr'agudo come foron.*

7 Em Mestre Giraldo ha diversos exemplos do infinitivo *augar* (*Alveitaria*, 36, 10), *aaugar* (11, 21), do particípio *augado* (32, 11), *aaugado* (4), 26, *augoado* (4, 29), *a agoado* (33, 11), e do derivado *augoamento* (32, 16; 36, 11).

Non vus contarei mais en sas feituras,
mais com' eu creo no meu coraçon :
quen x' en gran guerra andass' a loucuras
en feuza d'aqueste cavalon,
falecer-lh' ia el nas queixaduras;
e ena paz non ar sei eu cochon [1]
que o quisesse trajer nas Esturas.

CCBr., 1556 (= 429); 2 Infancõ; 4 temo frco; 5 uelho sesgo nas aguy ihaduras; 6 ẽ calcaria hu; 7 en calcaria—feiraduras; 8 enpeca bẽ coma escara; 9 bardon; 13 magra; 17 Esse moue t'menlhas cõm'turas; 18 doante; 19 muytes peſſas; 20 geõlho; 22 cãtarey; 23 cro; 24 Quẽ xẽ gm gueyra andassa loucas; 28 falacerlhia.

*

Em outro artigo ver-se-ha que grossura animal, derretida, também se chamava *grossaim* < *grossum sagimen*, ou simplesmente *saim* < *sagimen*. Sobretudo óleo de baleia, de sardinha, e de fígado de bacalhau (*Thran*). E também que o emmagrecimento, natural ou forçado, de falcões e cavalos se chamava ***dessaina, dessainamento, dessainadura*** (*Entfettung*).

LXXX

-IDÕOE <-ITUDINE

Aos exemplos conhecidos [2] temos de juntar mais quatro: ***docidõe*** (*Caça*, 16, 24), como variante de ***dulcidõoe***; ***mollidõoe*** (*Alveitaria*, 11, 11); ***prodidõoe*** (ibid., 38, 30), variante de ***podridooem*** [3] (25, 38), e ***siquidooem*** [4] (ibid., 10, 10).

LXXXI

IUGAR

Iugar (*yugar*, por *iguar*, *yguar*) < *aequare*; isto é, *igualar*. Podia documentá-lo com dúzias de exemplos, colhidos tanto na

[1] *CV.* 14. Nome injurioso dado ao vilão cavaleiro.
[2] Vid. J. Cornu, *Romania*, VII, 365 e IX, 96; e *Gramática*, §§ 31 e 195.
[3] A p. 25, 4, ha, por engano, *prodridooem*.
[4] Além d'isso, Mestre Giraldo emprega *escuridõoe* (21, 20) e *sobegidõoe* (10, 37, 16, 25 e 53, 33).

prosa como na poesia do primeiro e segundo período da literatura portuguesa [1]. Mas não vale a pena. Menciono-o apenas para estabelecer que no *Livro das Aves de Caça*, cap. xv, *Da az quebrada*, devemos ler: «nom lhe ajas doo das penas e iuga-lhe bem as canas» [2]. *Juga* (como se imprimiu na edição de Gabriel Pereira, porque no original havia *i* longo), não dá sentido. Ayala (p. 278) confirma o meu modo de ver, pois diz «et despues egualale bien las plumas del ala quebrada».

LXXXII

LADELA

«O nono deçimo capitollo he do cauallo açeuadado que come muyto trijgo ou muyta ladella» (*Alveitaria*, 4, 24 e 31, 24).

«Ay hũua door que sse faz ao cauallo no corpo, do muyto comer da ceuada... E esta doença se faz do muyto comer do trijgo ou do çenteo ou da ladella» (ibid., 31, 33).

Evidentemente uma espécie de grão, muito nutritiva. Mas qual? Gramínea, como as outras que Mestre Giraldo menciona? Ou leguminosa, como favas, feijões, alfarrobas, algarrobas? Todas essas podiam em rigor ter recebido o qualificativo de *ladelas* < *latillas*, deminutivo do adjectivo *latus*, por causa das vagens, mais ou menos chatas que são o envólucro das sementes; ou também porque as próprias sementes merecem o distintivo de anchas, largas, chatas, em contraste com garvanços, grãos de bico, ervilhas, que sempre são mais ou menos redondos e inchados.

Ha todavia razões imperiosas para referirmos o termo a uma espécie de cevada, cujas espigas são achatadas: *hordeum distichon* (al. *zweizeilige Gerste*, fr. *pau[l]melle*), tão produtiva neste fértil chão de benção que o povo lhe dá o nome de *cevada santa*. Os botánicos, esses preferem naturalmente o termo erudito, cevada disticada [3].

A razão principal é que em Castela se dá positivamente o nome de *ladilla* ao cereal mencionado. No *Diccionário* da Academia defi-

---

[1] Vid. Cornu, § 116; *Cantigas de Santa Maria*, n.º 358; *Inéditos*, de Frei Fortunato de S. Boaventura, II, 117, 126, 127, 148, 284, etc.

[2] P. 24, 1. Cfr. *Alveitaria*, 40, 26, etc.

[3] Vid. Brotero, *Nomes Triviaes*.

nem-na como «espécie de cebada cuya espiga tiene dos órdenes de granos y estos son chatos y pesados» [1].

Quanto á formação, não ha dificuldade alguma. O mesmo adjectivo substantivado designa um insecto, especialmente chato e largo: o piolho do corpo — que pela mesma ordem de ideia descritiva o povo nomeia também *chato* (em alemão igualmente *Plattlaus*) — e o das aves (*ricinus pedicularis*). Só nas províncias fronteiriças usam do castelhanismo *ladilha*, cast. *ladilla*; cat. *ladella, lladella* e *nadella* por dissimilação [2]. Todavia tem ainda outro nome em todo o continente, que não só deriva de *latus* mas é esse próprio adjectivo, transformado de *lado* em *ladro* por etimologia popular: *piolho ladro*.

Esse adjectivo ainda era usado por bons autores quinhentistàs, no sentido comum de «largo», acompanhado do derivado *ladeza* [3]. Teve todavia de ceder o lugar a *chato* < *plattus, platus*, por causa da confusão com *lado* < *latus, lateris*.

Embora seja costume tirar d'este substantivo o qualificativo familiar *ladeiro* [4], aplicado aos pratos chatos [5], em oposição aos *coveiros* ou fundos, que servem para a sopa, eu advogo a etimologia * *latarius*.

*

P. S.

1) Quanto a *ladilha*, piolho, remeto o leitor a um artigo substancioso de H. Schuchardt, na *Zeitschrift*, XXXIV, p. 331 sgs.

2) Em *esteva lada*, o nome trivial do *cistus ladaniferus*, tão freqùente na península, *lada* é forma abreviada de *ládano*, cujo sentido se obscureceu.

3) Ainda ha outro derivado de *latus*, «largo», nos tratados de Mestre Giraldo. O verbo *aladar*, «alargar e achatar». Com relação

---

1 No grande *Dicc. Encicl. Hispano-Americano* alegam como documento um trecho de Olivan.

2 Exemplo a juntar a *novelo* por *lovelo* < *globellum; negalho* por *legalho* < *ligaculum; nivel* (antigamente *nivél*) por *livel* < *libellum*.

3 Exemplos de ambos os vocábulos, tirados das *Décadas*, de Barros e Couto, e de outros coevos, figuram nos Diccionários documentados. Vid. Moraes e Frei Domingos Vieira. Barros fala de *barcas grandes, ladas e rasas;* e também de *pés lados*. Entendo *largos* (*breit*), mas d'esta acepção passava-se fàcilmente á de *chato* (*platt*).

4 Coelho explica até: *que está de lado*.

5 Tautologia inconsciente, cuja consonáncia o povo queria evitar.

á doença do *gavarro* diz que a carne que cresce dentro da chaga, alastra para fora e «... alada-lha e atorta-lha assy como figo passado» (56, 42).

4) De passagem direi que a identidade do vulgarismo castelhano *jato, xato* = «vitelinho», com *chato* (*platt* = *Plattnase*) é reforçada pelo asturiano. Nesse dialecto *xato* designa tanto o que tem nariz achatado (*eine Plattnase*), como o vitelinho [1].

LXXXIII

LANÇOO — LANCEIRO

«Boas lançoos agudas» (*Alveitaria*, 22, 32); «furae-o com hũa lançaao (sic)» (ibid., 39, 24); «furẽ-no em fundo delle com hũua lançoo» (ibid., 44, 10); «hũua lançoo bem aguda» (*Caça*, 25, 5). Feminino, como em geral os vocábulos em *-oo* < *ola*. — *Lançoo* < *lanceola*, com acento transposto. Duas vezes ha o sinónimo *lanceta* [2], que veio predominar mais tarde (*Caça*, 13, 15 e 21 ult.): *lanceta bem aguda*. Para esvurmarem pequenas bostelas moles substituíam os instrumentos de aço por penas de escrever bem aparadas [3], a modo de lancetas [4], ou por palhetas subtis: (*Caça*, 13, 1) [5]. Láminas de tartaruga, do género das que serviam para os trovadores tocarem harpa, psaltério e cítara.

*

Gabriel Pereira disse no *Glossário* pequeno que acompanha o *Livro das Enfermidades das Aves de Caça*: «Lançoo, lançoo aguda = pena aparada». E Epifánio Díaz indicou a etimologia (*Revista Lusitana*, XI, 142).

---

[1] *Xatera* é um «pequeño cercado que suele haber junto a las cabañas para guardar los *jatos* mientras sus madres pastan por el monte» (Rato de Argüelles, *Vocabulário*).

[2] Não ha motivo algum para considerarmos *lanceta* como galicismo. Ayala emprega esta forma (p. ex., a p. 285).

[3] D. Juan Manuel fala expressamente de *peñola tajada* (p. 57, 8, da ed. Baist).

[4] Em castelhano *paletas*. Vid. Ferreira, II, p. 16.

[5] Vid. Ayala, p. 235.

De passagem direi que o adjectivo *lanceiro*, «movediço, fàcilmente movível», que não se aplica sòmente á lançadeira do tear, mas a numerosos objectos que é preciso abrir, fechar e manejar a meúde (como portas, gavetas, máquinas de uso culinário), falta no *Novo Diccionário* e no *Diccionário Prático*.

Na Galiza empregam no mesmo sentido *lançal*, e *dançal* com bonita etimologia popular; e aplicam-no a pessoas esbeltas, bem lançadas, airosas e de porte garboso.

LXXXIV

LEGRA—LEGRAR

O instrumento cirúrgico com o qual se perfuram ossos, chamado *trépano* (gr. τρέπανον) nas outras línguas románicas, tem na península o nome de *legra*. Operar com a *legra* é *legrar*, e o acto, *legração*, *legración* [1]. Não se aplica todavia exclusivamente aos ossos do crânio. Nas unhas, nos cascos, e nos dentes dos equídeos faziam-se tambem perfurações e raspagens por meio do mesmo instrumento, cujo ferro cortante tinha feitio ora de verruma, ora de serra circular, ora de espátula.

Sendo privativo das Espanhas, e termo medicinal, nada mais óbvio do que origens arabes. Não existem todavia.

No núcleo latino encontro um termo que serve bem quanto ao sentido, e também quanto á formação semi-erudita. Como *regra* procede de *regula*, *milagre* de *miraculum*, *legra* pode ser *ligula*, ferro pequeno com feitio de língua, espada ou punhal [2]. *Espátula*, portanto.

A favor da hipótese posso alegar diversas circunstáncias. No Alemtejo, onde *legra* ainda é popular, designa uma lámina curva e cortante para escavar a madeira, da qual os cabreiros fazem colheres de pau e outros objectos [3].

E a *legra*, mencionada por Mestre Giraldo, servia aos alveitares para *cavarem*.

---

[1] Em castelhano ha ainda o aumentativo *legrón*. No dialecto malhorquino ha *alegra* e *alegrar*, com *a* protético, talvez por aproximação de *alegre*, *alegria*.

[2] Vid. Cornu, § 14 $\bar{i} < e$; e 137.

[3] Vid. Conde de Ficalho, na revista *A Tradição*.

No cap. LV, relativo a sedas e gretas nas unhas dos cavalos, diz ele:

«é cauemlhe com hua legra antre a hunha e a carne ata que cheguem ao vjuo da carne, e que saya ho sangre (p. 54, 29).

«e deste hungoento lhe hunta cada dia a seda aly hu foy legrada a hunha (ibid., 33, 5)».

«legramlhe a hunha como dicto he (55, 1)».

LXXXV

LEZMES — LEZMEZES

Lesmas e minhocas, pisadas e cozidas com manteiga, eram postas em forma de cataplasma sobre inchaços provocados por espinhas e coices.

Mestre Giraldo recomenda-as por tres vezes: «Outrossy lhe prestaram as lezmezes malhadas com manteiga, e coytas» (p. 44, 6). — «Outrossy pera esto he boo a çebola asada, malhada com as minhocas e com as lezmes». (48, 18). — «Outrossy ffazem as lezmezes malhadas com manteyga e coytas» (51, 6).

Uma vez o plural *lezmes;* duas vezes o duplicado *lezmezes* (como *guermeces, verezes, simplezes, ourivezes, alferezes, alvarazes* [1], etc).

Se nos falta o singular *lezme,* por *lemce* < *limăce,* a forma conservou-se na Galiza [2]. Do feminino *lezme* para *lezma, lesma,* não ha mais passos do que de *gozme* para *gozma, gosma.*

Prefiro este meu modo de fixar os estádios de evolução de *limăce* ás explicações dos que derivam *lesma* do nominativo *limax* [3].

Na Galiza ha ainda *limigocha* < *limacosa,* com mudança de sufixo; e *lamáchega* < *limacia* (com epéntese de *g*). Os Asturianos servem-se de *limaz* (que é evidentemente masculino de **limaza*) e de *llimiaga.*

Lismo (masculino de *lesma*) designa a saliva viscosa dos moluscos, em ambas as Galizas, aquém e além Minho.

---

[1] Etc. significa *hameces,* de *hamez,* termo de volataria, que Dozy deriva do tema arábico حاض, *hâdha* (محيض, *mahîdh* = *mahez,* por metátese *hamez*). A pronúncia deve portanto ser *hamêz, hamêces.*

[2] Vid. Cuveiro Piñol e Valladares Nuñez. Os Galegos possuem também *lesma* e *lesmia* (paralelos de *ondia, onda; blusia, blusa,* etc.).

[3] Cornu, §§ 18, 242, 306; Meyer Lübke, I, § 65; Coelho, *Manual Etymologico,* s. v.

LXXXVI

LINJAVERA

Termo antiquado, usado em Espanha apenas no período medieval, antes que *j* tivesse o som gutural de hoje e quando *j* longo, *i* breve e *y* grego alternavam entre si constantemente na escrita [1], como sabem todos quantos manejam documentos arcaicos.

Nos grandes cemitérios onde jaz tanto vocábulo cadavérico, que nunca viveu, apuseram á *linjavera* [2] o rótulo de *carcaj* = *Köcher, carquois*. Mas como não lhe ajuntassem nenhum *curriculum vitae*, fiquei eu [3], e ficou o leitor, sem saber se denominava apenas o *carcaj* de flechas, a *pharĕtra* dos povos grecoromanos, ou também outros estojos de coiro (sola) de feitio de *aljaba:* p. ex., aquele em que os sacristães prendem o extremo da cruz profissional, e os coldres de pistolas que é costume prender no arção da sela [4].

Só agora é que sei e posso dizer, pouco mais ou menos, o que eram em 1385 as *linjaveras*, que os falcoeiros levavam quando iam á caça, e o que levavam dentro d'elas.

Ouçamos o Chanceler.

Quando o falcoeiro está a adestrar o *nebli, nebri, nibri* [5], e chega ao ponto de querer tirar-lhe o caparão (caparote, capirote) pela primeira vez, deve levar comsigo qualquer petisco — asa ou perna de galinha — dentro de uma pequena linjavera. Linjavera *de lienzo!* «Et dále della algunas picaduras et dále á desplumar, et cuando el estoviere en mejor sabor de comer, tórnale su capirote dulcemente» [6].

---

[1] Sobretudo na de textos e vocábulos portugueses. Quanto aos textos de que trato temos, p. ex., *lonia* (Baist, 21, 25) e *canya* (Ayala, p. 349).

[2] Ás vezes aparece com acentuação errada: *linjávera*.

[3] Em anos verdes (1873) ocupei-me de *linjavera* (e de *cañavera*) num estudo sobre os nomes diversos do *coldre* nas línguas románicas. Sem acertar, bem se vê. (*Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, XI, p. 321). Quanto a *coldre* (em cast. *goldre*) de *corȳtus* (gr. γωρυτός), desejo rectificar um êrro que então cometi. A p. 214 eu quis atribuir, e com razão, a Diez a grafia *corȳtus*, e por engano saiu *corȳthus*, lapso de que A. Scheler me acusou como editor da 4.ª ed. da obra fundamental do grande romanista.

[4] *Rev. Lusitana*, XI, 300.

[5] Vid. Ayala, p. 160. Na sua paródia, Evangelista explica a rir: «Los falcones neblies son asy llamados porque son de color de niebla». *Zeitschrift*, I, 231 (cfr. 239).

[6] Cap. VIII, p. 191.

Em outro sítio recomenda que o encarregado das aves faça ou mande fazer diversos *saquetes de linho* [isto é: *de lienzo*], do tamanho da palma da mão: um para rosas, dois para milho, que aquentados servem para fomentar e caldejar a cabeça da ave constipada [1].

No resumo das regras geraes sobre os medicamentos, aparelhos, instrumentos, etc., de que o cetreiro deve sempre andar munido, vê-se que por costume não levava apenas uma única linjavera para o fim indicado, mas várias, de diversos tamanhos, a tiracolo:

«Otrosi debe traer sus pequeñas linjaveras, *de lienzo*, bien fechas, para traer al costado, do acorra á meter et á esconder et cobrar el ánade o la ralea quel falcon tomare, porque la non vea, et do traya la vianda para su falcon, et sus roederos, et el capirote sobrado, et los cascabeles; ... et debe traer una grande linjavera, do traya sus gallinas muertas, et plumas et roederos et sus viandas para cuando han de dar de comer á sus falcones» [2].

Estes passos ilustrativos inspiram-me a etimologia *linha vera*, isto é: verdadeiro pano de linho; daquele bom e lejítimo de Guimarães ou de Coimbra que o lenceiro típico de Portugal apregoava e vendia em toda Espanha.

Linja, por *linia* (como se escrevia em latim bárbaro, e nos alvores dos idiomas neolatinos) é o português *linha* < *linea*, de *linum* > *linho*. Nome portanto do *fio de linho de Portugal*, que tanta fama teve.

Vera é o feminino do lat. *verus*, que já desvendei em *caña-vera*, e que posso apontar em *vera cruz* [3], *vero Deus* [4] e *veramente* [5].

---

1 P. 222.

2 Cap. XLVII (p. 390).

3 Num *cantar de amigo*, dos Cancioneiros galego-portugueses, lindo solilóquio nocturno de uma menina desamparada, (do qual Leite de Vasconcelos se ocupou no vol. VIII, p. 223, da *Rev. Lusitana*), ouvimos a seguinte confissão ingénua:

Pater-nostros rez[o] eu mais de cento
Por aquel que morreu na vera-cruz,
Que el mi mostre mui cedo a luz!
Mais mostr' a mi as noites de advento!

(*CV.*, 771).

Do lenho da vera-cruz do Marmelar fala-se extensamente na bela descrição da batalha do Salado, que se conserva no *Livro de Linhagens* (*Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», pp. 186 e 187).

4 *Cantigas de Santa Maria*, n.º 346.

5 Ibid., n.º 59.

No tempo do Chanceler já não se lembravam da origem e significação do nome [1]. De bolsa, saca, saquete, aljava, qualificados *de linhavera*, tinham passado a *linjavera*, sem mais nada, talvez porque em objectos prontos, talhados e cosidos, os lenceiros não trouxessem outros de linho, de Portugal. Mas em 1385 o sentido estava tão obliterado, que o escritor consciencioso julgou necessário acrescentar, tautològicamente, *de lienço*.

Recordando quanto eu e outros [2] já dissertaram sobre o fio português, o pano de linho tecido neste país, e o lenceiro, sempre namorado, que o vendia no país vizinho, lamento desconhecer até hoje os *pregões* com que ele gabava as suas mercadorias, entre as quaes, suponho, havia: *sacas e bolsas de linha vera!*

LXXXVII

LOMEDRO — ESLOMEDRAMENTO

Este curioso derivado de *lomo* por *lombo* < *lumbus* (com assimilação, como em *prumo, rumo, amarelo* e no vulgarismo *tamém* [3]), subsiste nos dialectos galegos, onde designa o ilíaco (osso da coixa, anca, cadeira, quadril) e o femur [4]. Entre os defeitos naturaes com que o cavalo nasce, Mestre Giraldo menciona «hũu lomedro grande e outro pequeno» (p. 18, 12); entre as doenças que apanha, por acidentes, o *eslomedramento*, isto é, a deslocação ou luxação do femur (5, 11 e 42, 35 e 41).

Um sufixo *-edro* não existe, que eu saiba. De duas uma: semieruditos abstraíram o grego *-édra* («face, lado») de termos crista-

[1] O plural, que era *linjaveras* (e não *linhas veras*), irmana com *veracruzes*, forma que se encontra no *Cancioneiro Geral*, vol. II, p. 220.

[2] Digo «eu e outros», porque comecei a falar do fio português na *Rev. Lusitana*, I, 63 (continuando, já não sei aonde). Mas lembro-me perfeitamente de que A. Morel-Fatio acrescentou novos documentos aos meus na mesma *Rev. Lusitana* (III, 368). Posteriormente encontrei outros, p. ex.: um trecho do *Elogium Conimbricae*, de Ignacio de Moraes (1550, p. 29), e um capítulo da *Descripçam de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão (XXX). Todos sabem que já em Roma o *linho galego* passava por ser do mais fino e do mais resistente.

[3] Cornu, § 191.

[4] Cuveiro Piñol define-o assim: «hueso del muslo, ó sea el femur, y tambien el que forma el anca de qualquier animal».

lográficos como *octaedro, heptaedro, hexaedro;* ou *-edro* está por *-êdo,* com introdução de *r,* injustificada, se não se aceitar como tal o influxo do *l* inicial (como em *lendre, landre, lastro, listra*) [1]. *Lumb* + *etum* = sítio onde começa o lombo?

LXXXVIII

MACHO

O cavalo que sofre de *peeira* não pode estar sobre os pés, e se a doença «lhe em elles durar muyto fazlhy desaprender a hunha dos machos» (*Alveitaria,* 25, 3).

«E pollo mall que ja teuer nos pees sangrēno nos machos ou lhos furem com um ferro agudo queente» (25, 10), e «desabafa o com hũua legra antre os machos e ha hunha» (25, 12).

«E sabe que eu aprendy de hũu freire que, se fenderem a fferradura pello lume em dereito da seda e juntarēna das canellas antre os machos, e ferrarem ende o cauallo que teuer a seda per meo da hunha, soldalhaa» (54, 38).

Hoje dá-se o nome de *machinho* á parte posterior da junta da quartela nas cavalgaduras, como o curioso pode verificar no quadro ilustrativo do cavalo no *Diccionário Prático Illustrado* (p. 205): isto é, das nervuras que ligam o casco á primeira junta.

Tendo em vista que o sabugo da unha [2] dos falcões se chama *maslo, mazlo* em castelhano [3], e que o mesmo nome designa a raiz da cauda dos quadrúpedes (*Schwanzwurzel*), acho provável que ambos sejam representantes de *masculo* [4], comquanto não compreenda porque lhe dariam este nome.

Todas as palavras, convergentes em *macho,* ainda estão mal elucidadas.

---

[1] Cornu, *Gramatica,* § 160. *Romania,* XIX, p. 120. Nos dialectos de Entre-Douro-e-Minho e nos da Galiza pròpriamente dita ha muitos que ele não regista. Aos que citei mais acima (no artigo LV, ENCIENSO) posso acrescentar ainda *listra* e *mastro.*

[2] *Caça,* 18, 35 e 43; 20, 1.

[3] Ayala, p. 263.

[4] Vid. D. Juan Manuel, p. 17, 28, da ed. Baist (cfr. p. 100 e 113).

LXXXIX

MALVAISCO

Malva-isco < *malva hibiscus* [1]. Cfr. cast. *malvavisco;* gal. *malvabisco;* ital. *malvavischio, malvaviscio*. Nome da *Althaea officinalis* [2]. Vid. *Alveitaria*, 40, 12; 48, 6; 56, 7, onde se fala expressamente das *malvas de malvaisco*. Também ha o aumentativo *malvaiscão* (Brotero, *Nomes Triviaes*, p. 342).

XC

MAMINHA

No artigo Alforfa, e no que dediquei á Solda maior e Solda menor, transcrevi os trechos principaes relativos ás pílulas que o falcoeiro dava ás aves de asa ou perna quebrada, para interiormente solidificar-lhe os ossos. Nelas entrava *maminha* (*Caça*, p. 23, 1 e 4). Um leitor lançou á margem *amomia*. E que não o pusesse, tínhamos na tradução de Pero López de Ayala [3], assim como na *Arte de Altaneria* [4], a prova de que realmente se tratava de *momia, mumia*. Este nome era dado pelos alquimistas e boticários medievaes a um amálgama de pez e mercúrio, mas principalmente ao repugnante licor betumoso segregado de cadáveres mumificados ou mirrados pelo sol [5], a que supersticiosamente atribuíam grandes virtudes salutíferas [6]. Na lista das drogas e dos instrumentos que o bom cetreiro deve sempre trazer comsigo, o Chanceler lhe dá o lugar de honra:

«Buena mumia que es la mas preciosa melecina para los quebrantamientos del falcon que puede seer, et es fecha de carne de home conficionada (!), et lo mejor della es la cabeza» [7].

---

[1] Cornu, § 17, sem explicação. E, de facto, a etimologia é óbvia, para todos os Latinistas. — Nosso jardineiro diz *beliscos*. Os Asturianos tem *malbarisco*. Vid. *Colección Bable*, p. 69.

[2] Vid. Dialter.

[3] P. 273. Cfr. p. 275 e 297 (ora diz *mumia*, ora *momia*).

[4] Vol. II, p. 31 sgs.

[5] Frei João de Sousa, *Lingua arábica em Portugal*, p. 130.

[6] Vid. Conde de Ficalho, *Colóquios de Garcia da Orta*, vol. I, p. 41.

[7] P. 342.

Maminha é deturpação de *momĩa* por *momia* [1], do persa *mum*, «cera», que representa a forma árabe *mumîya*, مومية [2] ou موميا [3]. Hoje diz-se *momia* e *múmia*; mas só de cadáveres embalsamados á moda do Egito. No século XVI Castanheda falava ainda de «carne momia a que chamão solda» [4].

XCI

MEL GRANADO

Transparentíssimo quanto ao significado e á formação. O autor do *Livro das Enfermidades das Aves de Caça* é bem explícito, cada vez que receita esse depurativo suave. Os tradutores também. O português fala de «mel duro», «um torrãozinho de mel», o espanhol de «miel en terron», «miel bien dura en terron», «miel terron dura» [5]. Trata-se portanto de mel velho, coalhado ou granulado, em grumos [6].

Bastam poucos exemplos: «E em outro dia toma huum pouco de mell granado [7] e metelhe delle na boca, [e] desque lho meteres, tapalhe a boca ataa que lance delle pellas ventaas» (10, 14). Ou então: «E metelhe ho mell granado pella boca, e vaa ao ventre, e desque vires que o mell faz sua obra ... dalhe o coraçon do carneiro» (17, 27).

Quem visse o vocábulo num posto isolado podia imaginar que se tratava não de *mel mellis*, mas de outro *mel granatum*, de que subsistem vestígios em textos arcaicos galego-portugueses e em dialectos espanhoes [8]. *Melum granatum*, ao par de *malum granatum* (*mala granata*), é o nome característico que o vulgo latino deu á *maçan púnica* (*malum Punicum*) [9]. Em Portugal teve todavia

---

1 Cfr. *ninho* de *nio*; *linho* de *lĩo* < *linum*. Cornu, § 151.

2 Dozy, p. 317.

3 Freytag, IV, 221, *mumia*, vulgo *bissaspalton* (Dioscórides, I, 100; Abdallat, *Relation*, p. 273).

4 Vol. II, fl. 151.

5 *Cetreria*, pp. 220, 245 e 255; *Altaneria*, II, 8, 45, 50.

6 *In Klumpen*, visto que terron é um *Klumpen* de terra.

7 *Gnado*: com (ou sem?) o sinal de abreviatura.

8 Só estes me importam agora. Mas o ital. *melograna* também merece atenção.

9 Em Isidoro, XVII, 7, 8, ha *malogranatum* (com *o* duvidoso). Nas *Glosas de Reichenau*, (n.º 232), encontra-se: *Mala punica* = *mala granata* (Diez, p. 56).

de ceder o campo ao sinónimo árabe *roman*, رمّان, *rommân* [1], conservando-se apenas em acepções derivadas [2]. É bem possível que a voga que teve no século XIV o *mel granado* dos boticários influísse na preferéncia dada ao vocábulo *roman*. Em Espanha o qualificativo foi substantivado: *granada* (Granada) é a fruta, e *granado* nome da árvore [3].

Já falei, ha tempos, dos representantes arcaicos e provinciaes de *malum granatum, melum granatum*. A revisão dos materiaes, e alguns elementos novos, levam-me todavia a refazer o artiguito (que era mera anotação) [4].

De *mal(a) granata* veio *malgranada*, citado nos *Milagros de N. S.* (estr. 39), de Gonzalo de Berceo, entre os nomes figurativos da Virgem.

> Es dicha vid, es uva, almendra, malgranada,
> ....
> oliva, cedro, balssamo, palma bien avimada.

D'ahi abstraiu-se *malgrana* como tema de derivados, em *-ar, -er, -era*, pelo tipo de outros nomes de árvores de fruta. No Romance de Lopo de Moros, de território aragonês, a romanzeira é denominada *malgranar* [5]. No dialecto de Valença a forma mais usada é *mangrana* com *mangraneta* para a fruta, e *mangraner, mangranera, mangraneret* para a árvore [6]. Mas, a par com ela, ha *magrana*, com queda da nasal, como nome sobretudo de uma dança notável, cuja música e descrição o curioso encontra na colecção de *Cantos y Bailes Populares de España*, de J. Inzenga [7]. Claro que nessa dança figura uma enorme *roman* de papelão, has-

---

1 Freytag, II, 196. A árvore tem os nomes de *romaneira* (Algarve), *romanzeira* e *romeira*.

2 Pedra preciosa encarnada, da côr da romã, e projéctil explosivo; de onde *granadeiro*, etc.

3 Fr. *grenade*; alemão *Granate*. Os Italianos conservaram *melagranata*, *melagrana*.

4 Anotação ao *Romance de Lopo de Moros*. Vid. *Rev. Lusitana*, VII, p. 13.

5 Versos 152 e 157. Na *Revista* dei expressão á hipótese que *malgranar* fôsse lapso por *manzanar*; mas da revisão dos textos, feita por Ramón Menéndez Pidal, resulta que não devemos alterar a lição *malgranar*.

6 J. Escrig, *Dicc. Val. Cast.* (1871). Em Valença, cujas hortas produzem admiráveis romãs, *mangrana* designa diversos objectos que figuram a bela fruta: uma espécie de pão, paliteiros de barro pintado, etc.

7 N.º IX, *La Magrana*. Vid. pp. 38 e 61.

teada num pau, e divisível em gomos. Exactamente como em Elche, de Alicante, na afamada e antiquíssima dança hierática das Festas da Assunção da Virgem, que também se chama *magrana* [1]. Em toda a Catalunha essa forma, com *magraner, magranera,* é usada para todos os efeitos [2].

Mel[um] [3], protónico, passou cedo a *mil* por etimologia popular, quási inevitável [4]. Onde em dialectos vivos pronunciam *mel,* é difícil decidir se se trata de enfraquecimento dêste *mil,* documentado de 1250 em diante em Espanha e Portugal, ou de representantes directos do latim *mel[um]*.

Em uma das lindas bailadas primaveris do cancioneiro galego-português, uma mãe instiga a filha a dançar em presença do namorado:

Por Deus, ay filha, fazed' a baylada
ant' o voss' amigo, de so a milgranada [5].

O clérigo Gonzalo de Berceo, emprega *milgrano,* ora em sentido real, falando de «buenas arboledas»:

milgranos e figueras, peros e manzanedas [6];

ora simbòlicamente (distinguindo entre *milgrano,* árvore, e *milgrana,* fruta), como no passo relativo a *malgranada:*

Ond' nacio tal milgrana, feliz fo el milgrano!
Et feliz la milgrana que dio tanto buen grano! [7]

---

[1] Vejam o excelente estudo de Felipe Pedrell sobre a arcaica representação lírico-dramática que a 15 de agosto se realiza, todos os anos, em Elche. A *magrana* é uma cúpula movediça (meia-laranja). Dos passos de Berceo, que cito no texto, vê-se qual é o seu sentido simbólico.

[2] Vid. Esteve e Belvitges.

[3] *Melum* perpetuou-se, além d'isso, em *melápio, melocotão,* e no ital. *melarancia.*

[4] *Mil* entrou em vários nomes botânicos. Além de *milfurada* (n.º XCII), temos *mil-flores* (*Schafgarbe*), *mil-folhas, mil-em-rama.* Ha mesmo *mil-en-grana* na Galiza, e *milgrana* em Castela, nome característico da *saxifraga granulata, taladra-piedra, quebranta-piedra,* herva do mal de pedra), que terei de mencionar no artigo sôbre SEIXEBREGA (n.º CXVII).

[5] N.º 464. Theophilo Braga, desconhecendo esse nome antigo da romanzeira, substituíu *mil* por *frol.* Mas a boa lição já foi restituída na *Chrestomathia archaica,* de J. J. Nunes, p. 351.

[6] *Milagros de N. S.*, estr. 4.

[7] *S. Domingos,* estr. 675.

E novamente:

Salió un sancto grano de la sancta milgrana [1].

Posto que em Portugal os termos neo-latinos fôssem substituídos pelo nome árabe *roman, romanzeira* — *milgrana* continua viva em Trás-os-Montes, em diversas corruções que obscureceram o sentido. De *miligrã, meligrã,* de onde vem *meligraneira, melgraneira, milgraneira* [2], passou se a *mirgrã, mirgã, mingrã,* e a *margã.* Também com troca das liquidas temos *minglanera* e *minglana* em Aragão [3], cujo dialecto tem tantos traços comuns ao galego-português.

Claro que evolucionando, *granatus* [4] devia aqui findar em *grado.* Eu registei nas minhas notas *melgrado, milgrado* e *malgrado* [5], mas não encontro agora exemplos comprovativos. Em todo o caso, mesmo se todas as tres formas precisassem do asterisco como meramente conjecturaes, não ha dúvida que d'elas saíram as variantes trasmontanas *milgrada, melgrada, meirgrada, mirgada* [6], que pela sua vez procriaram *milgradeira* e *mirgadeira.*

XCII

MILFURADA — MILSANDE (?)

A *milfurada*, empregada no tratamento do mal de pedra, isto é, a erva de S. João (*Hypericum perforatum* [7]), é substituída na tradução livre do Chanceler por *milsande* [8], *milisanda,* planta da

---

[1] Ibid. 689. Alfonso XI, emprega *milgrana* no *Livro de Monteria*, pp. 194 e 216, em sentido realístico, bem se vê. As cascas (ou os cascos secos) entravam em diversos decoctos.

[2] *Rev. Lusitana,* v, 97.

[3] Borao, *Voces Aragonesas.*

[4] *Granado,* como participio do verbo *granar*, «produzir grão, começar a frutificar», aplicava-se a outras árvores de fruto, p. ex. á *avelaneira* (*CV.*, 761).

[5] Vid. *Rev. Lusitana,* VII, 13.

[6] *Rev. Lusitana,* II. 250; IV, 188; V, 97.

[7] Escusado é lembrar que este *per* significava *muito,* adverbialmente, e que o qualificativo se refere ás folhas da planta que, vistas contra a luz, mostram centenas ou milhares de como orifícios minúsculos.

[8] P. 256: «toma la milsande, et en la fin del libro fallarás que yerva es... Et si non podieres haber la milisanda toma la yerva que dicen *capil veneris*».

qual promete tratar no fim do livro, dizendo que *yerva es*. No capítulo final, com a lista dos medicamentos indispensáveis ao bom cetreiro, esqueceu-se todavia da promessa.

Creio que *sande, sanda* (com *ſ* comprido) seria apenas grafia ilegível de *furada* ou *furado* (também se diz *milfurado*), porque desconheço por completo *milsande* [1]. Ao traçar o seu capítulo XXII, *Del falcon que tiene pedra*, a Musa do Chanceler dormitava, como mostrei na Parte I (literário-histórica) d'este meu estudo sobre Mestre Giraldo, e no artigo FURUNCHO.

XCIII

MINHOCA

Sem me preocupar com as dificuldades que os vocábulos do tema *mina* suscitam, derivei, já ha muito [2], o nome popular da lombriga terrestre (lat. *lumbrīcus*), corrente no país, do verbo *minare*.

A isso me levou o costumar a *minhoca*, que abunda em terrenos húmidos, argilosos, de pouca resisténcia, abrir efectivamente profundos canaes, pelos quaes deslisa com facilidade, e galerias com duas saídas [3]—trabalhos mineiros de que o lavrador não gosta, persuadido de que por ele se estragam as raizes das plantas [4]. Também influíu a lembrança de que na minha pátria a chamam *Wühle* (= «mina» ou «minadora») [5].

Gonçálvez Viana não concordou. Preferiu dar-lhe origem africana: o vocábulo quimbundo, *nhoca*, «cobra», com o prefixo pl. *mi* da segunda classe [6], baseando-se em que já orçavam por quarenta os termos portugueses de uso geral cuja proveniéncia quimbunda lhe parecia indubitável.

---

1 Em nota suplementar, Ayala recomendava ainda la *mirasolis*: «que son cañamones montesinos».

2 *Rev. Lusitana*, III, p. 136, (1894).

3 Em livros destinados ao povo e á infáncia, costumam caracterizar a *minhoca* como um bichinho, parecido ás cobras, que faz muito mal, porque *mina* a terra. «Sie wühlt Gänge in feuchter Erde».

4 Hoje já ha muitos que sabem que a minhoca ventila o chão.

5 Quanto á forma, entendia e entendo que deriva do tema *min-* e do sufixo *-oca*: *minhoca* por * *mī-oca*.

6 Como exemplo cita *mindele* «brancor», no sing. *mundele*, segundo Héli Chatelain.

Registei essa opinião no *Jahresbericht* [1]. Mas não fiquei convencida. Qual, perguntava eu a mim própria, qual seria então o nome com que o povo e as crianças de Portugal o Velho designariam (e distinguiriam das lombrigas intestinaes) o verme terrestre que viam a cada pouco, nos seus campos e jardins? o bichinho que servia de isca aos pescadores de água doce? e que os médicos e alveitares aplicavam, pisado e fervido, na repugnante terapéutica medieval [2]? E quaes são os termos quimbundos que rivalizam em popularidade e vitalidade com *minhoca?!*

D'essa popularidade juntei provas suficientes. O sentido derivado de *engodo, isca, cebo* (*Köder*), é documentado nas comédias do principal anexirista do século XVI: na *Ulysipo,* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, acto II, scena VII, onde um finório confessa que anda «comendo a minhoca a todo estado» [3]; e também na *Feira de Anexins,* do seu sucessor seiscentista: «Aquillo foi mostrar-lhe a minhoca, a ver se o pescava» [4]. Antes d'eles Gil Vicente, mestre de todos, havia falado em minhoca pela boca da Maria Parda. Em falta de suco da parra diz:

Que estou já como minhoca
que puseram a seccar [5].

Mas tudo isso não era suficiente. Importava provar que os Portugueses chamavam *minhoca* ou *mĩoca* ao anélido *Vermis terrestris* [6], antes de estarem em contacto com o gentio da Africa.

O físico de D. Denis proporciona exemplos também neste caso.

Para adelgaçar e desfazer «sobr'ossos, outrossy presta per' esto a çebola assada e malhada com as minhocas da lama» (*Alveitaria*, 47, 11).

---

1 Vol. IV, p. 343.

2 Vid. Bluteau, s. v. As minhocas eram um remédio diurético e sudorífero contra *sciáticas, reumatismo* e *raquitismo.*

3 P. 110 *v.* Camões teria dito *tomar o pulso.*

4 Parte II, Diálogo II, § 2. Em metáfora de bichos.

5 Vol. III, p. 364.

6 Em outras línguas o seu nome é mera tradução do termo latino: franc. *ver de terre;* ingl. *earth-worm;* cast. *lombrizes de tierra.* Ou então foi a crença que nascem com a chuva e pela chuva, que lhes deu o nome: al. *Regenwurm;* ingl. *dew-worm.*

Contra encalçaduras vale a mesma mistura: «çebola asada malhada com as minhocas e com as lezmes»[1] (ibid., p. 48, 18).

Minhoca e não *mĩoca*, porque no século XIV, e mesmo no XII, *-i-* já tinha passado a *-inh-*, conforme se vê em *aginha, festinho, frontinho, madodinho, sobinho* (e em *maminha*).

Na Galiza dizem *minhoca* (*miñoca*), como em Portugal.

Alguns Diccionários castelhanos registam a forma, sem explicar que ela é exclusivamente galego-portuguesa.

No *Diccionário Enciclopédico Hispano-Americano* ha, além d'isso, *miñosa*. Variante criada também na provincia indicada?

O sufixo *-óca* (masc. *-óco, -ouco*) não é raro em palavras populares. *Baboca*[2], *bichoca, bicharouco, beiçoca, beijoca, cavouco, dorminhoco, engenhoca, machoca,* devem bastar. Dois podem ser considerados como derivados de verbos (*babóca* e *cavouco*).

XCIV

MONDIL — MANDIL

S. v. ALMAFACE já se viu para que servia o *mondil* no século XIV. Para esfregar ou limpar cavalos. Não ha dúvida de que *mondil* seja o *mandil* de hoje: um esfregão de pano grosseiro. E não só de hoje. O próprio Mestre Giraldo emprega-o, e diz-nos de que era feito, e que outros destinos tinha. Para coar certas decocções (p. ex., a da tona do ulmeiro) servia um «mandil d'estamenha» (p. 21, 3)[3].

De duas uma, portanto. *Mondil* é mero êrro, quer de imprensa, quer de escrita[4]. Ou então *mandil* — forma arabizada de مندیل, que vem de *mantellum,* ou do grego μανδήλιον[5], *mandelion* — foi transformado sob influéncia de *monda, mondar*, e congéneres.

---

[1] Vid. LESME.

[2] *Babosa, babóca,* derivados diversos de *baba* (saliva), denominam o bichinho da seda. Alfonso X chamava-os *babous.*

[3] Tecido de lã, ou de linho cánhamo, pouco apertado, como a linhagem.

[4] Antes, de escrita, porque entre os erros de imprensa, de que o Sr. Gabriel Pereira deu a lista, a meu pedido, (*Rev. Lusitana,* XII, p. 328), não encontro *mondill.*

[5] Dozy, *Glossaire,* p. 299. Inscrevi no meu exemplar a definição inglesa: «a hair-cloth coarse apron». Não me lembro de onde a tirei.

XCV

MORNO—TIBO

Para designar a temperatura meio arrefecida, meio quente de líquidos, cataplasmas, etc., Mestre Giraldo recorre ora a *tibo* < *tepidu* [1], ora ao representante do germânico *murni* (*finster*, de *maurnan, mornen*), que hoje é o único termo usado pelo povo; correspondente do francês *morne*, prov. *morn* [2]. *Morne* (respectivamente *borne*) na Galiza, emquanto aqui foi e é *morno* (respectivamente *borno*) [3], *lauwarm*.

Parece que o vocábulo latino lhe servia para designar temperaturas ainda elevadas, e *morno* a que equivale a «quebrado de friura». Na oração «e filha o saquete das rosas tiby como ho tu possas sofrer» trata-se p. ex. de uma cataplasma bem quente, destinada a fomentar a cabeça do falcão constipado. A que diz: «E acaenta todo e lançalho tjbe pella garganta de gujsa que o troça (= engula)» (*Alveitaria*, 21, 7), refere-se a uma droga para cavalos constipados.

Quanto a morno temos: «e lançalhe dauga morna» (*Caça*, 10, 15); «e fazea ferver e desque for cozida leixa arrefecer em tall maneira que seja morna» (ibid., 10, 30). Cfr. 10, 31; 11, 22; 22, 8.

Com relação á forma, só uma vez ha *tibo, tiba*: «e aas uezes auga tiba» (*Alveitaria*, 31, 19). Nos outros dois trechos *tiby, tibe*, como se viu. Se não forem meros lapsos, emparelham com o catalanesco *tebi*, prov. *tebe*. Note-se que temos *alty, alte* no *Livro de Alveitaria* e alhures [4].

Ambas as formas, os advérbios *longe, toste, a meúde*, e os numerosos substantivos arcaicos e dialectaes em *-e*, onde se devia esperar *-o* [5], merecem exame.

---

1 Vid. Cornu, § 113; Meyer-Lübke, II, 266. Cfr. *siba, liro, siro*. Hoje, e desde o século XVI, diz-se *tibio*, quási sempre em sentido figurado.

2 Vid. Diez, IIc, *Morne*. Cornu, § 21.

3 Ambas as formas com *b* são vulgarismos.

4 *Cantigas de Santa Maria*, n.os 35 e 191.

5 P. ex.: *miragre, segre, venabre, diabre*.

XCVI

NORÇA

Planta julgada outr'ora eficaz contra constipações da cabeça, como hoje as folhas do eucalipto. Mestre Giraldo aprendeu de Frei Theuderique a receita seguinte:

«Ffilha a norça e talhaa com sas ffolhas e com seus rramos em pedaços de hũu palmo, e malhaa antre duas pedras, e metea em hũu saco e leixa a ir a ffundo, e mjtj dentro a cabeça do cauallo de guisa que tanga a norça com a boca e com os narjzes e apertalhe o saco em çima em tall guissa que a nom possa comer, e assy o leixa estar e polla quentura que o çelebro hende rreçebera desta erua, desoluerssam os maaos humores e seeram ffora» [1].

No século XVI a norça, de cheiro nauseabundo, ainda era muito empregada na medicina popular [2]. Dos efeitos drásticos que ainda hoje lhe atribuem dão ideia os cognomes que o povo dá ás briónias em França *navet du diable, navet de serpent;* em Alemanha *Hundsrübe, Tollrübe.*

Do talo, de feitio de nabo, é que lhe vem esses nomes populares; e o de *Zaunrübe,* «nabo das sebes», porque trepa nelas e lá envolve outros vegetaes com os seus intrincados labirintos.

Na Galiza dizem *noza, nouza,* nabo de *nouza* e nabo *caínho* (*Hundsrübe*); em Castela ha *nueza.*

Seria *nucea*, de *nux?* Mas porque? Ou, se o *r* da forma portuguesa for primitivo, terá alguma relação com *Nurtia,* a deusa etrusca? ou com a cidade de Nursia (modernamente Norsa)?

As rimas *força, corça, orça, torça* não indicam novos caminhos.

Ahi fica exposto o problema.

---

[1] Pp. 19, 27 e 51.

[2] No *Auto das Regateiras*, de Chiado, p. 55, aparece uma mulher que a bebe todas as manhãs.

[3] Ha *bryonia alba*, de fruto preto, e *bryonia dioica*, de fruto encarnado. Na Madeira e nas Canárias dizem que produz tubérculos alimentares. *Norça negra* é *Tamus communis.*

XCVII

NUVIOSO

Alveitaria, I, cap. II: «O cauallo deue de seer filhado primeiramente e preso em tenpo tenperado e nuujosso» (pp. 8, 9).

Nuvioso < **nubilosus*. De *nubilus*, que deu *nuviado*, *nuveado*, (*Cantigas de Santa Maria*, n.º 161), com *anuviar*, *anuviador*, comquanto os eruditos prefiram *nublado* e os semi-eruditos o substituam a meúde por *enneroado* (de *néroa* < *nebula*)[1]. Nas Astúrias ha o adjectivo *nublo*, a par de *nuble* < *nubilis*. Uma nuvem grande é um *nuvrejão*.

Quanto ao tema, outr'ora diziam em ambas as Galizas *nube*, *nuve*[2] (*Cantigas de Santa Maria*, n.º 1). Hoje só subsiste além Minho. Aquém, os cultos servem-se da forma nasalada, que os investigadores querem tirar de *nubes*, **nubinis*[3]. Estou persuadida que o influxo do *n*, inicial, e a analogia com *homem*, *virgem*, etc., são suficientes para explicar o fenómeno vulgar da nasalização.

XCVIII

OUGAR—DESOUGAR

Que tem Mestre Giraldo, ou por outra, que tem falcões ou cavalos com essas palavras, vivíssimas na boca do vulgo, mas sòmente com aplicação a criancinhas? Muito, como se verá!

A derivação de *ougar* de *augar* < *aguar* < *aquare* é óbvia e conhecida. Mas quanto á evolução dos significados parece-me que não vimos claro até agora. Julgo poder dar-lhes nova ordem, e ordem mais completa do que a registada nos Diccionários comuns[4]. E opino que é vantajoso coleccionar variantes dialectaes e sobretudo formas e exemplos arcaicos, a fim de mostrar mais uma vez quanto importa *historiar*, fonetica e semasiològicamente. Sem a pretensão, bem se vê, de ultimar os resultados, perfeita-

---

1 Os antigos possuíam *nevooso* < *nebulosus*. Vid. *Inéditos*, de Frei Fortunato de S. Boaventura, II, 127.

2 E *nue*?

3 Meyer-Lübke, II, § 16; J. Cornu, § 51.

4 As formas populares faltam em todos quantos consultei.

mente sciente de que neste artigo, como em todos os mais, ministro apenas *Contribuições para o futuro Diccionário etimológico e historico das línguas románicas peninsulares.*

*

O que averiguei em Portugal, pouco depois de nacionalizada, no contacto diário com mulheres do povo, inçadíssimas, como todos sabem, de crenças, crendices, superstições e costumeiras tradicionaes, é o seguinte:

Coitadinho! não lhe mostre o peito, que pode ficar augadinho, dizia uma velha de S. João da Madeira, com seu nètinho ao colo, a outra nova que aleitava o seu pequeno. Ulteriormente, quando eu educava meu filho, pobres e ricas não deixavam de admirar-se de que eu comesse morangos ou qualquer gulodice em presença d'ele, sem lhe dar alguma parte. *Cautela, que pode ougar!* E nunca se esqueciam de ensinar-me, como havia de proceder, se por ventura o visse com o cabelo levantado. Aprendi então que quando as crianças cobiçam qualquer cousa, é preciso dar-lhes pelo menos um cibinho. Aliás *ficam ougadas* [1]. Definham e podem morrer, se não se lhes acudir pela forma tradicional. Mas felizmente essa é simples. Basta dar-lhes atrás de uma porta (segundo outras, detrás da porta de um forno) um bocado de pão (de milho) amassado com azeite. O resto do bolo deita-se a um cão preto. E pouco depois entra a medrar e a ter boas côres [2].

Na tentativa de compreender o termo técnico duplo, lembrei-me de que o aspecto de cousas apetitosas faz crescer a agua na boca da gente [3] (isto é: promove a secreção mais abundante de saliva péptica), e que, pelo contrário, o amargor da inveja faz secar essa humidade benéfica. Também me lembrei de que ha prazeres, gostos, contentamentos *aguados* [4], festas e alegrias *aguadas* com

[1] É curioso que *ougar* e *desougar* não se apliquem também a mulheres grávidas, e aos apetites mòrbidamente imperiosos das histéricas, uma vez que se afirma que a não-satisfação de taes *desejos* pode ser prejudicial á mãe e ao filho em gestação. *Veja lá se lhe apetece alguma cousa,* diziam-me as vizinhas na aldeia sorrindo, sempre que eu entrava em casa alheia.

[2] Vid. Leite de Vasconcelos, *Tradições,* ?, 335; Trindade Coelho, em *Tradição,* II, 102.

[3] *Das Wasser läuft im Munde zusammen.*

[4] *Zu Wasser werden; ins Wasser fallen.* «Desta arte sabe a Ventura aguar um contentamento» (Camões, *Filodemo,* IV, 6).

lágrimas, como vinhos que os leigos estragam, deitando-lhe água [1]. E dei-me por satisfeita.

Depois procurei e encontrei na literatura exemplos d'esse segundo sentido figurado de *aguar* [2], e naturalmente também de todos os outros positivos. Passo os conhecidos, para apresentar *aaguar* < *ad* + *aquare*, no sentido de *in-aquare* «deitar na agua, meter, empurrar para a agua» nas *Cantigas de Santa Maria*.

Um falcoeiro do rei Sabio caça aves numa ribeira gelada. Os falcões deitados ás *ánades* (adens) montam primeiro, para descerem depois com mais ímpeto sobre a presa:

> et desí deceron a elas
> et assi as aaguauan
> que con coita se metían
> so o geo nos regueiros.
>
> (Cant. 243, 3) [3]

O sentido é evidente, a meu ver. Todavia não ocorreu ao editor, pois traduz *aaguar* no *Glossário* com «acossar, perseguir» [4].

A acepção relativa a cavalos não me parecia digna de atenção. Só agora é que a leitura dos tratados de Mestre Giraldo me esclareceu sobre a importáncia dos termos populares e técnicos da linguagem. Em geral, e em especial quanto a *auga, augar, aaugado, augoamento*, termos que já registei mais acima.

«O viçesimo capitollo he do cauallo *aaugado* per muito comer ou per muito beber ou do gram trabalho».

---

[1] Um velho primo nosso, grande viticultor, que não admitia que eu deitasse água no meu vinho, costumava dizer: «Aguar é estragar». E acrescentava «á mesa pelo menos. No campo aguar é medrar» (< *meliorari*).

[2] Seria na ordem de ideias, indicada na nota precedente, que Jorge Ferreira de Vasconcelos empregava *aguar*, não em relação a um bem convertido em mal, mas, pelo contrário, no sentido de converter um mal em bem (*Aulegrafia*, acto 1, scena 7: «agoar os enfadamentos do paço com ir á cata de Gradisel de Abreu»). Em geral usa-o na acepção vulgar: vid. *Sagramor*, p. 234, «e foi agoarlhe a soberba openião que tinha»; e p. 367, «Fortuna augou o gosto desta festa com um desastre».

[3] Na *Demanda do Graal*, ha outro exemplo.

[4] «La forma en que está escrita en la Cantiga la palabra *aaguavan* indica probablemente que, el *aa* pudiera leer-se *ala* (= asa). Con fundamento puede conjeturarse que procede del provenzal *alaguiar*, importunar. La etimología de este vocablo es (segun Honnorat, *Dict. de la langue d'oc*) *a lagui* (del catalan antiguo *sinsabor, desasossego*) y de la desinencia verbal AR».

Parece incrível. Em geral passo em silênçio, ou de fugida, por taes desacertos. Mas este merece pelourinho.

«O viçesimo primeiro c. he de *enquoinfastico* e he do cauallo *augoado* [1], que se faz quando chega quente e sũureento e leixãno estar sem trager e sem comer» (p. 4, 26, 30). Assim na Taboada. No texto (p. 32, 11) ha *augado* e *aagoado* (33, 11).

«Ahy outra doença que vem ao caualo per mujto comer ou per muyto beuer e aas vezes lhe vem do gran trabalho sem mesura e chamamlhe em nossa ljnguagem *augoamento*» (34, 16).

«e esta door chama ho meestre que fez este livro *enfasticom* e nos a chamamos *agoa*» (33, 21).

«e he como magneira *dauga*» (33, 16).

Quanto a doenças intestinaes (Vid. Entirimento), observa que «algũas vezes daquesta door auga ho cavalo» (36, 10). Definha; enfraquece muito. «E a aquell façam assy como he dicto no capitollo do augamento sobredicto» (36, 11).

«Outrossy quando ho cauallo andar mui queente nom lhe dem a beber, entrante aa pousada, ca podia *aaugar* mujto aginha» (p. 11, 26).

Constipar-se. Desenvolver humores, mais ou menos aquosos, doentios, do simples defluxo até ao mormo e á hidropesia (*Sich verwässern = sich verkühlen, sich verkälten, verschlagen*). Definhar (*elend werden, herunterkommen*)».

Com relação a pessoas adoentadas também já empregavam o termo no tempo de D. Denis. Num grosseiro cantar de *escarnho*, dos piores que ha nos Cancioneiros, diz-se de uma mulher do mundo:

> Ca lhi conven que ali moira enton
> de polmoeira ou de torcilhon;
> ou per força fica ende aaguada.
>
> (*CV.* 993).

Bresthaft, siech, krank gemacht. Ignoro se o povo considerava a doença do *augoamento, augamento* ou da *auga, augoa,* como efeito da crueldade com que os que cuidavam do cavalo prohibiam e inhibiam que logo bebesse ou comesse quando, depois de longas carreiras ou trabalhos forçados, voltava á pousada estafado, cheio de sêde e de fome. Julgo, todavia, bem possível esta maneira de pensar. E creio que as crianças *augadas*, e todos os animaes domésticos a que o termo se aplica, são sucessores dos cavalos que *agoavam* ou *aaguavam*.

---

1 O cavalo aguado tem *auga, incha* e *çopega*. Agora é que se compreende também como foi que *trôpego, tropo,* de *hydropicus*, veio a denominar o que mal pode andar, o que tem dificuldade em mover os membros.

Por isso eu formularia o artigo Aguar do modo seguinte:

Aguar (*augar, ougar*, na boca do vulgo). *V. t.* borrifar, regar, irrigar, alagar com água; diluir, destemperar, misturar com água; *fig.* estragar, frustrar, malograr um prazer. — *V. i.* adquirir a doença do aguamento (augamento, ougamento) por resfriamento; salivar (por acto reflexo) com desejos; *Fig.* definhar por causa de desejos não satisfeitos.

Desaguar (vulgo *desaugar; desougar*), tirar a água, enxugar, secar; desembocar. — *Fig.*, tirar a doença do aguamento (augamento, ougamento).

Quanto á formação, tão escusado é falar de *auga* < *agua* < *aqua* (que corre pares com os vulgarismos *tauba, euga, leuga, reuga* por *táboa, égoa, légoa, régoa* e com o arcaico *iugal* = *igual* < *aequalis*) como da redução de *au* a *ou* [1].

Nas províncias, onde costumam reduzir o ditongo *ou* a *ô*, dizem *ôgar* (*ògar*). P. ex., em Lisboa [1].

Como o leitor viu, o verbo *augar* já se conjugava no século XIV correctamente *augo, augas*. Claro que o povo diz *ougo, ougas*. Apenas nos Diccionários se regista *agúo, agúas*.

Nas Astúrias corresponde pouco mais ou menos *enaguar* < *in* + *aquare; naguar* com aférese da inicial átona. Traslado os artigos do *Vocabulário* de Rato de Argüelles, por serem curiosas contribuições, na parte que diz respeito a animaes domésticos, — (o gado em geral) e a mulheres com desejos; e também porque o lexicógrafo pensa sobre as origens como eu pensava outr'ora.

Enaguar, *v.* Fazese la voca agua, viendo á utros comer dalgun petite [2]. — V. Golar y Llanviar.

Naguar, *v.* Enaguar, golar, llanviar [3].

Golar, *v.* Los rapaciños y les muyeres preñaes golen [4] si ven comer duce y ay q daios la preba [5]; al cebar [6] ganao golen si danyos a unos y a utros non.

---

[1] Vid. Cornu, § 30.

[2] Petite = apetite = petisco.

[3] A sereia da consonancia levou os Asturianos (ou levaria apenas o autor de *Palabras y Frases Bables?*) a meter entre as definições de *Maguar* a nota: «Dizse que *tien magua* el ñeñu que ve á otro comer un carambelu y non y dan á el».

[4] Cobiçam; tem gula de.

[5] A prova: uma amostra, um cibato; tal qual nesta terra.

[6] Dando a comida ao gado (cebar = *atzen*) como em Portugal.

LLANVIAR, *v*. Envidiar la comia los petites, pa pasaiyos la llingua [1].

As formações usadas na Galiza não são bem claras.

No Diccionário de Cuveiro-Piñol encontro apenas:

DEGOADIZO, avaro, ambicioso.

DEGORADO, degoadizo, el que desea con avidez una cosa, ó se le van los ojos por ella.

DEGORAR-SE, mortificarse por conseguir algo [2].

No de Valladares Nuñez ha: DEGARAR, desear con avidez una cosa; com *degaramento* e *degaro*, e tambem *degoirador*.

Parece que houve contaminação entre *degoar* por *agoar* (com substituição do pseudo-sufixo *a* por *de*) e *devorar* [3].

XCIX

OUVEIRO — OVEIRO

Com respeito ao orifício anal das aves de caça, ha nos textos de que me ocupo vários incidentes curiosos.

Em primeiro lugar a grafia *oureiro*: «[a] ave que as ha [sc. lombrigas] depena-se no ouveiro» (*Caça*, 16, 9). Que significa? Tomando em conta *ouriente, oucidente, oucioso, ouriço, ouxalá, ouriginal, oupinião, oulireira, Ouridio* [4], conjecturo que os escrivães queriam indicar d'esse modo a pronúncia fechada, *ó*, da átona inicial; a não redução da átona a *u* [5].

Na tradução do Chanceler lê-se por engano *cuero* (*c* por *o*): «el falcon que las ha, mesase en el cuero» (p. 249).

A ave que padece de defluxo ou reuma cerebral (*agua vidrada*) dá com o bico no oveiro, depois de se haver debatido e sacudido (16, 11).

---

1 Apetecer. Creio que *llanviar* não vem de *envidiar*. É derivado de *llamber*. Cfr. *llanviotada* = lambedela.

2 *Nach etwas giepern.*

3 Na Alemanha temos «devorar com os olhos» (*mit den Augen verschlingen*) para significar «cobiçar, ter gula de». *Degoirador*, de *degoirar* < *devoriare*, com troca de *v* e *g*.

4 Todas essas grafias ocorrem dúzias de vezes em textos dos séculos XIV e XV (p. ex. na *Côrte Imperial*), e ainda no XVI. P. ex. nos *Lusiadas*. Em *ourina* (*Caça*, 30, 39) talvez haja influxo de *ouro*. Em Mestre Giraldo ha *ousso*.

5 No Algarve pronunciam, p. ex., *ôrelha, ôvelha*.

No texto de Ayala (p. 219) falta o substantivo, por lapso, bem se vê: «et cuando se debate ó deja de volar, tienta con la boca et dá en el . . . ». Claro que na *Biblioteca Venatória* imprimiram *en él,* Mas em quem?

Em caso de indigestão (refeitos velhos) [1], Mestre Giraldo manda examinar «ho oveyro em o lugar honde anda ho bucho (!) e acharás aquelle lugar duro» (p. 14, 22). Em espanhol: «catale el cuerpo et el lugar do anda el bucho» (p. 244). Acho ambos os passos defeituosos e proponho: «catalhe ho coyro em o lugar», etc. — «catale el cuero en el lugar».

Mais uma nota relativa ao mais pitoresco dos capítulos do físico de D. Denis. Ele estava evidentemente familiarizado tanto com a linguagem chulamente realística das cantigas de *escarnho* e maldizer como com a dos caçadores, escudeiros e veterinários e usava de plebeismos que o Chanceler substitue por termos menos grosseiros (*sieso, overo*). Diogo Fernández Ferreira pela sua vez explica com circunlóquios palacianos que: «a carne se coze no bucho e a Natureza encaminha aquellas fezes ao lugar que para isso está deputado d'ella, ao qual chamam *oveiro* por honestidade...» [2].

*

De passagem deixem-me assentar o que ainda não vi impresso em parte alguma: que em linguagem familiar se dá, á mesa, o nome bem aplicado de *mitra,* á última vértebra das aves (o uropígio; *Steiss,* em alemão); e que os cetreiros castelhanos se serviam para o mesmo fim de *bispiello,* e de *bispete,* para a última ponta (o *Bürzel*), deminutivos humorísticos de *bispo* [3]. — Em Portugal usam também de *rabadilha,* e, com respeito a crianças, de *rabistel* (formado de rabo por analogia com *canistel, canistrel* = *canastro* pequeno).

---

[1] Vid. o artigo REFEITO, n.º CXII.

[2] Vol. I, p. 19.

[3] D. Juan Manuel, cap. III, ao falar das feituras do falcão ideal, quer que «o bispiello que sea muy llegado entre las ancas» (p. 9, 14). Na sua paródia, o *Evangelista* diz: «que la cola les sale del *obispillo*» (var. *abispero*). O editor A. Paz y Mélia diz muito bem (censurando uma etimologia fantasiosa do *Diccionário* da Academia) que lhe dariam aquele nome pela semelhança que tem com uma mitra. «Et el *bispete* do andan las pennolas que sea de poca carne» (*Caça,* pp. 9, 17 e 13, 3).

C

PARAR

«... ca desque pera mall para por marauilha nom pode doutra guissa guareçer...» [1]. O cavalo com peeira na língua.—O editor diz em nota que este passo deve estar corrompido.

Talvez sim, e talvez não. O sentido é evidentemente «logo que vires a doença mal parada, desandar em mal, corta-lhe o bocado ruim da língua». Hoje não diríamos «parar para mal», mas Mestre Giraldo não é muito escrupuloso nem muito elegante no seu modo de dizer.

Parar tem nos textos d'ele o significado activo,—impedir de andar, de mover-se; fazer estar, quedar-se, estar quieto, fixar, ou acomodar—, como o leitor pode verificar em meia dúzia de passos [2]; mas seguramente também se usava no sentido de «estar quieto, ficar estacionário».

CI

PATIGO

Leia-se *pátigo* e entenda-se *hepático*. O azevre passava por ser um remédio eficaz em doenças do fígado. Mestre Giraldo receitava-o freqùentemente a falcões. Principalmente aos que haviam comido demais.

«E este *azever* he desvairado do outro que he chamado canotym, ca o patico he boom pera o corpo, e ho outro he boom pera a cabeça» (p. 15, 22).

«e aos que sofriam de lombrigas» (16, 19), «ou de filandras» (17, 10).

O Chanceler procede do mesmo modo (vv. 239, 248, 250, 253). No tempo de Diogo Fernández Ferreira, outros medicamentos haviam suplantado este. Pelo menos, ele não o nomeia nunca.

É mais um caso de aférese, a juntar aos muitos que registei em outros trabalhos meus; exemplo também da adjectivação esdrúxula em *-ego* (do latim *-icus*).

---

[1] *Alveitaria*, 24, 17.

[2] *Alveitaria*, 27, 40; 33, 22; 37, 29; 45, 7; 49, 2.

CII

PEEIRA

Hoje *pieira* (*piado*) designa o som produzido pela respiração difícil de um doente. É onomatopáico, como *pio, pipio, piar, pipilar* das aves, ou vozes que imitam o grito de certas espécies.

Mas além d'isso subsiste *peeira*, ulceração nas unhas do gado bovino que produz febre e o faz coxear.

No tratado de Mestre Giraldo *peeira* designa tanto uma doença nos pés do cavalo como outra na língua.

«O quinquagesimo prjmeiro capitollo he da peeira que uem aos cauallos nos pees» (*Alveitaria,* p. 6, 1, e 52, 35 e 39).

«O nono capitollo he do mall da ljngua que nos chamamos peeyra da ljngua» (4, 5, 24, 6); «em latym *malum lingue* e em nossa linguagem peeyra da ljngoa» (24, 14 e 31).

O físico relacionava uma doença com outra: «E esta doença da lingua que se gera de cousa podre e corrupta e é infecciosa deçelhe aas vezes aos pees pollo sanguy corrupto que ly pera alos (*sic*) corre, e aas vezes de mao estrabo; e desque esta doença tem nos pees nom pode estar sobre elles; e se lhe em elles durar mujto, faz lhy desaprender a hunha dos machos (124, 25). «E saby que se lhy da a peeyra em huum pee e lhy nom acorrem logo, xi lhy faz em todos» (25, 17). Chegado ao cap. LI, repete apenas o principal: «Ffazesse hũua doença aos caualos nos pees a que chamam peeira; e nom falo aqui dela porque he dicto conprjdamente no capitollo da peeira da lingoa».

A grafia e essas relações patológicas obrigam a propôr a etimologia *peeira* < **pedaria* de *pes, pedis*. Da pronúncia e grafia *pieira* resultaria a etimologia popular indicada. Ou então o moderno *pi-eira* não é descendente do arcaico *peeira*.

A continuação de *peeira* como nome de doença (não registada nos diccionários) prova que esta última hipótese deve prevalecer.

P. S.—Nas *Tradições Populares de Portugal* (§ 349), Leite de Vasconcellos regista uma lenda segundo a qual a sétima irmã é fadada *para peeira dos lobos.* E conta que, preguntando pela significação do termo, lhe responderam «peeira é a que vive ao pé dos lobos!»

CIII

PENÇAS

«O cauallo que tem as orelhas grandes e *penças* e os olhos cauados seerá molle e pregujçoso» (*Alveitaria*, 17, 3).

O cavalo bem feito deve ter *orelhas* grandes mas *agudas* (16, 13). O oposto seria, portanto, curtas, arredondadas e carnudas? Como o nariz *penca* (parecido ás folhas carnudas da couve d'esse nome?) [1] cujas origens de resto ignoro. Ou *pensas*, pendidas? Viradas para baixo? Os mais espertos em cavalarias altas, que o digam.

CIV

PERREXIL

Contra o mal de pedra, a que estão atreitas as aves de caça, sustentadas demasiadamente bem, com carnes muito substanciosas, receitavam os falcoeiros do século XIV, entre outras cousas, sementes de *perrexil*, como se vê no cap. VIII de Mestre Giraldo [2], metidas num coração de galinha ou de carneiro.

Pela tradução do Chanceler de Castela, e pela paráfrase de Diogo Fernández Ferreira, parece que se tratava da umbelífera conhecidíssima *Apium petroselinum* (gr. πετροσέλινον); isto é, d'aquela *salsa* comum, cujo nome latino é a origem remota do vocábulo que agora nos ocupa.

O primeiro autor emprega *perejil* [3], nome que sem qualificativo teve sempre, e tem, em Castela o significado de *salsa*; o Português fala decididamente de *semente de salsa* [4]. Creio que com razão. Nutri todavia dúvidas durante algum tempo.

O nome *perrexil* foi transferido em Portugal a outra planta, da mesma família (tribo das peucedáneas), da qual já entretive o leitor [5], porque as suas qualidades condimentares e o seu cheiro aperitivo o aproximam da salsa, para o gôsto e o olfacto do povo.

---

[1] Vid. López de Ayala, p. 338: *toma entonce un troncho de berȝa de col ó la foja penca.*

[2] P. 17, 26.

[3] P. 255.

[4] Parte IV, cap. XIV (vol. II, p. 23, 24).

[5] Vid. n.º XLVIII, CRÉTANO MARINHO.

Com a diferença, porém, que o *Crithmum maritimum* ou *perrexil do mar*, que outras nações comparam com o *Anethum foeniculum* (*fenouil de mer, Meer-fenchel, funcho do mar*), manifesta as suas origens pelo sabor salgado que o distingue [1].

Pois bem, este funcho marítimo ou *perrexil* que se dá admiravelmente nesta beira-mar portuguesa é um verdadeiro quebra-pedras. E (*nomen omen*) na opinião de médicos e farmacéuticos serve para combater *o mal da pedra*. *Herbe de Saint Pierre* em França, *Pero-Gil* entre os Minhotos, tem em Castela o cognome de *taladra-peñas* [2], e em França o de *perce-pierre, passe-pierre*. Em disfarce scientífico *saxifrage maritime*. Nas fendas das muralhas do Castelo do Queijo, entre o Porto e a Foz, colhi-o eu muita vez, para em seguida o preparar com vinagre para a nossa mesa.

Como Mestre Giraldo dava todavia á planta oficinal o nome de *crétano marinho*, entendo que o *perrexil* que cita, é a salsa.

Por ora não verifiquei, quando e por que influéncias *salsa* substituiu *perrexil*. Em todo o caso, este exercia certas funções artísticas. Com o seu verde garrido, de todo o ano, e o seu cheiro apetitoso serviu, e serve, para enfeite de pratos de peixe e de carne [3]. D'este uso veio a *perrexil* o sentido figurado de «peralvilho, janota, homem muito enfeitado». Bastará lembrar um passo de Sá de Miranda, em que o pastor Bento diz:

> Fui um dia á vila, Gil,
> e logo, ó sair da casa,
> mais verde que um perrexil,
> cuidei que matava a brasa
> de galante e de gentil [4].

A um dizedor, que sabe entreter uma reunião inteira com anedotas e chalaças engraçadas, chamam em Lisboa «o perrexil das salas» ou «perrexil da conversação».

Como acrescento ao *Manual Etymologico* de Körting, muito incompleto na parte galego-portuguesa, seja dito que na Galiza ha

---

[1] Apesar d'isso deram o nome de *salsa* á *Petersilie* (que eu acho adocicada), retirando-o aos *molhos* (= *den Saucen*).

[2] O vulgo diz *perejil de mar*.

[3] Já assisti a uma scena, em que umas lagostas vieram á mesa com tal abundáncia de salsa, que as meninas convidadas teceram d'ela uma coroa para um poeta presente.

[4] *Poesias*, n.º 103, 493 (p. 174). — Cfr. Gil Vicente, I, p. 256.

pirixel, prixel, prijel. E em abono do que acabo de contar, ouçam a cantiguinha seguinte:

Pirixel, pirexelinho!
Pirixel, plantei-no eu.
O p'rixel tran-no as nenas
Que veñen do xubaleu!

Meninas enfeitadas de salsa, ao regressarem de alguma romaria.

CV

PRESTUMEIRO — POSTREMEIRO

No período galego-português não se dizia *último,* nem *derradeiro* [1]. Aquele que vem depois de todos os outros, o que vem no fim era *postremeiro, prestumeiro, postumeiro* ou *postomeiro* (e talvez *pestumeiro*) [2].

Prestumeiro está no *Foro da Guarda* [3] e no *Livro de Alveitaria* (30, 20); na impressão ha duas vezes *pestumeiro* (19, 36 e 21, 36). Como em todos os casos se trata de um remédio que só se deve aplicar em última instância, creio que Mestre Giraldo escreveria sempre *prestumeiro.* O copista não reparou provàvelmente no sinal de abreviatura que traçava a perna do *p*.

Postremeiro é do Rei Sabio. (*Cantigas de Santa Maria,* 168, estr. 5).

Postumeiro vem na lenda de *Barlaam e Josaphat* (ed. de Vasconcelos Abreu, p. 11); *postomeiro* no *Graal,* f. 101[b].

Todas podiam ser representantes de **postremarius* [4], transformado na pronúncia lusitana em **prostremarius* [5]. Mas talvez seja melhor considerar as formas sem *r* no tema como descendentes de *postumarius.*

---

[1] De *retrum.* Vid. Cornu, § 146. — Na sua edição do *Vespasiano,* Esteves Pereira substitue sempre o arcaico *derrador* por *darredor.* Para que?

[2] No *Elucidário* figuram ainda *pustrumeiro, pastumeiro, pestrumeiro,* mas sem documentação. Ainda não dei com eles nem com *prostemeiro, prostumeiro.*

[3] *Inéditos,* v, p. 442: «no prestumeyro mês do anno».

[4] A atracção do *r* pela explosiva contínua inicial, e a labialização da vogal ao contacto de *m,* são fenómenos *vulgares* em Portugal.

[5] Cfr. Meyer-Lübke, I, § 386, e Leite de Vasconcelos em *Rev. Lusitana,* II, 369. — Este meu amigo prefere o esquema: **prostemario* > *p[r]ostemeiro* **perstremario* > *pestumeiro.*

CVI

PRESEVAL — PRESEVEL

Palavras antiquadas (de étimo transparente, mas de significação e formação um pouco escura), as quaes o leitor procuraria debalde nos *Diccionários* e no *Elucidário*.

Nos capítulos III e IV do *Livro de Alveitaria*, Mestre Giraldo ensina como o cavalo novo, que se quer amansar, deve estar ligado no *presevall* (2, 30, 14, 7), *preseval* (8, 23), ou *presevell* (8, 27 e 9, 8), com um cabresto grosso mas mole, de sorte que, por bravo que seja, não se possa tirar d'aí nem aleijar-se.

O *presevall, presevell*, era, portanto, dentro da estada onde se recolhiam cavalos [1] — no aido, curral, estábulo, *estabro*, na cavalariça, estrebaria, cabana, arribana ou *estada*, como diziam no século XIV [2] — uma qualquer *estante* fixa (*ein Gestell*), em que se amarrava o cavalo ainda não educado. Essa estante estaria ligada porventura, por meio de travessões, com a prateleira, ou caixa, em que lhe deitavam a comida. Isto é á *manjadoira* (9, 26 e 31) (*Raufe, râtelier; Krippe, crèche*), em que hoje pensamos em primeiro lugar quando se fala de *presepio*, porque ela com o menino Jesus dentro sobre as palhinhas, entre o boi e o jumento, forma a parte principal das representações, plásticas ou pictóricas, do Natal, a qual denominamos *presépio* [3].

Preseval, preservel, derivam, evidentemente, de *preseve*. E *preseve* é *praesepe*. Em galego-português havia ainda a variante *persere*. Os Galegos de hoje pronunciam *presebe;* os Castelhanos *pesebre*. *Presepe* e *presepio* são latinismos dos Quinhentistas que perduram. Principalmente o de acentuação esdrúxula. Tal qual *praesepe, praesepis, praesepia*, em latim, designavam a mangedoira e o sítio onde ela estava. E este último sentido prevaleceu.

---

[1] *Parque* nas luxuosas coudelarias do século XVIII.

[2] Vid. o artigo n.º LXIII. — *Stala* (que é a epígrafe de um artigo de Santa Rosa de Viterbo que também recomendo aos senhores da «Propaganda de Portugal» — artigo em que, de resto, ele deriva o vocábulo errôneamente de *stabulum*) — ou antes *estalla*, como escrevia D. Francisco Manuel de Melo, deve ter sido popular, visto que d'ele (do germánico *Stall*) deriva *estalagem*, lugar onde os viajantes albergavam as suas cavalgaduras.

[3] Vid., p. ex., *Diccionário Prático*, s. v. «curral, estábulo. «Retábulo ou escultura, representando a scena do nascimento de Cristo, segundo o Evangelho».

Dou todavia a prova, de que antigamente também tinham o primeiro, com alguns passos das *Cantigas de Santa Maria*.

No *Hymno* 1.º Alfonso X diz da Virgem e do seu menino: «e foy o deytar u deytou a ceuada, no preseu' ontre bestias d'arada». No Milagre 180, 7, repete: «seu fillo Deus ya deitar no preseue». E na Cantiga 1 (estr. 3) das *Festas de Nosso Senhor Jesus Christo,* diz d'ele, ao enumerar as suas virtudes: «pero mais [fez] u eno vil perseu' ontr'elas iouu' o mui fiiz» [1].

Quanto a derivados, o único que persiste em Portugal é *persevão,* fundo de coche. A forma *pesebrão,* indicada por J. Cornu, juntamente com *pesebre* (§ 159) é mero castelhanismo fronteiriço [2]. E as pronúncias vulgares, ou corrutelas *prasavão, prazavão, prazarrão,* que também cita, são mais raras ainda [3].

Em Castela ha *pesebrejo,* termo técnico que denomina as lacunas, os vácuos em que estão encaixados os dentes do cavalo; e *pesebrera,* conjunto, ordem e disposição de *presépios* nas cavalariças.

É com este que devemos relacionar *perseval,* indirectamente, por causa da concorrência assídua de *-al, alis, aris,* com *-ero, era* (< *arius, -aria*) e com *el, er,* no mesmo campo. A grafia com dois *ll* deve indicar a oxitonia dos vocábulos. E mesmo, sem respeito á grafia caótica dos textos de Mestre Giraldo, que não constitue prova, *persêval, persêrel* seriam menos explicáveis do que *persevál, persevél* [4].

CVII

PETEEIRO (?) — PENTEEIRO

Cardo peteeiro. É assim que no *Livro de Alveitaria* chamam ao *Carduus dipsacus fullonum* no penúltimo dos capítulos acrescentados ao texto de 1318, provàvelmente ainda no século XIV [5]

---

1 Vol. II, 590.

2 *Pesebron* (aumentativo de *pesebre*) *m.* «En los coches, cajon que tienen debajo del suelo en que se asientan los pies. En los calesines y calesas, el mismo suelo».

3 § 157.

4 De *ramo* procede *ramal;* de *banco, bancal;* de *boca, bocal.* Confiram *aluguel, bacharel, saquitel, caramanchel.*

5 Não ha nesses apéndices divergéncias lingüísticas que nos obriguem a colocá-los no século XV.

(p. 60, l. 2). Conjecturo que devemos ler *peiteeiro*. Hoje diríamos *pentieiro*. Mas este termo denomina apenas o fabricante e negociante de pentes. Ao cardo aplica-se outro derivado de *pectine: penteador* [1].

É sabido que *pectine* deu em castelhano *peine*, astur. *peñe;* em galego *peite*. Em português **peitem* foi transformado por nasalização em *pentem; pente*, com queda do *m* final [2]. Em conformidade *pectinare* é *peinar* em cast.; **peñar* em astur.; *peitear*, em galego, antigamente *peitẽar; pentear*, em português; *pendar* nos dialectos de Leão [3].

O arcaico *pe[i]teeiro* subsiste na Galiza na forma contraída *peiteiro*. Com ela emparelham alguns vulgarismos portugueses. P. ex.: *freixeiro* < *fraxinarius; maceira* a par de *macieira* (mançaneira) < *mattianaria; ameixeira*, ao par de *ameixieira* < *damascenaria*, segundo Cornu; *vimeiro* ao par de *vimieiro* < *viminarius; romeira* de *roman* como se houvesse **romaneira; bateira* por *bateeira* de *batel; sàreiro* de *sável* [4]; *Pòreiro* de *Póvoa; relojeiro* por *relojieiro* (comunmente *relojoeiro*) [5].

CVIII

RAER — REER — RER (ARRER)

Representantes legítimos do verbo lat. *radere;* ou antes estádios sucessivos do mesmo.

Os primeiros dois eram familiares a Mestre Giraldo. Os últimos contraídos subsistem isolados como termos técnicos de uma indústria nacional; e em todas as suas acepções nos dialectos da Galiza.

---

[1] Vid. Brotero, *Compêndio de Botânica*, ed. 1788, vol. I, p. 331.— *Penteador* significa também: *Frisiermantel*.

[2] Cfr. os vulgarismos *orde* (com o derivado *ordeiro*), *vime, virge, muge* de *mugem*, por *mugel* (com o derivado *mugeira*).

[3] Vid. *Alex.* 444 do manuscrito *O* (Osuna; em Madrid). Na ed. de Morel-Fatio ha *peynados* (453); Encina, *Teatro completo*, p. 246.

[4] Já citei *mugeira, ordeira*.

[5] Por analogia com formas derivadas de *-onarius, -ionarius*, como *algodoeiro, bacalhoeiro, colchoeiro, cordoeiro, melgotoeiro, prisoeiro* (arc. e gal.) *quinhoeiro; ladroeira, couçoeira;* etc. Formações aparentadas são *cachoar, tiçoar, arrincoar, desbagoar, seroar; afeiçoado, atordoado, mal-compleiçoado; descaroável; bordoada, canzoada; ladroíce, parvoíce;* etc., etc.

No *Livro de Alveitaria* temos *raer:* «deuem ante arraer [1] o logar hu see ho jnchaço» (48, 8). Mais vezes ha *reer:* «fazio (= faze-o) reer mujto bem» (p. 39, 21); «deuem a rreer aquel inchaço muy bem arredor e poeremlhe cada dia da cal viva com do mell» (41, 10); «e saby ajnda, que bõo pera o sobreosso he rreerem bem o logar» [2] (47, 18).

As flexões de tempos derivam pelo contrário, todas de *raer*: «*raẽ[n]os*» (41, 16); «*rray* lho com hũu cuytelo» (23, 29); «*rayãna* a rredor» (40, 8); «*rraudo*» (42, 7; 47, 13; 15, 24; 21, 28); «E untem-lhe tres vezes no dia o neruo jnchado, pero que seia ante *rraudo*» (48, 20).

O significado é sempre: «raspar, rapar» [3].

Hoje os pàdeiros empregam *raer* no sentido de vassoirar o forno depois de aquècido para a cozedura. Em Alcacer do Sal servem-se de *raer*, mas também da forma contraída *rer*, e de *arrer* na acepção de rapar ou puxar com o rodo o sal das marinhas. E formam o participio presente *rendo*, e o passado *rido* [4]; respectivamente *arrendo, arrido*.

*

Com queda de *d* temos ao par de *raer* o arcaico *caer*, com *caes, cae* (*cais, cai*), substituído posteriormente por *cair*. Na Galiza conservaram *caer* (e *queer*, com *dequeer*). Flexões *caes, cae* (ou *cais, cai*) e *can*. *Roer* < *rodere* evolucionou ahi mesmo até dar *rôr* com *rôs, rô, rôn*. — *Crer, ver, ser* são conhecidos.

Oir (hoje *ouvir*) subsiste além Minho com *oes, oe, oen; ois, oi, on; rir*, em ambos os países (*ris, ri, rin*). *Choir* < *claudere; goir* (posteriormente *gouvir*) < *gaudere*, estão antiquados [5].

Com queda de *g* temos *ler;* e de *tragere* (*trahere*), *tras, trai, tran* [6].

L caído nos infinitivos *doer, moer, sair*, e no arcaico *soer* conservou-se, segundo a lei das finaes, em *dol, mol, sal, sol* e em

[1] Compreenda-se *a rraer*, porque *dever* era antigamente seguido de *a*.

[2] No *Cancioneiro da Vaticana*, Cantiga n.º 905, relativa a uma vinha mal podada, vejo empregado *reer* como sinónimo de «podar».

[3] Confiram Çarafar, n.º xlii.

[4] Vid. *Rev. Lusitana*, iv, 132. Ha também o derivado *rèdoria*, a acção de rapar o sal nos talhos das marinhas. Vid. J. J. Nunes, *Dialectos algarvios*.

[5] Do plebeismo *peer* < *pedere* só ficou *peido* < *pedĭtus*.

[6] Quanto a *trey, treyde, treydes*, vid. *Fragmentos Etymologicos*, n.º lxxxi.

cal [1], *val* [2], substituídos depois analògicamente por *doe*, *moe*, *sae*, (*sai*) *soe*, e *vale*. Na Galiza dizem além de *saes*, *sae* (*sais*, *sai*), *saen* e *san*; e *val*, bem se vê. Mesmo *dór*, *sór*, *mór* em vez de *doer*, *soer*, *moer*, não são inauditos.

R caiu em *proer* < *pruir* < *prurere* com *proe* (*proi*), *proen*. De *querer* vinha *quer* e *qués* < *quer's* que subsistem na linguagem familiar.

A queda de *n* produziu *ter*, *vir*, *pór* de *tẽer*, *vĩir*, *põer*. Com *vens*, *vem*, *vem*; *tens*, *tem*, *tem*; *pões*, *põe*, *põe* ou *põem*; antigamente *pon*. Na Galiza *tés*, *ten*, *ten'*; *vés*, *ven*, *ven*; *pos*, *pon*, *pon*. *Maer*, *meer* < *manere* com *man* está antiquado.

Juntemos *ruir*, e *far* com *fas*, *fai*, *fan*; *dir*, com *dis*, *di*, *din*; *dar* com *dou*, *das*, *dá*, *dan*, *dé*; *vou*, *vaes*, *vai*, *van* de *vadere*; o infinitivo *ir*; e *son* (ou *só*) *és*, *é*, *sós* (= *sodes*) *son*; *ei*, *ás*, *á*, *an*; com as formas que em Portugal lhe correspondem. E creio que ficará completa a lista das formas verbaes que emparelham com *ver* [3].

*

Quanto a *sar* de *saar*, *sãar* < *sanare*, dediquei-lhe um artigo especial.

CIX

REJEITAR (RESEITAR, REFEITAR) — REFEITOS

No Livro das *Enfermidades das Aves de Caça* ha os tres verbos que encimam este artigo (e, além d'eles, *arreseitar*), com a mesma significação, pouco asseada, de *vomitar*, a qual ainda é expressa por outros vocábulos [4].

Creio que teremos de eliminar por completo *reseitar*, e também *refeitar*, explicando ambos como erros não só de escrita (*s* por *i*

---

1 *Cal* de *calere* não se conservou.

2 *Vale* é formação erudita, mas popularizada: *vae* ter-se-hia confundido com *vae*, *vai*, de *vadere*.

3 De todos posso apresentar exemplos colhidos nos versos de Curros Enríquez, D. Rosalia Castro de Murguia, no *Cancioneiro* popular de Ballesteros, e na *Revista Gallega*, com a qual bons amigos me obsequiaram durante um par de anos.

4 *Volver pela boca* (*Alveitaria*, 30, 11); *lançar* (*Caça*, 10, 14); *regoldar* (Ayala, p. 241, *regüeldo*); *arremessar* (*Arte*, I, 20 e 36; II, 52 e 125); *arrevessar* (Orta, *Colóquio* XLII), conforme já expliquei ao tratar de *gosma*, *gosmar*.

em lugar de *j* longo; e confusão entre *s* longo e *f*), mas também de confusão ideal entre dois actos semelhantes, mas não iguaes.

O leitor que tire comigo as ilações lógicas, depois de haver examinado os materiaes que para esse fim lhe apresento.

Rejeitar, regeitar (*regitar* em castelhano), era termo de falcoaria no tempo de Diogo Fernández Ferreira; tradicional, como todos os mais. De dúzias de passos que podia relevar baste um do capítulo XXIV da Parte IV, *Do falcão que regeita o que come.* «Esta doença se conhece quando o falcão *regeita* a miudo e não logra o que come» [1]. No trecho correspondente de Pero López de Ayala, *Del falcon que regita*, temos: «et debes conoscer esta dolencia por esta guisa ... cuando el falcon regita á menudo et non logra cosa que toma» [2]. No de Mestre Giraldo se lê, no meio do capítulo XVII [3], epigrafado *Da frielldade,* por ela ser causa da enfermidade que ataca o papo, o bucho e as tripas: «quando a ave reseita a meude e nom logra [o] que coyma ...; ca se lhe nom acorreres logo como começa de areseitar, quando quiseres já lhe nom poderá[s] aproveitar».

Este mesmo vocábulo está a p. 17, 12: «E se vires que as quer reseitar *... torvalhe, que as nom refeite, o mais que poderdes (*sic*)». Entenda-se: se vires que o teu falcão quer lançar fora as pílulas de azevre hepático contra lombrigas, que tu com artes e manhas lhe administraste, aperta-lhe o bico e não admitas que as vomite logo, para que pelo menos o cheiro amargoso d'elas actue no seu bucho.

*

O editor notou que havia êrro ou confusão. O modo como nos elucida é todavia contraproducente. Entre parénteses dá a explicação *refeitar* no sítio onde introduzi o asterisco; mas no *Glossàriozito* registou como sinónimos *refeito, reseito,* com a tradução «vómito». Tendo ambas por boas e não pensando na terceira, pela qual advogo (*regeitar*), escusava de propôr modificações. Não é verdade?

Examinemos agora o adjectivo substantivado *refeito* (e *reseito*). De *refeito* (e de *reseito*) poderia naturalmente ter vindo o verbo

1 Vol. II, p. 36.

2 Cap. XXXII (p. 289).

3 Último, por estar incompleto o manuscrito (p. 26, 18 e 22).

refeitar (e *reseitar*), no sentido de «deitar pela boca quaesquer comestíveis *refeitos* (ou *reseitos*)», pois *refeitos* (*reseitos*) são certas cousas engulidas pelas aves de caça e *refeitas*, isto é, preparadas e transformadas pela humidade do papo [1].

Certas cousas? Mas que são elas? *plumas* ou *plumadas* [2] na linguagem técnica de Don Juan Manuel, Pero López de Ayala, Diogo Fernández Ferreira, e os restantes autores de Livros de caça. Pelo que ensinam aprendi (a custo, porque nenhum d'eles escreveu para leigos, como nós dois, eu e tu, leitor amigo), aprendi que havia plumadas de dois géneros: umas, naturaes, compostas de mòlhinhos de plumas com ossos machucados ou não, provenientes das carnes que as aves haviam comido e que não desceram do papo ao bucho, ou voltaram do bucho ao papo, sendo logo expelidos pelo bico fora; outras, quer sêcas como essas, quer misturadas com alguma carne picada [3] que o cetreiro ministrava ás suas aves regularmente, dia a dia, logo de madrugada, antes da primeira refeição, para assim lhes enxugar e limpar o papo e instigar o seu apetite e desejo de caçar [4]. *Desayuno curioso*, e bom remédio caseiro! Pois não se dava á ave, comida alguma até ter lançado a plumada [5]. Sobrepôr plumada a plumada, ou comida a plumada, era pecado inqualificável, e perigo de morte para a ave [6].

Quem não estiver satisfeito com a minha explicação recorra á *Arte de Altaneria*, a ver se compreende melhor: «Plumada é um vultosinho feito de pennas, do tamanho da cabeça d'um dedo pollegar (se de *falcão* fôr) que os falcões, gaviões e açores lançam pela boca cada dia pela manhã; o qual vulto é conforme ao corpo

---

1 «Die vom Falken gefressnem Federn; die natürliche oder künstlich bewirkte Abfuhr derselben durch den Schnabel». Não me parece que a ave as *tolhia*, com o que honestamente chamavam *tolheduras* (cast. *tulliduras*).

2 Ha *plumas* na epígrafe do cap. XVIII do Chanceler, e na *Sátira* de Evangelista, p. 236. Quanto a *plumadas* vejam Ferreira, I, 21 e 126; II, 130.

3 Ás vezes, em certas doenças, metiam estopa ou algodão em lugar de plumas. Vid. Ayala, p. 245.—Posteriormente os chamavam *curalle*[*s*].— No *Dicc. Acad.* explicam: «pelotilla de plumas blandas, de lienzo usado ó de algodon (= *Charpie; Watte*) que los cazadores dan á sus halcones, mojada en confecciones medicinales y purgativas, para que limpien el papo».

4 O termo técnico era *dar plumadas* Vid. D. Juan Manuel, pp. 16, 24, 58; Ferreira, I, 81; II, 18, 36.

5 *Fazer plumada* ou *echar plumada*. Vid. Ayala, 243; D. Juan Manuel, 16.

6 Por isso os tratadistas dedicam um capitulo especial ás *Plumadas velhas*.

da ave e se ajunta no bucho, das pennas e ossozinhos que estas aves comem, misturadas com a carne d'aquellas aves de que se cevam» [1].

E depois, ouça o que Mestre Giraldo diz dos *refeitos,* termo privativamente português, ao que parece, e que tem certa importância [2].

Ao cap. I, *Das plumadas velhas* (Ferreira, IV, 10, e Ayala, XVIII), corresponde o IV do Português, *Dos refeitos velhos* [3]. Nele diz:

«Todos os caçadores que aves ham de ter, se devem sempre avisar que nunca den aa sua ave de comer sobre o refeito». Gabriel Pereira põe entre parénteses *reseito.*

«E pera esto ho devem sempre poer em boa alcandara e mandar bem ba[r]rer debaixo della, em guisa que o rejeito se nom possa esconder» (14, 2).

«E se os fezer co o refeito (uns seixitos do tamanho de ervanços) dá-lhe de comer, pouco» (ibid., 6).

«avem... que nom cuidam... de oolhar pollos refeitos e dam aas aves de comer sobre elles e depois que som dous ou tres refeitos sobrepostos ao bucho da ave, logo a ave he treita de door mortal» (ibid., 13, 14).

«pero se sostem a ave emquanto os *refeitos* nom som podres» (ibid., 17).

Seis vezes *refeito* [4]; uma vez *reseito;* uma vez *rejeito.*

Todos os *refeitos* são efectivamente *rejeitos.* Mas ainda assim, sou de opinião que não temos em *refeito* erros de escrita por

---

[1] Vol. I, p. 19. Claro que o vocábulo é repetido a cada pouco no livro de Fernández Ferreira. No fim do cap. X diz «que para falcões doentes de plumadas velhas e podres lh'as dem de pelle de lebre (cabello de lebre), depois de restabelecidos». A p. 81 explica-se «que a ave faz por si boas plumadas, se o cetreiro lhe dá as viandas como deve: rolas bem cevadas, pombinhos grandes mas bem depennados e as tripas fóra, e os ossos das asas e pernas e os pés e o pescoço machucado, assim como os nós de todas as juntas; os pequeninos passarinhos do mesmo modo, mas mal depennados para que engulam a penugem». Ayala recomenda como melhor de todas a que se faz de plumas, de juntas ou de pés de pato e lebre (tiradas as unhas), tudo bem amachucado e banhado em água morna.

[2] Sem conhecer os tratados em que Mestre Giraldo se inspirou, não é lícito basear nesse termo, e em outros, teoria alguma.

[3] P. 13, 39 sgs. Na *Taboada* (9, 5) é que ha *refeitos.*

[4] E ainda mais alguns: P. 15, 4: «E em todo esse anno guarda-o dos refeitos ho mais que poderes, que desque aas vezes assy som iscados, fazem muy mall o refeito».

reseito; e nesse *reseito,* uma variante saída de *rejeito.* Proponho, pelo contrário, que conservemos *refeito* como nome da *plumada;* mas substituamos o *reseitar* de Mestre Giraldo por *rejeitar* para actos de vomitórios do comido, incluindo mesmo plumadas velhas e novas.

Rejeitar nos passos apontados a p. 17, 12 e 26, 18, *ar[r]ejeitar,* 26, 22.—*Refeito, refeitos,* a p. 9, 5; 13, 39 e 41; 14, 2, 6, 13, 14, 17. *Reseito,* nunca.

Etimològicamente, é certo que *rejeitar, regeitar* (cast. *regitar* [1]), representam *rejectare.* De *rejectus,* particípio passado de *reicere* [2]. Este, que já teve entre os latinos o significado de «vómito» [3], denominava em Portugal um projéctil, ou arma de ferro, a tiro, como igualmente já fôra uso em Roma. Como, além da forma ampliada *arrejeitar* [4], ha a simplificada *jeitar* [5], parece que constituem a climax *jeitar, rejeitar, arrejeitar,* mas não é bem assim, visto que *jeitar* representa *jactare* [6].

Refeito, que existe na linguagem moderna apenas como particípio de *refazer* [7], representa *refectus.* E creio que o nome das plumadas não seria outra cousa («o que se tornou a dar»), embora ignore a qual substantivo o devamos referir. Como se vê, em *refeição, refeitório*—dizia respeito á alimentação e comestíveis. Até o próprio *refectus* significava *refeição.*

Reseitar, se existisse, era *resectare* de *resectus,* particípio de *resecare,* «tornar a cortar, recortar». Mas o sentido não serve. As únicas palavras populares que provém do tema *sectus* são *seita* e *seitoira* < *sectoria,* «foice para ceifar o pão» [8].

---

[1] Freqùente, ou mesmo único representante do port. *rejeitar* na obra de Ayala (pp. 239, 289, 290). Ainda assim é catalanesco. Em castelhano *rejectare* dava *rechar.*

[2] *Recere* em italiano.

[3] Vid. Celso, *De Medicina.* Mesmo o infinitivo tinha bastantes vezes a mesma acepção (*von sich geben*).

[4] P. ex. Barros, *Decada* III, 3, 10, onde com relação á Ilha de Maçuá, diz: «que lá havia tão grande numero de lebres que alguns dos nossos as tomavam *a cosso,* com rejeitos que lhes remessavam».

[5] Vejam p. ex. Gil Vicente, III, 23: «jeita-te ao fiar»; e I, 171: «e quantas uvas penduro jeita nas gorgomileiras», trecho que já citei no artigo LXXVI.

[6] O castelhano *echar* confirma esta etimologia. *Deitar* é *de-ictare* (vid. *eito* < *ictum*), como já foi dito por J. Cornu (§ 110, nota, da 2.ª ed.). De *jeitar* vem *enjeitar,* etc.

[7] Reparado, restaurado. Restabelecido. Reforçado. Que se refez.

[8] Vid. *Rev. Lusitana,* II, 255 e XII, 124. Na Galiza *seitura* é a colheita do centeio. Nas Astúrias *sechoriu,* a relha do arado (*Pflugschar*).

CX

RETER—DERRETER

Do presumível representante imediato de *terĕre*, «pisar, esmagar, trilhar», não conheço exemplo algum [1]. *Terer* não agradou aos ouvidos dos Peninsulares [2]. Nem mesmo as formas alargadas pelos sufixos *de-* e *re-*. De *reterere* saíu todavia em Castela *reterir* (3.ª sing. *retiere*), como outr'ora mostrei [3], baseando-me num único exemplo [4]. Em todas as restantes houve metátese muito cedo.

Os Castelhanos, passando-as á 3.ª conjugação: *retir* [5], *derretir*, como *reterir*, deram um pouco de colorido á vocalização ensossa.

Em Portugal, onde *reterer* falta por completo, a formação *reter*, nunca registada, servia muito bem, emquanto o sucessor directo de *retenere*, contando tres sílabas (*retẽer*) não lhe punha embargos. Quando, porém, em fins do século xv, a forma contraída *reter*, já de ha muito dominante na linguagem familiar, prevaleceu também na escrita dos conservadores natos da boa pronúncia arcaica, a preferéncia foi dada a *derreter*, que já coexistia com *reter* < *terere*.

Nos textos de Mestre Giraldo temos *reter* umas sete vezes; e *derreter* apenas uma vez [6].

Curioso é que o consonantismo ingrato do vocábulo, transplantado ao Ultramar, originasse lá nova metátese. Em Montevideu dizem *redetir* [7].

Eis os passos que nos ministram o infinitivo pessoal *rreterem*; o presente (3.ª sing.) *rrete-sse*; o imperativo *retty*, o conjuntivo *rretam*; e o particípio *rretudo*:

«presta de filharem a manteiga e rreterẽ-na com ho olio do loureiro» (*Alveitaria*, 19, 22).

---

1 Não trato aqui do particípio *tritum*, bastante prolífico.

2 Nem tão pouco aos outros povos românicos.

3 Na *Miscellanea Caix Canello: Studien zur hispanischen Wortdeutung*, n.º 14. Nesse artiguito ha dois erros (já não sei, se de imprensa, ou da minha mão). Substituam *reterer* e *derreter* por *reterir*, *derretir*.

4 *Cancionero de Baena*, n.º 174.

5 *Cancionero General*, n.º 125 (p. 302[b]).

6 *Alveitaria*, 38, 43: «e asaas (i. é, assa-as, sc., postas de cobra) sobre las brasas ataa que saya dellas a grosura e que se derretam».

7 Compare-se o vulgarismo português *deregir*, por *digerir*, motivado por *dirigir*, que todos ou quási todos pronunciam *deregir*.

«e rrete[-]sse e aqueeçelhe a enxũda e a grusura» (ibid., 29, 30).
«e rretesse e desoluese e corrilhe pera aquell logar» (ibid., 29, 31).
«toma duas partes de seuo de carneiro e a terça parte de çera e retty todo» (58, 7).
«e rrety o pez e a çera e o olio» (58, 16).
«ffilhem o pez e ho ençenço e almeçega-se e rretãno» (43, 3).
«Ffilhẽno pez e rretãno» (42, 9).
«e deitẽno por cyma daquell pez assy rretudo» (42, 3).

CXI

RODOMA

Alveitaria, p. 51, 38: «Filha do çumo das rrayzes das abroteas ... e da cal vjua ... e do poo do azanafe ... e moy tudo e mestura o e amasa o ... e metio em hũua rrodoma de barro, e tapalha boca e metia em hũu fogo».

A rodoma de que se trata é pois uma vasilha de barro refractário, destinada a ir ao lume com ingredientes de botica [1]. Provàvelmente bojuda, de gargalo cilíndrico ou afunilado, para os perfumes não evaporarem demasiadamente.

A par da forma *rodoma* (com *arrodoma, arrotoma* e *rotoma* [2]) já havia no século XIII a variante *redoma* (e *arredoma*) [3] que permaneceu, e subsiste hoje, vulgarmente corrompida por metátese em *derroma* [4]. Nas *Cantigas de Santa Maria* o rei-trovador introduz um clérigo nigromante que conjura uns diabos que lhe façam a vontade:

se non ... en hũa redoma
todos uos ensserraria.
(N.º 125).

---

[1] Moraes traduz *redoma* com «vidro azul para água de cheiro»; d'aqueles que ainda hoje se vêem nos mostradores dos farmacêuticos.

[2] Dozy, *Glossaire*, pp. 330 e 288, onde cita exemplos de todas as tres formas, tiradas de documentos publicados na *España Sagrada* e no *Elucidário*.

[3] No *Diccionário* da Academia ha tres exemplos do período clássico da língua. Outros ha em cartas e diplomas de Portugal; p. ex., em *Port. Mon. Hist.*, «Dipl.», p. 202 (anno 1043): «Necnon etiam ibidem adicimus ccc.os solidos de argento... et uaso airages (= do Irâq) III; arrotomas XIIcim; uasos de cristallo iii.es; una alcalla; una tructa de cristallo».

[4] Da boca do vulgo (isto é: de criadas minhas).

O diabo na redoma! Como nas lendas relativas a Enrique de Vilhena, ou como o homúnculo na retorta de Fausto.

Modernamente *redoma* designa mangas cilíndricas de vidro, abertas por baixo, mas terminando por cima em *redondo* como calotas, destinadas a cobrir relógios, estatuetas, flores artificiaes, e outros objectos delicados para os resguardar da poeira [1] (*Glasglocke*) e de acidentes.

Pelo sentido parece ser *rotundus* (com a variante vulgar *retundus*). O que causa dificuldade é apenas a substituição de *nd* por *m*, estranhável, porque *-undo*, freqùente em latinismos poéticos, e *-ondo*, divulgado pelo menos em *hediondo* e *redondo*, eram sufixos [2] conhecidos, emquanto *-omo, -oma*, se existiam em *maroma, paloma, farroma*, etc., não dispunham de fôrça vital criadora.

Creio por isso que *rodondo* foi assim modificado ao passar pela boca dos *alfareros* mouros e mozárabes; primeiro na forma abreviada *roton, rodon*.

CXII

ROSALGAR — RESALGAR

Alveitaria, II, cap. XII. *Dos adragunchos:* «E algũus lhe fazem assy, por seer mais forte meezinha... metemlhe do rrosallgar muudo... E eu nom louuo esta cura, que o rrosalgar he prijgosso, hu quer que o põoe» (p. 27, 30 sgs.).

Cap. XXVIII. *Da polmoeira:* «Outra cura hy ha melhor pera esta doença e majs ligeira e esto he se lhe deytarem o rrosalgar... ca o rrosalgar matara ligeiramente o polmõ. E este rrosalgar lhe deuem a poer assi como he dicto em no capitollo dos adragunchos»..

Cap. L. *Das fistollas:* «e por esso lhe põoe algũus ho rrosalgar quando vẽe que lhe conpre». Cap. XXVII: *Do polmom do calo:* «e deyta-lhe do re[s]algar».

Dozy não registou as formas portuguesas no artigo que dedicou a «*Rejalgar*, fr. *réalgar* ou *réalgal* = *arsénic rouge*»[3]. Expli-

---

1 Estar numa redoma; meter alguém numa redoma; pô-lo debaixo de uma redoma, significa tratá-lo com requintes de delicadeza e cautela.

2 Na nação vizinha frutificaram bastante. Vid. Diez, *Grammatik*, II, 378 sgs. As formas que eu juntei pouco a pouco são *berrondo; barr-, cach-, gach-; gor-, lir-, mor-, or-, tor-; sabiondo e verrondo.*

3 *Glossaire*, p. 332.

cando o nome do óxido de arsénico pelo árabe, رهج الغار, *rahdj-al-ghar, rehdj-al-ghar* «pós de caverna», porque o arsénico vermelho se tirava das minas de prata, o erudito catedrático de Leyden insurge-se contra Diego Hurtado de Mendoza por ele haver dado â *rejalgar* o significado de «acónito». Talvez com razão. Notarei todavia que o povo peninsular aplica o nome do veneno mineral, levemente modificado, a diversos vegetaes e a alguns bichos venenosos. Em Vila Real *resalgário* denomina uma pequena lagarta (*Raupe*) que roe as ramas dos pinheiros [1]. Em Vizela chamam *ressalgar[e]* ao cogumelo *Agaricus muscarius* (*Fliegenpilz*), *garico* no Tratado do Chanceler (p. 34).

A mesma etimologia popular que se manifesta nestas formas (*re* + *ssalgar* de *sal*) faz que na Galiza chamem ao proprio arsénico *resalgário* (e *rosalgário*).

CXIII

SAEN ALCATAR

Entra numas drogas para feridas de cão. No cap. XIX do *Apéndice* á primeira parte do Livro II da *Monteria* de D. Alfonso XI (p. 244 e 251). Numa das receitas figura *grasa,* sinónimo de *sain, saen:* gordura, portanto. E embora a outra se aplique em forma de pós, e dois casos sejam poucos como base de uma etimologia, creio que, tendo em vista os resultados do artigo *saim,* podemos supôr no ingrediente desconhecido o gordo animal líquido, mais purificado que houvesse em 1385, apto para unguentos e cosméticos (*durch Kochen geläutertes animalisches Fett; Schmalz*).

O verbo arabe *câthara,* قطر, *stillavit, guttatim fluxit* [2], que deu aos Peninsulares *alcatara, alquitara* [3] e também *alcatrão, alquitran* [4] é que existe, a meu ver, na segunda parte da denominação farmacéutica. *Gordo de alambique* (*geschmälztes, geläutertes tierisches Fett*).

---

[1] Vid. *Rev. Lusitana,* XII, 121.

[2] Freytag, III, 463.

[3] Vid Dozy, p. 186.

[4] Dozy, p. 186. Não menciona as formas portuguesas (o vulgo diz *alquetrão*), nem o ital. *catrame,* nem explica o francês *goudron.*

CXIV

SAIM — SAIL — GROSSAIM

ENSAINAR — DESSAINAR — DESSEINAR — DECEINAR (DEÇENRAR)

Quem abrir Diccionários, Vocabulários dialectaes e Glossários [1] portugueses, procurando definições claras e documentos ilustrativos dos vocábulos que encimam este artigo, ou não encontra nada, ou então defronta com formas e explicações tão incoerentes e mesmo tão contraditórias que fica perplexo [2].

Omitindo o supérfluo — e supérfluas são todas as tentativas etimológicas [3] não baseadas em alicerces largos e sólidos — esboçarei a história de *saim* < *sagimen* em Portugal, e em Espanha [4], utilizando o que outros escreveram aproveitável [5] e os materiaes que pessoalmente coleccionei [6].

1) Milagres de uma Imagem da Virgem, trazida de Jerusalém por um peregrino, a pedido de uma religiosa, são narrados pelo rei Sábio em uma das suas cantigas galego-portuguesas. Como Santa Maria «fez que a ssa omagem... pintada en hũa tauoa... sse fezesse carne et manass' oyo».

El, este penssando, uiu a port' aberta
et foi aa dona contar esta fazenda;
et deu-ll' a omagem, ond' ella foi certa,
et sobe-lo altar a pos por emenda.
Carne non dultemos
se fez, et sa ýa
d'ela, mas non rança,
grossain, et seiamos
certos que corria
et corr' auondança.

(N.º 9, estr. xv).

---

[1] Incluindo os do Cardeal Saraiva.

[2] Nos castelhanos pode consultar com proveito os artigos Sain e Sainete.

[3] Hebraicas, gregas, africanas, como se verá nalguns traslados que tenho de dar.

[4] *E em Espanha*. Entendo que assim deve ser sempre. Portugal sem Espanha não pode ser.

[5] O artigo *Saime* de Diez (*Etym. Wörterb.*, I); e outro de Meyer-Lübke (*Literaturblatt*, 1891, p. 302).

[6] Incompletos embora, contém o essencial. A lacuna grande de 1385 a 1616 ha-de ser preenchida, creio e espero eu, em novos *Subsidios* ou novas *Apostilas*.

Oyo < *oleum*. Portanto um gordo liquido, animal. A palavra é evidentemente um composto, tautológico, de *grosso* [1] e *saim*; como se dissessemos: gordo adiposo [2].

2) Devia seguir-se Mestre Giraldo. Mas no manuscrito falta o capítulo final das *Enfermidades das Aves de Caça*, em que tratava da melindrosa *muda*, e (segundo creio) do regime melhor para fazer emmagrecer os falcões. No *Livro de Alveitaria*, onde expõe a que achaques estão sujeitos cavalos muito alentados, serve-se do vocábulo *grossura*, e não de *saim*.

3) Na exposição sobre o melindroso estado dos falcões na muda D. Juan Manuel distingue falcões *magros fanbrientos* (47, 23) de *gordos ensainados* (48, 12); isto é, cevados (*fettgemacht, gemästet*). Nesse tempo de folga forçada precisam de boas viandas e engordam naturalmente. Por isso é necessário no fim da época modificar o regime, de modo que pouco a pouco fiquem reduzidos á carne admissível em todos os bons animaes caçadores (aves e cães). Para este fim o Infante exige que lhes diminuam as rações diarias, e que essas sempre sejam dessangradas por completo.

No capítulo x, *Commo los deuen desaynar* (50, 17), diz, depois de estabelecer a lista diária dos girifaltes: «E desta manera los deuen gouernar e mantener fasta que entienda el falconero que el falcon es bien desaynado» (51, 12). Para ajudar o processo recomenda muito ar fresco e passeios nocturnos para que o falcão não durma, ou durma muito pouco. E quando estiver «bien desaynado e que aya muy grand fambre» (51, 26), devem acostumá-lo pouco a pouco a exercícios de *volaria* (com o *rol* ou *señuelo*) até que esteja novamente apto a recomeçar caças á ralé que fôr a sua especialidade. O capítulo xi principia: «Pues que en el capítulo ante deste fabla en commo deuen desaynar los falcones dirá en este de las purgas e delas melezinas» (52, 15).

Ensainar < *in* + *saginare* «engordar» (*fettmachen*).—*Desainar* < *de* + *saginare*, «des-engordar» (*entfetten*). Assim em castelhano. A boa escrita portuguesa seria *dessainar*.

---

[1] Vid. n.º LXXIX: *Grosso* = gordo, *grossura* = gorduras.

[2] Confiramos o francês *saindoux*, «gordo ensosso ou adocicado»; e o catalanesco *sagi-fos*, «gordo derretido», (*fos* < *fusus*, «fundido»). Notemos também o género da palavra galego-portuguesa, a não ser que *rança* na *Cantiga* trasladada no texto se refira a carne, como se podia supôr.

4) O Chanceler mostra pela sua vez (no capítulo x) *como los deben desaynar*[1]. Perdão! Na *Bil lioteca Venatória* ha *desayunar!* Èrro desculpável no país dos «desayunos» de chocolate, mas que não devia passar aos Diccionários. Principia: «Pues en el capítulo ante deste se muestra como se deben mudar los falcones, departirá en este commo los deben desainar» (p. 79). — «Et desta manera los deben gobernar et mantener fasta que entienda el falconero que el falcon es bien desainado» (p. 80). — «Et cuando quisieren sennolarlos ha mester que el falcon sea bien desainado et que haya grand fambre» (p. 81). — «Pues que en el capitulo ante deste fabla en commo deben dasainar los falcones, dirá en este de las purgas et de las melecinas» (p. 82). No capítulo XLI repete as prescrições: «et vaya gastando de su vagar el sain que tiene» (p. 311). — «... ca quando salen muy cerrados de carne es grand peligro si se debate et le quebrase sain[2] ...; ponlo en una alcandara en casa fria et escura ... et desque fuer tarde, tomalo en la mano; et asi le faz de manera que vaya gastando el sain, et le finque buena carne; et desque fuer desainado faz lo volar al señuelo á la tira ... ca non ha cosa en el mundo que mas desaine al falcon que el volar á la tira» (p. 312)[3].

5) Tenho de dar um salto de 1385 a 1616, porque me faltam textos intermédios[4]. No longo intervalo houve evolução, fonética, semasiológica, e também quanto aos objectos das Artes de Cetraria e Alveitaria. Das alterações fonéticas falarei depois. Basta dizer aqui que *des-sainar* (única transcrição e única pronúncia admissível de *desaginare*, quer viesse directamente de *de* + *saginare*, ou *dis* + *saginare*, quer por via de Espanha, ou de França) fôra rebaixado a *desseinar;* e que na ortografia irracionalmente

---

1 O leitor sabe que os passos que traslado em todas estas *Contribuições* foram escolhidos de propósito, para demonstração das relações íntimas entre os tres tratadistas do século XIV. Nos capítulos relativos á muda e á *dessainadura* ha quási identidade entre os dizeres do Infante e os do Chanceler, que não deixa de citar o seu predecessor. «Et dice Don Johan que tambien en el desainar commo en todas las otras cosas» (p. 81) o falcoeiro deve regular-se principalmente pela sua própria cabeça e não seguir *á letra* as regras tradicionaes.

2 Diogo Fernández Ferreira fala também d'essa doença perigosa da enxulha quebrada (I, p. 87).

3 Vejam ainda p. 305. Ao par dos derivados ha agora o tema puro *sain* < *sagimen* (ou francês *saïn* < *saginus*, como depois direi). Em português *saim*.

4 Nenhum diccionário português ou castelhano vale-me neste apuro.

caótica de 1600 deram a preferéncia á grafia anti-etimológica *deceinar*. Em lugar do tema *saim*, Diogo Fernández Ferreira emprega sempre os vocábulos *enxulha* e *banha* [1]. Mas o seu *deceinar* é indubitàvelmente sucessor de *desainar* (castelhano), ou provàvelmente de *dessainar* (português) no trecho de Mestre Giraldo que nos falta.

Quanto á educação, á escolha e ao tratamento das aves, a invenção da pólvora e os descobrimentos ultramarinos haviam originado grandes alterações. Mas mesmo antes d'elas houvera em Portugal sempre outros gostos do que em Castela. Sempre preferiram os açores. Açores são debatidiços, bravos e mal acondicionados. O principal objectivo do adestramento primitivo, e do que de novo se torna preciso depois da muda, é quebrar-lhes o orgulho excessivo, sem os debilitar. A este fim (e não a *desfazer a enxulha*, de que talvez nunca tivessem demasiado, em virtude do seu génio inquieto e agastadiço) tendiam as práticas usadas antigamente, sobretudo passeios nocturnos, de que resultam outras tantas insónias; muita frescura no quarto da muda; e além d'isso banhos frios também nocturnos. Embora *deseinar* conservasse ainda o sentido primitivo, «des-engordar» (*entfetten*), o significado essencial para Ferreira, e para os seus leitores e imitadores, é «amansar, abrandar o genio».

Quem quiser provas leia primeiro o capítulo XVII da parte II, em especial as páginas 86 e 87 da nova edição. Depois de descrever por miudo os passeios e também a liberdade que se dá ao açor dentro da casa da muda, onde o deixam voar de uma alcandora para a outra, o autor explica que «com aquella mudança e voar se lhe desfará a enxulha ... a frescura da agua é boa para se deceinar como para se tirar d'aquelle orgulho com que sahiu da muda» (p. 96). Não recomenda que lhe cerceiem a comida. É mesmo êrro notável dar-lhe pouca comida. E repete que «voando, melhor se deceina, e mais depressa se desfaz a enxulha ... assim procedendo se deceinará com facilidade... Conhecer-se-ha o açor estar *deceinado* (< *de* + *saginatus*) na fome que mostrar, e na levidão com que voar» (p. 87).

O movimento é para ele o agente principal na *Entfettungs-Kur*. Melhor do que os predecessores, compreendeu que só se tratava de desfazer gorduras inúteis e prejudiciaes, e de modo algum carnes e fôrças. Quanto ao sentido primordial de *desseinar*,

[1] Vejam os respectivos artigos.

ignorava-o, porém, assim como as suas relações de parentesco com *sainete*.

Na definição dada na Advertência Preliminar é que melhor se reconhece o modo de pensar de Ferreira, e como na sua mentalidade trocava o fim e o meio. Ahi diz positivamente:

«*Deceinar* é o verbo que significa pròpriamente *trazer as aves na mão de noite* (!). Estas depois de tiradas da muda (as quaes para bem mudarem as pennas velhas e criarem outras de novo bem fornidas, lhes dão a comer boas viandas) ellas bem curadas e quietas na casa da muda, tomam muita carne e criam banhas a que chamam enxulha, e ao sahir da muda vem ásperas, por mansas que entrem nella [1]. Como naquelle tempo se não trazem na mão, se fazem esquivas e tomam orgulho e para as tornarem a abrandar e pôr nas carnes que convem para caçar, trabalham com ellas de noite. A este trabalho chamam *deceinar*». (p. 20).

Notemos que a ave *desseinada* se acha num estado de irritação e agastamento, e que por isso se debate e agita, e talvez berre tambem a miudo.

6) Aqui entra o emprêgo de *desseinar* em sentido metafórico. O seu emprêgo em obras literárias, bem se vê. Emprêgo isolado; p. ex. numa obra política do grande patriota J. Pinto Ribeiro, que uma vez (em 1640) se lembrou de exclamar com respeito a um caso de consciéncia, discutível: *Lá o deceynem com seus confessores!* [2] O emprêgo popular, se realmente existe, e se uma suspeita minha fôr certa, é anterior, da era de Jorge Ferreira de Vasconcelos, muito embora fosse atestado só no século XIX, e insuficientemente.

7) Talvez o grupo inteiro de termos derivados de *sagina, saginum, sagimen*, com significados reaes, e quando não, seguramente o derivado *des[s]ainadura*, derretimento natural mas doentio de matérias adiposas no corpo do cavalo, era familiar a um sucessor de Mestre Giraldo: o autor da *Arte de Cavallaria de Gineta*... e *Alveitaria* [3]. A enfermidade, que ataca cavalgaduras muito folgadas, entupia, segundo o físico de D. Denis, artérias e veias, causando *pulmoeira* [4]. Galvão de Andrade afirma, pela sua vez, que desce como defluxo até os cascos.

---

1 Reparem na sintaxe tôsca do escritor «clássico».

2 Vid. *Relação*, II, p. 66.

3 Lisboa 1678. Não o possuo.

4 Reproduzi o trecho respectivo no artigo n.º LXXIX: GROSSO, GROSSURA.

8) O primeiro filólogo que se ocupou de *desseinar, deceinar,* improficientemente, por não haver passado pela escola de Diez, sendo pelo contrário celtómano [1] e encarniçado propugnador de origens hebraicas, gregas, e africanas de todos os vocábulos cuja formação não é evidente, é o Cardeal Saraiva, D. Francisco de S. Luis. Menciono-o porque assentou *deceinar* como termo provincial (minhoto) com a significação de «lavar e bater as meadas de fiado de linho, depois de *encenradas* para se lhes tirar a cinza e começarem a còrar e branquear» [2]. Definição que não é bem exacta, como hei de mostrar. D'esse (com *c*), que a meu ver pertence ao tema *sagin-,* separa imaginosamente outro *deseinar* (com um só *s*), também mui vulgarmente usado no Minho, no sentido de «irritar, fazer exasperar, afligir alguém» [3]. Logo direi porque hesito em lhe dar fé.

*

Ignoro se as ideias de Ferreira, as de Galvão de Andrade, Pinto Ribeiro, Cardeal Saraiva eram do domínio geral, ou desvios individuaes. Em todo o caso, os dizeres d'essas autoridades influíram nas opiniões dos lexicógrafos. A bem dizer, formaram-nas. Mas tal jurar *in verba magistrorum,* sem investigações próprias e critério superior, tem os seus inconvenientes.

O que ha exacto nos Diccionários portugueses [s. v. «deceinar, desainar, dessainar, deseinar, desseinar»] deriva do experto em cetraria. Mas como ele escorregasse na definição que trasladei, não souberam combinar com ela os significados secundários e metafóricos. Por isso as explicações que tentam são perifrásticas,

---

[1] Em 1837, portanto um anno apenas depois do início da publicação das obras fundamentaes de Diez, apareceu a «*Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portuguesa não he filha da latina*» (*Memorias da Academia,* vol. XI), tão nitidamente impressa quão falha de crítica.

[2] *Glossario de Vocabulos Portuguezes derivados das Linguas Orientaes e Africanas excepto o Arabe* (1837). Reimpresso nas *Obras,* tomo VIII, p. 255. A p. 336, na *Resposta a varias censuras feitas ao Glossario,* repete a definição: «tirar a cinza ás meadas». E tambem a imaginosa derivação do hebraico *deshenn, excinerare.*

[3] *Glossario de Vocabulos da Lingua Vulgar Portugueza que trazem origem do grego* (1859). *Obras,* vol. IX, p. 37. Do grego σαίνω (*saino*), «inquietar, abalar, perturbar, pôr em movimento». Como exemplos cita: «fez-me deseinar, estou-me deseinando».

verbosas, deficientes em muitos pormenores [1]. Desconhecendo a origem e a verdadeira pronúncia não escolhem a forma melhor; assentam duas, tres, quatro, sem referências de uma a outra.

Lá vão como amostras os artigos de Moraes (I) [2], Frei Domingos Vieira (II), e os de Candido de Figueiredo (III), reproduzidos quási á risca por Gonçálvez Viana no seu *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico*.

I. *a*) Deceinar, *v. a.* Tornar a amansar o falcão, depois da muda, trazendo-o no braço á noite.—*v. n.* Gritar muito, disputar: «Lá o deceynem com seus confessores». Pinto Ribeiro, *Rel.* 2, p. 66.

b) Desainadura, *s. f.*, *Livro de Alveitaria*. Defluxo que desce aos cascos que de ordinario vem aos cavallos folgados. Galvão.

c) Desseinado, *p. p.* de *desseinar*. *Fig.*, aquella moça arisca, esquivosa, já está mais desseinada.

d) Desseinar, *v. a.*, amansar, fazer á mão o animal bravio, arisco esquivo.—Desseinar-se: debater-se com raiva, desengonçar-se.

II. *a*) Deceinar, *v. a.* Lavar e bater as meadas de linho para se lhes tirar a cinza para depois còrarem e branquearem. Termo de *Altaneria:* amançar o falcão.—*v. n.* Gritar muito, disputar.

b) Desainado, *part. pass.* de Desainar. Falcão desainado, emmagrecido depois da muda.

Desainadura, *s. f.* (Do thema *desaina,* de *desainar,* com o suffixo *-ura!*) Termo de veterinaria. Doença que ataca os cavallos muito gordos, derretendo-se-lhe a gordura no corpo.

Desainar, *v. a.* Amansar o falcão depois da muda, privando-o de carne ou dando-lhe menos, para que não cobre demasiado vigor.—*v. n.* Gritar muito, enfadar-se, agastar-se, metaphora tirada da ave que se assanha e grita.

c) Desseinado, *adj.* e *part. pass.* de *desseinar*. Desainado, amansado.—Figuradamente: manso, calmo, moderado, frouxo. «Um mancebo que se mostrava bravo, arisco, intratável, tornou-se desseinado» [3].

Desseinar, *v. a.* (Comp. incerta). Amansar, domesticar. Acostumar a vir á mão o animal esquerdo, arisco ou bravio.

Desseinar-se, *v. refl.* Debater-se, agitar-se com força, estrebu-

---

[1] Para não ser extensa demais, suprimo reparos críticos a muitos termos das definições (*gritar, defluxo, animal, privar de carne*).

[2] Ed. 3.ª de 1823, anterior portanto aos *Glossários* do Cardeal Saraiva.

[3] O exemplo de Moraes, *mutatis mutandis*.

xar com raiva, desengonçar-se, por lhe não darem a ralé, a carniça do costume.

III. *a*) Deceinado, *part.* de *deceinar, v. t.*, lavar meadas para lhes tirar a cinza da barrela; * *ant.* trazêr de noite na mão (a ave) depois da muda, pâra a amansar de novo (falando-se de volataria). Do lat. *de* + *cinis?* ou do hebr., segundo P. Caldas?

b) Desainado, *adj.*, emmagrecido, *part.* de *desainar*.

Desainadura, doença nos cascos dos cavallos folgados (De *desainar*).

Desainar, *v. t.*, amansar (o falcão) privando-o de carne.—*v. ir.*, gritar enraivecido, como o falcão privado de carne. Do lat. *de* + *sagina* [1].

c) Dessainado, *part.* de *dessainar, v. t.* (prov.), zangar, irritar [2].

Não regista *desseinar*, porque a etimologia *decinerare* exige *ç*.

O leitor desculpe a minha prolixidade. Num exemplo, pelo menos, queria mostrar-lhe *ad oculos*, como é que na difícil arte lexicográfica se fazem e evolucionam definições; também quanto á ortografia [3].

*

O exemplo de Pinto Ribeiro, isolado como está, prova apenas o que já sabíamos d'antes: que esse benemérito, muito amigo de Portugal, o Velho, e muito lido e estudioso, gostava de empregar modismos raros e antiquados, aplicando-os com alguma arbitrariedade. Tendo aprendido na *Arte de Altaneria* que o açor deceinado era debatidiço, serviu-se de *enceinar* para traduzir a ideia de *debater encarniçadàmente*.

O exemplo da moça arisca, desseinada por quaesquer tratos, tem evidentemente a mesma origem, e podia ser de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que era conhecedor da linguagem popular como poucos. Mas não o encontro nas minhas notas. Por isso, desconfiada pela experiência, duvido também da *deseina* e do *de-*

[1] Muito desejava saber onde os tres lexicógrafos encontraram *desainar*, *desainado*, e o último o seu *dessainado*. Suspeito não ser outra cousa que o *deseinado* do Cardeal Saraiva.

[2] Confiram Gonçálvez Viana, *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico*, pp. 199, 209 e 222.

[3] Claro que posso enganar-me. Nesse caso, retratar-me-hei com franqueza. Se o director da *Revista* fizesse elaborar pelos seus discípulos um índice geral dos 12 volumes publicados, prestava aos estudiosos um verdadeiro serviço, poupando-lhes um tempo precioso que se esperdiça em buscas.

seinar do ilustre prelado; muito mais, desde que verifiquei que não entrou em nenhum dos Vocabulários dialectaes, conscienciosamente elaborados, que se publicaram na *Revista Lusitana*.

Deceinar meadas de linho (isto é, *desseinar*) existe de facto no Minho. Ouvi-o mais de uma vez na região do afamado fio português: em Vizela, Santo Tirso, Vilarinho e outras aldeias proximas, por ocasião de assistir a espadeladas e maçagens, etc., mas com aplicação, um pouco diversa, e que se harmoniza melhor com a etimologia que advogo [1].

Pelo que sei, as meadas de linhas são lavadas duas vezes antes de irem ao còradoiro. Duas vezes, como tudo quanto se lava, «em termos!». A primeira vez com cinza (ou sabão) para tirar as gorduras e outras impurezas, ou naturaes ou que provenham das mãos de quem maçou, espadelou, assedou, fiou e ensarilhou o linho. É a barrela, decoada, lixívia, ou *encenrada* < *incinerata*. E é o acto de des-engordurar, *des-sainar, des-seinar*, em linguagem antiga. A segunda vez, em água pura, corrente, para tirar a cinza e o sabão. Então é que *de-cenram* ou *de-cernam* as meadas.

O informador do Cardeal Saraiva é que confundiu dois processos e dois vocábulos que, por acaso, se semelham muito: em tudo, menos em uma letra.

*

Passemos ao tema *saim, sain* ou *saĩ* (como queiram figurar a nasal). *Sain* em castelhano, conforme se viu nos trechos do Chanceler. Muito usado, frutificou bastante. Além de *sainar* [2], *ensainar, desainar* ha *sainete* com *sainetear* (e talvez *saino?*) [3]. — *Sainete*, originàriamente o rebuçado dos falcões! *Cibalho* ou *acepipe, azebibe*, com que o falcoeiro seduz ou recompensa a sua ave:

«... e os caçadores famosos para terem as aves amigas, fazem seus doces, aos quaes os castelhanos chamam *sainetes;* e se fazem [assim]: Tomem enxundias de gallinha [ou tutano de boi] e ponha-se ao sereno em tempo de inverno, pisadas com canela fina, misturado tudo com assucar branco; tudo bem pisado e posto algumas noites ao sereno, que se endureça a enxundia com a mais mistura; e d'esta massa faça o caçador pinhões; e os deem á sua

---

[1] Quem duvidar, recorra ao *Primeiro Livro de Leitura*, de Trindade Coelho, para crianças de seis a sete annos.

[2] *Engordar á los animales.*

[3] Nome de um porco americano.

ave, que tomam grande sabor nisto [1]; e conhecem que folgam com o que elle fez, e lhe ficam sempre amigos» [2].

Aposto que o leitor não conhecia a receita? D'este significado muito positivo deriva o de môlho apetitoso; adôrno no vestuário; ingrediente de comidas que realça o seu sabor; e o mais conhecido, de acepipe teatral (peça jocosa, num só acto).

Eis os sentidos que o *Diccionário Académico* dá a SAIM: (Del lat. *sagina* crasitud) *m.* «Grosura de un animal». «Grasa de la sardina que se usa como aceite, sobre todo el alumbrado en muchas partes del litoral de España». «Grasa que con el uso suelen descubrir los paños, sombreros y otras cosas» [3].

Nas regiões catalanescas, onde não é menos usado, nas formas *sagí, sagin,* desenvolveu-se um pouco diversamente [4]. Denominando em geral a gordura animal, refere-se sobretudo ao pingue de porco, fino e sem misturas. E além d'isso a doces de massa esfolhada [5], que, como devem saber todos os «gargantões», se compõe em partes iguaes de farinha e manteiga (de vaca ou de porco, ou de ambas).

Em Portugal *saim* não figura em Diccionário algum. Portanto não é da linguagem comum. Em sete séculos de vida literária não veio á superfície da terra. Conservou-se todavia, como tantos outros termos dos que examino nestas *Contribuições,* na província de Entre-Douro-e-Minho, que linguìsticamente merece o nome de Galiza d'aquém Minho, e foi dominante no primeiro período da literatura nacional. Intimamente aparentados com a Galiza pròpriamente dita, de além-Minho, com Leão, com as Astúrias, e mesmo com Catalunha e Aragão, mais do que com Castela, os dialectos minhotos tem comum com os das regiões citadas vocábulos e

---

1 A linguagem, popularmente incorrecta, de Ferreira provoca-nos a cada instante a corrigi-lo. Mas... não deve ser.

2 Ferreira, II, 52. Conf. I, 125, Ayala; e p. 193 e 233.

3 Os *Sainetes* de D. Ramón de la Cruz são os melhores do género.

4 No *Diccionário* de Esteve y Belvitges ha os artigos seguintes:

SAGÍ, *s. m.* grex. *s. m.* sain, grosura (sagina, adeps). *Saji-fos,* manteca de tocino, manteca (adeps liquefactus).

SAGIN, v. *Sagí,* llard.

SAGINAR, v. a. *ant.* engrexar alguns animals = engordar (saginare, impinguare).

No de Saura *sagí* é *greix de qualsevol animal;* e em especial do *soldavall del ventre,* i. é, do soventre do porco ou redanho; *saginar* «engordar». *Saginadas* e *ensaginadas* são tortas ou pastéis. Além d'isso regista *seginera.* No Valenciano de Escrig notemos *saginá, ensaginá,* «torta con azucar y chicharrones», e *saginós,* «mantecoso».

5 *Blätterteig* (cast. *hojaldre*).

fenómenos fonéticos que faltam ao idioma do centro e do sul, os quaes tomaram a deanteira de 1350 em deante.

Saim pertence a este grupo. Encontrámo-lo no composto *gros-sain* das cantigas galego-portuguesas de Alfonso X, embora sem relação a falcões e só no sentido geral, primitivo, de gordura líquida, animal; ou como o rei Sábio o identifica com *óleo*, provàvelmente óleo de iluminação.

O que no *Diccionário Académico* se diz do litoral, tem aplicação ás Asturias e á Galiza, porque é lá que, em casa dos pobres, o óleo de sardinhas e outros peixes substitue o azeite vegetal, na iluminação, mas também no tempêro de comidas (frituras de peixe). No Minho o pote (cántaro, asado, porrão, boião) do *saim* ou *sail* costuma conter hoje banha, o gordo líquido do redanho do porco. Em tempos antigos é de crer que também aproveitassem o *saim* da sardinha, que arde (dizem) melhor do que o gordo de porco.

Exemplos: Da boca do vulgo colhi-os em passeios que dei em volta de Entre-os-Rios (Penafiel, Cabeça-Santa, Gandara, Boure, Bôle [1]). Ha mesmo uma cantiga, humorística, tradicional em que entra o *porrão do sail*. E esta está impressa, desde 1882, nas *Tradições*, de Leite de Vasconcelos [2]. Eu ouvi a redacção seguinte:

A minha galinha pinta
põe tres ovos cada dia.
Se ela pusera quatro,
que dinheiro não fazia!
Já me davam p'la cabeça
uma vaquinha moiresca, etc., etc.
....
Já me davam pelo ril
um caneco de sail [3].

No *Diccionário Galego* de Cuveiro Piñol ha *Sain* [4] «grasa de las sardinas y otros peces, que sirve para alumbrarse la gente pobre, por equivalencia del aceite y para otros usos de las artes» [5].

---

[1] Estas e as regiões de Vizela, com as de Moncorvo (Trás-os-Montes) e S. Pedro do Sul, são as que melhor conheço de *visu*.

[2] Vid. § 286, p. 152. É das filhas do próprio informador de Leite de Vasconcelos, o excelente médico Dr. Baptista, que o ouvi.

[3] Na lição recitada ao meu amigo figura um porrão de *sahil*. Ele juntou a nota: *porrão* é um pote; *sahil* é um certo líquido *combustivel*.

[4] Ouvi *sail* em Bayona, ao pé de Vigo.

[5] P. 280. *Óleo de peixe*, para pinturas, é o que ha de mais repugnante e mal-cheiroso nessa arte.

No *Vocabulário Bable,* de Rato de Argüelles, regista-se «*Sain:* aceite de sardina (y de ballena!) del que se hacia uso para amechar los candiles»: as candeias do tempo de Alfonso X; as *Sagimentarias,* de Du Cange [1]. Posso documentar o vocábulo asturiano com dois passos rimados. Nas *Poesias,* de Teodoro Cuesta, ha a oração: «siempre á escures, por falta de sain, aceite ó grasa» (p. 131). Na *Colección de Poesias en dialecto asturiano:* «sé qu'estuvisti na villa pa mercar sain y sal» (p. 131).

*

Da derivação de *saim* e de *desseinar* do tema latino *sagin-*, não ha que duvidar. Está certa desde que Diez nos deu o seu *Diccionario Etymologico.* Mas acêrca do modo de derivação discutiu-se e ainda se tornará a discutir.

Ha formas, poucas, com *-m;* e outras, mais numerosas, com *-n.* É costume derivar os primeiros de *sagimen;* e os restantes de *saginum.* Os literatos latinos empregavam, segundo os diccionários mais propagados, exclusivamente *sagina* — ceva, mantimento abundante para engordar aves. No *Magnum Lexicon* dos Portugueses figura, todavia, *sagimen* como de Columella, e *sagiminare* como de Caesar [2].

Em todo o caso, os escritores latinos medievaes (neo-latinos, portanto) serviam-se de *saginum* e *sagimen,* como o curioso poderá verificar no *Glossário* de Du Cange. Um trecho de Joh. de Garlandia, relativo aos sinónimos *sagimen, pinguedo, sagina* [3], serviu de base a Diez. *Saginum,* com a variante *sainum,* significava *adeps suillum* [4].

Meyer-Lübke [5] é de opinião que no pequeno grupo franco-italo com *-m-* (ás formas *ensaymmer, enseymer, ensimer, essimer,* ital. *saime,* junto o malhorquino *saim*) *m* não é primitivo, e pretende derivá-los de *saginum* com todos quantos existem com *-n*

---

1 Vol. vi, p. 22.

2 Os livros que posso utilizar não chegam para eu verificar as bases d'essas afirmações.

3 Vol. vi, p. 22.

4 *Etym. Wörterbuch,* I, s. v. «Saime».

5 *Literaturblatt* 1891, p. 392, numa notícia crítica acêrca de G. Cohn, *Suffixwandlungen im Vulgärlatein, etc.,* Halle 1891, em que o autor explicara *sagimen: sagina* por troca de sufixo. Segundo o illustre catedrático de Viena de Áustria, foi de França que saíram todos os termos romanos que menciona (eu juntei os que não menciona).

(afr. *saïn, dessaïner,* prov. *saí, saín,* (com *n* móvel), cat. *sagí, sagín,* cast. *saín, saen,* e gallego-port. *saim, sail,* etc.).

É facto que diversos termos de falcoaria, dos que eram familiares a Mestre Giraldo [1], Don Juan Manuel e ao Chanceler Pero Lopez de Ayala, vieram de França, p. ex., *vianda, boeta, enviés,* e talvez *trainar,* mas em *saim, desaïnar, desseinar* ha evolução perfeitamente peninsular.

Quanto á queda do *-g-* (depois de rebaixado a *-i-*), basta lembrar *seta, sagitta; mestre < magister; quaresma < quadragesima* [2]; com respeito á redução de *-ai-* a *-ei-*, além dos exemplos alegados por J. Cornu, *meigo < magicus; seixo < saxum, seiva < saliva* (ant.); *treinar, trainar; treidor, traidor; treição, traição,* e nos modernos dialectos galegos *arreigar, beilar, peisano* [3]. Com relação a *-l < -n* ha *ril,* de *rin* [4]. Troca immotivada, de *ç* e *ss,* como resultante da insciência dos que fantasiaram etimologias falsas, têmo-la, ou tivémo-la, em *sossêgo, pêssego, senreira, sebo, sevandija, sedaço, sumo, çumaque, çafões, çancos* [5].

Sain, saim, sagi[n] emparelham com os substantivos castelhanos *orin, hollin,* ferrugem, felugem, fuligem. *Saen,* pela sua vez, irmana com *farrem, sartem,* por *farrã, sartã,* antigamente *sartãe, farrãe.*

Sôbre os vocábulos portugueses e castelhanos, derivados de modelos latinos em *-agine, -igine, -ugine,* e, em geral, sôbre as leis das finaes em ambas as línguas, ha tanto que dizer e ponderar, que prefiro reservar os meus materiaes para uma terceira serie de *Contribuições.*

*

Se eu escrevesse um *Diccionário Português* haviam de encontrar nele as parcelas seguintes:

Deceinar, ortografia defeituosa por *desseinar.*

Decernar, decenrar, lavar meadas de linho para lhes tirar as cinzas da barrela. *De + cinerare.*

---

1 Modo de ver, contra o qual se insurgem os numerosos derivados peninsulares.

2 Mestre Giraldo talvez descendesse de Franceses. Mas se assim fôsse, nem por isso deixava de ser muito bom Português.

3 Cornu, §§ 219 e 258.

4 Cornu, § 3.

5 Vid. Gonçálvez Viana, *Ortografia Nacional,* 1904, e *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico,* 1910.

Desainar, ortografia defeituosa de *dessainar*.

Dessainar, ant. Vid. *Desseinar*,

Desseinar, desengordar. 1) *ant.* tirar a gordura demasiada ás aves de caça; agastá-las com este intuito por meio de passeios e banhos nocturnos, assim como de rações diminuídas de carne; 2) *prov.* desengordurar meadas de lã por meio de lavagem com cinza e sabão.—*Fig.* 1) amansar génios bravos, quer de aves, quer de pessoas; 2) debater agitadamente qualquer assunto.—*Refl.* debater-se, agastar-se.

Sail, saim, (*prov.*), gordo líquido animal, de porco ou de sardinha.

CXV

SAPOS

Alveitaria, II, cap. VII: «O septimo capitollo he de hũua jnfirmidade que chamam em latym floncellos e em nosa ljnguagem *sapos*» (p. 23, 18). Pelo conteúdo se vê que se trata de aftas, inchaços moles, negros no meio, no beiço dos cavalos, contra os dentes queixaes. Hoje se diz *sapinhos* [1].

O latim familiar a Mestre Giraldo, claro que era o medieval, entremeado de dições de todos os idiomas europeus, principalmente de formações neo-latinas. *Floncellos*, por *filoncellos*, talvez seja o italiano *filosello, filugello* < *filucellum*. Ignoro, todavia, as razões por que uma nação via fios delgados onde a outra reconhecia batráquios. Só se *sapo* designasse em tempos antigos não o batráquio inchado, mas antes uma *lagartixa* esbelta, como *sepa* em italiano.

Cfr. ADRAGUNCHO e VURMO.

CXVI

SARAR

O que eu disse de *ala* vale também de *sanare*. Reduzido a *sãar*, que necessàriamente devia passar por *saar* e terminar em *sar*, esse infinitivo monossilábico, composto da raiz *s-* e da termi-

---

[1] Andrade, *Arte de Cavallaria*, p. 108: «Tambem padecem alguns cavallos huma molestia chamada *Sapinhos*, que são umas excrecencias de carne, que nascem debaixo da lingua, que os não deixam beber, mas são fáceis de curar».

nação dos verbos da 1.ª conjugação, foi (segundo J. Cornu) reforçado pelo acrescento de *-ar: sar* + *ar*[1]. Esta engenhosa explicação prevaleceu, substituindo a antiga, segundo a qual houvera substituição directa de *n* por *r*[2], inaceitável á vista das formações arcaicas que vou registar neste artigo. Tenho-a por boa ainda hoje. Todavia suspeito que houve influências estranhas que favoreceram a evolução, ou actuaram nela.

De 1200 a 1500 ha muitos exemplos de *sãar*. Poucos de *saar*. Nenhum de *sar*. O primeiro de *sarar* que conheço é do século XIV, pois ocorre nas *Histórias do Testamento Velho*, publicadas por Frei Fortunato de S. Boaventura[3]. A recondução de *sãar* a *sanar* foi tentada: por isso depara-se-nos de longe em longe *sanar*. E este latinismo, que vingou na Galiza, por influências castelhanas[4], subsiste hoje em Portugal na acepção figurada de *sanar erros, sanar faltas,* acompanhado de *sanável, sanativo, sanatório, sanamunda, sanear, saneamento, saneável, sanidade*[5], *sanitário.* Escuso de falar do adjectivo *são* (com *sãmente*).

Sar, em si, tinha condições de vida — o rio *Sar* da Galiza bem o prova[6]. Superior em volume a *ar* e *ir,* é igual a dúzias de outros nomes, entre os quaes citarei apenas os verbos *ler, ser, rer, ver, rir, vir, pôr, dar, rôr.* A diferença consiste, todavia, em que todos eles (menos *rir*) já eram irregulares na língua-mãe, de sorte que cada uma das formas herdadas passou ao português independentemente, individualmente.

Sanare, pelo contrário, era regular; de sorte que em todas as formas, regulares teòricamente, se havia de distinguir claramente entre a raiz (*san, sã*) e as terminações.

A principio diziam de facto: *são, sã-as, sã-a, sã-amos, sã-ais, sã-am.*

Na *Cantiga de Santa Maria,* 105, lê-se p. ex: «Eu trago as meezinhas con que sã-o de fog' et d'alvaraz[7]». Em outras (77 e 283) ha *sã-ou.* Nas *Histórias do Testamento Velho* ocorre: «Eu te

---

1 Vid. *Románia,* XI, 95; e § 255 da *Gramática Portuguesa.*

2 Ainda figurava na *Rev. Lusitana,* I, 264.

3 *Inéditos,* III, 45: «que lhe demandassem conselho, se sararia da sua enfermidade».— Ha muitíssimos exemplos na *História de Vespasiano.*

4 Ahi tentaram todavia outro processo: a substituição de *saar* por *sandar* < *sanitare.*

5 Em galego *saidade; sãydade* nas *Cantigas de Santa Maria,* 31.

6 *CV.* 554.

7 Vid. ALVARAZ = lepra branca.

beengo, Deus d'Israel, porque me castegaste e me saaste (2.ª sing. perf.)» [1]. Faltará o til. Julgo que todas as pessoas cultas fugiriam instintivamente de dizer *saas, saa, saam, saaste*, formas que na conversa fugidia, familiar, soavam decerto *sas, sa, sam, saste* [2]. Provo-o pela falta absoluta de exemplos; e também pela preferência dada ao sinónimo germánico *guarir, guarecer*. Nas *Cantigas* encontrei, a par de cinco provas documentaes de *sãar* [3], dezoito de *guarir* e *guarecer* [4]. Nas poesias palacianas dos trovadores, *sãar* nunca se empregou [5]. Apenas *guarir* e *guarecer* em função transitiva e intransitiva.

Só depois de *sarar* haver arraigado é que tornou a concorrer com eles. Mas como nasceria? Por influência de outro *sarar* que Mestre Giraldo emprega por duas vezes no *Livro das Aves Caçadoras* na grafia *çarar*?

A p. 9 lê-se «Cap. da ferida aberta e çarada» [6]. A p. 24 (l. 6) diz: «toma huma agulha e huma linha e çaralhe (sc. ao falcão) aa (= *a aa* = «a asa»), como quando a ave está saan, que a tem bem chegada a ssy». Em ambos os casos o significado é «fechar, cerrar» [7]. Equivale portanto a *çarrar* que ocorre a p. 13, 11: «E as demais das aves que as teem (sc. gozmes), teem a boca aberta, e nom a podem *çarrar*». Mas aplicado a feridas, que estão *curadas* quando se *fecham*, ou se *fecham* logo que estejam *curadas*, *çarar* pode ter originado a substituição de *saar, sar* por *sarar*. Na boca de médicos e alveitares.

Nos textos de Mestre Giraldo ha bastantes vezes confusão gráfica entre *r* e *rr* [8]; como entre *s* e *ss*; *l* e *ll*; *ç* e *ss*; *i, j, g*; *o, ou*.

---

1 *Inéditos*, III, 45.

2 Tres d'estas formas confundiam-se com outras palavras da linguagem arcaica.

3 *CM.* 77, 105, 283, 337 e 344.

4 *CM.* 276, 289, 308, 319, 322, 343, 346, 368, 375, 398 (*guarir*); 255, 256, 314, 315, 321, 367, 385, 389 (*guarecer*).

5 No *Cancioneiro da Ajuda* ha dúzias de exemplos de *guarir* = *gesund werden*, curar-se, p. ex. nos versos 765, 1617, 1528, 1567 e *gesund machen*: curar, v. 1101, 1321, 1361, etc.

6 Só a epígrafe existe. O texto está perdido.

7 Não é difícil alegar provas de que *sarar* significava o fechar de chagas. Eis uma. No *Colóquio* XL, *Do Nimbo*, Garcia da Orta diz que as folhas d'essa árvore, pisadas e misturadas com çumo de limão, são remédio efficaz: «e asi o fazem nas chaguas dos homens, e dizem que milagrosamente saram com só o çumo desta erva» (vol. II, p. 167).

8 Quanto á pronúncia antiga de *r* e *rr*, que seguramente não eram tão distanciados como hoje, veja-se Cornu, § 144 e p. 964, 1.

Çarar podia portanto ser mera cacografia por *çarrar* (e para afastar tal suspeita por completo serão precisos novos exemplos). Em vista do étimo **serare* de *sera* (*Riegel, Schloss* [1]), geralmente aceito [2] — comquanto a derivação nunca fôsse historiada com o desenvolvimento preciso —; em vista da freqùente reduplicação de *r* em vocábulos portugueses e castelhanos, de que já dei exemplos [3], em vista também da antiguidade da troca de *ç* e *ss* na dição de que se trata [4], em geral nas regiões outr'ora mozárabes [5], não me parece arrojado acolher no Diccionário dos arcaismos portugueses a forma *çarar* = *sarar* < *serare* = «fechar».

CXVII

SEIXEBREGA

Além das sementes de perrexil, da zargatoa e da milfurada, Mestre Giraldo receita outra planta contra o mal de pedra dos falcões: «e se nom poderes aver a milfurada, toma a seixebrega» [6].

Tema p. ex. de *serralheiro* (*Schlosser*).

Por Diez, Meyer-Lübke, Schuchardt.

S. v. *Çarafar*. Nos textos de Mestre Gil relevei ainda as grafias *barer*, varrer, 14, 2: *verezes*, verrezes: *falparaz*, falparraz; *perrexil* e *taraço* (= *terraço*); *careira* = carreira; 14, 14.

4 *Sarar* é ladino; *sarrar*, provençal; mas também galego-português. Não falta nas *Cantigas* de Alfonso X (114, 245, 317), embora ele também escrevesse *serrar* (27, 51, 145). Hoje existe em português, além de *cerrar*, o vulgarismo *çarrar*. (Águas Santas da Maia, Minho).

5 Ela é em Portugal muito mais antiga do que é costume asseverar. Generalizada no século XVI, já começara no XIV, como tenciono provar. Quanto a palavras que ocorrem com dupla grafia nos livros de Mestre Giraldo notemos: *sancos*, *çancos*; *ssambarco*, *çambarco*; *çacotrim*, *sacotrim*; *amaçar*, *amassar*; *ervatunez*, *ervatunes*; *solorgiãaes*, *celorgiãaes*; *sumo*, *çumo*; *sumaque*, *çumaque*; *lesmez*, *lesmes*. Sem falar de escritas como *coussa*, *guissa*, *asaz*.

6 D'esta vez faltam as contraprovas do costume. Ferreira cortou o passo. E Ayala substituiu a *seixébrega* por outra planta a que na antiguidade atribuíam virtudes saxífragas (*adiantum capilveneris*), apondo ao nome latino a designação vulgar de *culantro de pozo* (p. 256). Vid. Plínio, XXII, 21. Hoje dizem *culantrillo* [*de pozo*], e já assim diziam no tempo da Celestina que apregoava os seus supostos efeitos afrodisíacos expressos no nome latino. *Culantro* (*cilantro*, *ciliandro*) de *coriandro*, (*coendro coentro* em português), reservou-se para a umbelífera *Coriandrum sativum*, cujas sementes aromáticas também eram oficinaes e estiveram, temporàriamente, muito em voga. O adianto, esse serve em cozimentos (e em rebuçados) para facilitar a expectoração, em reumas e catarros.

Longe de me espantar, só me admiro de que essa figure no último lugar, como mero expediente. Porque *seixebrega* é evidentemente *saxífraga:* o verdadeiro «quebra-pedra», *Steinbrech* [1]. Predestinada a figurar na farmacopeia.

Por isso mesmo estou disposta a pronunciar *seixébrega* e a procurar um descendente d'essa forma arcaica num nome de planta, usado na Galiza, mas de que pouco sei. Apenas vejo *seigebra* [2] no *Diccionário* de Cuveiro Piñol, que se louva em Sarmiento, ao classificá-la de espécie de *menta* ou *saxífraga* que se dá nos muros. Se realmente existir, e denominar a *seixébrega,* dos antigos, a palavra foi reduzida de esdrúxula a paroxítona á vista de formas duplas como *estambo, stamego; lontra, lóntrega; cobra, cóbrega; pinta, píntega; hirto, hírtego; lostro, lóstrego* [3]*; trópo, trópego* [4].

Claro que temos *seixo* em *seixébrega.* E quer corresponda directamente á forma latina citada (*saxi-fraga,* de *frangere*), quer represente deformações como *saxi-frica* [5] (de *fricare*), ha substituição de *f* por *b.* Um exemplo novo a juntar aos conhecidos [6].

A qual das saxífragas, conhecidas na península, se aplicaria o nome? Á verdadeira, branca, de raiz tão lindamente granulosa, como penso? [7] Ou á dourada, que dizem eficaz para males do baço? [8] Certamente não á bastarda, nem á umbrosa, nem á roxa, nem á pyramidal, porque nenhuma d'elas entra nas farmácias.

Nem tão pouco se podia tratar da árvore do funcho — *Laurus sassafras,* — que é indigena do Novo-Mundo [9], muito embora os diccionaristas confundam ás vezes as duas plantas entre si, e com outra terceira — o *salsifis* ou *salsifris* (*tragopodon* = *Bocksbart*) [10].

---

1 Quebranta-piedra; taladra-piedra; erva do mal de pedra.

2 *Seixébra?* Não está no *Diccionário de Plantas,* de Colmero.

3 Vid. ALFÁVEGA.

4 Não me lembro de rima alguma de taes esdrúxulos. Formas parecidas são, p. ex., o vulgarismo *áfregas* (meter-se em *áfregas* = *áfricas*)*; pébrega,* que talvez seja invenção individual de uma criada minha que assim traduz *páprika,* o nome húngaro do *clarao* (*colorao* = *colorado*)*;* e o arcaismo *fábrega* < *fábrica.*

5 Na Itália ha *sassefriga* e *sassifrega.*

6 Cornu, § 185.

7 *Saxifraga granulata:* alemão *Steinbrech;* fr. *sanicle.*

8 *Chrysosplenium alternifolia* (alemão *Milzkraut*).

9 Em português *loireiro sassafraz;* por etimologia popular *salsafraz:* e por engano de alguns lexicógrafos, *saxifraz.* Em ital. *sassofrasso,* e *sassafrasso.*

10 Em português *sersefi* e *sersifim.*

*

Ignoro por completo como se relaciona com este *salsifis* a festança que hoje denominam, em estilo chulo, um *salsifré:* um bailarico ou *sarau improvisado,* sem ordem nem cerimónia? Só se ele se combina com os destinos ou preparos culinários do *salsifis* (*Escorcioneira negra*) em Espanha e França [1]? Os que eu lhes conheço, são muito simples. E talvez seja exactamente por isso, (porque um prato de *salsifis* se pode improvisar, muito de pressa, como expediente) que lhe deram essa acepção figurada? Muito moderna, só entrou, que eu saiba, no *Diccionário Prático* de 1910.

CXVIII

SIFAC — SIFAQUE

Antigamente usado para designar a pele que envolve os intestinos de ruminantes e solípedes, equivale a peritónio. «E aas vezes auem que do gram trabalho e da gram carrega ... quebralhy hũa pelle em que se teem as tripas que chamam em latim *sifac*» (*Alveitaria,* II, cap. XXVI).

Esse latim é a linguagem técnica medieval dos médicos árabes e judeus. No seu *Livro de Monteria,* El-Rei D. Alfonso XI explica o vocábulo, no capítulo XIII, relativo ao tratamento de cães com chaga no ventre de que saem as tripas fora: «Et porque son tres cueros en el vientre, la costura ha de ser así: metan el aguja por el cuero primero et por el segundo, et por el tercero que es el *cifaque;* et del otro cabo de la llaga en el derecho que está el aguja [2] deje de meter el aguja en el *cifaque* que es el cuero mas cercano de las tripas, et pongala por el cuero de medio et por el cuero de encima et asi faga de la otra parte en manera que el cifaque sea travado una vez del un cabo et otra del otro, et sean hi dados dos nudos» (p. 148).

No Apéndice (cap. X) [3] repete-se o mesmo ensinamento. Com a diferença de que ahi chamam *cifat* ao «cuero en que retienen las tripas». E como os finaes de termos árabes estão sujeitos na Península a muitos acidentes modificadores, conforme já indiquei

---

1 Cfr. PERREXIL.
2 Isto é: em frente da agulha.
3 P. 237.

mais de uma vez, é possível que a variante seja mais do que um lapso de escrita ou de imprensa.

Com *sifac, sifaque, cifaque,* de صفاق [1], compare-se *mirac,* abdomen, de مراق, *marâc* [2].

CXIX

SIRA

Volto a este vocábulo [3], interessante por ser privativo da língua portuguesa [4]: um arcaismo de origem talvez astrológica, outr'ora usado na linguagem literária, mas que hoje persiste apenas na boca do vulgo.

Como prova do seu emprêgo limitado basta dizer que não anda no *Novo Diccionário.* Vive todavia em Lisboa, na forma *síria,* conforme me informou amàvelmente o Ex.mo Sr. Gonçálvez Viana, citando a frase «não tenho síria nos dedos», relativa a mãos inteiriçadas de frio, ou amortecidas de cansaço e ardor.

Em Trás-os-Montes subsiste na mesma forma e com o mesmo sentido, segundo consta do *Vocabulário* importante de Mogadouro e Lagoaça, publicado por Augusto C. Moreira [5]. Este folklorista dá como exemplo «ter síria nas pernas»; explica *força, tesura, consisténcia,* e acrescenta: «A cada passo se recommenda ás mães que não deixem fazer *têres* grandes ás creanças, emquanto não tenham *síria* nas pernas» [6].

Em outras regiões, perto da fronteira galega, deve ser *xiria* (com palatização do *s* sob influência do *i*), pois assim se lê na *Prosódia* de Bento Pereira, de onde passou para as edições acrescentadas do *Diccionário* de Moraes [7].

Quanto a textos antigos, lá temos no *Livro de Alveitaria* o seguinte passo significativo: «Outrossy se o caualло for mui magro,

---

1 Dozy, p. 257. Ignoro de onde o catedrático de Leyden tirou o vocábulo português, pois o não encontro no *Elucidário* nem tão pouco nos *Diccionários* de que me sirvo.

2 Ibid., p. 314.

3 Vid. *Rev. Lusitana,* XI, 53.

4 *Galego-portuguesa,* se uma conjectura que formulo no fim d'este estudo fôr acertada.

5 *Rev. Lusitana,* V, 105.

6 S. v. *Têres* (fazê-los uma criança) repete: «Ir já tendo síria nas pernas = ir-se já sustentando de pé por algum tempo».

7 Na de 1877 encontro: Xiria, *s. f.* Força, impeto.— B. Pereira.

minguarlha per hy a força e a sijra» [1]. Do tempo intermédio também tenho a felicidade de poder indicar um passo documental. Claro que é da pena de Gil Vicente, o insigne conhecedor da dição popular. Numa scena do *Auto do Purgatório* [2], a representante da idade infantil ou da *innocéncia* chega esfalfada á Ribeira dos Mortos, toda atarantada pelas visões tétricas do último transe, e desabafa num monólogozinho, dizendo entre outras cousas:

> Que faleci ind' agora,
> em mui perigoso ensejo,
> porque era moça, e cuidei
> que da velhice gouvira [3];
> e com tal dor acabei
> que de mi parte não sei,
> nem tenho ponta de *sira!* [4]

Quanto ao sentido, o de *ánimo, alento,* que dei ao termo [5], é evidentemente o verdadeiro. Podemos juntar ainda o de *vigor e calor animal; força, ardéncia* e *veheméncia.*

Quanto á etimologia desdigo-me. Não por inteiro, porém. Tiro *síria,* como d'antes, das regiões sideraes, mas d'esta vez de um unico astro — o mais fulgurante dos fixos que refulgem no céu estrelado, a constelação canicular, cantada pelos poetas, querida e temida pelos médicos e cirurgiões da idade média; e ainda hoje venerada com sacro espanto pelo vulgo.

Formalmente, não ha dificuldade alguma. O trissilábico *siíra* do século XIII e XIV, reduzido em princípios do XVI, por contracção, a *sira,* e modernamente alargado de novo pela iotação da sílaba, postónica, conduz mesmo com segurança ao étimo *síria.* Exemplos da tendéncia manifesta da língua portuguesa de fundir num só *i* o postónico e o acentuado, temo-los em *liro, ciro, tibo, siba, vindima,* e nos vulgarismos *famila, Emila, Mila* [6]. E da tendén-

---

1 P. 10, 39.

2 Ia escrevendo da *Barca do Purgatório*, êrro que escapou a muitos; se estou bem lembrado, mesmo ao pintor dos azulejos do Buçaco. Acostumámo-nos todos a falar das *Tres Barcas*, esquecendo que os tíbios e acidiosos tem de passear por longo tempo no limbo do Paraíso, como outr'ora os Helenos nos prados asfodélicos do Hádes, aquém da Ribeira do Lethe.

3 Gozaria. *Gouvira* é plusquamperfecto com sentido condicional, á maneira antiga; do infinitivo *gouvir*, por *gouir* < *gaudere*.

4 Gil Vicente, ed. de Hamburgo, vol. I, p. 266.

5 *Rev. Lusitana*, XI, 53.

6 Já dei exemplos na *Prática de tres pastores*, e alhures.

cia oposta de introduzir (ou reintroduzir) um *i* postónico [1], nas mesmas dições citadas, visto que *liro* [2], *ciro* [3], e *tibo* [4], dos séculos XIII e XIV, tornaram a ser *lírio, círio* e *tíbio* no XVI, escuso de falar, tão notoria é [5].

Será crível comtudo que o *Sírio* influísse no falar do povo? Julgo que sim. Crível e quási certo.

Sem dissertar mais uma vez sobre a propensão dos Galaicos para agouros, sinas, boas e más estrelas, e para a explicação astrológica de fenómenos físicos e psíquicos; sem falar extensamente de astrólogos portugueses, como Mestre Guedelha, e das ideias expendidas pelo rei D. Duarte nos seus tratados filosóficos; sem aludir ao livro (inédito) *Segredo dos Segredos de Astrologia,* atribuído ao Infante D. Henrique; e sem documentar que as *Constituições dos Bispados* ainda tiveram de prohibir nos séculos XVI e XVII [6] rezas á lua e ás estrelas, lembrarei apenas factos de importáncia universal.

Em primeiro lugar, todos os europeus vêem o *Sírio,* da primavera até o outono, quando em noites claras erguem o olhar com assombro e delícia para o céu estrelado [7]. O brilho da mais luzidia entre as estrelas fixas do hemisfério setentrional, é extraordinário e sugestivo: o *Sirius* (Σείριος), ôlho ou boca do Cão Grande (*Canis Maior,* κυων, ἀστροκυων) que sentado aos pés do gigantesco caçador Orionte [8] produz, durante quarenta dias seguidos [9],

---

1 Sobretudo em nomes que não tem *i* nenhum primitivo, como *ondia, vestia.* Vid. *Rev. Lusitana,* XI, 277.

2 *CM.,* 211.

3 *CM.,* 211.

4 Ha trechos documentaes nos escritos de Mestre Giraldo, comquanto ele prefira o sinónimo *morno.* Vejam o n.º XCV d'estas contribuições.

5 Julguei sempre que *lírio, círio,* fossem latinismos, restaurações dos humanistas. *Tibio* (que podia ser castelhano) e *síria* fazem-me todavia duvidar.

6 P. ex., as do Porto de 1585 e 1687.

7 Depois da *Ursa grande* ou *Carreta,* que mesmo as crianças distinguem, e procuram com prazer, o *Orionte* é, sem dúvida, a constelação mais conhecida; e o Cão grande, com o seu ôlho de primeira grandeza, assim como o pequeno com o Prokyon, formam um apéndice d'ela.

8 Segundo a versão mais divulgada da mitologia clássica. Outras ha em que o cão era guarda da Europa, ou da ninfa Erigone, ou de Icário, e mais entidades fabulosas.

9 Vinte dias antes e vinte depois do nascimento helíaco de *Sírio.* Para os meus fins não importa que, devido á precessão dos equinóccios, o despontar da canícula tenha hoje lugar em princípios de Agosto, pois todo o mundo continua a chamar *canícula* (*Hundstage*) á mesma temporada, em especial a que decorre de 20 de julho a 23 de agosto.

na opinião da gente, grandes calores estivaes, a calma canicular [1].

Em segundo lugar, temos a influência, em parte benéfica [2], mas na maior parte perniciosa, que o *Sírio* ou a Canícula produz, emquanto o Sol está no Signo do Leão: inundações do Nilo, raiva de cães, insolações mortaes; fome, guerra e peste; cólera e outras doenças contagiosas; a estiolagem das plantas, a ineficácia de todos os medicamentos, sobretudo na cura de feridas; crimes numerosos, pois quantos nascem nas canículas tem a má estrela de perpetrarem crimes, entregues ás fúrias do seu temperamento ardente [3].

Está visto que numa época de efeitos tão funestos era preciso acalmar a ira e instigar a beneficência dos Deuses, com procissões e sacrifícios. Ela era sagrada no Egito, na Grécia, e no Império romano. No tempo de Homero, os Helenos celebravam festas em que sacrificavam carneiros e matavam cães [4], cantando trenos e lamentações alusivas a um jovem caçador (símbolo da primavera) morto antes de tempo, no *Sírio* da sua vida [5].

Gostaria de trasladar alguns dos belos versos em que os maiores poetas épicos e bucólicos descrevem a época em que o ensífero Orionte enche de medo os marinheiros [6], e o hálito inflamado da constelação *síria* abrasa a vegetação [7]. Suprimo-os, porém, por não serem elos indispensáveis da minha demonstração. Citarei apenas dois trechos em tradução vernácula, como homenagem a um poeta distinto que teve *síria* suficiente para traduzir em oitavas a *Eneida* [8].

---

1 Crianças fraquinhas das pernas aprendem a andar nos meses quentes.

2 Mestre Giraldo recomenda também certos cuidados com falcões e cavalos nos dias caniculares (*Alveitaria*, 14 e 17).

3 No dia de rever o manuscrito (14 de julho de 1910) leio nos jornaes como em New-York falecem de insolação diàriamente vinte a trinta pessoas.

4 «Die dem Lämmerfest und der Hundetödtung zu Grunde liegende Idee war das Leiden der Pflanzenwelt unter der vom Hundstern Sirius herbeigeführten Glut der Hundstage» (Lübker, s. v. Linos).

5 O *Lino*, a que aludo, emparelha com Adonis, Narciso, Hylos, Hyacintho. Nos trenos repetia-se como interjeição o vocábulo αἴλινον.

6 Camões, *Lusíadas*, VI, 85.

7 Homero, *Ilíada*, XVIII, 486; XXII, 29; *Odysseia*, V, 274 e 121, XI, 572; Vergílio, *Eneida*, III, 141 e *Georgica*, IV, 425: «iam rapidus torrens sitientes Sirius Indos».

8 Oitavas em endecassílabos *italianos*, mas com rimas á moda peninsular (*ababcdcd*).

Eis que, subito, os ares empestados
Trazem tempos de morte: ignoto mal
A arvores, gentes, sementeiras, gados
Bafeja do seu halito feral.

E o homem e a mulher, velho ou creança,
Deixam a vida, ou morbidos se arrastam
Numa miseria extrema! *Syrius* lança
Calores tão ardentes que devastam
Os campos. Um horror! As hervas seccam;
As espigas recusam-se mirradas
A darem mantimento; os fructos peccam,
Nas arvores de sede desfolhadas! [1]

Não serve bem? E ess'outra descrição de um régio escudo [2]:

Vomita [3] o escudo d'oiro fogo vario
Como um cometa, côr de fogo a côma;
Que, em noites claras, erre funerario;
Ou qual o ardor de *Syrius*, quando assoma
No céo, phantasma lugubre, trazendo,
Aos miseros mortaes, a sêde e a dôr,
E céo, e terra, e mar entristecendo,
Com seu sinistro e pallido fulgor [4].

O que urge notar, todavia, é o terem os Latinos falado positivamente de ardor *sírio*, calor *sírio* [5], empregando o substantivo com funções adjectivas. Como os Portugueses. Além d'isso, possuíam o qualificativo derivado *siriacus*, e o substantivo *siriasis*, para denominar a insolação [6].

---

[1] Coelho de Carvalho, *A Eneida de Vergilio lida hoje* (Lisboa 1908). Livro Terceiro, vv. 245–256. — Oxalá muitos a lessem — deleitando-se com o «esplendor do caudaloso estilo!»

[2] Ibid., livro x, vv. 529–536.

[3] *Feuer speien* «vomitar». Lembrem-se do sentido figurado de *gosmar*.

[4] Gosto muito de comentar textos por meio de uma boa pontuação. Mas aqui ha demasia; não é verdade, leitor? Estas e outras circunstâncias dificultam, quando não impossibilitam, para mim, o traslado diplomàticamente fiel de textos portugueses. Diplomàticamente fiel, estando eivados de erros. Eu prefiro reproduções criticamente exactas; com as notas precisas, bem se vê.

[5] *Eneida*, x, 273: «sirius ardor ... sitim morbosque ferens mortalibus aegros» (Coelho de Carvalho, x, 532); Columella, x, 289, etc. Outro passo de Vergílio (III, 141) é menos seguro.

[6] Como os Gregos, bem se vê.

*

Devia concluir aqui. Podia acrescentar conjecturas sôbre a parentela possível entre as festas *sírio-caniculares* da Grécia [1] e do Egito, e os *círios* veranis de Lisboa e arredores, e sôbre as relações entre *síria* em Portugal e *siries* na Galiza; conjecturas que talvez não sejam mais do que fogos-fátuos. O sonho de uma noite de verão.

A referéncia aos *círios* do Sul, que consistem numa romagem procissional do povo com um *círio* aceso (vela ou tocha), de alguma igreja da sua terra para outro orago fóra da terra, valha só como exortação dos romancistas e etnólogos da capital para que publiquem pormenores históricos documentados sôbre as origens e as práticas tradicionaes d'estas festas estivaes [2].

*

Pelos *Diccionários* galegos de Cuveiro Piñol e Valladares Nuñez conheço a palavra *siries* — o que quer dizer que a conheço mal. — Nem sei se se trata do plural de *sirie* por *siria?* ou de um derivado *siriêz?* Se a definição «frio en las manos de tal suerte que no se puede escribir por no tener tiento» for boa, o sentido em que usam *síria* em Lisboa autentica-a; se portanto o vocábulo tiver realmente as origens que suspeito, Galegos e Portugueses teriam equiparado os efeitos do demasiado calor aos do frio excessivo, por ambos destruírem a fôrça, o jeito, a flexibilidade das mãos: — o seu vigor vital.

Disse; — e *cá me canta* que disse bem.

---

1 Vid. *Iliada*, XVIII, 570. «Der Hundstern Sirius, der hellste Fixstern am Himmel, bringt mit seinem Frühaufgange die heisseste Jahreszeit, die Hundstage, mit sich. Um die verderblichen Wirkungen der Gluthitze des Sirius alzuwenden, Versengung des Landes, Krankheit und Tod von Menschen und Vieh, stiftete man an verschiednen Orten Griechenlands Sühngebräuche» (Linos).

2 E notas sôbre superstições; assim como também cantigas e adivinhas populares que se referem a *Sirius*.

CXX

SOCOTORINO

A ilha de Socotòra [1], Çocotora [2] ou mais correctamente Çacotorá [3] —«Sacotora co'o amaro aloé famosa» (*Lusíadas*, x, 137)— foi descrita numerosas vezes por descobridores, conquistadores e viajantes portugueses; por exemplo no *Roteiro de Goa até Soez* [4]. Mas mesmo assim os iletrados ficaram naturalmente sem compreender o que era *socotorino*, adjectivo aliás exposto a reducções e metáteses, iguaes em número ao tamanho das suas cinco sílabas, pouco consistentes. A vogal da terceira síbala, caìria em primeiro lugar, dando *socotrino* [5], e em forma abreviada **socotrim*; mas também *sacotrim* [6], *çacotrim,* [7] e com enfraquecimento do *á* átono *secutrim* [8], *cecotrí* [9], e mesmo *cicutrí* [10], como se tivesse relações de parentesco com a *cicuta*. Por etimologia, que merece o qualificativo de popular, *socotrim,* pronunciado *sucotrim,* deu ainda *suco-cetrino,* curiosa formação que intrigava o autor dos *Collóquios*. Por duas vezes lhe chega:

«Como soubestes que o [azevre] de Çocotora he melhor, porque alguns escriptores o chamão suco-cetrino?» (I, 25).

«e chamarem-[no] alguns doctores suco-cetrino não he muito, porque não olharão mais que á côr; mas a verdade he que [o azevre de Çocotora] se chama assi» (ibid., 26, 27).

---

1 É hoje a escrita e pronúncia vulgar. Assim, com *s* e sem acento, está na 1.ª ed. dos *Lusíadas*. Creio, todavia, que o verso exige a pronúncia *Socotorá*.

2 Assim está nos *Colóquios*, I, 25 e sgs.

3 D. João de Castro escreve sempre *Çacotoraa*.

4 «A terra naturalmente he proue, e nella nam achão outras mercadorias que *Azeure* e sangue de dragão. Porém o Azeure he grandíssima cópia, e tem o preço sobre todos». (Garcia da Orta, pp. 37 e 38).

5 No *Roteiro*, p. 18, ha *çacotorino* e *sacatorino*. Todas as tres ocorrem nos *Tratados* de Frei Antonio Feo.

6 Ferreira, II, pp. 23 e 26.

7 *Caça*, 11, 26; 19, 11; *çacotorino* em Castanheda, II, 39.

8 *Monteria*, p. 248 (*acibar*). Nem é preciso pensar na substituição do pseudo-prefixo *so* (= *sub*) por *sa, ça, za*, de que tratei outr'ora. (*Romània*, II, 880, ao falar de *zabullir, zabucar, sahumar*, etc.).

9 Ayala, pp. 223, 239, 248, 250, 261 e 343; *Monteria*, I, 248: *secutrin*.

10 Ayala, p. 352.

Da metátese do *r* saiu depois *sacrotim* [1].

Em *canotim, canotym* [2], ha deturpações de *çacrotim*. Considero-as como meramente gráficas; formas nunca pronunciadas (*papierne Worte*). O mesmo vale de *canotrim* [3].

Este artiguito irmana com o que dediquei ao *bolarménio*.

CXXI

SOLDA MAIOR

O leitor lembra-se, ou não, de como os cetreiros antigos tratavam os falcões de perna quebrada? Exteriormente, punham-lhes um aparelho de tavoletas de palha de boínhos ou de canaveas, sobre uma massa bem aderente, apertando-o em seguida com uma ligadura e linhas fortes. Interiormente, ajudavam a cura por meio de umas pílulas (*pírolas*, á antiga) [4], do tamanho de garbanços (ervanços, gravanços), compostas de drogas diversas. Esqueceria comtudo que davam o nome de *solda* a esse medicamento.

«... e dalhe logo, desque esto (sc. o tratamento exterior) for fecto, de comer da solda em huum coraçom de galinha; tamanha a solda como huum ervanço. E a solda seera fecta per esta magneira ...» [5].

Procediam assim por duas razões óbvias: porque atribuíam á droga a fôrça unidora das soldas metálicas; e porque nele entravam sementes de duas plantas da família das *consólidas* [6], vulgarmente chamadas *soldas* em Portugal. De ambas as espécies (a *solda meodinha* e a *solda raca*) tratarei em seguida.

Em outro passo, de que ainda não me ocupei, surge mais uma espécie botánica: a *solda maior*, cuja existéncia estava teòrica-

---

1 Ferreira, II, 51.

2 *Caça*, 19, 15.

3 Ibid. 19, 17.

4 *Pírolas* (*Caça*, 15, 22), *pirollas* (11, 25, 16, 19 e 17, 10), em castelhano *pilhoras* ou *píldoras* (Ayala, 248).

5 *Caça*, p. 22, últimas linhas. Na sua lista de medicamentos, Ayala meteu: «suelda para feridas del falcon et en polvos et fallarla has como se debe facer en el capítulo xxv» (cfr. p. 300), pensando evidentemente na composição de *suelda*, sangue de dragão, bolo arménico e azevre com que se curam unhas saídas. Logo depois, ao falar de «Suelda que dan á los falcones en la vianda para los quebrantamientos del cuerpo», remete o consultante ao cap. XXVIII. (Cfr. p. 303).

6 Os castelhanos tem *consuelda*. Vid. *Monteria*, p. 246.

mente certa, implicada na da *solda menor*. Surge para os meus olhos, microscópicos pela graça de Deus, num disfarce, que atribuo ao copista, e que o editor dos textos não lhe arrancou.

Em casos de *derreamento,* o alveitar aplicava ao cavalo um emplastro [1] forte:

«Ffilha o sal da mayor que he huua erua que semelha borragem» [2].

O resto não me importa neste momento.

A erva que semelha *borragem* — no aspecto total, mas não na flor nem na raiz — é evidentemente o *Symphytum officinales,* a *consolda maior, la grande consoude,* a que na Alemanha damos o nome característico de *Beinheil, Beinwohl, Beinwurz;* isto é, *saude das pernas* ou *sara-pernas.*

Quanto ao nome genérico das *soldas* vegetaes — *consoldas* sòmente na terminologia dos eruditos — é evidente que em Portugal suprimiram o prefixo, do latino *consolida,* para o aproximarem e identificarem (ou antes, porque o aproximavam e identificavam) com o das soldas metálicas [3].

CXXII

SOLDA MENOR

Não Mestre Giraldo, mas sim o seu copista, fala de uma «erva mendinha que se chama solda meòdinha» [4]; «yerva menudilla que llaman la suelda menor» no tratado do Chanceler [5]; «erva menodilha que chamam solda menor» na *Arte de Altaneria* de Diogo Fernández Ferreira [6].

Claro que devemos ler *meùdinha* (deminutivo de *meúdo* < *minutus*) porque «durch zweier Zeugen Mund wird alle Wahrheit kund». E testemunhas de tanto crédito.

---

[1] *Emprasto,* na linguagem arcaica.

[2] *Alveitaria,* cap. XXXIII, p. 42, 16.

[3] Onde Ferreira e Ayala mencionam plantas, empregando o vocábulo *solda* (cap. XVII, II, p. 27), *suelda* (p. 263), sem distintivo, não nos é dado averiguar qual seja a que tiveram em mente.

[4] *Caça,* p. 23, 3 e 6.

[5] Ayala, p. 275.

Ferreira, vol. II, p. 20 e 31.

Com isso não quero dizer que o adjectivo *mendinho,* cariciosamente diminuido, não pudesse existir em tempos de D. Denis [1]. As rimas infantis, em que ainda hoje o aplicam ao dedo mínimo da mão humana, são, seguramente, de tradição ancestral [2].

Quanto á identificação botánica, ela não é difícil, muito embora Brotero não registe a *solda menor* nem a *maior* com esses distintivos [3]. A *menor* — o *caille-lait blanc* dos Franceses — é a *tormentilla* erecta, a que no Minho costumam dar o nome de *solda branca*. Nos Diccionários tratam também de *solda* ao *Galium mollugo* (molugem) [4], de qualidades molificantes. Por confusão? ou por direito?

CXXIII

SOLDA RACA

Quem a conhece? Eu não. Sei, como o leitor, que assim se chama um dos ingredientes das pílulas destinadas a soldarem, consolidarem ou solidificarem, numa palavra, a unirem os ossos quebrados do falcão, tão estreitamente como a solda metálica une peças tambem metálicas [5]. Ferreira chama-a *solda raca de Alemanha* [6]. Em Ayala encontro *suelda raca* [7], mas também *suelda de raca* [8].

---

[1] Muito pelo contrário. O próprio Mestre Giraldo proporciona-nos um exemplo no *Livro de Alveitaria,* cap. XXV, p. 36, 36, onde menciona *o dedo meendjnho.*

[2] *Dedo mendinho, seu vizinho, pae de todos, fura-bolos, mata-piolhos.* Em logar de *mendinho,* também se pronuncia *mindinho, meiminho, mèminho, miminho* (por influência de *mimo*). Todas as formas são representantes populares de *minim* + *inus,* com queda do *n* entre vogaes = contracção de vogaes e tratamento insólito de *nm.* Cornu, § 269. Ignoro o que no § 16 significa *mendinho = defeituoso.* Ferreira usa a meúdo de *mèminho* (p. ex. vol. II, p. 79).

P. S. No último fascículo da *Rev. Lusitana* (XIII, p. 139) Leite de Vasconcelos separa *meiminho* < *miniminu(s)* de *mendinho, mindinho* < **minutinu(s).* — Creio que com razão, visto que *minim-inus* e *minut-inus* são quasi sinónimos.

[3] *Maior* e *menor* relativamente. Na realidade todas as espécies são, em regra, de proporções deminutas.

[4] Vid. p. ex. F. A. Coelho, *Manual Etymologico,* s. v.

[5] *Caça,* p. 23, 4.

[6] Vol. II, p. 32, onde todavia os impressores a transformaram em *solda raça.*

[7] P. 275 (duas vezes).

[8] P. 342, 1.

Creio que, lendo *soldaraca*, devemos entender *sandaraca*, supondo deturpação por etimologia popular [1].

Este representante do grego σανδαράκη, tem em português tres sentidos diversos [2].

Em mineralogia é *rosalgar roxo* (*Rauschgelb*). Em botánica designa a resina, parecida á almácega do lentisco, proveniente da *Pinus cyparissea* e da *Callitris pinacea*, vendida em forma de grainhas amareladas, com cheiro pouco acentuado a bálsamo e zimbro, e que se emprega na confecção de vernizes e betumes (*Zypressenharz, Sandarak, Sandarach*). Em zoologia — quero dizer em tratados relativos á apicultura — denomina as bolinhas de pollen, ligeiramente resinosas, que as abelhas levam ao cortiço para com elas alimentarem a rainha do enxame.

Como os Gregos já empregassem a sandaraca mineral em medicamentos dos *hipiatras*, é presumível que também no *Livro* de Mestre Giraldo se trate da sandaraca mineral.

CXXIV

SOLTAS

Fixemos na lembrança que esse nome, ainda hoje usado, das prisões *maniatas* ou *maniotas* dos cavalos, já se usava antes de 1253 [3]. Pela lei-tarifa de Afonso III sabemos que, diversas das correias de coiro, mencionadas naquele vetusto monumento nacional que merece edição comentada, serviam de *piós* («peyooz»), e que outras prisões eram feitas quer das palhas ou fibras de uma planta desconhecida chamada *alfarfa* [4], quer de junças:

«Et melior solta de alfarfa ualeat tres denarios. Et melius par de soltas de junciis ualeat tres denarios».

Nos capítulos II, IV e XIII do *Livro de Alveitaria* se vê que as primeiras *soltas* com que se prendia o cavalo novo, aos dois anos, assim como o primeiro cabresto, eram no tempo de D. Denis feitas de «lãa, porque he majs molle e majs doçe ca a do linho» [5]. De

---

1 A acentuação *sandáraca*, que encontro por exemplo no *Diccionário* de Moraes (7.ª ed.), é errónea.

2 Os mesmos que o original tinha.

3 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

4 D'ela se fazem também *adivaes*, objecto até hoje desconhecido, do qual me ocuparei no artigo CXLII, s. v. VIVOLAS.

5 Pp. 8, 18; 9, 9; 14, 9.

onde concluo que depois seriam de linho (*linho cánabo* [1], provàvelmente).

As prisões das aves tem nomes diversos. Pode-se dizer que ás *soltas* do cavalo correspondiam os *vessades* dos falcões, dos quaes logo me ocuparei num pequeno artigo independente; ás *peias*, as «*piós*» («*peyoos*») [2].

CXXV

SOSTRA

Não é desconhecido. O povo serve-se do termo para invectivar alguém de muito enxovalhado, figurando-o assim como coberto de uma *crusta*, rija de velha, de imundícies [3]. Pelo menos, todos os diccionaristas nacionaes, cujas obras consultei, estão de acôrdo em que *sostra* é sinónimo de *cròsta* e deriva d'ele. Mas como? Só se *sostra* estiver por **chostra* e este por *cróstra*, de *crústula* [4], conforme já foi aventado no *Manual Etymológico*.

No século XIV denominava uma doença de bestas, caracterizada por uma crosta tão dura (em feridas no espinhaço, provocadas por cargas demasiadamente pesadas, ou trabalho muito assíduo com sela posta) que em latim a chamavam *córnea* (*Grind, Schorf, Kruste, Hornhaut*), córnea, igual á de calos e cravos (*Hühnerauge, Leichdorn*), com raiz muito funda. Mestre Giraldo dedicou-lhe um capítulo inteiro. («O triçesimo c. he da *sostra*», p. 5, 6; 40, 6, 10, 30, 35, 37, 38, 41 e 38, 34). E refere-se á *sostra da besta* também no *Livro das Aves de Caça*, onde descreve as bostelas que ás vezes se desenvolvem nas solas dos pés dos falcões; cravos, por serem tamanhos como cabeças de pregos [5] de tamanho regular.

Pero López de Ayala adoptou o vocábulo [6], que é de formação galego-portuguesa, se a etimologia proposta fôr certa.

---

1 Ibid., p. 195.

2 Ferreira, I, 19: *piós, malhos, avessadas, saltos, cós*.

3 Vid. Cortesão, *Subsídios*. Mas já estava no *Manual Etymologico* (p. 1248), com o derivado *sostreiro*.

4 Cfr. *legra, regra, landre, listra*. Cornu, § 160, prefere a seriação seguinte: *chostra* < **clustra* < *custra* < *crusta*. Isto é: o segundo *r* é, segundo ele, mera epêntese eufónica, pertencendo á cohorte que mencionei nas notas relativas aos artigos LV e LXXXVII.

5 P. 20: «E se vires que creceo arredor aquella bostela como a sostra da besta».

6 A p. 267 traduz literalmente «si vieres que crece a derredor aquella postilla como sostra de bestia».

Mestre Giraldo emprega o adjectivo por tres vezes. Na *Taboada* (4, 29) ha (na epigrafe do capitulo XXI) por lapso, *sũureento* (com til, que é preciso riscar): «O viçessimo prjmeiro capitollo he ... do cauallo augoado [1], que se faz quando chega queente e sũurento e leixãno estar, sem trager [2] e sem comer» (4, 28-30). No texto ha correctamente *suurento*, por duas vezes (33, 10 e 17).

Hoje dizemos *suarento*. Ignoro desde quando, e desconheço por completo documentos literários em que haja esse adjectivo, ou porventura *suorento*. A modificação explica-se bem. A fim de evitar a contracção dos dois *uu* em um só, que teria obscurecido o carácter do vocábulo, houve assimilação da átona á consoante imediata. Ẹ o sufixo assim modificado influíu em outras formações. Tres são privativamente portuguesas, modernas (salvo êrro), e rimas de *suarento*, com *u* no thema: E são *fumarento* (do inf. *fumar* [3]); *luarento* (do substantivo *luar*); *çumarento* (*sumarento*) de *çumo* (gr. ζωμός). Só uma tem um predecessor latino, muito usado, e que pode, portanto, concorrer com *suarento* para o lugar de modelo das formações novas em *-olento, -orento, -arento.*

É costume explicar o vulgarismo *sonarento* por *sonorento,* de *sonolento* < *somnolentus,* não por troca de sufixo, mas por evoluções fonéticas sucessivas: troca de *-l-* (intervocálico) por *-r-* [4], e assimilação da vogal átona a essa consoante secundária [5]. Quanto a *suarento,* derivam-no os mestres pelo último processo; directamente de *sudorentus* (sem asterisco) [6]. Para explicar *friorento* (que podia muito bem ser derivado peninsular de *frior* < *frigore;* ou modificação, por analogia, de *friurento*, de *friura*) postulam, mais complicadamente, *friolento* de **frigidulentus* [7]. Consideram como arcaismo o que, a meu ver, é forma posterior, dissimilada (cfr. *frol, priol, açafrol,* etc). [8].

---

1 *Erkältet*, *verschnupft*, conforme expliquei.

2 Isto é: sem tratamento.

3 Note-se todavia que de *fumo* ha mais dois derivados populares com *r*: *fumarada* e *fumarão*.

4 Cornu, § 129.

5 Ibid., § 90.

6 Ibid., § 90.

7 Ibid., §§ 129 e 145. Diez, *Grammática*, II, p. 382; Meyer-Lübke, *Grammática*, §§ 442 e 516. — Leite de Vasconcelos explica *friorento* < *frigorentus*, conforme me diz, na revisão das provas. Com asterisco, seguramente?

8 As outras formas com *l* só, em parte antiquadas, falam a favor da minha hipótese (*friolengo, friolera, friolero, frioliego*) e mesmo *frieldad, frialdad, frialeza*.

*

Redução de *ch* a *s* é todavia rara, e só podia ser provocada por analogia com formas duplas, antigamente coevas, como *xarope, sarope; xeringa, seringa; xastre, sastre;* etc. [1]

CXXVI

SUUR — SUURA

Em regra, o sufixo latino *-orem* deu *-ór* em português [2]. *Suór*, como se disse e diz, do século XVI em deante, é fruto de dissimilação [3]. O povo, tanto em Trás-os-Montes [4] como no Algarve [5], continua a pronunciar *suór*, como os antigos, com *o* fechado.

No tratado de Mestre Giraldo temos *suur;* de mais a mais feminino: «E des y ẽvoluãno bem e çilhem aquell pano desta coberta [6] e estê assy com elle ataa que a *suur* seia sumjda toda, delle e tolheyta» (p. 33, 33).

Creio que teremos de ler *a suura* (= sudação; estado de quem transpira), pois ha falta absoluta de formações em *-ur*, e multidão de derivados em *-ura* [7]. Confiramos *queentura* e *friura* (*Alveitaria*, 10, 9; *Caça*, 18, 36); *freura*, 11, 3 (*Alveitaria*, 11, 36; 19, 7 e 18).

CXXVII

SUURENTO

De *friura* derivo **friurento* (*friorento* na era clássica). De *suura, suurento;* como *gordurento* de *gordura; farturento* (muito usado na Galiza) de *fartura*.

---

1 Na Galiza não ha hoje nem *chostra* nem *sostra*, que eu saiba.

2 Cornu, § 24.

3 Cornu, § 26. Convém notar que o eminente lusitanófilo considera o raro vulgarismo *sudro* como representante do nominativo *sudor* (§ 303). Creio que, mera variante de *xudro*, está relacionado com *enxurdar-se, enxurdeiro, enxodreiro* de *sordidus*.

4 Cornu, § 26, nota.

5 Vid. J. J. Nunes, *Dialectos algarvios* (*Rev. Lusitana*, VII, p. 256).

6 «Pano de boa laa (l. bõa lãa) bem grosso, tam grande que cobra o cauallo todo e feyra pollo chão de toda parte» (p. 33, 26).

7 Claro que *suar* é freqüente nos tratados de Mestre Giraldo. Também emprega *suadoiro* (*Caça*, 11, 23).

A favor d'essas ideias podem-se alegar duas considerações. Os Castelhanos possuem *soñoliento, sudoriento, friorento* [1]. E á procura de adjectivos latinos com os sufixos *-entus, -lentus,* que, em virtude da sua significação, podem ser acreditados como modelos primitivos da extensa série de formações novas em *-ento* que empregamos em Portugal e Espanha na linguagem familiar, inventando neologismos a cada pouco, não encontro melhores tipos do que *somnolentus, *sudorentus* e **frigidulentus* (ou **frigorentus*).

O exame de todos levar-me-hia muito longe. Aproveito todavia a ocasião para lembrar aos filólogos portugueses que os parágrafos, curtos, dedicados pelos mestres, nas suas obras geraes, aos sufixos, são naturalmente insuficientes. Aos que falam português e vivem em contacto constante com o povo, incumbe tratar com ampla documentação histórica e dialectal [2] dos que tem vitalidade, distinguindo cuidadosamente entre palavras de papel, registados nos grandes inventários lexicográficos, e os que realmente são empregados pelo povo, quer em sentido real, quer em figuras e locuções pitorescas.

Creio que, quanto aos sufixos *-ento* [3], *-lento* (*-acento, -alhento, -arento, -inhento, -enhento, -olento, -orento, -ulhento*) [4], os investigadores tornaram provável a invenção de neologismos [5] em tempos antigos, em virtude da grande liberdade com que também no campo morfológico o povo português manejou sempre e maneja os elementos construtivos, conservando embora, ao mesmo tempo, numerosos arcaismos, que o gôsto mais culto das outras nações neo-latinas rejeitou de ha muito.

Se não fôsse a conservação do *-l-* intervocálico em *sonolento,* eu estabeleceria que este foi o modêlo para todos os adjectivos em *-olento, -orento, -arento,* incluindo *suurento,* de Mestre Giraldo.

---

1 Não está nos Diccionários communs.

2 Abrindo ao acaso qualquer estudo sôbre dialectos, encontram-se formas novas: meras variantes de formas conhecidas (como *madornento* = *modorrento, trablento* = *turbulento*), ou derivações desconhecidas como *garnento; marfalhento, marafalhento; langanhento* (de *leganha*); *ravenhento* (= *raivento*). Vid. *Dialectos Algarvios*, em *Rev. Lusitana*, VII.

3 Os verbos em *-entar* provém em geral de gerundios.

4 Os derivados em *-arão, -arada*, devem entrar em conta.

5 V. g. *avarento, bolorento, cinzento, fedorento, ferrugento, lamacento, lazarento, niquento, nojento, peçonhento, rabugento.* Em Vila-Real ha *ferçolento* por *forçolento,* e o curioso *hardento* por *hardeiro* = *herdeiro.*

CXXVIII

TARAÇO — TARRAÇO

Alveitaria, 48, 14. «Ffilha duas colheradas de lardo e duas de fellugem e hũa de sal e hũu taraço de vinagre».

Vaso não muito grande, talvez de medida certa. O confronto com as formas modernas aparentadas, tanto portuguesas como asturianas, e com outros passos antigos castelhanos, não deixa dúvida sôbre a verdadeira pronúncia (com *rr*) nem sôbre a derivação. *Tarraço* < *terraceus*, de *terra* [1].

No *Libro de Monteria* de Alfonso XI ha diversas vezes *terrazo*, como equivalente de barro. Uma vez entra como ingrediente num remédio «un pedazo de la piedra del alumbre et un pedazo de terrazo» (p. 197); em outro sítio é um «tiesto de terrazo» (p. 211) que serve para caldejar um animal doente [2].

Tanto no Norte de Portugal como nas Astúrias, *tarro* designa um vaso térreo em que se colhe o leite ao ordenhar; *tarrada*, o que pode colher-se num tarro; e *tarraçada*, em linguagem chula, grande porção de bebida, que os sedentos emborcam nos gorgomilos [3]. Claro que *tarraçada* vem de *tarraço* [4], do qual *tarro* se abstraìria para servir de rima a *jarro*.

Além d'isso ha *tarreño*, no Minho *tarranho*, a rimar com *barreño*, *barranho*, nomes também de vasilhas de *barro*. No Algarve [5] e no Alemtejo *barranha* e *barranhita* denominam uma espécie de infusa para leite [6].

Quanto á substituição de *e* por *a*, por influência de *r*, ha exemplos numerosos no § 60 da *Gramática* de Cornu [7].

---

[1] Nos escritos de Mestre Giraldo (e em muitos outros textos do século XV, como a *Côrte Imperial* e *Virtuosa Bemfeitora*), ha confusão constante entre *r* e *rr*, *s* e *ss*. Já o disse repetidas vezes.

[2] Note-se que também metiam *pedaços de muela de molino* em certos medicamentos.

[3] Vid. Coelho, *Manual*, e Rato de Argüelles. Nos Diccionários galegos não dou com *tarraço*.

[4] Cfr. Leite de Vasconcelos, na *Rev. Lusitana*, II, 23.

[5] Vid. J. J. Nunes, *Dialectos Algarvios*, p. 6.

[6] Vid. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Algumas palavras sobre pucaros de Portugal* (Paris 1905). — Na pronúncia de Lisboa *terra* soa *tarra*.

[7] Os Asturianos dizem *tarron* por *terron* (*Erd-klumpen*); os Portugueses *turrão*, conforme já expliquei no artigo MELGRANADO. Vid. Cornu, § 87.

A. A. Cortesão [1] deriva *tarraçada* de *taçarrada*. Á vista de *tarraço,* e em falta de *taçarra*, creio que não sustentará a aliás engenhosa conjectura. Ficam também derrotados os que estranhavam a falta de *tarraço* [2].

CXXIX

TARTAGO — TÁRTEGO

No período arcaico havia essas formas populares de *tártaro* (*Weinstein*), que o leitor deve juntar ás listas de esdrúxulos em *-ego* que já lhe apresentei. Temos *tartago* no *Livro das Enfermidades* (p. 16, 1 e 4), duas vezes deturpado por troca de *c* e *t* (14, 5 e 29) [3] e *tartego* (p. 14, 9). — Além d'isso Mestre Giraldo emprega o termo inexplicado *saro* da cuba. (*Caça,* p. 21, 37; *Alveitaria,* p. 21, 37 e 22, 27); e *sarro* (ibid., 30, 35).

CXXX

TEIRA

Tema de *teiró, queiró, queiroz*. Mestre Giraldo fala do «poo da teira ou da çijnza dos feeitos» (*Alveitaria,* p. 45, 10).

Para acrescentar aos materiaes que publiquei nos *Fragmentos Etymológicos* (N.º LXVIII).

Mas a origem?

CXXXI

TESTO

Mestre Giraldo emprega o substantivo *testo* como nome vulgar de uma vasilha de barro, posta ao lume com cal e mel:

«Ffilha a cal viua e ho mell e mestura todo e cozeo no fogo em hũu testo» (*Alveitaria,* p. 54, 3) [4].

Claro que *testum* é masculino e sinónimo de *testa* (*Scherbe, Schale, Deckel, Hirnschale, Stirn*).

---

1 *Subsídios,* p. 135.

2 *Rev. Lusitana,* XI, 207. Cfr. II, 23.

3 Vid. Ayala, p. 228; Ferreira, II, 19.

4 Ainda hoje, *testo* denomina um vaso de grés onde se põe a cal para caiar, comquanto o sentido comum, predominante, seja *tampa* de barro para vasos.

Também se serve do adjectivo parónimo que os Diccionários modernos registam com a significação abstracta de «enérgico, resoluto, firme», e que derivam de *testa* (fronte) [1], como se, desde o princípio, tivesse sido sinónimo de *testudo, testarudo,* obstinado. Mal, a meu ver.

O físico de D. Denis aplica o qualificativo a cousas muito positivas: uma vez ao coiro novo de uma ferida que endureceu; outra vez a uma massa para pílulas:

«e esto faze cada dia ataa que vejas que o coiro he bem *testo*» (*Caça,* 21, 19).

«Tomarás ho acever e moy-o e filha o çumo do funcho e deyta gota e gota no acever, de guissa que nom seja muito molle, em tal guisa que ante fiquy testo» (ibid., 11, 28).

No século XVI ainda continuava com funções iguaes. O Chiado fala de uma *massa testa* [2]. Portanto era e é sinónimo do particípio adjectivado *teso* (*steif*), e da variante erudita *tenso* (*gespannt*). Como estes, é particípio de *tender;* formado sôbre os tipos neo-latinos em *-sto* de que temos em Portugal representantes pouco numerosos, mas interessantes. Entre os herdados do latim [3], os mais importantes são *posto,* com *reposta, resposta; tosta; quisto;* e *comesto* [4]. Entre os analógicos, *visto;* entre os vulgares, as réplicas aos últimos dois: *bebesto* e *ouvisto.*

CXXXII

TITELA

É a carne do peito, quer da galinha, quer do frango ou do pombo. Em sentido figurado: a parte mais estimada de qualquer cousa [5]. Em castelhano *tetilla.* «Dar en la tetilla de alg.» = tocar no seu lado fraco. Ou tenro. Deminutivo de *teta* «peito»; vocábulo que hoje não tem urbanidade e fidalguia suficiente para ter as honras de literária e poética, mas que ainda no período áureo da poesia portuguesa entrou na epopeia nacional, na formosa descrição da

---

1 De *testa, testo,* vem o castelhano *testuço* (Ayala, 225). O Português formou *toutiço* (*Caça,* 12, 8) do tema *touta,* que subsiste em *toutinegra* (*Schwarzköpfchen*).

2 P. 77 da ed. Pimentel.

3 *Pasto, gesto, misto, hausto,* etc.

4 *Pão comesto, companhia desfeita.*

5 Um provérbio recomenda: *Do capão a perna, da galinha a titela.*

deusa Citerea [1], e nos seus primórdios foi aplicado, sem pejo, pelo rei Sabio, mesmo ao seio da Virgem [2].

Mestre Giraldo pronunciava *tetella*. Vid. *Caça,* 10, 31: «E dalhe della a comer em perna de galinha ou em tetella cada dia». — Ayala prefere neste passo uma asa (p. 220); emprega comtudo *tetilla, tetiella* a cada pouco [3]. Ferreira escreve ora *titela* [4], ora *tutela* [5].

Para evitar a haplolização de *tetela* é que se pronuncia *i* na primeira sílaba, conforme já foi indicado por Gonçálvez Viana na *Ortografia Nacional,* p. 104 [6].

CXXXIII

TONOEIRO

Para ensinar o cavalo de sorte que não fôsse espantadiço, era praxe levá-lo, em novo, a lugares de feira e sítios barulhentos.

«Outrossy he bõo ao cauallo de o caualgarem mansamente pella villa e fazerẽ-no hir ameude per hu jouuerem coiros e per hu esteuer mujta gente e per hu laurarem os ferreiros e os tonoeiros» (*Alveitaria,* 14, 40) [7].

Quanto ao significado e ao étimo, não ha dificuldades. *Tonoeiro* (*Böttcher, Fassbinder*) é evidentemente quem faz *toneis; tonel* vem do germánico *tonne* (ahd. *tunna* [8]), que deu aos Italianos *tonello,* aos Franceses *tonneau, tonnelle,* aos Castelhanos e Galego-portugueses *tonel.* E *tunnel* a todas as nações civilizadas por intervenção dos Ingleses.

Mas como se explica a forma *tonoeiro* em vez de *toneleiro* [9], ou a par, visto que os lexicógrafos registam também essa pala-

---

1 *Lusíadas,* II, 36. Cfr. IX, 56.

2 *Cantigas de Santa Maria,* n.º 105.

3 Nos Romances velhos e nos Livros de cavalaria ha centenas de provas do apreço que davam ao deminutivo (*tetiella, tetellas, teticas*) e também ao tema. Vid. *Cetraria,* p. 36.

4 Vol. II, pp. 9, 11, 37, etc.

5 Vol. I, 36.

6 Cfr. J. Cornu, § 96.

7 Ha outro trecho documental nas *Ordenações Afonsinas,* segundo Moraes. Do século XV portanto.

8 Diez, *Etym. Wörterbuch,* I.

9 Esta forma não está isolada. Ha *pasteleiro, picheleiro* e *papelaria.*

vra, menos usada, com *tonelaria*, e com *tonelada*, que não tem substituto. Segundo a regra, *tonoeiro* devia proceder quer de **tonão*, irmanando com *carroeiro, cordoeiro, falcoeiro, latoeiro, pisoeiro, pregoeiro* [1]; quer de *tónoa* < *tonnula*, irmanando com *Povoeiros* [2]; ou então do feminino *tonôa*.

Ambos os aumentativos talvez existissem no período arcaico da língua, quer como derivados directos de *tona* (prov. *tona*, fr. *tonne*), quer tirados de *tonel*, com troca de sufixo, inventada por quem achasse impróprio o *-el* deminutivo, no nome de vasilhas que costumam ter a lotação de duas pipas, ou mais. Mas por ora não os encontrei. Só descubri *tonel* e *tonelzinho* nas obras galego-portuguesas de Afonso X.

Numa Cantiga [3] em que narra como Santa Maria acrescentou o vinho no *tonel* a uma dona desprevenida que visitada, na Bretanha, por um rei não tinha em casa vinho bom que chegasse

> mas de bon uynno pera el era muy menguada,
> ca non tijnna senon pouco en un tonelcynno.

A favor da minha hipótese só posso alegar trechos muito tardios, de um escritor especialista que emprega *tonoar* na acepção de concertar toneis, e *tonôa* na locução equivalente de *fazer a tonoa* [4]. Além d'isso a variante *tanôa* que hoje designa fábrica de vasilhame de madeira [5], como os derivados comuns *tanoaria* e *tanoeiro*, únicas formas verdadeiramente populares [6].

---

1 Juntemos *nevoeiro* de *névoa, çafoeiro, raçoeiro, algodoeiro, limoeiro, vidoeiro, capoeira, ladroeira, pulmoeira, ratoeira*, para não citar senão vocábulos populares. Virtualmente podemos formar derivados em *-oeira, -oeiro*, de todos os substantivos em *-ão* < *one* ou *-ão* < *ano*. Ha muita observação curiosa a fazer a respeito d'essas palavras (e das em *-oada, -oado, -oar, -oalho, -oal, -oação*, assim como das em *-ieira, -ieiro*.

2 Hoje dizemos *Pòveiro*.—*Bacalhoeiro* talvez venha também de *Bacalhoa* e não irregularmente de *bacalhau*. *Relojoeiro*, embora incorrecto por *relojieiro*, passa por mais culto do que *relojeiro*, já o disse nas anotações relativas ao artigo CVII: PENTIEIRO.

3 *CM*. 23, 3.

4 *Agricultura das Vinhas*, de Vincêncio Alarte (por outra, Silvestre Gomes de Moraes). Só o conheço de nome, pelos Diccionários bibliográficos e os da língua portuguesa.

5 *Pipas, barris, dornas, tinas, canecos*, de aduelas e arcos; *gamelas*, vasadas de uma só peça.

6 Nos Diccionários andam também *tanoar* e *tanoado*.

De *tonoeiro* para *tanoeiro* ha um só passo. Mais um exemplo da preferéncia do povo por *a* na sílaba inicial átona? Dissimilação? Influxo de *canoa*, primeira voz americana que entrou nos Diccionários peninsulares [1] e que tomou em Portugal, na linguagem familiar, o sentido de *banheira, tina* [2]. Ou de *tãalha, tálha,* outro nome de uma vasilha para líquidos?

Quanto a esse *talha*, de *tãalha* por *tẽalha* < *tinacula* [3], é facto que hoje denomina vasos de boca relativamente estreita, mas bojo volumoso, do feitio de tonel e gargalo curto. De barro. Não faltam todavia indícios de que outr'ora fôssem de madeira. Em primeiro lugar é costume figurar no barro os arcos do tonel que imita. Em segundo logar, servia para vinho, e é nomeado a meúde juntamente com *cubas* e *tonees*. Por ex., nas *Côrtes de Évora:* «cubas, toneis e taalhas» (p. 65) e «cuba, tonel ou taalha» (ibid.). «E aqueles que quiserem deixar o vinho em taalha ou em tonel» (*Ined.*, v, p. 192). «Talhem lhy os arcos ás cubas ou aos tonees ou lhy britem as tãalhas e entornemlhy todo o vyno» (ibid., p. 491).

Da transição de uma forma para a outra ha um reflexo em *cántaros taalheiros* de Evora [4], terra clássica do grande vasilhame de barro para vinhos e azeites.

Com respeito a *tina*, em português, a permanéncia de *n* parece indicar que o vulgo latino dizia *tinna*.

Nas *Cantigas* de Alfonso X ha *tinha*, que devemos considerar ou como castelhanismo arcaico, ou como forma contraída de *tĩinha, tin + inha*. Parece todavia anacrónica antes de 1284.

Na Cantiga 321 é que se lê:

> et tal saude comprida
> ouue sen beuer sarope
> nen auer bano[5] de tynna»[6].

---

[1] Vid. *Romania*, n.° 117, p. 120. Este influxo, claro que é possível só se *tanoa* fôr posterior a 1493, como suponho.

[2] *Weinbutte.*

[3] Cornu, § 255. *Tinaja* em castelhano. *Tinelo, tineláría, tinelório,* são vocábulos eruditos.

[4] Vid. *Documentos Eborenses*, I, p. 146.

[5] Leia-se *banno* = *banho*.

[6] Em rima com: *meezinha, pastorynha, vinha, sanguinha, andorinha, aginha, manhaninha, convinha, espinha, mesquinha, mininha, reinha* e *tiinha* (*auia*).

*

Dozy [1] acaba o artigo Almotolia com a pregunta: «Le pg. *talha* qui a le même sens aurait-il aussi la même origine?».

Não, evidentemente.

Quanto a *almotolia* (= a untada de pez; ou vidrada, como prefiro dizer com Frei João de Sousa, المطلي, ou المطلية, do verbo طلا, طلى [2]), consignarei aqui as formas arcáicas *almetolia* [3] e *amoltelia* [4], assim como as tradicionaes *almotaria* [5]; e *àmotriga, almodriga* [6] (de *almodri-a,* com epéntese de *g*).

CXXXIV

TORMENTINA (TERMENTINA) — TREMENTINA (TREVENTINA)

Quatro tentativas diferentes, antigas, de vulgarizar e tornar plausível o nome erudito de *terebentina* (em português tambem *terebentinha*). Claro que só vingaram [7] as claramente influídas por *tormento* e por *tremer*, e não as de transição. *Tormentina,* precedido de *termentina,* é de Mestre Giraldo; *trementina,* precedido de *treventina,* de Pero López de Ayala. São, todavia, pouco usadas em Portugal, subsistindo pelo contrário, no reino vizinho, mesmo em linguagem literária.

Ao produto semi-líquido da resina destilada, quer provenha da árvore *terebinto* (*Pistacia terebinthus*), quer de diversas coníferas, como o pinheiro marítimo de Portugal, dá-se, em regra, entre nós, como é sabido, o nome de *agua-rás, aguarrás,* do

---

1 P. 177, 8.

2 Freytag, III, 68: «*illevit, oblevit, inunxit corpus oleo, pice*». O particípio passivo da 4.ª forma não foi registado pelo grande arabista, nem o sentido de «vidrar, brunir, dourar».

3 *Inéditos,* de Frei Fortunato de S. Boaventura, II, p. 126, onde falando de «hũu castiçal de mui puro ouro» diz: «este candieiro tijnha set cabeças iugaes en que poinham set candieiros ou luzernas e aviam hij set almetolias douro de que lançavam o azeit enos candieiros».

4 Ibid., p. 236: «e tomou Samuel hua amoltelia d'olio».

5 *Rev. Lusitana,* XI, 183 (Baião).

6 Vila Real.

7 Vingaram na boca do vulgo. Vid. Cornu, § 188.

latim *rasis*, que designava uma espécie de pez (fr. *rase;* ital. *acquaragia* < **rasea*).

Vid. *Alveitaria*, II, cap. XLII, *Das Encalçaduras*: «Ffilha a alforua e a lynhaça e a tormentyna, que he hũa goma liquida» (p. 48, 5).

Caça, cap. XII, *Dos Cravos:* «... toma a termentina e ho sabom frances e cynza de vides, e a termentina seja a mayor parte, e o sabom tanto como a meetade da termentina» (p. 20, 21 sgs.).

Monteria, cap. X, *Llagas de nervios:* «galbano et aluxaque... fervion et cortezas de aciенso... et ayuntad hi un poco de treventina» (p. 141).

Ayala, cap. XXVI, *Clavos:* «toma la trementina et jabon francés — et ceniza de sarmientos et la trementina será lo demas, et el jabon tanto como la meitad de la trementina» (p. 266).

CXXXV

TORONDO

Aos passos de Mestre Giraldo e Fernández Ferreira, que citei no artigo *Condilhões*, corresponde no tratado de Pero López de Ayala: «et si vieres que por encima desta finchazon se levantan unos torondos, tan grandes como garbanzos, non cures dellos» [1].

Torondo < *turundus* por *turunda*. O que na antiga Roma era um inchaço ou enchimento quer de fios para feridas (allemão *Bäuschlein*), quer de massa para cevar aves (*Nudel*) [2], veio a denominar na Peninsula inchaços produzidos por contusão ou pancadas: *tumores, caroços, túberas* [3]. De *torondo* (com *torondon, torondoso*) se fez modernamente *tolondro* (com *tolondron*) [4]. Em Portugal *tolontro* [5] passa por ser castelhanismo.

---

1 Cap. XXXVII, p. 271.

2 No *Magnum Lexicon* explicam: massa para cevar aves; mecha de fios para feridas.

3 *Diccionário* da Academia: «bulto ó chichon que se levanta em alguna parte del cuerpo, especialmente en la cabeza, de resultas de un golpe». Em português o nome familiar de *chichon* é *galo*.

4 Vid. Cornu, §§ 145 e 160. — O italiano *torrone* (Caix, *Studj di Etimologia*, § 634) não tem nada com *turunda*, como se prova pelo português *torrão de açucar*, e castelhano *mel en terron*.

5 *Tolontro*, em vez de *tolondro*, talvez porque a esse se não acha rima na lingua portuguesa, emquanto á forma reforçada responde pelo menos *encontro* (e *lontro*, como em algumas partes se diz por *lontra*).

CXXXVI

TRINCHEIRA

Meros materiaes para a solução futura do problema que o tema *trinch-* encerra.

Consistem na prova de que no período arcaico *trincheira* era o nome usual da parede divisória do nariz do cavalo e da gente, e talvez da parte da armadura que cubria o nariz. (*Nasenbein, Nasenbein-Schiene*).

Na curiosíssima paródia das gestas épicas francesas, que figura no *Cancioneiro da Vaticana*, um dos cavaleiros descritos aparece com «capelo de ferro» e «anas(s)al na trincheira» (*C. V.*, 1080, v. 46)[1]. *Anasal* está por *nasal*, como se lê na lei-tarifa de 1253 em que não falta o preço do *capello nasale*[2].

Mestre Giraldo emprega-o no plural, o que faz suspeitar que se refere ás paredes nasaes.

No capítulo em que trata de doenças de olhos prescreve um emplastro de quatro dedos de largura que «abranja de uma trincheira á outra» (p. 21, 27).—«Outrossy pera ho chorar dos olhos presta mujto de lhy quejmarem duas veas meestras que tem a par de as trjncheiras» (p. 21, 35).—«Vinolas ssom hũuas landoas que naçem antre a cabeça e ho collo do caualo de hũa parte e da outra so as trjncheiras» (p. 25, 25).—«... mezinhẽ-no danballas trjncheiras» (p. 32, 30).

CXXXVII

VAUGO

No capítulo I da Parte II do *Livro de Alveitaria*, o físico de D. Denis trata de algumas enfermidades com que nascem os cavalos. Uma d'elas consiste na deformidade das pernas. «E outrossy naçem muytas vezes os cauallos com as pernas tortas e vaugas» (p. 18, 16). Isto é, com aprumo defeituoso nos membros posteriores, metendo os joelhos para dentro[3]. O que hoje se chama *cambaio, ʒambo, ʒambro*. Com *pernas em x* (*X-Beine*), como dizemos

---

1 O vocábulo ocorre também em outra cantiga de *escarnho* (*CV.* 1025), com relação a outro *capelo*.

2 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

3 Vid. *Diccionário Pratico Illustrado*, p. 205.

na Alemanha, de modo que vistos de trás saia a linha que nas lentes de cristal é bi-concava.

Vaugo < *val'go* < *varĭcus.*

Esta etimologia tem a vantagem de ser muito singela — o que não quer dizer que me custasse pouco trabalho. A princípio me enveredei por outro caminho. O de *vaugo* < *vacuus,* que nos deu *Vouga* de *Vauga* < *Vacua.* Tive de largá-lo todavia, porque o latim *varus, varĭcus,* com todos os seus numerosos e curiosos derivados, já se aplicava em Roma a cavalos de pernas tortas, e tem representantes populares na Italia [1].

CXXXVIII

VEADOR — VEEDOR

São duas as teses que pretendo formular, com certa hesitação, porque nos elementos de que disponho ha lacunas.

A primeira diz que o título *Livro de Caça,* sem o termo intermédio *das Aves* (*Livro das Aves de Caça*), considerado insuficiente por alguns críticos, é equivalente perfeito de *Livro de Cetraria.*

O teor da segunda é que, originàriamente diversos, quanto á origem e quanto ao significado, os dois substantivos *veador* e *veedor,* coexistentes no século XIV, se fundiram num só — *vèdor* — no XVI, depois de o povo os haver confundido.

Para tornar aceitável a primeira, basta lembrar que *caça,* de *caçar* < **captiare* (com *caçador, caçada,* etc.), se aplicava na idade-média, em Portugal, exclusivamente á captura de aves, quer por meio de redes e armadilhas, quer ferindo-os com setas e frechas despedidas do arco [2] ou da *bèsta* < *beesta* < *baesta* < *balista,* quer sobretudo por meio de aves de rapina, adestradas por cetreiros, falcoeiros, açoreiros: *aves caçadores,* como dizia Mestre Giraldo [3]. *Livro de Caça* é, portanto, um *Livro de Cetraria: ein Buch von der Vogelbeize.*

Á caça das feras — ursos, lobos, javalis (porcos monteses), cervos, gamos, corças — exercida com sabujos, alãos e podengos [4],

---

1 Vid. Caix, *Studi di Etimologia,* § 126.

2 No Cancioneiro galego-português ha um cantar em que a namorada descreve a *caça:* «nas ribas do lago u eu andar vi a las aves meu amigo... seu arco na mão ás aves ferir (a las aves tirar)». E, traço poético: poupava todas as que cantavam (*CV.* 902).

3 Ainda não coleccionei passos anteriores a 1328.

4 *Port. Mon. Hist.,* «Leges», p. 200.

em montados, por homens a cavalo e de pé, armados de azcumas, azagaias, cutelos (facas de mato), dardos e outras armas de ferro, dava-se o nome de *montaria* (*monteria* no reino vizinho). O caçador que a exercia era *monteiro* [1]; o chefe superior dos da côrte, *monteiro-mór* [2]; seus ajudantes, *moços do monte* (e *buscantes*) [3]. Os livros que d'ela tratavam eram *Livros de Monteria*. Exemplos, o de D. Afonso XI e o de D. João I.

Nas discussões antigas sobre a preeminência da monteria sôbre o desporto da cetraria (ou vice-versa), ha muitos passos com que podia documentar essa distinção. Baste um do último falcoeiro de Portugal, que, embora pessoalmente prefira a caça com aves, enaltece ambas como passatempos justos e saudáveis de reis e monarcas do mundo, preparo certo da milícia, conservadoras da castidade, alívio de cuidados, mães de altos pensamentos, toque no qual se conhece para quanto cada pessoa seja.

«Esta se reparte em duas caças bem diferentes: uma das feras escondidas nos bosques, outra das aves celestes... Estas duas caças são diferentes no modo de caçar. As feras se caçam e perseguem com cães e se matam a ferro e a fogo, incitando a fereza e crueldade. A nossa das aves é de principes, e se faz muito pelo contrário, com amor, com engenho e industria, com prudéncia e sofrimento» [4].

O nome originário, herdado, do *monteiro*, foi *vẽador*. Seguramente, embora eu não possa apresentar textos comprovativos. Nos séculos XIV, XV e XVI ha *veador*, mas já com sentido um tanto desviado; depois *veedor* e *vèdor*. Nos *Foraes* e na legislação do século XIII ha *venator* [5]—único nome de que dispunham os Romanos, e que também passou ao reino vizinho [6], sendo substituido por *caçador*, como em todo o mundo neo-latino, depois da decadéncia da Arte de Cetraria.

Vẽador mal podia ter faltado no grupo de vocábulos derivados do tema *vena-*, de *venari*, «caçar». *Veação* < *venatione*: acção de caçar, caçada no monte (*Jagd*); animal bravio, perseguido e morto por homens armados e seguidos de cães (*Wild*); carne do animal

---

1 Gama Barros, *Historia da Administração Publica*, I, p. 426.
2 *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 791.
3 *Inéditos de História*, III, 477 e passim.
4 *Arte de Altaneria*, I, cap. I (vol. I, p. 24).
5 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 384, 743, etc.
6 *Venador*, com *venacion*, *venado*, *venadero*. Antiquados, com excepção do último.

por elles morto (*Wildpret* [1]). *Veado < venatus,* rês de caça, maior [2], sem distinção do género (*Schwarzwild und Rotwild*); mas em particular (com o feminino *veada*) o *cervo,* cuja monteria passava por ser a mais nobre e magnífica: a caça por excelência [3]. *Veadoiro, veadeiro,* o sítio onde os veados tem a sua *querência;* e, como adjectivo, aplicado a cães usados na caça do cervo. *Vearia,* casa onde se guardava a veação dos soberanos. *Venatória, venatório,* termos eruditos dos clássicos. D'estes provém o nome próprio *Venadôro,* empregado, por exemplo, por Luís de Camões no *Auto do Filodemo,* em que um mancebo, fragueiro e muito dado ao exercício da caça, entoa panegíricos á sua arte varonil [4].

---

1 *Port. Mon. Hist.,* «Leges», p. 462; *Ordenações Afonsinas,* I, 67; *Inéditos,* III, 294, etc.

2 *Port. Mont. Hist.,* «Leges», passim (vejam o respectivo índice). Quanto a veado, cervo, lembro o provérbio: *Porfia mata veado e não bèsteiro cansado,* variante antiga de *Porfia mata caça.*

3 Houve muitos nas florestas de Portugal Velho, como se vê na legislação medieval, — sem exclusão da lei-tarifa de 1253, em que se estabelece o preço da pele e de correias de veados e corças. — *Cervo, cerva,* é freqùentíssimo nos monumentos em prosa e também nos poéticos do primeiro período da literatura. Ha p. ex. no Cancioneiro galego-português um jogral, que talvez fôsse monteiro de Afonso III, ou de D. Denis, com uma dezena de lindos cantares de amigo, cujo scenário é o monte, e a fontana fria onde os cervos vão beber. Chamava-se Pero Meogo (ou Moogo < *monachus*). Vejam no *Cancioneiro da Vaticana* as cantigas 789-797:

789 ena font' u os cervos vam beber
790 a la font' u os cervos vam beber
791 como cervo ferido de monteyro del rey
791 como cervo ferido de monteyro mayor
792 Ai cervas do monte, vim vos preguntar
793 O cervo do monte a augua volvia
794 Enas verdes ervas vi andar las cervas.
795 Irei, mia madre, a la fonte
u van os cervos do monte.
796 Poi-lo cervo i ven,
esta fonte, seguide a ben.
797 Tardei, mia madre, na fontana fria;
cervos do monte a agua volvian.

4 Acto II, scena VIII. Este Venadôro andando um dia no campo após um cervo, perde-se dos seus e encontra, ao pé da *fontana fria* dos trovadores e dos bucólicos, uma menina no acto de encher a sua talha, ou o seu pote, da qual se namora. Vid. Argumento; acto II, scena 8.ª; III, 2.ª; IV, 4.ª, onde o poeta utiliza ora *cervo,* ora *veado,* conforme as exigências da rima.

Do sentido restrito de «monteiro-mor» *vẽador* já havia passado na primeira dinastia a designar, em sentido mais lato, o inspector supremo da economia da casa real, que além de *vearias* e *veações* administrava todo o serviço de cozinhas e salas de jantar,—e mais alguma cousa [1]. Na hierarchia palaciana vinha logo depois do mordomo-mor (*maiordomus curiae* [2]), e mais de uma vez o mesmo titular acumulava as duas funções. O termo correspondente latino que aparentemente o designava, não era, todavia, *venator*, mas sim *dapifer* [3].

Além do *veador-dapifer* [4], e abaixo d'ele, havia diversos veadores da fazenda destinados «a veer o aver del rei [5]» (isto é, do estado), *veadores de obras*, p. ex. da cidade de Lisboa [6], *veadores de mesteres*, que tinham de avaliar como juizes o bem ou mal feito das obras dos respectivos artigos [7].

Todos elles eram inspectores; tinham de *ver*. E como o termo *veedor*, *vèdor*, existia na boca do vulgo, — formado de *veer*, *ver*, como *leedor* de *leer* < *legere*, *creedor* de *crer* < *credere*, etc.,—onde designava aquele que tinha o condão de adivinhar com a varinha de aveleira, ou sem ela, veias encobertas de agua [8], nada mais natural

---

1 Todo o serviço doméstico do soberano, todo o govêrno da casa real, incluindo as *moradias*.

2 Na *Crónica de D. João II*, de Garcia de Rèsende, vê-se bem, na descrição das Festas de Evora, que o *veador* e *os veadores da fazenda* vinham logo depois do mordomo-mor (cap. CXXIII e CXXIV). Todos os mais oficiaes da côrte iam com os barretes na mão até o estrado dos Principes, onde faziam suas grandes mesuras, «e os veadores da fazenda hiam com os barretes na cabeça até o meyo da sala, e do meyo por diante os leuauam na mão, e o mordomo-mor hia sempre cuberto até o fazer da mesura, que juntamente fazia e tiraua o barrete».

3 Vid. Gama Barros, *Historia da Administração Publica*, livro I, título II, cap. I e II, vol. I, pp. 586, 591, 601, etc., e *Elucidário*, s. v.

4 *Inéditos*, III, 443. Num Regimento de Afonso V, sôbre jantares e ceias do monarca, destina-se que «o veador andará sempre per todas estas ditas casas, provendo como está, porque a ele pertence *veer* e dar ordem a todos».

5 *Ordenações Afonsinas*, III, 89, I.

6 *Inéditos*, III, pp. 423, 424, 425, 441, 443 e 452.

7 Vid. *Inéditos*, III, p. 513 e *Documentos Eborenses*, I, pp. 138, 139, 140 143.

8 O feminino *veedeira*, *vèdeira* designava mulheres de virtudes que adivinhavam diversas cousas. Vejam a cantiga 391 (= 1518) do *Cancioneiro* Colocci-Brancuti.

do que a etimologia popular que considerava *o veador* como um *vêdor* e a sua *veadoria* como *vèdoria* [1]. Se no paço se esforçavam por conservar o título antigo (*o Veador da Rainha, Veador dos Infantes,* creio que subsistiu até hoje), o vulgo pronunciava resolutamente *vêdor,* já no século XIV. Os escritores vacilavam naturalmente. Não é raro empregarem na mesma página com respeito á mesma pessoa, ora a forma cortesã, ora a vulgar [2].

Por isso os lexicógrafos chegaram a ter *veador, viador* (como parece, se escreveu ás vezes) em conta de mera deturpação de *veedor!* [3]

Em prova da confusão que houve citarei uma composição do *Cancioneiro Geral* (fl. 165) [4], de Nuno Pereyra a Anrrique d'Almeida, porque estando em Santarem soube como ele servia de *veador* ao Duque D. Diogo.

A risota com que ele acolheu, e outros acolheram, essa nova, liga-se ao facto que, sendo já de idade, o vêdor *via* mal. Por isso uma das damas, que ajudaram o empresário da partida, aconselha-lhe que comprasse uns óculos [5]. Se não se pronunciasse comummente *veedor, vêdor* [6], essas picuínhas não tinham graça nenhuma.

Ha, de resto, nesses versos de *escarnho* numerosas ilustrações dos deveres do *veador*.

> «e agora cam (= quam) pomposo
> andareys com vossa cana
> diante das igoarias,
> com goarda, goarda porteiro ...
> Com o rrol das moradias
> ja agora neste Janeyro.

---

[1] *Vêdoria,* na acepção de «sabedoria, notícia, conhecimento», não é freqüente, mas existe. Vid. *Ordenações Afonsinas,* passim: «se vier á nossa vêdoria).

[2] *Inéditos,* III, pp. 423, 424, 425, 441, 443 e 452.

[3] A começar com Moraes.

[4] Vol. III, p. 162: «Correm qua por Santarem que vos chamam veador... Correm qua as novas, correm da vossa veadoria». Cfr. pp. 164, 165.

[5] «E huuns ocolos compray Que rrequerem a tal ydade» (p. 164).

[6] A forma contraída já ocorre naturalmente no século XIV (p. ex. num documento de 1372, citado por Gama Barros, I, p. 601 sgs.). Lembrem-se de que nos tratados de Mestre Giraldo temos *ser, quente, gerar, quentura, mester, mezinha,* além de *cinza, trigo, funcho.*

Que mandar fazer de lume,
que mandar armar de panos,
que chamar aos moços manos!
que castiguos de queixume!
....
Sem vos ver nem laa estar
vede se ssam adeuinha:
qu'ys çem vezes aa cozinha
por vos mais negoçear!

Mandar acender tochas, repartir a consoada entre os moços, são também afazeres do velho veador, ridicularizado por donzelas da senhora dona Felipa de Lencastre.

CXXXIX

VEREZES (VERREZES)[1]

«Ffazesse hũa infirmjdade aos cauallos no espinhaço e ssom como jnchaços e escoyramentos e fazense da sella e da gram carrega ou de sobegidõoe do sanguy. E esta doença chamam em latim *crabuncollos* e em nossa ljnguagem *verezes*»[2].

Hoje *carbúnculo* é sinónimo de *antraz*; e *várizes* (na pronúncia popular *varízes*) é dilatação das veias, sobretudo nas pernas.

Antigamente, porém, ambos esses nomes de doenças tinham aplicação mais extensa. *Carbúnculo* designava uma espécie de tumor; e *varĭces* (de *varus*, «borbulha, tubérculo») na mesma[3]. O próprio físico de D. Denis chama-a *inchaço*. Pronunciando *vérezes*[4] — e colocando o vocábulo ao lado de *lesmezes, guermeces* — tiro-o, portanto, de *varĭces,* supondo acção do *i* postónico sôbre o *a* tónico[5].

---

[1] Na epígraphe do cap. XXXI, ha *verrezes: rr* por *r*. Caso freqùentíssimo na grafia caótica de Mestre Giraldo. E como sabem, a duplicação positiva deu-se em numerosas palavras peninsulares (*arranhar, carranca, erriçar, terrincar* ao par de *trincar*; gal. *carraxe, carrapucheirinha,* etc.), como já lembrei nos artigos I e XLIII.

[2] P. 41, 9.

[3] Vid. Du Cange, s. v.

[4] Isto é, com redução tão forte do *e*, que seja um verdadeiro *e muet*.

[5] Vid. Cornu, § 3, 2.

CXL

VERMELHOS

Parece ser mais uma designação popular dos *pulmões*, qualificativa como *leves* [1] e *levianos* [2], e em França *mou, mol.*

Mestre Giraldo conta que as lombrigas chamadas *filandras* ou *filomeras* (al. *Fadenwürmer*), começam a comer no corpo das aves: «primeiro nos vermelhos e deshy no coraçam» (cap. VII, p. 16). E Ayala traduz que «en punto que ellas son complidas, tan grandes como han de ser, luego comienzan de comer el cuerpo del falcon, conviene á saber los livianos et despues el corazon» (cap. XXI, p. 252).

E não se pode dizer que o qualificativo seja impróprio.

CXLI

VESSADRE

Ha muito que tomei nota de um passo da preciosa lei de Afonso III, de 1253, que fala do preço de correias: «Et melior corrigia de ceruo uel de corzo uel de gamo pro ad cintazes uel pro ad uessadre ualeat tres denarios» [3]. Depois, tive ocasião de lhe juntar outro das *Cantigas de Santa Maria* [4], curioso porque o nome da misteriosa tira de coiro ou sola tem ahi sentido alegórico. Alfonso X enaltece a fôrça e destreza com que a Virgem dá xeque e mate ao demo, num dos *Hymnos* ou das *Laudes* que, de dez em dez, interrompem os monótonos *Milagres*. Cada uma das estrofes termina, como de costume, com a repetição da ideia que fôra enunciada na primeira.

Se nela dissera: «et per esta maneira o demo destroiste»; na segunda replica: «et per esta maneira iaz o demo na grade»; na quarta: «iaz o demo nas palhas»; na quinta: «iaz o demo na lama». Na terceira «iaz o demo en uessadre». Em rima com *padre, madre.*

---

1 *Rev. Lusitana*, I, 180.

2 Vid. *Cancioneiro Geral*, II, p. 29, onde se nomeiam *bofes, chofres* e *levianos.*

3 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

4 *CM.*, 90, 3.

Confesso que o modismo, cujo sentido geral de *prisão* não me podia escapar, me intrigou fortemente, como tudo quanto não compreendo bem.

Só agora o percebi, depois de haver estudado os livros de cetraria do século XIV, — trabalho que me fez reconhecer, pouco a pouco, quantas metáforas e parábolas os poetas peninsulares tiraram da nobre arte de falcoaria.

*

Vessadre era o nome das tiras de coiro com que se prendia o falcão á alcándara [1] (alcándora). Para elas escolhiam o material melhor, que reunia á qualidade essencial da resisténcia o da finura. A flexibilidade era considerada, depois da solidez, como qualidade essencial d'essas prisões, porque, nos casos tão freqùentes de operações cirúrgicas, serviam para amarrar a ave com segurança, mas sem a magoar [2]. *Vessadre* é, portanto, *versatile:* móvel, fácil de mover.

No período clássico já não entendiam o sentido do adjectivo substantivado. E por desconhecerem o sufixo *-adre,* absolutamente isolado na língua portuguesa [3], derivaram-no, Deus sabe como, de *avesso* < *adversus* ou de *avessar* < *eversare* [4], dizendo *avessadas* — forma que já estava preparada no tempo de Mestre Giraldo (ou no do seu copista), pois esse escrevera várias vezes *vessade.*

Em Espanha olhavam de preferéncia para a extensão da correia: ela devia ser mais comprida do que todas as restantes da *guarnição* integral das aves de caça. Por isso a chamavam *lonja* < *longia,* como feminino popular de *longius.*

Comtudo, ha exactamente no reino vizinho um derivado, pertencente ao fundo latino, que irmana, quanto á formação, com *vessadre, vessade.* Falo de *hojaldre, hojalde* < *foliatilis*, massa esfolhada, nas doces artes da pastelaria!

Eis agora a documentação. Começo com a doutrina expendida por Diogo Fernández Ferreira na *Advertencia dos vocabulos d'esta arte e da significação d'eles:*

---

[1] Escolhiam *correas* de sola, «porque a corda, roerá elle, e a engulirá». (*Altaneria,* I, 80).

[2] Vid. *Livro das Aves de Caça,* cap. XXI e XXVIII.

[3] Em rimas só me lembro das já citadas *padre, madre* (com os compostos), e das formas verbaes *quadre, ladre.*

Cornu, 92.

«As correias que trazem postas nos sancos chamam *piós;* e as que tem os cascaveis *malhos.* As com que atam o Falcão (com F grande) na vara chamam *avessadas.* A correia que vae do tornel ás lagrimas ou contas, se diz *salto* ou *cós*» [1].

No decurso do texto emprega o vocábulo dúzias de vezes. Escolherei tres passos instrutivos. Ensinando como se amansa o açor [2] observa que as piós que se lhe puserem devem ser de bom coiro (de cão ou de veado), bem concertadas «e nas pontas suas contas de marfim, ou lagrimas de Moyses [3]; e boas avessadas com seu tornel». Nos preceitos sobre o roedeiro (= *señuelo*) diz: «Tome um cordel delgado, mas rijo, bem feito e comprido e o atará nas avessadas do falcão e sahirão ao campo limpo de cardos, matto e pedras...» [4].

O Mestre-físico, claro que não se serve do vocábulo tantas vezes como o Mestre-cetreiro. Para a cura melindrosíssima da as quebrada, recomenda que façam «boa barra (= vara) para a ave em que seja (= esteja), e prende-o per o vessade que se nom saya da barra» (cap. XV, p. 24). Em casos de inchação do ventre que exige operação: «derriba a ave que esta door ouver, e legalhe bem os pees com o vessade, e deitao de costa» (cap. XVI, p. 25).

Quanto á *lonja* dos Espanhoes basta recorrermos aos passos correspondentes do Chanceler, «et atalo per la longa» (cap. XXIX); «bien atados los pies con la lonja» (cap. XXXI); ou ao belo tratado de Don Juan Manuel, «ca ante desto sienpre deue venir al señuelo con vn cordel, delgado e luengo, atado ala lonia o alas piyuelas (cap. V) [5]; «Et en medio del poyo deue auer una sortija de fierro o de llaton o de cuerda en que este (= estê) atado la lonja. Et la lonja deue seer de luengo tanto quanto pueda el falcon del un poyo en el otro» (cap. IX) [6].

---

1 Vol. I, p. 19. Cfr. II, 7.
2 Ibid., I, p. 55.
3 As rijas sementes pretas da cana da Índia.
4 P. 123. Mais passos ha no vol. II, 7, 14, 34, 40, etc.
5 Ed. Baist, p. 21, 25.
6 Ibid., p. 49, 9. Claro que disponho de mais exemplos. Citarei apenas um em que *lonja* tem o sentido abstracto de prisão. É AMOR em diálogo com o VELHO que diz (*Cancionero General*, I, p. 302):

mis pihuelas y mis lonjas
á los religiosos atan.

No *Diccionário Enciclopédico* ha um só, positivo, extraído do *Libro de Cetreria y Monteria*, de Mossén Juan Valles (1556).

*

Quer o leitor mais uma prova do profundo esquecimento em que caíu o vocábulo *vessadre* e o seu herdeiro? No *Diccionário* da Academia imprimiram *avesadas,* e o êrro (pois êrro é, mesmo se assim estiver na primeira edição da *Arte de Altaneria*) passou de lá aos Diccionários modernos. Por exemplo: ao *Manual* de F. Adolpho Coelho e ao *Diccionário Alemão-Português,* de H. Michaëlis, minha boa irmã.

No *Glossário* académico que pertence ás *Cantigas de Santa Maria,* lê-se:

Vessadre. — Servidumbre, vassalaje (?) C. 90, E. 3.—Em nota tenta-se derivá-lo de *vessus* = *siervo,* da baixa latinidade, ou do francês *vesarde,* «peur, frayeur, épouvante», dando-se-lhe o sentido de *espanto.* (!)

CXLII

VÍNOLAS—VÍVOLAS

A epígrafe quer dizer que *vínolas, vinnolas,* é mero êrro de leitura ou escrita por *vívolas* [1].

«O deçimo capitollo he de hũua door que chamam em latjm *vinulas* e em nossa linguagem oljuas» (*Alveitaria,* p. 4, 9).

A p. 25, 22, onde se repete o título, ha *vinnulas.* O texto correspondente diz:

«Vinolas ssom hũuas landoas que naçem antre a cabeça e ho collo do caualo de hũa parte e da outra so as trjncheiras e vãa (l. vam) creçendo da reyma e dos humores que lhe deçem da cabeça e apertamlhy o gorgomjllo de gujssa que adur pode comer e beuer e defolgar; e som chamadas em nossa linguagem olivas» (p. 25, 24-28).

D'essas *olivas,* tamanhas como ovos, fala-se ainda mais vezes (25, 31, 26, 24).

Trata-se evidentemente das parótidas e da parotidite.

O «latim» de Mestre Giraldo, é, como deixei dito na Parte I, o de Frei Theuderique e Jordão Rufo. Isto é: ora é catalanesco, ora italiano (siciliano) latinizado.

---

1 Troca de *n* e *u,* o mais comum dos lapsos gráficos.

D'esta feita foi o Calabrês que lhe serviu de guia, como, felizmente, se pode comprovar. Du Cange, único, que eu saiba, que aproveitou o tratado manuscrito *De Medicaminibus Equorum*, dedicado ao Emperador Frederico II, extraíu *virolae* [1] do Livro II. E o vocábulo, sobre cuja pronúncia não pode haver duas opiniões, sobrevive não sòmente no italiano *vìrole*, mas também no alemão *Feibel, Feifel*.

Vívolas, vívulas, é deminutivo de *vivas*, forma que também foi registada no Glossário medieval [2].

Vivas, pela sua vez, que subsiste no francês *vives* (de *avives*) e no inglês *vives, fives*, é latinização do árabe *ad-dẓiba*, cujo representante directo e correcto *adiva*[s] se encontra naturalmente na península.

Abiva[s], de *adiva*[s], *adiuas* [3], الذيبة com *b* não etimológico, que encerra, a meu ver, qualquer ideia popular de veterinários antigos sôbre as causas e orígens ou sôbre a acção das parótidas [4], é castelhano.

Sempre no plural, para o distinguir de *adive, adiva*, cujo sentido principal (masc. e fem.) foi e continua a ser *lobo*, ou antes *lobo-cerval, chacal* ou *hyena*, em harmonia com o árabe. Em Portugal temos hoje exclusivamente *adibe*, «chacal» [5].

Quanto ao sentido figurado [6], lembro-me de uma tradição registada no Bestiario importante intitulado *Calila* e *Dymna*: «el que

---

1 Vol. VI, p. 862. Não copia trecho algum, nem mesmo diz de que doença se tratava. Só diz: «*Vivolæ* Equorum morbus de quo Jordamus Rufus Calaber MS. lib. 2 de Medicaminibus equorum ad Fridericum II Imp. [Vide *Vivæ*]».

2 Vol. VI, p. 861: «VIVAE ut infra *vivulæ*. Equorum morbus. Gall. *Avives*. Mirac. SS. Urbani V. PP.: Quidam mulus suus casu fortuito cecidit in terra semimortuus, credens quod malum fuisset de *Vivis sive troucadis* quod vulgariter *goutes* appellatur». O mesmo passo, s. v. «Troucada».

3 Em diversos Diccionários regista-se *adinas*. É mero êrro de leitura por *adiuas*.

4 *Avivas* é homónimo da 2.ª sing. pres. do verbo *avivar*. Lembrem-se de que Ménage pensou em derivar o francês *avives*, que seguramente veio de Castela, de *eau-vive*, explicando que *aguas-vivas* ocasionavam o engorgitamento das glândulas parótidas! Vid. Devic, *Dictionnaire*, s. v.

5 Exemplos clássicos no *Diccionário* da Academia e no de Frei Domingos Vieira. A substituição de *-ibe*, que não é sufixo, por *-iva*, que é terminação usadíssima, não precisa de explicação, pois é transliteração perfeita de الذيبة «lupa», emquanto *adibe* representa الذيب, *ad-dẓib* = lupus.

6 Freytag, II, p. 78, regista *Lupa* e logo depois *Morbi species qua affici solet guttur iumenti*, acrescentando a seguinte explicação curiosa: «causa est res quae grano milii similis perforato loco in inferiore auris parte educitur».

se quiera matar, coma carne de lobo, et le tomará postema á la garganta et morrá» [1]. Tradição, com a qual devemos comparar a fábula clássica, ou o provérbio — que perde a fala quem avista o lobo [2].

Será porque a angina (esquinéncia) ou toda a inflamação de glándulas faciaes aperta as goelas tão fortemente, como se um lobo as atenaçasse com os seus dentes?

Omen-nomen? Para variar?

Não vejo que *lóbo* < *lobus* com *loba, lóbulo, lobinho,* etc. (*lóbano, lobanillo,* em castelhano), influísse no desenvolvimento do sentido. Ainda assim vale a pena estabelecer o seguinte: os Mouros de Espanha acolheram na sua linguagem *lob* < *lupus* [3]. *Lupus* é termo medicinal geralmente conhecido [4]. E como os médicos árabes e judeus mal podiam desconhecer os nomes citados de *tumores* e *quistos* (*Balggeschwulst*) não será impossível que traduzissem ambos com *dzibba, lupa* [5].

*

E as *olivas* de Mestre Giraldo? Embora nos Diccionários portugueses não ande o vocábulo *adivas* no sentido de parótidas [6], é de crer que existisse de 711 em deante, passando a ser modificado por etimologia popular antes de o físico de D. Denis haver nacionalizado, por ordem do monarca, os melhores tratados de alveitaria. *Olivas* (azeitonas do tamanho de ovos) é, pelo menos, figura muito apropriada a glándulas engorgitadas.

*

Na lei-tarifa de 1253 nomeiam-se, entre as mercadorias apreçadas, *adiuaes de alfarfa* [7], cordas ou tranças das fibras ou folhas da mesma planta, de que também se teciam *soltas,* conforme con-

---

1 Ed. Gayangos, p. 30.

2 Vid. Leite de Vasconcelos, *Tradições,* § 330; Sá de Miranda, ed. Carolina Michaëlis, p. 772.

3 Vid. Dozy, *Glossaire*, p. 145.

4 Em português distinguimos *lóbo* < *lobus* e *lôbo* < *lupus*. Em castelhano são de pronúncia idéntica.

5 Em alemão *Wolf* é certa inflamação de pele.

6 Dificilmente se encontrará em textos arcáicos anteriores a 1318.

7 *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

tei. A tres ou quatro dinheiros cada *adival* e cada sôlta. Ignoro a proveniéncia do termo.

Quanto a *alfarfa* é, a meu ver, *alhalfa*, الحلفة, *Stipa tenacissima* [1]: o esparto — uma das gramíneas mais preciosas da Península (denominada *campus spartarius* pelos antigos) e do Norte da Africa — cujas canas verdes, parecidas ás do junco comum, servem de pasto ao gado, e cujas folhas sêcas, tão enroladas que tem o aspecto de cilíndricas, servem para o fabrico de sogas, cordas, cabos, redes, seirões, capachos.

CXLIII

VURMO [2]

Apesar das dúvidas levantadas pelo meu muito amável crítico, continuo a aproximar *vurmo* do germánico *wurm*. Mais do que isso, identifico-os agora resolutamente. E, para o convencer, creio que bastarão as observações seguintes:

1) *Wurm* [3] não traduz apenas *verme*, comquanto este seja o sentido principal. Significa tambem *panarício;* e sobretudo a terrível doença hípica do *mormo* (*Rotzkrankheit* [4]), isto é, a peor de aquelas em que pelas úlceras das ventas os poldros segregam mucosidades purulentas.

---

1 Freytag, I, 417, diz apenas s. v. «half, halfa», حلف حَلَفَة Nomen plantae; s. v. حلفاء. Nomen herbae aquaticae, e s. v. حلافى, *arundineta*. Dozy, p. 100, cita P. de Alcala que traduziu o castelhano *alfalfa* por «esparto, yerva propria de España», e prova, por vários passos, que realmente se trata d'essa planta téxtil. Além de *alfalfa*, «lucerna» que é costume derivar de *alfaçfaça*, الفصفصة, é muito provável que os Espanhoes tivessem tambem *al-halfa*, *alharfa*, «esparto». Não posso todavia apontar textos comprovativos de colheita própria. Nem posso consultar o tratado de Vivárez: *L'halfa. Étude industrielle et botanique*, Montpellier 1886. Em todo o caso, o nome arábico não foi produtivo. O vocábulo latino-grego frutificou, pelo contrário, abundantemente. Em Portugal deu-nos além de *espartal, espartão, espartaria, espartenhas, esparteiro* (e o internacional termo farmacéutico de *esparteína*) os famosos *espartilhos* das damas, com diversos derivados.

2 Vid. *Rev. Lusitana*, XI, 54 e 241.

3 Nos períodos medievaes (ahd., mhd., nhd.) também era *wurm;* goth. *vaurms;* anglosax. *vyrm;* altnord. *ormr*. Aparentados com *vermis*.

4 Sem recorrer a tratados sôbre veterinária, basta que meu amigo leia em qualquer Enciclopédia moderna os artigos WURM-KRANKHEIT e ROTZ-KRANKHEIT, P. ex. em Brockhaus, XVI, 271.

2) A doença do *mormo* corresponde á da água vidrada e á das gozmes dos falcões, de que Mestre Giraldo se ocupa no primeiro e segundo capítulo do seu *Livro das Aves de Caça*. Ahi diz: «E ainda se bem o olhares, veeras as ventaas da ave que lançam como urmo qualhado...» [1].

Note-se bem: *urmo* [2], ao par de *vurmo!*

3) Ayala traduz: «et demás para mientes et verás en las ventanas del falcon como muermo cuajado» (p. 221), confirmando o que deixei dito no artigo *Gozmes* a respeito da identificação e fusão entre *morbus, gorme* e *wurm*.

Originàriamente, *urmo, vurmo* < *wurm* designam, portanto, as secreções (vermiformes aos olhos do vulgo), que caracterizam a doença do *wurm* [3], passando depois a denominar as de todas as úlceras em geral [4].

Quanto a nomes de *vermes* e *reptis* aplicados a doenças, confiram Adragunchos, assim como Eyriçoos, cobrelos e Sapinhos.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

---

1 P. 10 a 11.

2 E d'esta forma tenho mais de um exemplo. *Alveitaria*, II, cap. XXVIII: «[o polmom do lombo] rronpe ho coiro e deyta ende *vrmo* ou auga (38, 26). Ibid., cap. XXIX: «E aas vezes se lhe fazem empollas pequenas e inchaços cheos de sanguy e de *vrmo*».

3 No seu tratado de *Alveitaria*, Mestre Giraldo ocupa-se largamente d'este mal. Vid. cap. II: «da frjura da cabeça do cauallo e chamamlhe *mormo* que ainda nam corre» (pp. 3 e 18). Cap. III: «de hũua door que chamam em latym *chimorrea* e em nossa linguagem *mormo* depois que corre» (pp. 3 e 20: cfr. 28, 27).

4 *Alveitaria*, passos citados e pp. 39, 23, 54, 26.

MISCELLANEA

I

Espartão

(Nota á *Rev. Lusitana*, XIII, 138)

Como me lembra o Sr. Gonçalves Viana, a palavra *espartão* deve relacionar-se com a hespanhola *esportón*, augmentativa de *espuerta* «especie de cesta de esparto», cujo etymo é o lat. sporta, «alcofa de esparto, ou de juncos, ou cesto de vime» (*Prosodia* de B. Pereira).

J. L. DE V.

II

Observações aos «Textos Archaicos» (2.ª edição)

Cfr. *Rev. Lusitana*, XI, 178

Pag. 58.—Na linha 2: *prymeira* refere-se a *fĩjs*, palavra citada antes, e que é feminina. Corrija-se pois o que se lê a pag. 112, penultima linha.—Na linha 3-4: imprimiu se *uyrtutudes*, por êrro typographico, em vez de *uyrtudes*.

Pag. 72, linha 3.—A fórma *ffoy* significa «fui» (1.ª pessoa).

J. L. DE V.

III

Ei- > i-

Certas palavras portuguesas que começam por *e* atono escrevem-se hoje ora com *e*, ora com *i*, por ex.: *edade-idade, egreja-igreja, egual-igual,*—por causa do latim *aetas, ecclesia, aequalis*. Na litteratura archaica apparecem escritas com *i*, o que prova que esta pronúncia é antiga. Como se explica o *i-*, se temos outras, como *eriçar, estar*, que, comquanto na lingoa litterária moderna sôem com *i-*, se orthographaram sempre com *e-*?

É que o *i* de *idade, igreja, igual*, provém, não directamente do lat. *e-* (*ae-*), mas do ditongo archaico *ei-*:

idade < **eidade* < aevitate- (não *aetate-*); a fórma com *ei-* está representada no gallego *eidade* (e *eidá*), e no leonês *eidat;*

igreja < *eigreja* < ekclesia = *ecclesia* (o primeiro *c*=*k* dissolveu-se em *i*);

igual relaciona-se com o verbo antigo *iguar* < **eiguar* < **aeguar* < adaequare; e nas mesmas circumstancias estão as outras palavras da mesma familia, como *igualdade, igualdança, igualha.*

Explicação analoga tem *isento* < *eisento* < exemptu-, *Idanha* < *Eidãia* < Egitania < *Igaeditania, *Inês* < *Einês* < Agnes, e o arch. *ixido* < *eixido* < ex-ītus (não exĭtus, pois houve o que em Glottologia se chama «recomposição»).

O *i-* que se ouve nas citadas palavras *eriçar, estar*, e semelhantes, é relativamente moderno.

J. L. DE V.

IV

Raso, rasar, rasoura

Zu Marcellus Empiricus.—XXII 14 heisst es: *unum cocleare plenum, vel, si vires infirmiores sunt*, RASUM, *id est ruclatum, cum vino austero... dabis.* In dem *Index verborum* sagt G. Helmreich: «RASUM: *Genus mensurae ignotum, cf. Ducange s.h.v.*». *Rasum* ist kein Name eines unbekannten Masses, sondern das Partizip des Verbums *radere* «abstreichen». *Cocleare rasum* steht im Gegensatze zu *cocleare plenum* (oder *cocleare cumulatum,* wie es XXII 24 heisst). Vom Part. *rasus* kommt das portugiesische *rasar* «abstreichen». (Streichholz heisst *rasoura*). *Ruclare,* eigentlich *rutlare* —vgl. *veclus* (*App.* Probi) für *vetulus*—, ist wohl ein vulgäres Zeitwort und schliesst sich etymologisch, glaube ich, an *rutellum* «Streichholz» an.

EPIPHANIO DIAS [1].

---

[1] [Com a devida venia transcrevo este artigo da *Berliner Philologische Wochenschrift,* de 5 de Fevereiro de 1910.—J. L. DE V.].

V

Etymologias

I. As palavras «paspalhão», «paspalho», «paspalhice» e «paspalhar».

Todos os nossos dicionários mencionam o substantivo «paspalhão», a que atribuem a significação de «pessoa que procura figurar com impostura» (Moraes), «parlapatão», «fátuo», «lôrpa», tôlo», «espantalho». Nenhum dá a etimologia d'ésta palavra, que me parece dever explicar-se do seguinte modo:

Na Galiza chamam á codorniz «paspalhás», e em alguns logares de Trás-os-Montes «paspalhós». Este nome é uma imitação do canto da codorniz, como já notaram Saco Arce e Cuveiro Pinhol.

De «paspalhás» e «paspalhós», vocábulos masculinos que seriam tomados como aumentativos, em virtude das suas terminações, passar-se-hia fàcilmente para outra forma com aspecto de aumentativo, «paspalhão», podendo esta haver sido também directamente sugerida pela voz da codorniz. E que «paspalhão» é o nome da codorniz em alguma das nossas províncias, di-lo também o *Novo Dicionário,* sem precisar a região a que pertence.

O canto estrepitoso da pequena ave, irònicamente interpretado, deu-lhe ares de jactáncia, de vaidade, de estólida pretensão. D'aí resultou que o seu nome passou também a aplicar-se, zombeteiramente, a pessoas em que avultam essas qualidades. Esta evolução de sentido tem um caso análogo na palavra *grulha,* com que designamos uma pessoa excessivamente faladora, tagarela, e que em castelhano exprime a denominação de uma ave, o grou.

*

Além da palavra «paspalhão», todos os lécsicos registam igualmente o termo «paspalho», e é d'êste que alguns fazem derivar aquele, ao contrário do que deve ser. Com efeito, vendo-se erradamente em «paspalhão» uma forma derivada, um aumentativo, procurou-se a forma primitiva, de que procederia aquela, e supôs-se que deveria ser «paspalho», exactamente como para a palavra «rosmaninho» que representa o latim *rosmarinus,* e na qual se imaginou haver um deminutivo, em virtude do aspecto da sua terminação, se tratou de obter o vocábulo de que proviria, che-

gando-se por este modo á formação do substantivo «rosmano», que substituíu em alguns logares de Trás-os-Montes e da Beira a palavra «rosmaninho».

É este mais um caso d'aquilo que a ciência da linguagem denomina formas regressivas. Outro semelhante seria o vocábulo «paparreta», de «paparrotão», se houvesse de confirmar-se a explicação que propus no *Fragmento de um estudo da linguagem de Camilo*, publicado em *A Revista*, do Pôrto.

*

Com os substantivos «paspalhão», «paspalho» e «paspalhice», que os dicionários mencionam, podemos arquivar também o verbo «paspalhar», de que usou Alexandre Herculano, como se vê em uma carta inédita que o jornal *A Lucta*, de Lisboa, publicou em 23 de dezembro de 1909, e de que transcrevo o seguinte passo:

«Se estou perfeitamente curado das vaidades tolas de auctor, não o estou das de agricultor. Antes assim, se é forçoso pagar tributo até á morte á fofice innata do espirito humano. A vaidade litteraria não acha nunca sufficientemente amplo o theatro dos seus desvarios; a vaidade do lavrador contenta-se em regra com *paspalhar* diante de poucos amigos. Como todos os do officio, o lavrador de Calhariz tem a rara modestia de suppor que ninguem obtem melhores producções agricolas do que elle. Dominado por esta idéa lembra-se de vez em quando de um amigo para victima e impinge-lhe um *specimen* das suas portentosas lucubrações, que provavelmente o amigo achará assás mediocres, mas que a rainha do mundo — a hypocrisia — o obrigará a declarar inimitaveis. Faz o mesmo que o litterato, que assignala para o martyrio das confidenciaes leituras ora um ora outro dos seus infinitos amigos (o litterato é amigo de toda a gente que tem a desgraça de não ser surdo) para lhe descarregar em cima um chuveiro de odes, de cantos, de capitulos, de estheticas, de transcendentalismos e de asneiras...».

2. Os vocábulos «estrepe», «corriola», «botefas», «rameira».
Em Lousada chamam *estrepe* ao pedúnculo das abóboras, a parte que as prende ao caule ou ramificações do caule, que denominam *corriolas*.

Os dicionários mencionam a palavra *estrepe*, com a significação de «espinho», «abrolho», — «pua»»; — «conjunto de vidros partidos ou de puas de ferro ou madeira, collocados sobre muros

para que estes não sejam escalados»,— «pua de pau ou de ferro, estaca pregada no chão, junto a vallados, fossos, para que se espete nelles quem vae a entrar». Os *estrepes* eram antigamente muito usados para defenderem os campos contra os inimigos. Em Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*, liv. IV, cap. II, encontra-se o seguinte exemplo: «... affirmaram todos os presentes que chovera cinza, e foy em tanta cantidade, que alem de cobrir e entulhar o campo dos *estrepes*, de maneira que sem nenhum perigo se podia correr e saltar por cima d'elles, etc».

No Minho dão também o nome de *estrepes* ás canas do milho depois de colhidas as espigas.

Alguns lécsicos registam os vocábulos compostos: «saca-estrepe — da mata», que dão como termo botánico do Brasil e que definem como «planta herbácea da família das melastomáceas (*Spennera aerifera*, e «saca-estrepe — de campinas» (*Echinops saca-estrepe*). Estas palavras não ocorrem no *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, do Visconde de Beaurepaire-Rohan.

Ora em latim havia *stirps*, cujo acusativo era *stirpem*, e que significava pròpriamente «tronco de árvore», «caule», e ainda «raiz». Esta palavra está representada na nossa linguagem culta pelo vocábulo «estirpe», o qual foi introduzido com o sentido tropológico que a palavra tinha em latim; mas creio que esse vocábulo latino é também a origem do nosso «estrepe». Na verdade *stirpe(m)*, cujo *i* é breve, daria *esterpe* em português, por evolução. Depois, a sílaba *ter* transformar-se-hia em *tre* por analogia, visto ser muito freqùente na nossa língua o grupo consonantal *str*, como *estrela*, *estrada*, *estribo*, *estrume*, etc.

No italiano ha, com a mesma origem, *sterpe* e *sterpo*, que designam o «rebento de uma raiz ou tôco de árvore cortada ou partida pelo vento» e «ramoscello mal vivo».

O nosso substantivo *estrepe* é do género masculino. *Stirps* era feminino e masculino. Com este último género usam-no principalmente os autores que tratam assuntos de agronomia (cf. Georges, *Ausführliches Lateinisch-deutsches Wörterbuch*). É, pois, natural que na linguagem dos nossos campos *estrepe* ficasse sendo masculino.

No logar em que encontrei o termo *estrepe* empregado como designação do pedúnculo das abóboras, dão a estas o nome de *botefas*, quando são pequenas, e de *botelhas*, sendo grandes. Ás folhas chamam *rameiras*.

Se a etimologia que proponho é exacta, como parece, temos aqui mais um exemplo de formas divergentes, isto é, de palavras que, re-

presentando o mesmo étimo, tem formas e significações diferentes: assim, *estirpe* e *estrepe*, do latim *stirpe[m]*, acusativo de *stirps*.

3. Os termos «cervúm», «laborinho» e «laboreira».

Na *Revue Hispanique* falei da palavra *cervum*, usada na Serra da Estrela para designar certas pastagens em que predomina a *Nardus stricta* L., e considerei esse termo como derivado do latim *cervus*, «veado», por meio do sufixo *-unus*, como *cabrum*, *vacum*, etc. *Cervum* seria, portanto, o pasto procurado especialmente por veados.

Aqui notarei que em outros logares da mesma serra ha umas pastagens que são constituídas pela *festuca orina*, e a que dão o nome de *laborinho*. Esta palavra parece resultar do adjectivo *leporinus*, derivado de *lepus*, *-oris*, «a lebre», e designaria particularmente ervas ou pastos preferidos pelas lebres, que portanto deveriam abundar naquelles sítios.

Também este termo, como *cervum*, não vem ainda registado no lécsico. Todavia, o *Novo Dicionário* consigna uma forma semelhante, *laboreira*, «planta da serra de Sintra».

Laboreira deve igualmente representar um derivado de *lepus*, *leporaria*, que daria em português «laboreira», como *leporinus*, «laborinho».

No nome de logar *Castro Laboreiro* parece haver também um derivado de *lepus*, como em tempo propôs o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

4. As formas «chinchage», «tanchagem» e «tantage».

Em Trancoso e Santa Comba Dão o nome vulgar da *Plantago major* L. é *chinchage*, que deve explicar-se do seguinte modo:

Do acusativo de *plantago* (*plantaginem*) proveio *chantagem* ou *chantage*, pois que o grupo consonantal *pl* passou para *ch* como em *plumbum* > chumbo, *implere* > encher, etc. Depois deu-se a metátese das duas primeiras sílabas, como em *chantar* ou *tanchar*, de *plantare* (d'onde o substantivo *tanchão*). Chegou-se por este modo á forma *tanchagem*, que é o nome geralmente usado para designar aquela planta, segundo Brotero.

Em seguida, como coexistissem as formas *chantagem* e *tanchagem*, operou-se uma contaminação ou cruzamento das duas, de que resultou *chanchagem* ou *chanchage*, e, por dissimilação do primeiro *a*, devida talvez a uma analogia, *chinchage*. Também por contaminação se obteve a forma *tantage*, achada em Ponte do Lima.

Julio Moreira.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QUAEDAM

— **O Doutor Storck e a litteratura portuguesa**, por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1910, XII, 338 pag. in-8.º gr., com estampas.

— **Ensaios Ethnographicos**, pelo mesmo. Vol. IV (e último), Lisboa 1910, XVI-516 pag. in-8.º pequeno.

— **A tenção de D. Duarte**, por G. L. Santos Ferreira, Lisboa 1910, 8 pag. in-8.º grande.

— Na **Zeitschrift für romanische Philologie**, XXXIV, 560, começou a publicar-se um artigo de A. A. Fokker sobre palavras portuguesas (e hespanholas) de origem oriental.

— **Frei Agostinho da Cruz**, por Hemeterio Arantes, Lisboa 1909, 60 pag. in-8.º

— **Frases feitas**, por João Ribeiro: 1.ª serie, Rio 1908; 2.ª serie, Rio 1909, in-8.º

— «**Frases feitas**» (considerações á obra precedentemente indicada), por Oscar de Pratt, Lisboa 1910, 22 pag. in-8.º

— **Palestras filológicas**, por Gonçálvez Viana, Lisboa 1910, 296 pag. in-8.º

— **Castro d'Avellãs** (mosteiro benedictino), por F. Manuel Alves, Coimbra 1910, separata de *O Instituto,* 172 pag., com muitos documentos medievaes.

— **Ferrol y Puentedeume**, por César Vaamonde Lores, Coruña 1909, 90 pag., com documentos latinos e gallegos da idade-media.

— **Fragmento de un nuevo códice gallego de las Partidas**, por A. Martínez Salazar, La Coruña, 18 pag.

— **O Concelho de Guimarães**, por João Monteiro de Meyra, Porto 1907, com vistas e noticias ethnographicas e archeologicas.

— **Boletim da Sociedade Archeologica** «de Santos Rocha», n.os 4 a 10.

— **Archivo Historico Português**, n.os 5 a 12 do vol. v; vol. vi e vii e complemento; n.º 1-2 do vol. viii.

— **Bulletin Hispanique**. Publicou-se o vol. xii (1910).

— **Der Inez de Castro-Stoff im romanischen und germanischen, besonders im deutschen Dram**, por K. Kreisler, 2.ª parte, Kremsier 1909. Cf. *Rev. Lusitana*, xii, 148.

— **Mariana Alcoforado**, Lettere d'amore di una monaca portoghese. Traduzione e prefazione di Luigi L. Siciliani. Milão 1909, in-16.º, 80 pag.

J. L. de V.

INDICE DO VOLUME XIII

Artigos desenvolvidos:

Miscellanea:

Chronica:

Bibliographia:

VARIA QUAEDAM:

OUTRAS OBRAS DE J. LEITE DE VASCONCELLOS

(Á venda em Lisboa, na Antiga Casa-Bertrand, Rua Garrett, 75, e na Livraria Classica Editora, Praça dos Restauradores, 20)

Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris 1901 600

Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa 1900-1901 .... 3$000

A Philologia Portuguesa, Lisboa 1888 200

As «Lições de linguagem» do Sr. C. de F. (análise crítica), 2.ª ed., Porto 1893 250

O gralho depennado (réplica ao Sr. C. de F.), 3.ª ed., Porto 1892 250

Textos archaicos (para uso da aula de Philologia portuguesa estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa), 2.ª ed. 400

Tradições populares de Portugal, Porto 1882 500

Poesia amorosa do povo português, Lisboa 1890 400

Religiões da Lusitania, 2 volumes, e o 1.º fasc. do 3.º .... 5$500

Ensaios Ethnographicos, 4 volumes .... 3$100

O Doutor Storck e a Litteratura portuguesa, Lisboa 1910 .... 1$000

No prelo:

Lições de Philologia Portuguesa .... 2$000

*

O Archeologo Português, 15 volumes; preço de cada volume .... 1$500

A Revista Lusitana publica-se aos fasciculos (4 numeros); saem dois ou quatro fasciculos por anno. Cada volume tem, pelo menos, 320 paginas.

Preço da assignatura annual .... 2$400 réis

Preço de cada número avulso .... 600 réis

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada directamente ao Dr. **J. LEITE DE VASCONCELLOS**, Museu Ethnologico, *Belem* (Lisboa), e toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compras e assignaturas) deve ser dirigida á **LIVRARIA CLASSICA EDITORA DE A. M. TEIXEIRA & C.ta**, *Praça dos Restauradores, n.º 20,* Lisboa, onde a *Revista Lusitana* vae ser publicada, do vol. XIV em diante.

